História

3º ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Ápis

Anna Maria Charlier
Maria Elena Simielli

Manual do Professor

editora ática

História

Ápis

Manual do Professor

3º ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

editora ática

editora ática

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e Brunna Paulussi (coord.)
Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Aline dos Reis Neves, Luciana Martinez e Tatiana F. Souza
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Gabriela M. de Andrade e Paula T. Jesus
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan, Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Design: Gláucia Correa Koller (ger.) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Charlier, Anna Maria
Ápis história, 3º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Anna Maria Charlier, Maria Elena Simielli. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-08-18803-1 (aluno)
ISBN 978-85-08-18804-8 (professor)

1. História (Ensino fundamental) I. Simielli, Maria Elena. II. Título.

17-11263 CDD-372.89

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017
Código da obra CL 713448
CAE 728797 (AL) / 728755 (PR)
2ª edição
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento

Apresentação

Este Manual do Professor apresenta os fundamentos teóricos que embasaram a escolha dos temas trabalhados nos cinco volumes desta coleção. Os temas foram escolhidos com o cuidado de integrar o processo de alfabetização plena e a formação do pensar histórico, base para o aprendizado e o desenvolvimento do conhecimento da disciplina História pelos alunos. Na coleção, contamos também com o material digital do professor.

O Manual está organizado da seguinte maneira:

Orientações gerais: esta parte apresenta os princípios e fundamentos teóricos que nortearam a elaboração dos cinco volumes; a estrutura geral da proposta de trabalho da coleção; como a coleção contribui para o processo de alfabetização; reflexões sobre a avaliação nos anos iniciais do Ensino Fundamental; encaminhamentos para a utilização dos conteúdos; textos complementares para aprofundar os conhecimentos do professor e bibliografia.

Orientações específicas: esta parte compõe-se da reprodução reduzida do Livro do Estudante acompanhada de encaminhamentos para o desenvolvimento das atividades nele propostas. Há também leituras e atividades complementares, bem como orientações para atingir os objetivos de aprendizagem da BNCC.

Material digital do professor: complementa o trabalho desenvolvido no material impresso com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará: orientações gerais para o ano letivo; quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhadas em cada bimestre; sugestões de atividades que favorecem o trabalho com as habilidades propostas para cada ano; orientações para a gestão da sala de aula; propostas de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares; sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula; e propostas de avaliação.

SUMÁRIO

Orientações gerais

Princípios gerais V
A BNCC e a Educação Básica V
Ensino Fundamental de nove anos VI
Fundamentos teóricos VII
As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC VII
Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento VIII
A BNCC nesta coleção IX
O pensar histórico nesta coleção XII
O processo de avaliação XIII
Estrutura geral da coleção XIV
Seleção e organização dos conteúdos XIV
Como a coleção está organizada XV
Encaminhamentos para a utilização desta coleção XVIII
As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares XVIII
Atividades escritas e orais XXI
Minha coleção de palavras de História XXII
Documentos históricos XXII
Linha do tempo XXIII
Interdisciplinaridade XXIV
Sistematização do aprendizado XXV
Representações cartográficas XXV
Como trabalhar imagens em sala de aula XXV
Referências para aprofundamento do professor XXVI
A organização dos conteúdos XXVI
A avaliação na educação escolar XXVII
Interdisciplinaridade na formação de professores XXVIII
Temas transversais XXIX
O trabalho com a oralidade na escola XXX
Patrimônios da História XXXV
A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC XXXVI
Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 3º ano XXXVII
Bibliografia XXXVIII

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página XL
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido 1

Orientações gerais

Princípios gerais

A BNCC e a Educação Básica

A Constituição Federal de 1988 fixa conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, a fim de assegurar formação básica comum a todos os alunos e o respeito aos valores culturais do país. Por sua vez, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), promulgada em 1996, determina que a União, junto com estados e municípios, deve estabelecer competências e diretrizes que norteiem a escolha dos currículos [1].

As **aprendizagens essenciais** que o aluno deve desenvolver ao longo de sua escolaridade no Ensino Fundamental foram definidas recentemente pela versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [2]. Os conhecimentos e as competências que devem ser aprendidos visam a uma formação humana integral e à capacitação para construir uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática.

A presente versão da BNCC prescreve o conteúdo curricular mínimo para cada ano escolar, segundo a realidade regional, valorizando a diversidade cultural e o respeito às diferenças. Os currículos podem ser diversos, mas todos devem atender a esses conteúdos mínimos.

O Brasil, por ser um país de grandes desigualdades sociais e diferenças culturais, precisa de um sistema educacional que ofereça currículos adaptados para cada realidade, sem deixar de lado a **equidade na educação**. As instituições escolares também devem se manter abertas à **pluralidade** e à **diversidade** a fim de garantir a aprendizagem a todos e diminuir a histórica exclusão social existente no país.

A organização dos conteúdos curriculares mínimos na forma de competências, nos documentos oficiais do governo brasileiro, remonta aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e também está presente na BNCC. Neste último documento, a noção de competência é utilizada no sentido da mobilização e aplicação dos conhecimentos escolares na forma de conceitos, procedimentos, valores e atitudes [3]. É importante destacar que as competências têm o objetivo de direcionar a formação para a autonomia do aluno, pois se espera que o aluno aprenda e empregue os conhecimentos adquiridos em sua vivência cotidiana. Atualmente, mais do que acumular informações, o ser humano precisa se educar para ser criativo, saber se comunicar e produzir, estar capacitado para analisar, criticar, participar da sociedade em que vive e ser corresponsável por ela.

Essa aplicação dos conhecimentos escolares, de forma ampla, é explicada no texto da versão final da BNCC da seguinte maneira:

> [...] No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.
>
> Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a **educação integral**. Reconhece, assim, que a educação básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global [...].
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 14.

[1] Lei nº 9394/96, Art. 9, inciso IV. BRASIL. Lei nº 9394, que define as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 17 out. 2017.

[2] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 15. Todas as citações da Base Nacional Comum Curricular referem-se à versão final publicada pelo Ministério da Educação em dezembro de 2018. A atualização conforme esse documento está prevista no edital do PNLD 2019 – atualização BNCC. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2019**. Brasília: Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação, 2019. p. 1.)

[3] BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 13.

A BNCC adota dez competências gerais, que se interligam às competências específicas de cada área e norteiam a construção dos objetos de conhecimento, habilidades, além de atitudes e valores do educando. São elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

Ensino Fundamental de nove anos

Até a década de 2000, o Ensino Fundamental no Brasil se organizava em duas etapas de quatro anos. O Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001 estabeleceu a meta de acrescentar um ano ao Ensino Fundamental, com o aluno iniciando os estudos aos 6 anos de idade. Acreditava-se, com isso, que o aluno teria maiores oportunidades de aprendizagem durante o primeiro período de escolarização obrigatória.

O Ensino Fundamental de nove anos foi implementado em 2006 pela Lei n. 11 274, que alterou a LDB. Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, de 2010, reforçaram essa exigência.

É importante destacar que essas diretrizes, além de estabelecer os objetivos da educação no Ensino Fundamental, já presentes na LDB, como a formação do cidadão por meio da capacidade de aprender, pelo domínio da leitura, da escrita e do cálculo, bem como o fortalecimento dos seus vínculos familiares e de

tolerância e solidariedade humana, estabelece também princípios éticos, políticos e estéticos que devem nortear o aprendizado dos componentes curriculares.

Vale notar que o parecer do Conselho Nacional de Educação [4] para a aprovação das já citadas diretrizes também afirma que o Ensino Fundamental terá muito a ganhar se, como na Educação Infantil, incentivar o caráter lúdico da aprendizagem, com aulas mais prazerosas e que motivem a participação ativa dos alunos.

Por fim, o aluno deve passar a compreender o ambiente social e natural em que vive considerando os valores fundamentais da sociedade, ao mesmo tempo em que adquire conhecimentos e habilidades vinculadas aos componentes curriculares da educação básica.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental em especial, o trabalho pedagógico concentra-se na alfabetização e no letramento, oferecendo aos alunos a oportunidade de se apropriarem do sistema de leitura e escrita.

Fundamentos teóricos

As Ciências Humanas nos anos iniciais do Ensino Fundamental segundo a BNCC

Na versão final da BNCC, o documento organiza o Ensino Fundamental em quatro áreas de conhecimento e seus componentes curriculares: Linguagens (componentes: Língua Portuguesa, Inglês, Artes e Educação Física), Matemática (componente: Matemática), Ciências da Natureza (componente: Ciências) e Ciências Humanas (componentes: Geografia e História). Cada uma dessas áreas possui competências específicas, bem como seus componentes, e todas essas competências devem estar ligadas às dez competências gerais da BNCC.

Para atingir as competências, os componentes curriculares apresentam um conjunto de **habilidades** relacionadas aos diferentes **objetos de conhecimento**. Os objetos e as habilidades estão organizados em **unidades temáticas** em todos os componentes curriculares. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o aluno constrói conhecimentos de forma ativa e novas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo em que vive. Para isso, é preciso interagir, usar várias linguagens, afirmar a sua identidade, reconhecer as suas potencialidades e valorizar as diferenças.

Tempo e espaço são os conceitos fundamentais da área de Ciências Humanas. Eles contribuem para que os alunos desenvolvam a capacidade de observação, identificação de fenômenos e investigação. O raciocínio balizado pelo espaço e pelo tempo ajuda a contextualizar processos históricos, e está na base da ideia de que os seres humanos produzem o espaço em que vivem em determinada época da história.

Ao desenvolver esse raciocínio com base nas ideias de tempo e espaço, os alunos adquirem consciência das ações realizadas por diferentes grupos sociais em diferentes épocas e lugares, e compreendem que também devem participar e ser responsáveis pelo mundo em que vivem. Eles passam a compreender a relação do tempo da natureza com o tempo social e a ocupação dos espaços pelo ser humano.

Além do trabalho com o tempo e o espaço, as Ciências Humanas devem contemplar a **ação humana**, as **relações sociais e de poder** e a **produção de conhecimentos e de saberes**, a fim de desenvolver nos alunos uma maior compreensão do mundo em que vivem e uma maior capacidade para se tornarem cidadãos responsáveis e atuantes.

Além das competências ligadas à compreensão do mundo em que o aluno vive, há também competências para estimular a **formação ética**, destacando a importância de valorizar os **direitos humanos**; o **respeito ao meio ambiente e à sua própria coletividade**, levando em conta a **solidariedade**, a **participação** no seu grupo social e a preocupação com as desigualdades sociais.

As competências específicas de Ciências Humanas para o Ensino Fundamental são:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.
2. Analisar o mundo social, cultural e digital e o meio técnico-científico-informacional com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, considerando suas variações de significado no tempo e no espaço, para intervir em situações do cotidiano e se posicionar diante de problemas do mundo contemporâneo.
3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.
4. Interpretar e expressar sentimentos, crenças e dúvidas com relação a si mesmo, aos outros e às diferentes culturas, com base nos instrumentos de investigação das Ciências Humanas, promovendo o acolhimento e a valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

[4] Parecer CNE/CEB n. 11/2010. Aprovado em 7 jul. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 17 out. 2017.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
7. Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 357.

Como o ensino de História contribui para a alfabetização e o letramento

Baseada nas competências gerais e específicas da BNCC, a proposta pedagógica desta coleção, do 1º ao 5º ano, visa auxiliar a prática de educação fundamentada na integração dos aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança.

Mediante práticas sociais que favorecem as atividades lúdicas e as brincadeiras, a criança dos primeiros anos do Ensino Fundamental é levada a reinterpretar as situações da vida cotidiana e do seu contexto social.

As práticas sociais e culturais são realizadas em grande parte por meio da linguagem, da leitura e do conhecimento da escrita enquanto forma de comunicação. A proposta pedagógica desta coleção ajuda a desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, pois é a partir da descoberta da escrita e de todas as convenções a ela ligadas que começa a se formar o leitor e o escritor autônomo.

Nesse sentido, é importante ater-se à contribuição que as áreas do conhecimento têm no processo de leitura e escrita. A partir da leitura de imagens, mapas, gráficos e tabelas, por exemplo, a criança poderá ser inserida em um universo de conhecimento que a auxiliará na leitura e interpretação dos fenômenos que observa e de que participa.

A ciência é permeada por uma linguagem específica que a escola, mediada pela ação do professor, deve propiciar aos seus alunos, contribuindo assim para a inserção do sujeito na comunidade em que vive. Trata-se de um momento de leitura e escrita dos códigos e símbolos próprios de cada ciência escolar, que implica o processo de alfabetização e letramento.

Alfabetização e letramento são fenômenos diferentes, porém complementares. O primeiro é o processo de apropriação, compreensão e domínio do sistema de escrita; o segundo é o processo de se inserir na cultura escrita e participar dela. O letramento é um processo histórico-social mais amplo e abrangente. A alfabetização deve propiciar e facilitar o processo do letramento [5].

O grande desafio é coordenar esses dois processos para atingir com eficiência os objetivos propostos para o Ensino Fundamental. Os alunos, auxiliados pelo professor, precisam dominar o sistema alfabético e usar corretamente a linguagem nas práticas sociais de leitura e escrita, ampliando assim as competências de comunicação que favoreçam o seu espírito crítico.

Maria da Graça Costa Val [6], pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), indica que o trabalho de alfabetização e letramento em sala de aula deve se organizar em torno de quatro componentes do aprendizado da escrita: compreensão e valorização da cultura escrita (observar e explorar diferentes textos), apropriação do sistema de escrita (observações e reflexões sobre códigos de escrita), leitura (decodificar e compreender o sistema de escrita) e a produção escrita (compreensão e valorização dos diferentes usos e funções da escrita).

A criança que está sendo alfabetizada precisa usar a língua escrita, associando o uso das letras, seus sons e significados sociais para, finalmente, conseguir ler e produzir textos. Ela decodifica símbolos, localiza informações, aprende pouco a pouco a separar relações de causa e efeito, infere dados, interpreta e compreende. Tais processos estão presentes em toda a esfera do conhecimento científico, não apenas na área de Língua Portuguesa.

Portanto, por meio dessas operações cognitivas, espera-se proporcionar à criança um ambiente alfabetizador para que ela consiga desenvolver as habilidades do uso da leitura e da escrita em todo o campo do conhecimento científico.

[5] Magda Soares, no seu trabalho "Letramento e alfabetização: as muitas facetas", afirma que a entrada da criança no mundo da escrita se dá pela alfabetização (aquisição do sistema de escrita) e pelo letramento (desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita), não se podendo, portanto, dissociar esses dois processos, que são indissociáveis. (SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *26ª Reunião Anual da Anped*. Poços de Caldas, 2003.)

[6] VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. Brasília: MEC/SEED, 2006.

Por meio das diferentes linguagens e das práticas sociointerativas, os seres humanos criam e recriam seu mundo. Os eventos comunicativos da oralidade e da escrita ocorrem por meio de códigos próprios de determinado grupo social, dentro de um contexto de espaço e tempo definidos.

No que se refere ao ensino de História, nesta coleção, as práticas de oralidade e escrita podem auxiliar na formação de um pensar histórico, uma vez que evocam a memória do que foi produzido culturalmente e permitem comparar registros de diferentes naturezas. O aluno é estimulado a descrever aquilo que observou utilizando argumentos, analisando os elementos apresentados à luz de seus conhecimentos prévios e sistematizando-os por meio da escrita.

A BNCC nesta coleção

A BNCC, em sua versão final homologada, apresenta sete competências do componente curricular História para o Ensino Fundamental, a saber:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.
3. Elaborar questionamentos, hipóteses, argumentos e proposições em relação a documentos, interpretações e contextos históricos específicos, recorrendo a diferentes linguagens e mídias, exercitando a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos, a cooperação e o respeito.
4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.
6. Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica.
7. Produzir, avaliar e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de modo crítico, ético e responsável, compreendendo seus significados para os diferentes grupos ou estratos sociais.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 402.

Esta coleção, assumindo o compromisso com a educação integral proposto pela BNCC, procura desenvolver práticas e conteúdos adequados à consecução das competências previstas nesse documento. São as competências tanto gerais como específicas de Ciências Humanas e do componente curricular História, as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades que norteiam o trabalho na coleção.

O conhecimento do passado é fruto de indagações, investigações, análises e interpretações feitas por diferentes sujeitos, criando formas narrativas e marcos de memória. Interessa à História entender como os indivíduos construíram as suas narrativas sobre o seu mundo no passado e no presente. Nos volumes da coleção, diferentes tipos de fontes e documentos históricos foram utilizados (depoimentos escritos e orais, fotos, imagens, registros de várias formas, documentos materiais e imateriais, entre outros) para promover a compreensão pelos alunos da relação entre tempo, espaço e sociedade.

Há também atividades que permitem aos alunos observar o seu cotidiano e o do grupo social com que convivem para, assim, tornarem-se capazes de entender como o tempo é organizado ao seu redor e perceber que, no dia a dia, ocorrem experiências repletas de historicidade. Além de analisar os processos históricos, pretendemos trabalhar com os alunos a ideia de que, além de estudantes de História, eles também são seus agentes e narradores.

A BNCC de História orienta, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, trabalhar a construção do sujeito, com a tomada de consciência do "eu" e do "outro" por parte dos alunos.

Os alunos devem partir do conhecimento do "eu", ou seja, de si próprio e de suas referências sociais e culturais, para o conhecimento do "outro", igual ou

diferente, e com isso valorizar vivências e experiências próprias e de familiares, bem como reconhecer a diversidade cultural e respeitar as diferenças.

Por meio de pesquisas, entrevistas, conversas, observações e trocas de ideias, o aluno é estimulado a fazer descobertas, o que poderá torná-lo mais crítico e criativo. Pelo estudo do cotidiano, pretendemos, ao mesmo tempo, desenvolver as primeiras ideias de pertencimento da criança à família, à escola ou a outro de seus grupos sociais mais próximos.

Trabalhando com pesquisas e "desafios", propõe-se aos alunos que executem tarefas cada vez mais complexas; ao mesmo tempo, trabalhando com pequenos quadros de humor, busca-se estimular a aprendizagem de forma mais divertida. Assim, a coleção incentiva a observar e registrar, estabelecer comparações, destacar permanências e mudanças no tempo e no espaço e fomentar as discussões e a oralidade, com o objetivo de desenvolver o autoconhecimento ao dos outros. Assim, de forma progressiva, amplia-se o trabalho com o mundo do aluno: a família e a escola, a comunidade, o estado, o país e o mundo, sempre levando em consideração o ser humano e o ambiente natural em que ele vive.

Das habilidades do 1º e do 2º ano, que contemplam os primeiros grupos sociais da criança e a descoberta do "eu" e do "outro", caminhamos no 3º e no 4º ano para o estudo de comunidades maiores e mais diversificadas, as comunidades urbanas e rurais. Ou seja, as cidades como centro de convivência de vários grupos sociais, dos tempos mais antigos aos atuais. No 5º ano contemplamos o estudo da diversidade humana no mundo em que vivemos, abordando sociedades distantes e diversas no tempo e no espaço, comparando-as com a realidade brasileira.

O foco principal em todos os anos de estudo são os princípios éticos de igualdade, tolerância, respeito e boa convivência entre as pessoas e os povos.

No sentido da importância dos princípios éticos tão importantes para esta coleção, trabalhamos apoiados nos temas contemporâneos que "afetam a vida humana em escala local, regional e global" (BNCC versão final, p. 19). Contemplamos por meio dos temas propostos, atividades e textos os temas:

- os direitos da criança e do adolescente – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 4;
- a educação ambiental – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;
- o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso – Exemplos: volume do 2º ano, capítulos 3 e 8 e Projetos 1 e 2;
- a educação para o trânsito – Exemplo: volume do 2º ano, capítulo 8;
- a educação alimentar e nutricional – Exemplo: volume do 3º ano, capítulo 2 e Projeto 1;
- a educação em direitos humanos – Exemplos: volume do 3º ano, capítulo 2; e volume do 5º ano, capítulo 4;
- a vida familiar e social – Exemplos: volume do 1º ano, capítulos 2 e 3;
- o trabalho, a ciência e a tecnologia – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; volume do 3º ano, capítulo 7; e volume do 4ºano, capítulo 5;
- a diversidade cultural – Exemplos: volume do 1º ano, capítulo 4; volume do 2º ano, capítulo 2; e volume do 3º ano, capítulos 3, 4 e 6;
- educação financeira e fiscal – Exemplos: volume do 2º ano, capítulo 7; e volume do 3º ano, capítulo 7.
- a educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena – Exemplos: volume do 4º ano, capítulo 3; e volume do 5º ano, capítulos 1 e 2.

O estudo da formação social e cultural do Brasil, com a contribuição dos povos indígenas, africanos, europeus e asiáticos, permite que os alunos compreendam o "nós" como formadores e construtores do nosso país e de sua história. Isso os leva a compreender e respeitar as alteridades da sociedade brasileira.

A coleção também incentiva, ao longo dos anos, a produção de registros, a memória, os patrimônios materiais e imateriais, assim como a valorização dos lugares de memória. Este trabalho desenvolve nos alunos as noções de pertencimento a um grupo social e de valorização e respeito à sua cultura e à cultura de outros povos. É fundamental que em História os alunos percebam as noções temporais e as incorporem às suas vivências. Partindo do concretamente vivido, da sua própria dimensão no tempo e no espaço social, os alunos aprendem a abstrair, passando a compreender a dinâmica histórica da sociedade.

Por meio da observação de vivências cotidianas, é possível levar os alunos a perceber que as experiências vividas no passado devem ser investigadas, pois delas derivam nosso conhecimento, nossa maneira de observar, descrever e analisar o presente, e subsídios para compreender o mundo em que vivemos e para pensar o futuro.

O mundo em que vivemos é construído historicamente e, portanto, mantém íntima relação com o passado, tendo em vista que alguns elementos foram herdados; outros, transformados; outros, ainda, eliminados. A relação entre passado e presente é constantemente trabalhada na coleção por meio de atividades de comparação, observação e análise. A relação pas-

sado-presente auxilia os alunos a adquirir a ideia de pertencimento a uma sociedade e a se conscientizar como sujeito responsável pelo seu futuro.

O ensino de História aqui proposto busca obter leituras do presente e do passado significativas para os alunos e que estimulem a reflexão sobre sua vida, sua identidade, suas vivências sociais, afetivas e culturais, ampliando a compreensão da realidade vivida, bem como a capacidade de escolher e estabelecer critérios para suas ações.

O conhecimento histórico não deve ser oferecido aos alunos de forma pronta e acabada, para que seja simplesmente absorvido. Ao contrário, a História é uma recriação significativa que deve também ser feita pelos alunos. Com base em documentos de época e em análises feitas por historiadores, por exemplo, os alunos devem ser capazes de elaborar suas próprias conclusões, derivadas de análise, interpretação e comparação. Portanto, passam a participar ativamente como sujeitos do processo de construção do conhecimento, em que refletem sobre sua realidade, comparam-na com outras realidades, em outros tempos e espaços, identificam as relações entre o particular e o geral, o local e o global, percebem noções de semelhanças e diferenças, continuidades e permanências, manifestando sua opinião e estabelecendo conclusões.

Também entendemos que, ao ensinar História, estimulamos os alunos a construir sua cidadania, criando condições para que se tornem conscientes e críticos, capazes de [7]:

- valorizar a si próprios como sujeitos responsáveis da História;
- respeitar as diferenças culturais, étnicas, políticas e religiosas, evitando, assim, qualquer tipo de discriminação;
- buscar soluções possíveis para os problemas detectados em sua comunidade, de forma individual e coletiva;
- atuar firmemente contra qualquer tipo de injustiça social;
- valorizar o patrimônio sociocultural (próprio e de outros povos) e os direitos conquistados pela cidadania plena.

De acordo com a faixa etária a que esta obra se destina, o professor pode trabalhar conteúdos que estimulem as noções de cidadania. Há diversas sugestões de temas ao longo desta coleção. Ao tratar desses assuntos, é importante levar em conta o que foi descrito anteriormente a respeito da observação, da constatação e da compreensão de uma dada situação, que deve vir sempre acompanhada de uma proposta de atuação acerca do que foi observado.

No que se refere ao saber histórico em sala de aula, pensamos ser necessário fazer a distinção entre ele e o saber histórico produzido por especialistas, reelaborando o conhecimento produzido no campo das pesquisas dos historiadores e especialistas das Ciências Humanas, daquelas representações sociais vividas e produzidas por professores e alunos.

Uma das crenças que norteiam a coleção, portanto, é a de que o ensino de História deve considerar a historicidade das noções e dos conceitos – tempo, espaço, sujeito histórico, cultura, natureza, sociedade, relações sociais, poder, trabalho, período histórico, sequência, transformação, permanência, passado, presente, futuro, anterioridade, simultaneidade, posterioridade e duração – em suas dimensões como saberes acadêmicos e escolares.

Procurou-se, ao longo da obra, fornecer ao professor subsídios para, atendendo à BNCC, ajudar os alunos a se situarem no tempo e no espaço, levando-os a se posicionarem e a intervirem na realidade social, considerando que a História tem um papel muito importante no Ensino Fundamental, pois lida com concepções acerca do indivíduo, do grupo e de lugares e circunstâncias que estão em constante movimento.

Para viabilizar a construção do saber histórico escolar, é necessário levar em conta as características psicopedagógicas dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. É precisamente nessa etapa da escolarização que conteúdos e habilidades imprescindíveis à formação do conhecimento básico em Ciências Humanas são apropriados e internalizados.

Para atender às diversas habilidades e competências, os conteúdos da coleção estão organizados nos cinco volumes em uma **sequência equilibrada e progressiva**. O sumário da coleção trabalha em diversos momentos as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades previstas na BNCC para História. Nesse documento, a organização e a seleção de conteúdos baseiam-se em uma concepção ampliada de currículo escolar e foram assumidas de forma mais sistematizada e aprofundada.

[7] Itens baseados em: BEZERRA, Holien Golçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. In: KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2008.

Deve-se considerar, igualmente, as indicações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, nas quais se baseia a BNCC, e que apontam para a necessidade de o saber estar vinculado às diferentes áreas do conhecimento. A seleção de conteúdos para esta coleção levou em conta que os temas poderiam estar articulados às demais ciências, superando a fragmentação das áreas, tornando o currículo mais abrangente e propiciando aos alunos conhecimentos mais significativos, o que facilita a participação deles com seus interesses e suas experiências de vida.

Vale pontuar que a disposição dos conteúdos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades é uma sugestão de trabalho para o professor, uma proposta. Deve haver liberdade, participação e criatividade por parte dos docentes, que podem agregar sua experiência ou mesmo algumas orientações dos órgãos responsáveis pelas políticas educacionais dos estados e municípios. Os conteúdos de História propostos não devem ser considerados fixos; eles devem ser trabalhados de forma integrada às demais disciplinas do currículo escolar. As escolas e os professores devem recriá-los e adaptá-los à sua realidade regional e local.

O pensar histórico nesta coleção

O trabalho com o **pensar histórico** recebeu destaque nos cinco volumes desta coleção. Esse conceito possui grande importância para o ensino do componente curricular nos anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que é nessa etapa que ocorre a familiarização do estudante com os conceitos que estão na base do saber histórico. Por meio da utilização de diferentes fontes e documentos, espera-se que os alunos compreendam as relações entre **tempo e espaço**, **permanências** e **mudanças** em diferentes sociedades e culturas, noções muito importantes para identificar e interpretar os processos históricos.

> [...] um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a **autonomia de pensamento** e a capacidade de reconhecer que **os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem**, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. A percepção de que existe uma grande diversidade de sujeitos estimula o pensamento crítico, a autonomia e a formação para a cidadania.
>
> BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 400.

O ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental promove a aquisição de referências temporais fundamentais à reflexão dos alunos sobre sua condução no tempo, favorecendo a construção da sua identidade e estimulando-os, portanto, a se apropriarem cada vez mais da História como forma e prática de pensamento. Ao desenvolver o pensar histórico, o aluno poderá produzir conhecimento histórico.

Pensar historicamente significa desenvolver a conscientização e a compreensão de momentos históricos significativos da humanidade e, em particular, da nossa história local, regional e nacional, considerando principalmente, no nosso caso, as "histórias esquecidas da nossa História", que são as histórias dos negros, dos indígenas e de outros grupos.

A História, como ciência, forma e prática de pensamento, visa à compreensão de um mundo em constante processo de transformação e sempre sujeito à nossa intervenção no presente. Para atingir esse objetivo, utilizamos expressões como **raciocínio histórico** e **pensar histórico** para reunir, de forma sistemática, os temas, conceitos e procedimentos da disciplina, que aparecem articulados aos conteúdos presentes na coleção. Com isso, propõe-se uma iniciação à História como forma de compreensão da experiência dos seres humanos em diferentes tempos e espaços.

O aprendizado dos fundamentos da disciplina deve ocorrer encadeado com o processo de refletir sobre as experiências humanas de diferentes culturas em tempos e espaços diferentes, partindo primeiramente das suas experiências e da sua cultura.

Nesse sentido, é importante trabalhar o sentimento de pertencimento a uma vida comunitária local, ampliando essa noção para círculos sociais cada vez maiores conforme o desenvolvimento da criança, tornando-a uma pessoa atuante na sociedade em que vive.

Ao favorecer a ampliação das suas vivências sociais e da compreensão das permanências e mudanças no âmbito da História, o desenvolvimento do pensar histórico na criança contribui para o seu processo formativo, levando-a a:

- refletir sobre fatos históricos;
- respeitar as singularidades étnico-raciais;
- valorizar e a respeitar a memória e o patrimônio dos mais diversos grupos sociais e povos;
- adquirir a liberdade de pensar e agir com ética e responsabilidade diante de outros seres humanos, em diferentes tempos e espaços sociais;

- aprender a respeitar e a valorizar o ambiente e sua coletividade;
- conscientizar-se para ser mais responsável e participativa na sociedade em que vive;
- respeitar os direitos de todos;
- preocupar-se com as desigualdades sociais.

Para favorecer o trabalho sistemático com os fundamentos do componente curricular História na coleção, os textos e as atividades que dialogam com a BNCC e com os elementos desse pensar histórico serão indicados para o professor nas Orientações específicas, junto à reprodução reduzida do Livro do Estudante.

O processo de avaliação

É indispensável, considerando a proposta de ensino de História desenvolvida nesta coleção, explicitar como foi trabalhado o processo de avaliação e quais são as estratégias que podem ser empregadas para desenvolvê-lo.

Quando se fala em avaliação, costuma-se pensar inicialmente nos resultados obtidos pelos alunos. Porém, já faz muito tempo que, valendo-se da literatura pedagógica e dos princípios das reformas educacionais – empreendidas em diferentes países –, grupos de educadores mais inquietos se propuseram a entender a avaliação como um processo maior, que não se limita à valoração dos resultados obtidos pelos alunos. No modelo de ensino proposto na atualidade, com bases construtivistas, os componentes de avaliação desempenham um papel importante no projeto curricular.

Essas ideias são manifestadas por autores como César Coll e Antoni Zabala [8], nos quais nos apoiamos para elaborar a proposta de avaliação.

Com base nesse modelo, os desenvolvimentos afetivo e social também constituem componentes ou dimensões da avaliação. A formação integral do indivíduo é a finalidade principal do ensino e, portanto, seu objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades dele e não apenas as cognitivas.

Desse modo, a avaliação está a serviço do projeto educacional como um todo, é parte integrante dele e partilha seus princípios fundamentais; não está separada do processo de construção do conhecimento.

A avaliação deve desempenhar duas funções básicas:

- permitir o ajuste da intervenção pedagógica às características individuais dos alunos por meio de aproximações sucessivas;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com as intenções do projeto e os objetivos estabelecidos.

O processo avaliador tem de observar as diferentes fases que o compõem – a **inicial**, a **formativa** e a **somatória** – e deve ocorrer por meio de intervenção estratégica.

A **avaliação inicial**, em linhas gerais, consiste em detectar os esquemas de conhecimento que os alunos possuem a respeito de determinados conteúdos ou blocos de conteúdo. É realizada no início de cada nova etapa da aprendizagem.

Em seguida, há a **avaliação formativa**, que objetiva examinar o processo de aprendizagem a fim de proporcionar a intervenção pedagógica mais adequada em cada momento. Avaliam-se os progressos, as dificuldades e os bloqueios que marcam o processo de aprendizagem. É uma prática universal, realizada, em maior ou menor grau, quase sempre de forma intuitiva. Com frequência, traz resultados satisfatórios.

É importante utilizar os recursos que a coleção oferece para avaliar os avanços dos alunos ao longo do ano. Podem-se registrar as observações em planilhas de acompanhamento (ficha ou caderno) e analisá-las no decorrer do processo. Outra sugestão é adotar a prática da elaboração de relatórios para mensurar a trajetória de cada aluno (seus avanços e suas construções) nas atividades diárias, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

Por fim, há a **avaliação somatória**, que consiste em medir os resultados da aprendizagem. Ela determina se as intenções educativas foram ou não alcançadas e até que ponto. É importante dizer que o objetivo da avaliação somatória não é obter uma análise final do êxito ou fracasso dos alunos, mas uma análise do êxito ou fracasso do processo educacional no cumprimento das intenções originais.

Convém ressaltar que o processo de avaliação permite detectar, sobretudo, o grau de qualidade do trabalho e do projeto escolar tanto por parte do professor como dos alunos. Portanto, engloba os dois sujeitos do processo de ensino-aprendizagem, permitindo que ambos reflitam sobre seu papel e suas práticas educacionais.

O quadro a seguir, proposto por César Coll, sintetiza essas três modalidades de avaliação.

[8] COLL, César. *Psicologia e currículo*: uma proposta psicopedagógica à elaboração do currículo escolar. São Paulo: Ática, 2006; ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2001.

	Avaliação inicial	Avaliação formativa	Avaliação somatória
O que avaliar?	Os esquemas de conhecimento relevantes para o novo material ou situação de aprendizagem.	Progressos, dificuldades e bloqueios que marcam o processo de aprendizagem.	Tipos e graus de aprendizagem que estimulam os objetivos (finais, de nível ou didáticos) dos conteúdos selecionados.
Quando avaliar?	No início de uma nova fase de aprendizagem.	Durante o processo de aprendizagem.	Ao final de uma etapa de aprendizagem.
Como avaliar?	Consulta e interpretação do histórico escolar do aluno. Registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos diante de perguntas e situações relativas ao novo material de aprendizagem.	Observação sistemática e pautada do processo de aprendizagem. Registro das observações em planilhas de acompanhamento. Interpretação das observações.	Observação, registro e interpretação das respostas e comportamentos dos alunos a perguntas e situações que exigem a utilização dos conteúdos aprendidos.

Nesta coleção procuramos garantir momentos que permitam realizar a avaliação inicial na introdução de novos conteúdos, noções ou conceitos. As aberturas de unidade e a seção **Para iniciar**, no início de cada capítulo, constituem procedimentos metodológicos propícios à avaliação inicial, pois, por meio de questões, textos e recursos pontuais, o aluno é solicitado a expor seus conhecimentos prévios e suas hipóteses sobre o assunto.

O corpo de atividades e as seções propostas (trabalhos individuais ou em grupo, leitura de textos, análise de imagens, exposição de experiências pessoais, respostas orais e escritas, representações, pesquisas, confecção de painéis e cartazes, discussões na classe, tarefas de casa, etc.) servem de base para a avaliação formativa, que também consiste na observação sistemática e no acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos.

Nesta coleção, uma das estratégias que possibilitam a avaliação somatória é a seção **O que estudamos**, que aparece ao final de cada unidade em todos os volumes. Trata-se de um momento vivenciado pelo aluno como fechamento do trabalho e permite detectar o nível dos resultados obtidos em relação aos objetivos determinados.

Estrutura geral da coleção

Seleção e organização dos conteúdos

Mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como foco a alfabetização, e por meio do gradativo aumento da compreensão do ambiente natural e social e da capacidade de aprendizagem para adquirir conhecimentos e habilidades, valores e atitudes, esta coleção procura atender às expectativas de aprendizagem apresentadas pela BNCC.

Respeitadas as marcas singulares antropoculturais que as crianças de diferentes contextos adquirem, os objetivos da formação básica, definidos para a Educação Infantil, prolongam-se durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, de tal modo que os aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social sejam priorizados na sua formação, complementando a ação da família e da comunidade e, ao mesmo tempo, ampliando e intensificando, gradativamente, o processo educativo com qualidade social.

Para a seleção dos conteúdos presentes nesta coleção, foram levados em consideração as unidades temáticas, os objetos de conhecimento e as habilidades apresentados pela BNCC para cada ano escolar. As orientações desse documento impulsionaram a opção pelos conteúdos que consideramos mais significativos para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Tivemos a preocupação de garantir, na medida do possível, o trabalho sistemático com os conceitos básicos do ensino de História (mencionados anteriormente em Fundamentos Teóricos).

Em todos os volumes da coleção, a estrutura foi concebida para facilitar a prática do professor e permitir a construção de rotinas escolares, fundamentais no processo de aprendizado. Os objetos de conhecimento e habilidades são trabalhados ao longo de uni-

dades e capítulos, nos quais os conteúdos estão organizados de acordo com um tema principal. Cada volume possui, então, um fio condutor, permitindo a reflexão sobre vários momentos históricos e a construção da relação presente-passado pela comparação entre acontecimentos e contextos históricos de diferentes épocas.

Em todos os volumes, os objetos de conhecimento são trabalhados a fim de que os alunos alcancem as habilidades correspondentes a eles, garantindo a aprendizagem e o desenvolvimento plenos dos conteúdos de cada ano letivo. De forma sucinta, os objetos de conhecimento, abordados na coleção e relacionados às diferentes habilidades, são:

- Primeiro ano – As fases da vida e a temporalidade, os vínculos pessoais, a família, a escola, a vida em casa e na escola, os diferentes vínculos e as diferentes formas de representação social e espacial.
- Segundo ano – A comunidade, a convivência, a interação entre as pessoas, os registros de experiências pessoais no tempo e no espaço, os marcos de memória, o tempo como medida, as fontes de registro de memória e a relação com a natureza.
- Terceiro ano – Os grupos sociais e étnicos da cidade, os patrimônios históricos e culturais da cidade, a produção dos marcos de memória (formação cultural da população e diferenças entre cidade e campo), espaços públicos e privados e atividades urbanas.
- Quarto ano – A ação humana no tempo e no espaço, as grandes transformações sociais e culturais da história da humanidade, a circulação de pessoas e produtos, a transformação do meio natural, o comércio, as rotas de circulação, o surgimento das cidades, o mundo da tecnologia e a comunicação, o surgimento do homem e sua expansão pelo mundo, as migrações no mundo e no Brasil.
- Quinto ano – A formação dos povos, as formas de organização social e política, o papel das religiões e da cultura para a formação dos povos antigos, a cidadania, as tradições orais, a valorização da memória e os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

A íntegra desses objetos de conhecimento pode ser encontrada no item *História no Ensino Fundamental – Anos Iniciais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades* (item 4.4.2.1), páginas 403 a 415. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

Apresentamos na página XXXVII um quadro com os objetos de conhecimento, as habilidades e sua relação com os conteúdos deste volume.

Essa organização dos conteúdos propicia a abordagem simultânea de diferentes conceitos, favorecendo o estudo de processos históricos sob a luz das relações de semelhança e diferença, permanência e transformação, ocorridas em épocas distintas. A coleção permite trabalhar os conteúdos históricos destacando a noção de tempo histórico, valorizando o papel das sociedades atuais e do passado e adequando seu estudo à realidade do aluno. Permite também a problematização e o encadeamento lógico dos conteúdos conceituais abordados.

É importante esclarecer que, à primeira vista, alguns conteúdos desenvolvidos nos volumes podem parecer repetitivos, mas na verdade as abordagens são diferentes e seguem a progressão didática das unidades temáticas e suas habilidades.

Em relação à extensão do conteúdo, deve-se destacar que o próprio trabalho com os temas de cada unidade permite flexibilidade e maior liberdade por parte do professor para priorizar temas a ser desenvolvidos no decorrer do ano letivo. É possível selecionar conteúdos, articulá-los e organizá-los para permitir aos alunos questionar, aprofundar, confrontar e refletir sobre sua realidade e as relações entre passado e presente.

Outro aspecto importante no estudo é que, além da possibilidade de seleção, articulação e organização dos conteúdos, é possível trabalhar eventos e processos protagonizados pelos mais variados sujeitos históricos. A noção de cronologia foi também suficientemente trabalhada para permitir aos alunos adquirir as noções de anterioridade, simultaneidade, posterioridade, duração, permanências e mudanças.

E, finalmente, como última abordagem sobre a organização do conteúdo desenvolvido na coleção, é preciso ressaltar que os conteúdos curriculares não são um fim em si mesmos. Eles são meios para atingir competências cognitivas ou sociais que auxiliem o aluno a desenvolver-se como sujeito. Sua seleção e escolha devem estar de acordo com as principais problemáticas sociais existentes no contexto escolar.

Como a coleção está organizada

Esta coleção emprega inúmeras estratégias didáticas que se concretizam em seções e boxes. O objetivo desses recursos é tornar a aprendizagem mais dinâmica,

alegre e divertida, adequada a cada faixa etária, sem deixar de aprofundar determinados assuntos. O conteúdo e as atividades possuem articulações que favorecem a aprendizagem do componente curricular e apoiam a alfabetização.

As seções que compõem a coleção são: **Tecendo saberes**, **De olho na imagem** e **O que estudamos**. Os boxes são: **Para iniciar**, **Desafio**, **Saiba mais**, **Assim também aprendo**, **Pesquise** e **Minha coleção de palavras de História**. Os livros do 2º ao 5º ano também contam com **Projetos**.

Cada seção e cada boxe tem um objetivo específico e pretende estimular o desenvolvimento de determinada habilidade por parte do aluno. Convém esclarecer que é fundamental a participação do professor no encaminhamento dessas seções.

Abertura de unidade

Por meio da exploração das imagens e das questões de sensibilização, introduz-se o tema central que será abordado no decorrer da unidade. Paralelamente a essa introdução, o aluno tem a oportunidade de descrever sua experiência, expor sua opinião e conhecer a opinião dos colegas. Essa estratégia favorece a socialização e estimula a atitude de respeito pela opinião do outro.

Para iniciar

Composto de atividades que retomam a experiência prévia dos alunos, este boxe localiza-se no início de cada capítulo e tem como objetivo despertar o interesse dos alunos pelo tema que será desenvolvido, prepará-los para o estudo e possibilitar que compartilhem os conhecimentos que já possuem a respeito do assunto. Ao mesmo tempo, desenvolve nos alunos maior sociabilidade, capacidade de se expressar e de ouvir e o respeito às opiniões alheias e ao trabalho coletivo.

Nessa etapa, professor e alunos lerão juntos textos e imagens e compartilharão impressões, conhecimentos e dúvidas. É primordial que o professor explore essas atividades iniciais, motivando os alunos a falar sobre suas experiências e a ouvir a exposição dos colegas, criando um espaço de aprendizagem e interação. Isso é importante porque a linguagem organiza o pensamento e nos faz compreender o mundo por meio da comunicação.

O texto a seguir sintetiza alguns cuidados que devem ser tomados no desenvolvimento do **Para iniciar**.

- Organizar a ordem em que cada um vai falar. Todos devem ter liberdade para participar em diversos momentos, desde que não sobreponham sua fala à do outro.
- Evitar que as perguntas sejam respondidas em coro. Quando isso acontece, a autonomia e a habilidade de interagir ficam prejudicadas.
- Evitar antecipar as respostas das crianças. Dessa forma, perde-se a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do pensamento infantil.

POLATO, Amanda. Um bate-papo sem fim. *Nova Escola*, São Paulo, n. 202, maio 2007.

Desafio

Possibilita ao aluno fazer descobertas e comparações, investigando temas relacionados ao conteúdo do capítulo por meio de atividades realizadas na sala de aula ou fora dela. Utilizam-se várias estratégias, por exemplo: consulta em biblioteca (da escola ou da comunidade), entrevistas (com a elaboração prévia de questões pertinentes ao assunto), leitura de imagens e posteriores comparação e elaboração de painéis.

Saiba mais

A intenção é que os alunos ampliem o conhecimento sobre o conteúdo estudado nos tópicos dos capítulos. Para isso, propomos a leitura de diversos tipos de texto e a observação/análise de imagens e mapas.

Assim também aprendo

Este boxe aborda um tema do capítulo de forma lúdica e bem-humorada. Pretende-se estimular, ainda que de maneira indireta, uma reflexão sobre o conteúdo abordado. É uma forma de divertimento com propósito, em que o aluno tem chance de usar diferentes habilidades.

Pesquise

Proposta de investigação relacionada aos temas tratados no capítulo para desenvolver as habilidades de pesquisa e complementar e aprofundar o conhecimento sobre o assunto estudado. É importante assinalar que, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as pesquisas não devem se restringir a ambientes e fontes "tradicionais", como bibliotecas e livros. Outras fontes de pesquisa recomendadas são os acervos familiares e as entrevistas sob supervisão. Essas fontes são mais adequadas para estudar os hábitos das pessoas no passado recente, um tema bastante explorado nessa etapa da escolaridade.

Tecendo saberes

A proposta desta seção é mostrar que a compreensão da realidade vivida pelo aluno também pode ser feita de um ponto de vista interdisciplinar.

De olho na imagem

Proposta que pretende introduzir noções de análise e de interpretação de documentos históricos imagéticos (pinturas, fotografias, mapas, etc.).

Minha coleção de palavras de História

Presente em cada capítulo e no final das unidades, o objetivo desta atividade é, em etapas sucessivas, contextualizar uma palavra importante para o estudo do componente curricular e, no final do estudo, explorar o seu significado. Ao longo do ano, enquanto forma a sua coleção de palavras, o aluno poderá rever o que estudou, obtendo um panorama de seu aprendizado. É um trabalho conjunto com Língua Portuguesa que valoriza o letramento, a ampliação do vocabulário e o conhecimento histórico dos alunos.

O que estudamos

Ao final de cada unidade, há uma proposta de sistematização dos temas desenvolvidos com o objetivo de proporcionar um momento de avaliação do aprendizado, tanto por parte dos alunos quanto do professor. Os momentos que dividem essa retrospectiva trabalham de modo global atividades de escrita, desenhos, leitura, síntese e autoavaliação, organizadas nos itens: **Eu escrevo e aprendo**; **Minha coleção de palavras de História**; **Eu desenho e aprendo**; **Hora de organizar o que estudamos** e **Para você refletir e conversar**.

Projetos

A aprendizagem por meio de projetos é uma estratégia de ensino que permite aos alunos conscientizarem-se de um fato, uma situação ou um problema e estimula a busca de soluções para as questões propostas, em um trabalho socializado com os colegas.

O professor deve atuar como um mediador nesse processo, cujo resultado final é a aquisição, por parte do aluno, de novas habilidades e procedimentos.

Pela aprendizagem por projetos, os alunos devem relacionar o tema ou o problema aos conhecimentos que já possuem ou que vão adquirir ao longo do trabalho e organizar essas informações e conhecimentos na forma de uma proposta de trabalho. De acordo com Fernando Hernández e Montserrat Ventura, os projetos de trabalho devem ser planejados como uma forma de vincular a teoria à prática e com a finalidade de alcançar alguns objetivos, como gerar uma série de mudanças na organização dos conhecimentos escolares, tomando como ponto de partida as seguintes hipóteses:

- Na sala de aula, é possível trabalhar qualquer tema; o desafio está em como abordá-lo com cada grupo de alunos e em especificar o que podem aprender dele.
- Cada tema se estabelece como um problema que deve ser resolvido a partir de uma estrutura a ser desenvolvida e que pode encontrar-se em outros temas ou problemas.
- A ênfase na relação entre ensino e aprendizagem é, sobretudo, de caráter procedimental e gira em torno do tratamento da informação.
- O docente ou a equipe de professores não são os únicos responsáveis pela atividade que se realiza em sala de aula, mas também o grupo-classe tem um alto nível de implicação, na medida em que todos estão aprendendo e compartilhando o que se aprende.
- Podem ser trabalhadas as diferentes possibilidades e interesses dos alunos em sala de aula, de forma que ninguém fique desconectado e cada um encontre um lugar para sua implicação ou participação na aprendizagem.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

É importante destacar também que esses projetos favorecem a atuação dos alunos em situações de aprendizagem, levando-os ao questionamento e ao desenvolvimento intelectual e criativo.

Nesta coleção, os projetos estão no final de cada livro a partir do volume do 2º ano. Um dos projetos se relaciona com conteúdos das unidades 1 e/ou 2 e o outro, com conteúdos das unidades 3 e/ou 4. O professor, porém, tem autonomia para iniciar o projeto não apenas no final do ano, mas também quando o estudo do tema relacionado for iniciado.

Vocabulário de página e Glossário

No decorrer dos capítulos destacamos palavras que podem suscitar dúvidas para alunos da respectiva faixa etária. Alguns vocábulos são explicados em linguagem adequada na própria página.

Algumas palavras importantes para o estudo de História encontram-se no final do volume, seguidas da indicação da página em que ocorrem e do significado

que apresentam no trecho correspondente. A utilização desse recurso favorece, em muitos casos, o trabalho interdisciplinar com Geografia, Ciências e Língua Portuguesa, por exemplo.

A consulta a esses itens deve ser recorrente, e a seleção de palavras pode ser ampliada de acordo com a necessidade.

Encaminhamentos para a utilização desta coleção

Para desencadear o processo de ensino-aprendizagem de História, foram selecionadas atividades e situações do cotidiano dos alunos. A opção metodológica adotada é a de explorar o cotidiano dos alunos e de seu grupo social, permitindo ao professor desempenhar o papel de agente mediador no processo de construção e apropriação de conceitos.

Para obter o conhecimento histórico, é necessário interpretar fatos e analisá-los de acordo com conceitos, noções, informações e valores. Para que o aluno forme esses conceitos necessários à construção do conhecimento histórico, é preciso problematizar as noções de passado, presente e futuro, estabelecendo relações entre acontecimentos e contextos históricos no tempo.

Segundo Circe Bittencourt, para entendermos como o aluno constrói esses conceitos logo nos primeiros anos do Ensino Fundamental, precisamos recorrer às teorias de Piaget e Vygotsky.

Piaget afirma que o desenvolvimento intelectual da criança ocorre ao longo de sua maturidade biológica e das interações com o meio social, com peso maior para o primeiro aspecto. O domínio de conceitos fica vinculado aos estágios de desenvolvimento do concreto ao abstrato, que, por sua vez, estão vinculados aos aspectos acima citados. Assim, o conceito espontâneo e o científico são antagônicos, e o primeiro opõe obstáculos à formação do segundo.

Vygotsky defende uma relação entre esses dois conceitos. Para adquirir conceito científico, não é necessário excluir o espontâneo. Sua teoria baseia-se na aquisição social de conceitos e, para isso, a linguagem desempenha um papel fundamental, pois por meio dela o indivíduo se expressa e interage dentro do seu grupo social. A comunicação social favorece o processo de aquisição de conceitos e de ampliação dos conceitos científicos.

As interações sociais, como família, saúde e condições econômicas, levam o indivíduo a aprender a resolver problemas. Valoriza-se, assim, para a construção de conceitos por parte do aluno, todo o seu conhecimento prévio, todas as suas experiências históricas e sociais e todo o seu conhecimento espontâneo. Cabe ao professor reconhecer esse conhecimento e dele se aproveitar para atingir os conceitos científicos da História.

Para desempenhar o papel de mediador do processo de construção e apropriação de conceitos, é importante que o professor, em seu contato com os alunos:

- valorize os conhecimentos prévios e as noções históricas que possuem;
- compartilhe suas ideias com eles a fim de delinear, organizar, desenvolver e efetivar a proposta que viabilizará a construção de determinado conceito histórico;
- promova estratégias interativas com o objetivo de favorecer trocas, tanto em trabalhos individuais como em grupo.

O desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem inclui, além da construção de conteúdos históricos, o trabalho com conteúdos procedimentais e atitudinais.

Os conteúdos procedimentais pretendem desenvolver no aluno competências cognitivas, como capacidade de observação, de compreensão, de argumentação, de organização, de análise, de síntese, de formulação de hipóteses e de planejamento. São conteúdos que devem ser trabalhados em sala de aula e instrumentalizam o aluno em sua análise da realidade.

Os conteúdos atitudinais referem-se a posicionamentos, valores e atitudes a ser desenvolvidos pelos alunos de modo integrado aos demais conteúdos. Durante muito tempo, valores e atitudes não foram objeto de atenção da escola. Ocorre que a escola não pode se eximir de analisar essas questões, pois os valores estão presentes em vários momentos do cotidiano escolar e da própria vida dos alunos.

Durante sua vivência escolar, os alunos manifestam seus valores em suas concepções e em muitas de suas atitudes. É importante destacar que os valores e as atitudes devem ser resultado de uma constante reflexão e estimular a construção da cidadania e o desenvolvimento de posturas cotidianas conscientes.

As leis n. 10 639/03 e n. 11 645/08 nos currículos escolares

Em 9 de janeiro de 2003, foi assinada a Lei n. 10 639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira nas escolas do país. De acordo com essa lei, esses conteúdos devem constar, principalmente, nos programas dos componentes curriculares de História e Língua Portuguesa, destacando o estudo da história da África e dos

africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na sociedade nacional.

Em 10 de março de 2008, a Lei n. 11 645/08 reformulou o artigo 26-A, incluindo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura dos povos indígenas, que também caracterizaram a formação da população brasileira.

Essa exigência foi reafirmada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) [9]: o ensino de História do Brasil levará em conta as contribuições dos povos africanos e indígenas, contribuindo para assegurar o conhecimento e o reconhecimento desses povos para a constituição do povo e da cultura do país.

As leis e suas diretrizes objetivam a educação para a igualdade étnico-racial, reconhecendo e legitimando a contribuição das populações negra e indígena na construção da cultura e da sociedade brasileira.

Na prática, como podemos introduzir a história da África e a cultura afro-brasileira na sala de aula?

A obrigatoriedade do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira é uma reivindicação antiga dos movimentos negros e de lideranças da área da Educação, que vêm discutindo o assunto desde pelo menos a década de 1970. É interessante lembrar, por exemplo, que vários debates e encontros para discutir a necessidade da revisão dos estudos sobre a presença negra no Brasil e a forma como ela aparece nos currículos escolares ocorreram em décadas anteriores à assinatura da lei. Entre esses debates e encontros, temos o I Fórum sobre o Ensino da História das Civilizações Africanas nas Escolas Públicas, que aconteceu na década de 1990, na cidade do Rio de Janeiro.

A disciplina História da África nas universidades brasileiras é bastante recente e as publicações em língua portuguesa vêm crescendo pouco a pouco. O resultado desse crescimento dos estudos é que, se antes o escravizado era considerado apenas mão de obra e mercadoria, hoje, cada vez mais, é visto como aquele que, mesmo cativo, chegou ao Brasil com conhecimentos prévios e com memórias.

Hoje, sabemos que as contribuições dos africanos no Brasil não se resumem a danças, comidas e festividades; há também uma enorme bagagem africana no que diz respeito a tecnologias e diferentes saberes.

Conhecer a África é perceber que esse continente é, historicamente, marcado pela presença de reinos poderosos, que, muitas vezes, derrotaram europeus em batalhas. É também aprender que diversas tecnologias que acreditávamos terem sido somente dominadas por europeus foram, na verdade, muito desenvolvidas por africanos, como é o caso da metalurgia do ferro, cujas técnicas são conhecidas milenarmente na África, bem antes do contato com os europeus.

A escola é, portanto, local privilegiado para o estudo da contribuição dos africanos na formação da sociedade brasileira, para a superação do racismo e para a reflexão sobre as contradições e desigualdades de nossa sociedade.

De modo geral, a Lei n. 10 639/03 faz com que uma importante matriz fundadora da sociedade brasileira seja estudada de forma mais justa e cuidadosa. As publicações sobre o tema também têm ganhado força, e hoje é possível afirmar que aquele que busca uma formação nessa temática não está mais desamparado.

Em sala de aula, é possível utilizar recursos simples para contemplar as indicações presentes nas DCN, introduzindo, por exemplo, as obras e a biografia de escritores negros, como Carolina Maria de Jesus ou Machado de Assis. É possível também aproximar os alunos das mitologias africanas, que podem ser comparadas e tratadas no mesmo nível de igualdade dos mitos gregos, e traçar paralelos entre eles.

As primorosas esculturas e máscaras africanas podem ser trabalhadas como uma produção artística de alta complexidade e grande beleza. Os reinos do Congo, de Gana, de Benim e do Mali, por exemplo (veja o capítulo 4, na Unidade 2, do livro do 3º ano), podem ser apresentados como exemplos de formações políticas que nada têm a dever em relação a outras do mundo.

No que se refere à contribuição africana no Brasil, é importante mostrar aos alunos que muitas técnicas e ferramentas de trabalho utilizadas durante o período da escravidão foram desenvolvidas por africanos.

Muitas personalidades extremamente importantes na história do Brasil também têm origem africana, como é o caso de Teodoro Sampaio, filho de uma escravizada, que se tornou um respeitado geógrafo e engenheiro. É importante mencionar ainda a família Rebouças, formada por engenheiros negros – sendo André Rebouças o membro mais conhecido –, com destacado papel na luta pelo fim da escravidão. Ainda no que diz respeito ao período abolicionista, temos a presença de Luís Gama, ex-escravizado, que se tornou advogado e

[9] BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. p. 67. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>. Acesso em: 23 out. 2017.

atuou na libertação de diversos cativos nos anos anteriores à abolição.

Muitos artistas negros tiveram destaque na Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro, após a vinda da família real para o Brasil. Estevão Roberto da Silva, famoso pelas pinturas de natureza-morta, ainda é considerado um dos melhores pintores desse gênero. Estevão Silva e outros artistas negros até pouco tempo estavam esquecidos e eram negligenciados pela História da Arte brasileira.

Há, portanto, inúmeras maneiras de trabalhar a temática africana e afro-brasileira na sala de aula. É importante introduzir esses conteúdos cotidianamente, e não apenas em datas festivas, como o dia 13 de maio, quando é comemorada a abolição da escravidão, ou 20 de novembro, quando se comemora o Dia da Consciência Negra. Certamente, essas datas são importantes para refletirmos sobre a nossa própria história; porém, é urgente um trabalho permanente e criterioso.

Conhecer a história da África e a cultura afro-brasileira não apenas colabora para a melhora da autoestima de milhões de brasileiros, como também serve para tornar a sociedade brasileira mais justa e igualitária.

É importante lembrar que a cultura e a história da África e dos afrodescendentes são exploradas e bem aprofundadas nesta coleção. Há também outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos em suas aulas nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Malungos na escola*: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila (Coord.). *Igualdade das relações étnico-raciais na escola*: possibilidades e desafios para a implementação da Lei n. 10 639/2003. São Paulo: Petrópolis/Ação Educativa/Ceafro/Cert, 2007.

Leituras para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- Vale a pena conhecer o livro (acompanhado do jogo de tabuleiro) intitulado *Yoté: o jogo da nossa história*, produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC). O Yoté é um jogo africano de estratégia praticado por dois ou mais jogadores. No formato adaptado para material didático, apresenta peças de tabuleiro no formato de personalidades afro-brasileiras. O jogo está disponível no endereço eletrônico: <http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/yote_professor_miolo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2017.
- No *site* A cor da cultura, na seção "Heróis de todo mundo", há textos (biografias) e vídeos sobre os afrodescendentes que fizeram a diferença na história do Brasil, como: Adhemar Ferreira da Silva (1927-2001); Antonieta de Barros (1901-1952); Auta de Souza (1876-1901); Carolina Maria de Jesus (1914-1977); Juliano Moreira (1873-1933); Milton Santos (1926-2001) e muitos outros. Consulte <http://antigo.acordacultura.org.br/herois/> (acesso em: 19 out. 2017) e, se possível, mostre as biografias aos alunos.

Na prática, como podemos introduzir a história e a cultura indígenas na sala de aula?

É importante abordar, em sala de aula, a história e a cultura dos povos indígenas, não de forma isolada, mas relacionada à história do Brasil, à formação da identidade nacional e aos direitos dos povos indígenas no presente. Sempre que possível, é interessante utilizar as referências dos alunos, estimulando-os a respeitar as manifestações culturais e suas diferenças.

> Por se dirigirem a uma parte significativa da população do país (constituída de 49,5% de negros e de aproximadamente 0,5% de indígenas) as políticas educacionais expressas nas leis 10 639/2003 e 11 645/2008 [...] dizem respeito a todos os brasileiros. [...]
>
> Todo esse avanço da legislação educacional busca interferir na realidade social que exclui e marginaliza negros e indígenas. Cria condições legais para atender a demanda dessas populações por reconhecimento e valorização da diferença e o faz ao mesmo tempo em que promove maior igualdade no acesso delas a um direito social de cidadania fundamental, qual seja a educação.
>
> SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; OLIVEIRA, Evaldo Ribeiro; MORAIS, Danilo de Souza. As leis 10 639/03 e 11 645/08 se fazem necessárias? *Presente! Revista de Educação*. Salvador: Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, n. 63, 2008.

Esta coleção permite abordar, em sala de aula, aspectos culturais dos povos indígenas, seu modo de vida, sua organização do trabalho, bem como

mostrar aos alunos narrativas desses povos, enfatizando a importância da oralidade para eles. É importante, também, destacar o papel do indígena no início da colonização portuguesa da América, bem como os conflitos e a convivência com o colonizador, e expor aspectos da resistência indígena diante do avanço português.

É interessante que os alunos tenham em vista que a história da ocupação das terras que viriam a formar o Brasil começa muito antes da chegada dos portugueses, em 1500. Naquela época, historiadores calculam que entre 3 e 5 milhões de pessoas ocupavam *Pindorama* (como o território do atual Brasil era chamado por certos grupos indígenas). Cada povo indígena possuía seu sistema de crenças, sua língua, seus rituais, seu modo de trabalhar e sua organização familiar e social, fatores que evidenciam a pluralidade de culturas e etnias que aqui se encontravam.

Ao tratar das populações indígenas na atualidade, é importante comentar que, na defesa de seus direitos, as lideranças indígenas buscam se organizar cada vez mais. De acordo com dados do Instituto Socioambiental, a criação das organizações indígenas promoveu o surgimento de novos líderes e de novas formas de aliança entre os povos. Há organizações indígenas vinculadas a uma só aldeia; outras conseguem unir diferentes aldeias; há, ainda, casos de organizações maiores, que firmam um tipo de representação política no plano regional.

Vale reforçar que a cultura, a história e o cotidiano indígena são explorados e bem aprofundados nesta coleção. Outros encaminhamentos sobre como introduzir esses conteúdos nas aulas podem ser encontrados nas páginas em que há orientações para o uso do Livro do Estudante.

Leituras para sua referência:

- ANGTHICHAY et al. *O povo Pataxó e suas histórias*. 6. ed. São Paulo: Global, 2001.
- RIBEIRO, Berta. *O índio na história do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Global, 2009.

Vídeo para o aluno:

Há vários títulos sobre o assunto na seção **Sugestões de...**, presente em todos os volumes do Livro do Estudante. Indicamos, a seguir, outros títulos, de caráter mais geral.

- *Vídeo nas aldeias*. Esses filmes, produzidos pelos próprios indígenas, mostram a cultura e a história de diversos povos no Brasil (entre eles, os Kuikuro, os Panará, os Huni Kuin, os Xavante e os Ashaninka). Consulte o seguinte endereço: <www.videonasaldeias.org.br/2009>. Acesso em: 19 out. 2017.

Atividades escritas e orais

Entre os recursos didáticos oferecidos pela coleção, estão atividades que podem ser orais, escritas, em grupo, individuais e procedimentais. Os encaminhamentos para a execução das atividades ao longo das Orientações específicas deste Manual não devem ser considerados um imperativo. Cabe ao professor, com ampla liberdade e criatividade, adaptá-los à sua realidade e a seu momento.

Por meio de atividades de observação, percepção de diferenças e semelhanças, descrição, reflexão, análise e interpretação de documentos e dados históricos no tempo e no espaço, o aluno questiona o passado, o que o auxilia a formar conceitos, construir conhecimentos históricos e atuar como sujeito de sua própria aprendizagem.

Vale lembrar que a sistematização do conhecimento e o desenvolvimento de conceitos, que são as bases para a escolha dos conteúdos e das atividades, não podem prescindir da perspectiva da construção da cidadania, estimulando o convívio social, o respeito, a tolerância e a liberdade.

Essas atividades não devem ser utilizadas de modo que os alunos sejam simples repetidores de conteúdos. Como sujeitos ativos do conhecimento, eles não devem se preocupar em reproduzir, mas em construir e apropriar-se do conhecimento. Assim, esta coleção busca propor atividades que não se separem do conteúdo, mas que o integrem e o constituam, com a preocupação de desenvolver também os procedimentos e as atitudes. As atividades devem também trabalhar situações-problema partindo do meio em que o aluno vive.

Uma das preocupações da coleção é a de desenvolver um trabalho que envolva inúmeras habilidades, como a escrita, a leitura, a oralidade, entre outras.

A leitura e a escrita são habilidades importantes que devem ser acompanhadas de perto e orientadas. Nesta coleção, há um número significativo de atividades que trabalham o desenvolvimento dessas habilidades. Tanto a leitura quanto a escrita devem ser uma preocupação sistemática do professor. Deve-se estar atento à transposição da linguagem oral para a escrita por parte dos alunos.

Em História, no trabalho com a escrita, propõe-se desenvolver com os alunos a organização do pensamento, o aprendizado de informar e de narrar um fato, a conservação da memória individual e coletiva, etc.

As sugestões de leitura, que se encontram ao final de cada unidade, constituem um recurso didático para estimular o hábito de ler, além de consolidar e ampliar o conhecimento. Nessa seção há indicações de obras de literatura infantil e paradidáticas sobre os temas tratados nas unidades.

Quanto às atividades orais, a sala deve estar organizada de modo que você e todos os alunos possam escutar as apresentações dos trabalhos. Estimule a oralidade dos alunos, considerando aspectos como a postura, a voz, o tempo determinado para a exposição, a organização das frases e a defesa das ideias. Destaque a importância de saber ouvir; afinal, um bom orador também sabe escutar, respeitando as opiniões, as dificuldades e os limites alheios. É importante trabalhar com os alunos mais tímidos, oferecendo-lhes a oportunidade de desenvolver essa habilidade de modo gradual.

Em determinadas atividades algumas situações-problema são trabalhadas, procurando propô-las em momentos oportunos, sempre partindo da realidade vivenciada pelo aluno, a fim de que ele desenvolva procedimentos como busca, análise, reflexão, entre outros.

Valorizamos as ideias de Juan Ignacio Pozo [10], o qual afirma que, diante de um ensino baseado na transmissão de conhecimentos, a solução de problemas pode constituir não somente um conteúdo educacional, mas também uma forma de conceber as atividades educacionais.

Para ele a solução de problemas baseia-se na apresentação de situações sugestivas que exijam dos alunos um esforço para buscar respostas por intermédio de seus próprios conhecimentos. Ensinar os alunos a resolver problemas é ensiná-los a aprender e a buscar as suas próprias respostas, sem esperar uma resposta já pronta.

Minha coleção de palavras de História

Para realizar as atividades da **Minha coleção de palavras de História**, os alunos devem fazer no caderno um quadro de acordo com o modelo abaixo, que eles devem preencher com as palavras à medida que os capítulos forem sendo estudados.

	Palavra da Minha coleção	Significado da palavra
Capítulo 1 (página 16)		

Esse quadro deve ser trabalhado com os alunos a fim de desenvolver os sentidos e os significados das palavras por meio de definições escritas e/ou desenhos. Além disso, o quadro promove a organização e a sistematização dessas palavras.

Em vez do quadro, uma opção é pedir aos alunos que reservem as quatro últimas páginas do caderno para nelas organizar e registrar a "coleção de palavras" que será formada ao longo do ano letivo.

Sugerimos o quadro ou o registro no caderno, mas, se possível e de acordo com as condições da escola, os alunos podem organizar e registrar a "coleção" em fichas ou em folhas de sulfite.

Outra opção seria: concluído o estudo do volume, fazer uma atividade de fechamento com as palavras da coleção, em que o aluno constrói um glossário ilustrado com as palavras aprendidas nas unidades. Nessa atividade, é interessante pedir aos alunos que organizem as palavras em ordem alfabética.

Para essas atividades, é importante explicar aos alunos que as definições por eles elaboradas para cada palavra, na atividade de fechamento da unidade, devem estar ligadas aos conteúdos de História. Afinal, anteriormente, eles "brincaram" com as palavras (nas atividades com palavras localizadas em cada capítulo) e descobriram que muitas delas podem ter sentidos diferentes do sentido histórico visto no livro didático. Essa é uma forma de garantir que apreendam os conceitos da disciplina.

Se quiser, converse com os alunos sobre o sentido da palavra "coleção". Colecionar objetos, como chaveiros, bonecos, papel de carta ou figurinhas, faz parte do universo das crianças. Pergunte à turma se algum deles mantém uma coleção e explique por que colecionar algo é interessante e atraente. O ato de colecionar estimula a observação, incentiva o sentido de organização e de catalogação de objetos. Desse modo, uma "coleção" pode servir para fins educativos, como é o caso da **Minha coleção de palavras de História**.

Documentos históricos

Um dos mais importantes fundamentos do aprendizado do componente curricular nesta coleção é o uso que se faz das fontes históricas.

O estudo de História é feito por meio dessas fontes (documentos, jornais, fotos antigas, reprodução de pinturas e cartografia da época, objetos antigos), buscando compreender, de forma adequada à faixa etária, acontecimentos e fatos históricos, trabalhando em con-

[10] POZO, Juan Ignacio (Org.). *A solução de problemas*: aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998.

junto a relação passado e presente, permite ao aluno a noção concreta da narrativa histórica, bem como questionar o passado, conhecer a metodologia da História e construir o conhecimento histórico.

A escolha de documentos deve privilegiar a aquisição de conhecimentos históricos. O seu uso não deve ser feito com o objetivo de iniciar o aluno nos métodos de trabalho do historiador ou de simplesmente atestar a veracidade da narrativa histórica do texto-base, mas sim desenvolver nele a capacidade de fazer análises críticas da sociedade, em uma perspectiva temporal.

Segundo Circe Bittencourt [11], entre outros usos em sala de aula, um documento pode servir para ilustrar uma situação, como reforço de aula, como fonte de informação de uma situação histórica ou como introdução a um tema estudado (como situação-problema).

Além de suportes para o trabalho didático do professor, os documentos históricos ajudam o aluno a observar, questionar e refletir, muitas vezes descobrindo, com isso, os conteúdos da História.

Os documentos servem de suporte para pesquisa e fonte de interpretação. Caso se pretenda, por exemplo, compreender as sociedades em seus vários aspectos, as informações devem ser procuradas em diversos tipos de documento, por exemplo, as vestimentas e outros objetos de uso cotidiano, as construções, os textos escritos, as obras de arte (como as imagens de época) ou o espaço de produção e circulação. Enfim, tudo o que é utilizado e elaborado por aquela sociedade pode ser analisado.

O documento não deve ser tratado como anunciador de uma verdade, mas como elemento a ser interpretado:

- O que ele transmite?
- Quem o produziu?
- Quando?
- Por que foi elaborado?

Assim, o documento fornece pistas das realidades e dos acontecimentos históricos, mas não fala por si só, precisando, portanto, da interpretação do historiador. Afinal, os documentos são produzidos em um passado dinâmico, em um contexto específico.

A utilização da imagem é um recurso didático indispensável para a aprendizagem de História, mas deve ser feita com cuidado. Uma imagem, seja pintura, fotografia, gravura ou outra forma de representação expressa a intenção dos autores e as convenções de determinada época. Uma obra (pintura, por exemplo), feita nos séculos XIX ou XX e que representa um acontecimento histórico do século XVI, não pode ser considerada um registro da época em questão. Porém, pode ser importante para saber como aquele acontecimento representado foi memorizado. O trabalho com imagens é detalhado no texto do item **Como trabalhar imagens em sala de aula**, na página XXV deste Manual.

Para resgatar diferentes aspectos da nossa cultura, de diferentes épocas, trabalhamos não só com textos atualizados, mas também com textos já conhecidos e considerados clássicos da nossa história e da nossa literatura.

Linha do tempo

Estimular o aluno a construir linhas do tempo significa introduzir a concepção de tempo histórico por meio do trabalho com as ideias de anterioridade e de posterioridade. Compreender processos históricos dessa maneira pode oferecer-lhe um estudo da História mais próximo da sua experiência e do seu mundo concreto.

Nos primeiros anos de estudo no Ensino Fundamental, deve-se partir das experiências do aluno e do meio em que vive, registrando na linha do tempo datas e acontecimentos mais significativos da sua vida e do seu grupo social, vinculando-os à noção de geração. Nos anos posteriores, trabalham-se as linhas do tempo do local ou do país. O tempo cronológico vai, assim, sendo apreendido progressivamente pelo aluno.

Ao construir a linha do tempo, o aluno aprende a situar cronologicamente os fatos históricos e a entender a sua evolução, desenvolvendo, nesse processo, as noções de passado, de geração, de século e, muitas vezes, das causas e consequências de acontecimentos ou situações.

A linha do tempo permite ao aluno apresentar de forma didática o conceito de tempo, que pode ser muito abstrato para crianças nessa faixa etária. No entanto, ela deve ser trabalhada com tudo aquilo que é anterior, concomitante e posterior aos fatos e datas nela representados. Explicar a simultaneidade dos fatos históricos faz o aluno entender que aqueles apresentados na linha do tempo não estão isolados, e sim integrados em um contexto histórico mais amplo.

A datação é importante para os historiadores localizarem e interpretarem os acontecimentos no tempo. Na escola o aluno deve aprender a datar e também a refletir e dar sentido às datas perfiladas. Assim poderá entender os acontecimentos históricos e visualizar períodos mais longos da História, tomando consciência da proporcionalidade das linhas do tempo para indicar a duração de um processo histórico.

[11] BITTENCOURT, Circe M. F. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

Interdisciplinaridade

Na interdisciplinaridade, duas ou mais disciplinas relacionam seus conteúdos para aprofundar o conhecimento do aluno. Dessa forma, é possível articular os conteúdos de Geografia, como localização e características naturais (relevo, clima, vegetação), com outras áreas, discutindo, por exemplo, a letra de uma canção que retrate o lugar estudado. Outras possibilidades são recorrer à interação com a disciplina de Ciências ou ainda com Língua Portuguesa, buscando compreender os significados de uma canção a partir da análise da letra.

Não podemos, no entanto, confundir interdisciplinaridade com multidisciplinaridade, a qual se dá quando um tema é abordado por diversas disciplinas, sem estabelecer necessariamente um diálogo entre elas.

A interdisciplinaridade como desenvolvimento de um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento já havia sido aconselhada pelos PCN como contribuição para o aprendizado do aluno. Na BNCC, ela é definida como necessária, embora não esteja no escopo do documento indicar a forma como a interdisciplinaridade deve ocorrer [12].

Ao oferecer um novo jeito de ensinar e aprender, a interdisciplinaridade auxilia na melhoria do processo de ensino-aprendizagem por meio de uma prática pedagógica mais integradora e de uma forma mais prática de construir o conhecimento. Ao relacionar conteúdos e conceitos de diferentes componentes curriculares, a interdisciplinaridade aproxima o aluno de sua realidade mais ampla.

O enfoque interdisciplinar é tido muitas vezes como um desafio porque o professor precisa ter uma atitude interdisciplinar, tornando-se um profissional com visão integrada da realidade, precisa tentar o novo no seu envolvimento com os projetos, deixando de lado velhos hábitos da prática pedagógica. A escola, por sua vez, deve ser uma instituição interdisciplinar.

> A escola, como lugar legítimo de aprendizagem, produção e reconstrução de conhecimento, cada vez mais precisará acompanhar as transformações da ciência contemporânea, adotar e simultaneamente apoiar as exigências interdisciplinares que hoje participam da construção de novos conhecimentos. A escola precisará acompanhar o ritmo das mudanças que se operam em todos os segmentos que compõem a sociedade. O mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado e complexo.
>
> [...]
>
> Não obstante as limitações da prática, a interdisciplinaridade está sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. A ação interdisciplinar é contrária a qualquer homogeneização e/ou enquadramento conceitual. Faz-se necessário o desmantelamento das fronteiras artificiais do conhecimento. Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável [...].
>
> THIESEN, Juares da Silva. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 39, set./dez. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782008000300010>. Acesso em: 23 out. 2017.

A realização de projetos é uma boa oportunidade para o desenvolvimento de atividades interdisciplinares, que permitem ao aluno perceber a relação dos conteúdos trabalhados com a sua realidade, uma vez que proporciona o aprofundamento do conhecimento sobre o tema tratado.

Para efetivar a interdisciplinaridade durante as aulas, pode-se recorrer a duas estratégias apresentadas na coleção: a utilização das situações-problema propostas nos **Projetos** e a realização das atividades propostas na

[12] Nos PCN, a interdisciplinaridade é tratada, principalmente, nos temas transversais: "Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. Por exemplo, a questão ambiental não é compreensível apenas a partir das contribuições da Geografia. Necessita de conhecimentos históricos, das Ciências Naturais, da Sociologia, da Demografia, da Economia, entre outros." (BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. p. 29. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017). Embora a BNCC não explicite como fazer a interdisciplinaridade, atribuindo essa responsabilidade aos formuladores de currículos, indica a importância de se "decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem." (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 16).

seção **Tecendo saberes**. Esta, por sua vez, é constituída por temas e atividades interdisciplinares que podem ser complementadas pelo professor, possibilitando a ampliação das disciplinas nelas envolvidas.

Sistematização do aprendizado

Com a finalidade de propiciar aos alunos um momento de sistematização dos conteúdos, a coleção propõe, ao final das unidades, a seção **O que estudamos**, que está dividida em cinco momentos: **Eu escrevo e aprendo**, que propõe ao aluno selecionar e escrever o que mais lhe chamou a atenção no capítulo; **Minha coleção de palavras de História**, que retoma as palavras trabalhadas nos capítulos; **Eu desenho e aprendo**, em que o aluno, por meio da linguagem gráfica, elabora um desenho apresentando o que entendeu sobre o conceito ou conteúdo tratado e o que ele mais gostou de aprender; e **Hora de organizar o que estudamos**, que traz um resumo geral do que foi estudado no capítulo.

As atividades **Eu escrevo e aprendo** e **Eu desenho e aprendo** consistem na seleção de frases ou de temas dos capítulos. O aluno é orientado a rever os conteúdos estudados e a escolher o que mais lhe chamou a atenção e foi significativo. Com isso, retomará os conteúdos trabalhados (conceituais, atitudinais, procedimentais), reforçando o processo de aprendizagem e permitindo ser avaliado.

A principal diferença entre esses dois encaminhamentos está na linguagem utilizada. Em **Eu escrevo e aprendo**, o foco é a linguagem escrita, enquanto em **Eu desenho e aprendo**, a linguagem gráfica. Nessa proposta, é possível obter dos alunos uma ressignificação de determinados conteúdos já trabalhados, concretizando a construção do saber histórico escolar. Essa proposta é uma oportunidade também para os professores ampliarem o processo de avaliação e acompanhamento do aprendizado de seus alunos, como explicado no item **O processo de avaliação** na página XIII deste Manual.

Ressaltamos que a seleção deve ser feita por eles, com autonomia e liberdade, sem que o professor interfira no processo de escolha e os direcione para as temáticas que acredita ser importantes. O aluno vai se tornando sujeito ativo de sua aprendizagem, que constitui um processo individual e diferenciado.

Da mesma forma, em **Hora de organizar o que estudamos**, o professor também poderá solicitar que os alunos façam uma breve síntese do que foi discutido durante as aulas, com o objetivo de resumir o que foi aprendido. Além disso, é possível criar estratégias de registro, que podem tanto ser coletivas (com o professor anotando na lousa as falas dos alunos) quanto individuais, caso em que cada aluno faz uma síntese em seu caderno e, depois, socializa com os colegas da turma.

O último momento convida o aluno a refletir e conversar sobre os conteúdos estudados ao longo da unidade. Este momento é ideal para sanar as possíveis dúvidas remanescentes dos alunos.

Representações cartográficas

Ao longo dos capítulos podem ser encontradas representações cartográficas (mapas do Brasil e de outras regiões do mundo). Essas representações auxiliam os alunos a reconhecer a espacialidade de determinados fenômenos, possibilitando a realização de uma atividade interdisciplinar com Geografia.

Propomos ao professor valer-se do recurso dos mapas para explorar ou ampliar o tema em questão, sempre respeitando as limitações pertinentes à faixa etária e procurando alcançar níveis gradativamente mais complexos em relação a essa linguagem, levando ao processo de alfabetização cartográfica.

Com essa opção metodológica e as estratégias descritas, esperamos não somente levar os alunos a assimilar conteúdos, mas também criar condições para que possam articular conhecimentos, habilidades e valores.

É nosso objetivo, portanto, contribuir para a formação de indivíduos capazes de utilizar as informações e participar da construção coletiva da sociedade, com consciência política, autocrítica e pensamento autônomo, como cidadãos que almejem transformar a realidade à sua volta, melhorar o convívio social e primar pela tolerância e liberdade. Afinal, acreditamos no ensino de História como possibilidade de reflexão e reconstrução.

Como trabalhar imagens em sala de aula

As imagens apresentadas em um livro didático de História não devem servir de simples ilustrações, nem de meio de priorizar e apreender a informação apresentada. Tampouco são um simples recurso para motivar uma aula de História.

O uso de imagens tem o objetivo de introduzir o aluno na atividade de observação, reflexão e análise crítica do processo histórico.

A leitura e a interpretação de imagens são uma estratégia muito rica que deve ser utilizada pelo professor em sala de aula, pois com esse recurso desenvolve-se no aluno a capacidade de interpretar acontecimentos passados usando documentos, bem como seu senso crítico.

É sabido que as imagens fornecem uma mensagem imediata; quando bem trabalhadas pelo professor, porém, elas também podem oferecer muitas outras informações e permitir construir conhecimentos sobre o que representam. É importante ensinar aos alunos a interpretar a imagem e procurar discutir aquilo que está sendo representado, indo além do imediatismo.

As imagens, desde as mais antigas às mais modernas, refletem o olhar do seu autor e não são mera reprodução do fato acontecido. Essa premissa deve nortear o professor de História ao trabalhar as imagens com seus alunos. Uma imagem deve sempre ser interpretada de acordo com as configurações sociais do tempo e do espaço em que foi realizada/produzida.

Uma imagem não pode ser usada como verdadeira fonte histórica documental caso tenha sido feita muito tempo – às vezes séculos – depois do fato histórico representado. Mesmo que seja contemporânea ao fato, ela pode expressar uma visão parcial e individual do acontecimento.

O artista pode produzir uma obra de forma muito romântica e suave, a fim de amenizar o fato ocorrido, ou, ao contrário, criar uma cena mais forte, com tintas muito mais escuras. Como exemplo, temos as clássicas cenas de Rugendas sobre a chegada de pessoas escravizadas ao Rio de Janeiro e sua comercialização. A forma apresentada pelo artista ameniza, de modo geral, a dura realidade desses escravizados na época.

O professor precisa discutir com seus alunos o significado da representação do fato criada pelo artista, porque essa representação estabelece versão hegemônica, criada, às vezes séculos depois, sobre esse fato.

Imagens antigas ou atuais (fotos, reproduções de pinturas, jornais, mapas, desenhos, documentos, quadrinhos, charges e outras) devem ser comparadas e exploradas em todas as suas potencialidades pelas atividades propostas.

A problematização passado-presente leva o aluno à percepção da construção do conhecimento histórico, possibilitando-lhe desenvolver um raciocínio autônomo e coerente com a sociedade em que vive.

Atividades com imagens também podem levar o aluno a iniciar o trabalho de pesquisa científica, oferecendo-lhe, muitas vezes, oportunidades para refletir, argumentar e analisar atividades que estimulem discussões e fomentem o interesse por novos temas, respeitando sempre as capacidades intelectuais da faixa etária a que o livro se destina.

Nem todos os temas são tratados com a mesma profundidade, levando-se novamente em consideração a faixa etária do aluno e os conteúdos da disciplina para cada ano escolar. Importante é que o aluno inicie seu contato com a metodologia de História e com a construção do conhecimento histórico.

As representações são percepções do social que, por sua vez, são construídas e de forma alguma constituem discursos neutros.

Ao trabalhar com imagens na sala de aula, é necessário levar em consideração as seguintes questões:

> [...] qual a natureza desse documento [visual]? Quem o produziu? Quando? Com que objetivo? Como chegou até nós? Qual a questão central dele? Que tipo de mensagem o autor quer transmitir? Que avaliação você faz dele? Em sua opinião, existe algo que esteja subentendido nele? Como ele nos permite conhecer o passado? É importante garantir que cada um exponha o valor da obra enquanto testemunho de uma época e também a própria impressão sobre ela.
>
> DIDONÊ, Débora; MENEZES, Débora. Visões do passado: a história do Brasil em telas e gravuras. *Nova Escola*, set. 2007. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2455/visoes-do-passado-a-historia-do-brasil-em-telas-e-gravuras>. Acesso em: 23 out. 2017.

Referências para aprofundamento do professor

Nesta seção, são apresentados textos de aprofundamento para subsidiar o trabalho em sala de aula.

A organização dos conteúdos

Existem duas proposições acerca das diversas formas de organizar os conteúdos que, apesar de pontos coincidentes, partem de suposições e referenciais diferentes. Assim, certas formas de organizar os conteúdos tomam como ponto de partida e referencial básico as disciplinas ou matérias; neste caso, os conteúdos podem ser classificados conforme sua natureza em multidisciplinares, interdisciplinares, pluridisciplinares, metadisciplinares, etc. Nestas propostas, as disciplinas justificam os conteúdos próprios de aprendizagem e, portanto, nunca perdem sua identidade como matéria diferenciada. As características de cada uma das modalidades organizativas estão determinadas pelo tipo de relações que se estabelecem

e o número de disciplinas que intervêm nestas relações, mas em nenhum caso a lógica interna de cada uma das disciplinas deixa de ser o referencial básico para a seleção e articulação dos conteúdos das diferentes unidades de intervenção. Deste modo, encontraremos organizações centradas numa disciplina apenas, forma tradicional de organização dos conteúdos, e outras que estabelecem relações entre duas ou mais disciplinas.

No outro lado está o modelo de organização de conteúdos que nos oferecem os métodos globalizados, os quais nunca tomam as disciplinas como ponto de partida. Nestes métodos, as unidades didáticas dificilmente são classificáveis se tomamos como critério o fato de que correspondam a uma disciplina ou matéria determinada. Os conteúdos das atividades das unidades didáticas passam de uma matéria para outra sem perder a continuidade: a uma atividade que aparentemente é de Matemática segue outra que diríamos que é de Ciências Naturais, e a seguir uma que poderíamos classificar como de Estudos Sociais ou de Educação Artística. A diferença básica entre os modelos organizativos disciplinares e os métodos globalizados está em que nestes últimos as disciplinas como tais nunca são a finalidade básica do ensino, senão que têm a função de proporcionar os meios ou instrumentos que devem favorecer a realização dos objetivos educacionais. Nestas propostas, o valor dos diferentes conteúdos disciplinares está condicionado sempre pelos objetivos que se pretendem. O alvo e o referencial organizador fundamental são o aluno e suas necessidades educativas. As disciplinas têm um valor subsidiário, a relevância dos conteúdos de aprendizagem está em função da potencialidade formativa e não apenas da importância disciplinar.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa:* como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 141-142.

A avaliação na educação escolar

A avaliação é [...] uma atividade que envolve legitimidade técnica e legitimidade política na sua realização.

Ou seja, quem avalia, o avaliador, seja ele o professor, o coordenador, o diretor, etc., deve realizar a tarefa com a legitimidade técnica que sua formação profissional lhe confere. Entretanto, o professor deve estabelecer e respeitar princípios e critérios refletidos coletivamente, referenciados no projeto político-pedagógico, na proposta curricular e em suas convicções acerca do papel social que desempenha na educação escolar. Este é o lado da legitimação política do processo de avaliação e que envolve também o coletivo da escola.

Se a escola é o lugar da construção da autonomia e da cidadania, a avaliação dos processos, sejam eles das aprendizagens, da dinâmica escolar ou da própria instituição, não deve ficar sob a responsabilidade apenas de um ou de outro profissional; é uma responsabilidade de tanto da coletividade, como de cada um, em particular.

O professor não deve se eximir de sua responsabilidade do ato de avaliar as aprendizagens de seus estudantes, assim como os demais profissionais devem também, em conjunto com os professores e os estudantes, participar das avaliações a serem realizadas acerca dos demais processos no interior da escola. Dessa forma, ressaltamos a importância do estímulo à autoavaliação, tanto do grupo, quanto do professor.

Entendendo a avaliação como algo inerente aos processos cotidianos e de aprendizagem, na qual todos os sujeitos desses processos estão envolvidos, pretendemos [...] levar à reflexão de que a avaliação na escola não pode ser compreendida como algo à parte, isolado, já que tem subjacente uma concepção de educação e uma estratégia pedagógica.

[...]

Até que ponto, nós, professores, refletimos sobre nossas ações cotidianas na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre a linguagem que utilizamos, sobre aquilo que prejulgamos ou outras situações do cotidiano? Muitas vezes, nosso discurso expressa aquilo que entendemos como adequado em educação e aquilo que almejamos. Isso tem seu mérito! Contudo, nossas práticas, imbuídas de concepções, representações e sentidos, ou seja, repletas de ações que fazem parte de nossa cultura, de nossas crenças, expressam um "certo modo" de ver o mundo. Esse "certo modo" de ver o mundo, que está imbricado na ação do professor, traz para nossas ações reflexos de nossa cultura e de nossas práticas

vividas, que ainda estão muito impregnadas pela lógica da classificação e da seleção, no que tange à avaliação escolar.

Um exemplo diz respeito ao uso das notas escolares que colocam os avaliados em uma situação classificatória. Nossa cultura meritocrática naturaliza o uso das notas a fim de classificar os melhores e os piores avaliados.

Em termos de educação escolar, os melhores seguirão em frente, os piores voltarão para o início da fila, refazendo todo o caminho percorrido ao longo de um período de estudos. Essa concepção é naturalmente incorporada em nossas práticas e nos esquecemos de pensar sobre o que, de fato, está oculto e encoberto por ela.

Em nossa sociedade, de modo geral, ainda é bastante comum as pessoas entenderem que não se pode avaliar sem que os estudantes recebam uma nota pela sua produção.

"Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo."

[...]

Avaliar, para o senso comum, aparece como sinônimo de medida, de atribuição de um valor em forma de nota ou conceito. Porém, nós, professores, temos o compromisso de ir além do senso comum e não confundir avaliar com medir.

Avaliar é um processo em que realizar provas e testes, atribuir notas ou conceitos é apenas parte do todo.

A avaliação é uma atividade orientada para o futuro. Avalia-se para tentar manter ou melhorar nossa atuação futura. Essa é a base da distinção entre medir e avaliar. Medir refere-se ao presente e ao passado e visa obter informações a respeito do progresso efetuado pelos estudantes. Avaliar refere-se à reflexão sobre as informações obtidas com vistas a planejar o futuro.

Portanto, **medir não é avaliar**, ainda que o medir faça parte do processo de avaliação.

Avaliar a aprendizagem do estudante não começa e muito menos termina quando atribuímos uma nota à aprendizagem.

[...]

A elaboração de um instrumento de avaliação ainda deverá levar em consideração alguns aspectos importantes:

a) a linguagem a ser utilizada: clara, esclarecedora, objetiva;
b) a contextualização daquilo que se investiga: em uma pergunta sem contexto podemos obter inúmeras respostas e, talvez, nenhuma relativa ao que, de fato, gostaríamos de verificar;
c) o conteúdo deve ser significativo, ou seja, deve ter significado para quem está sendo avaliado;
d) estar coerente com os propósitos do ensino;
e) explorar a capacidade de leitura e de escrita, bem como o raciocínio.

FERNANDES, Claudia de Oliveira; FREITAS, Luiz Carlos de. Currículo e avaliação. In: *Indagações sobre currículo*: currículo e avaliação. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Brasília, 2007. p. 17-29.

Interdisciplinaridade na formação de professores

O conceito de interdisciplinaridade como ensaiamos em todos os nossos escritos desde 1979 e agora aprofundamos encontra-se diretamente ligado ao conceito de disciplina, onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica das ciências [...]. Não se pode, de forma alguma, negar a evolução do conhecimento ignorando sua história.

Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na Educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é imperioso que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica, culturalmente contextualizados.

Caminhando nesse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer igualmente uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (Fazenda, 2003).

Interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica [...].

Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa; assim, os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências [...].

Na interdisciplinaridade escolar, as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favore-

cer sobretudo o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração.

Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade (Fazenda, 1979). Apesar dos conceitos serem indissociáveis, são distintos: uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo, da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre as pessoas. Com isso, retomamos novamente a necessidade de condições humanas diferenciadas no processo de interação que façam com que saberes de professores numa harmonia desejada integrem-se aos saberes dos alunos. Isso requer um outro tipo de profissional com novas características ainda sendo pesquisadas. [...]

A interdisciplinaridade na formação profissional requer competências relativas às formas de intervenção solicitadas e às condições que concorrerem ao seu melhor exercício. Neste caso, o desenvolvimento das competências necessárias requer a conjugação de diferentes saberes disciplinares. Entenda-se por saberes disciplinares: saberes da experiência, saberes técnicos e saberes teóricos interagindo dinamicamente [...].

A formação interdisciplinar de professores, na realidade, deveria ser vista de um ponto de vista circundisciplinar [...] onde a ciência da educação fundamentada num conjunto de princípios, de conceitos, de métodos e de fins converge para um plano metacientífico. Tratamos nesse caso do que poderíamos chamar interação envolvente sintetizante e dinâmica, reafirmando a necessidade de uma estrutura dialética, não linear e não hierarquizada, onde o ato profissional de diferentes saberes construídos pelos professores não se reduz apenas a saberes disciplinares.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na formação de professores. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Administração*, v. 1, n. 1, p. 24-32, maio 2009.

Copyright© IBICT/2007-2008 Brasília/DF
Brasil Todos os direitos reservados. © 2008 IBICT

Temas transversais

Os temas transversais dos [...] Parâmetros Curriculares incluem Ética, Meio ambiente, Saúde, Pluralidade cultural e Orientação sexual. Eles expressam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania [...].

Através da **Ética**, o aluno deverá entender o conceito de justiça baseado na equidade e sensibilizar-se pela necessidade de construção de uma sociedade justa, adotar atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças sociais, discutindo a moral vigente e tentando compreender os valores presentes na sociedade atual e em que medida eles devem ou podem ser mudados. Através do tema **Meio ambiente**, o aluno deverá compreender as noções básicas sobre o tema, perceber relações que condicionam a vida para posicionar-se de forma crítica diante do mundo, dominar métodos de manejo e conservação ambiental. A **Saúde** é um direito de todos. Por esse tema, o aluno compreenderá que saúde é produzida nas relações com o meio físico e social, identificando fatores de risco aos indivíduos [e adotando] hábitos de autocuidado. A **Pluralidade cultural** tratará da diversidade do patrimônio cultural brasileiro, reconhecendo a diversidade como um direito dos povos e dos indivíduos e repudiando toda forma de discriminação por raça, classe, crença religiosa e sexo. A **Orientação sexual**, numa perspectiva social, deverá ensinar o aluno a respeitar a diversidade de comportamento relativo à sexualidade, desde que seja garantida a integridade e a dignidade do ser humano [...].

Além desses temas, podem ser desenvolvidos os **temas locais**, que visam tratar de conhecimentos vinculados à realidade local. Eles devem ser recolhidos a partir do interesse específico de determinada realidade, podendo ser definidos no âmbito do Estado, cidade ou escola.

INSTITUTO Paulo Freire/Programa de Educação Continuada. *Intertransdisciplinaridade e transversalidade*. Disponível em: <www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm>. Acesso em: 23 out. 2017.

A transdisciplinaridade refere-se ao conhecimento próprio da disciplina, mas está para além dela. O conhecimento situa-se na disciplina, nas diferentes disciplinas e além delas, tanto no espaço quanto no tempo. Busca a unidade do conhecimento na relação entre a parte e o todo, entre o todo e a parte. Adota atitude de abertura sobre as culturas do presente e do passado, uma assimilação da cultura e da arte. O desenvolvimento da capacidade de articular diferentes referências de dimensões da pessoa humana, de seus direitos, e do mundo é fundamento básico da transdisciplinaridade. De acordo com Nicolescu [...], para os

adeptos da transdisciplinaridade, o pensamento clássico é o seu campo de aplicação, por isso é complementar à pesquisa pluri e interdisciplinar.

A interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos. Estes facilitam a organização coletiva e cooperativa do trabalho pedagógico, embora sejam ainda recursos que vêm sendo utilizados de modo restrito e, às vezes, equivocados. A interdisciplinaridade é, portanto, entendida aqui como abordagem teórico-metodológica em que a ênfase incide sobre o trabalho de integração das diferentes áreas do conhecimento, um real trabalho de cooperação e troca, aberto ao diálogo e ao planejamento (Nogueira, 2001, p. 27). Essa orientação deve ser enriquecida, por meio de proposta temática trabalhada transversalmente ou em redes de conhecimento e de aprendizagem, e se expressa por meio de uma atitude que pressupõe planejamento sistemático e integrado e disposição para o diálogo.

A transversalidade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. A transversalidade difere-se da interdisciplinaridade e complementam-se; ambas rejeitam a concepção de conhecimento que toma a realidade como algo estável, pronto e acabado. A primeira se refere à dimensão didático-pedagógica e a segunda, à abordagem epistemológica dos objetos de conhecimento. A transversalidade orienta para a necessidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). Dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, a transversalidade tem significado, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento dos conhecimentos escolares de forma integrada. Assim, nessa abordagem, a gestão do conhecimento parte do pressuposto de que os sujeitos são agentes da arte de problematizar e interrogar e buscam procedimentos interdisciplinares capazes de acender a chama do diálogo entre diferentes sujeitos, ciências, saberes e temas.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=13448&Itemid=>. Acesso em: 23 out. 2017.

O trabalho com a oralidade na escola

A coleção traz inúmeras atividades que trabalham a oralidade. Esse trabalho em sala de aula implica desenvolver a competência linguística. Fala e escrita são processos interdependentes, porém, a escola deve procurar não priorizar apenas a escrita. A escola auxilia o aluno a aprender a questionar, argumentar, explicar, problematizar, desenvolver ideias e, para isso, ele deve se sentir respeitado e seguro para se expressar, inclusive oralmente.

A participação nas interações sociais em sala de aula, por meio de questionamentos, debates, sugestões, apresentações de trabalhos e exposição de ideias, auxilia o aluno a valorizar a sua fala e a respeitar a voz do seu próximo.

Assim, são trabalhadas atividades como discutir um tema com os colegas, contar suas ideias à classe, elaborar regras de convivência para a rotina em sala de aula, falar de algo que conhece ou de que gosta, da família, de brincadeiras ou expressar-se oralmente de diferentes maneiras. Além dessas atividades sugeridas nos volumes, o professor pode, sempre que a ocasião for oportuna, elaborar com os alunos novas atividades que exercitem a oralidade. Para isso, poderão ser usados como objeto de questionamento algumas palavras, fotos, circunstâncias, sentimentos e outros.

Os textos a seguir servem de referência para o trabalho com a oralidade.

O tempo, a criança e o ensino de História

Ao relacionarmos teoria e prática, nesta pesquisa, buscamos estabelecer uma ponte para a compreensão de como se constrói a noção de tempo em crianças de sete a dez anos e, consequentemente, a noção de passado.

No que se refere à noção de passado, percebemos que a criança analisa os acontecimentos através de sua lógica operatória. Ela não é capaz de relacionar a duração de vida de seu pai, avô ou bisavô com a ideia de sucessão no tempo (não consegue

estabelecer uma relação causal entre estas sucessões). As crianças com sete anos concluem, com frequência, que seu bisavô estava vivo na época do descobrimento do Brasil porque ele é muito velho. Mesmo quando efetuam cálculos matemáticos, contradizem-se ao analisar esses resultados com relação ao tempo. Isso comprova a ideia de que o tempo histórico é uma construção causal e não meramente cronológica. Ou seja, o fato de a criança saber que seu avô ou bisavô tem 62 anos e também saber que o descobrimento do Brasil ocorreu há quinhentos anos não impossibilita a elaboração da seguinte conclusão: meu avô ou bisavô viveu no tempo do descobrimento porque ele é muito velho.

O desprezo pela interpretação cronológica como fundamental para a compreensão do tempo histórico aparece novamente nas respostas das crianças, quando explicam que o acontecimento com Tiradentes é posterior ao descobrimento. A maioria esmagadora das crianças de todas as idades pesquisadas analisa os acontecimentos através da causalidade histórica, explicando que, se Tiradentes lutou pela independência do Brasil, o Brasil já teria que ter sido descoberto.

Quando estabelece uma cadeia de sucessões para explicar por que conclui que sua família já existia no início do mundo, a busca de explicações causais aparece novamente em todas as respostas das crianças.

Ao justificarem a existência de Londrina na época de Tiradentes, as crianças argumentaram com explicações em que a diferença de época pudesse ser identificada. Londrina existia, mas era menor, era uma ilha cheia de animais, era velha. A inversão da temporalidade é uma característica própria do pensamento de crianças de sete anos. Explicam o presente através do passado, e não o contrário (a Londrina do presente é comparada com a Londrina do passado, quando era menor).

O mesmo raciocínio aparece nas respostas das crianças quanto à existência de relógios, livros, trens na época do descobrimento do Brasil. A maioria das crianças responde que existiam de forma diferente, caracterizando o aspecto de diferença temporal, mas existiam, reafirmando que o presente determina o passado (no presente podem ser identificados elementos cuja leitura possibilita entender o passado, depreender algumas de suas características). A criança não interpreta a história como uma série de acontecimentos sem nenhuma ligação; [...] essas conclusões nos levam a repensar a prática do ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Nos últimos anos, discutiu-se amplamente a respeito de transformar a História, de uma disciplina meramente expositiva, em que os acontecimentos são expostos de forma linear e o papel da criança é somente como sujeito assimilador, para uma história crítica, dinâmica, na qual exista espaço para as diferenças de interesses em que o sujeito se perceba como sujeito histórico e procure analisar o presente buscando respostas mais profundas no passado.

No entanto, através das respostas das crianças de sete a dez anos, percebemos que elas interpretam a História da maneira como nós, professores de História, gostaríamos que interpretassem: como lógica, buscando relações de causa e efeito entre os acontecimentos.

Podemos afirmar que as crianças possuem um saber, a respeito da História, coerente com seu nível de pensamento. Através desse saber, explicam o passado da forma como o compreendem. Quando na escola, muito cedo elas começam a perceber que existe um saber histórico escolar e aprendem esse saber.

Nas entrevistas, contam a história do descobrimento e de Tiradentes, mas, aparentemente, confundem nomes, datas ou dão explicações sem nenhuma lógica do ponto de vista do adulto. Um exemplo está na criança que nos explicou o Descobrimento do Brasil da seguinte forma:

"Existia, naquela época, muitos homens nativos. Eles foram para uma terra que não conheciam, porque o Brasil ainda não tinha sido descoberto. Mas outro homem, Pedro Álvares Cabral, descobriu a terra para eles e todos foram para lá, que era o Brasil. O tempo foi passando, passando, e os nativos viraram escravos e o Pedro Álvares Cabral não queria mais voltar para Portugal e então gritou: 'Independência ou Morte' e ficou no Brasil".

Fica claro, no relato acima, o exercício mental que a criança está fazendo para organizar tudo o que já ouviu ou estudou sobre a história do Brasil. Ela constrói um raciocínio lógico que, em qualquer prova tradicional, receberia nota zero.

No entanto, é nessa busca de lógica entre os acontecimentos históricos para dar conta da explicação da realidade que, em nossa interpretação, deveria consistir o trabalho de História nos primeiros anos do Ensino Fundamental. [...]

Paralelamente, é necessário que se proporcione, cada vez mais, aos alunos desses anos escolares, a oportunidade de ampliar seus conhecimentos a respeito da realidade que os cerca, não os limitando a bairros, cidades, estados ou países ou ao presente, passado ou futuro, pois, para a criança, o lugar e a cronologia não são o mais importante, mas importa mais a causalidade entre os acontecimentos, a cadeia que se estabelece entre os homens de diferentes tempos e diferentes lugares. Isso constrói a noção de tempo histórico e, consequentemente, da História.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de.
O tempo, a criança e o ensino de História.
In: ROSSI, Vera Lúcia Sabongi de; ZAMBONI, Ernesta (Org.).
Quanto tempo o tempo tem! Campinas: Alínea, 2005.

O passado que não está nos livros de História

O relato oral das experiências de vida de pessoas comuns mostra que não existem só as versões de reis, rainhas, políticos e heróis. A escola é um dos lugares mais propícios para dar voz a essas novas fontes.

Seu José Soares Pontes tem 77 anos e foi condutor de bondes em Santos, no litoral paulista, nas décadas de 1950 e 1960. Convidado pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Therezinha Pimentel, foi conversar com crianças que pesquisavam os primórdios do morro São Bento, onde vivem e por onde bondes circulavam antigamente. Apesar de contar com pouquíssimos dados escritos sobre o bairro, no encontro de gerações a turma descobriu que o morro tem uma história que pode ser contada por quem já viveu mais. E o simpático senhor se sentiu útil por saber que sua trajetória de vida é fonte de conhecimento para os mais novos.

Atividades semelhantes são realizadas por muitas escolas como forma de valorizar a terceira idade. Mas a oportunidade de contato com pessoas como seu José é muito mais rica. Ela possibilita a história oral, uma nova área de pesquisa que tem conquistado espaço. Esse campo surgiu da necessidade de buscar outras fontes de informação, além dos documentos escritos e oficiais.

[...] Novos enfoques e temáticas têm dado voz a grupos que, tradicionalmente, não têm oportunidade de expressar sua versão dos fatos. "É fundamental preservar a memória daqueles que não têm lugar nos manuais de história, salvaguardar os seus testemunhos e depoimentos", disse o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), que defendia, como ele próprio chamava, a "história dos vencidos". Ou dos excluídos, como seu José. Onde mais a experiência de vida do condutor de bondes poderia ser conhecida senão entre seus familiares e amigos? Relatada para mais de 80 crianças, ela agora está perpetuada no acervo da escola e na exposição de fotos e textos exibidos em painéis aberta aos moradores do bairro.

A veracidade das fontes orais

Informações históricas relativas a fatos como a chegada dos portugueses ao Brasil ou a abolição da escravatura são de fácil acesso em arquivos. Nesses locais, no entanto, só se encontram versões oficiais. "Existem muitas outras", afirma [Lourival dos] Santos, docente da USP. O que pensavam os índios e os escravos nesses momentos históricos?

São poucos os documentos que trazem a voz dos dois grupos. Considerar apenas arquivos escritos como comprovações fidedignas é desconsiderar, por exemplo, a memória de sociedades indígenas. Sem papéis, valem as lembranças dos mais velhos, transmitidas oralmente aos mais jovens como única forma possível de reconstrução do passado.

Há historiadores que não reconhecem os relatos orais como fontes históricas. Eles apontam que a memória falha e que o presente recria lembranças que transformam o passado. Eis uma boa discussão a ser lançada em sala de aula: seriam os documentos escritos mais confiáveis que a história oral? Para Fábio Bezerra de Brito, docente de História da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, ambos são subjetivos, pois foram ditos ou escritos por pessoas que são por natureza parciais. "Na história oral a subjetividade é mais explícita." O que as pessoas contam é apenas aquilo que elas acham merecedor de ser lembrado. E o que fica não é todo o passado. Mais que conferir a veracidade das informações, a criança precisa saber que nem tudo é conhecido e o que importa são as versões.

É importante que a turma compreenda que memória é cultura e também poder. Os arquivos oficiais contêm as versões que mais interessam às classes sociais que dominaram e dominam as sociedades. E os livros, consequentemente, só reservam espaço para essas interpretações.

Os livros, então, não são confiáveis? "Claro que não podemos ignorar as histórias estabelecidas. Seria cometer o mesmo erro. Mas devemos contrapô-las às outras que podem ser recolhidas pelos próprios estudantes", afirma Santos. Ótima chance de comparar informações e formular hipóteses. Seja na consulta a arquivos de relatos orais, que são poucos no Brasil, seja realizando entrevistas.

O bairro e a cidade, segundo os moradores

Foi difícil para a Escola Municipal Therezinha Pimentel, em Santos (SP), encontrar informações sobre o bairro onde está instalada. "Parecia que a história não tinha subido o morro", brinca a professora Marta Ramos Cabette. Mas um convite para que dona Maria Alexandre Fernandes visitasse a turma abriu a todos uma janela do passado. Avó de uma aluna, dona Maria, de 68 anos, é bordadeira desde os 7. "Aprendi o ofício com minha mãe, uma imigrante que trabalhava dia e noite para sustentar a casa." Além de descrever sua arte para a garotada, ela falou sobre a chegada e a vida dos portugueses que ocuparam o bairro no começo do século XX.

Assim como o condutor de bondes José, a bordadeira Maria também faz parte da história do morro São Bento. "A classe ficou muito curiosa para saber como eram e o que faziam as crianças daqui antigamente", conta a professora Marta. "Mas todos aprenderam mais do que os costumes de uma época. Descobriram que o bairro em que moram tem história, da qual eles participam", completa. Trabalhos como esse provocam os estudantes a refletir sobre o fato de fazerem parte da história de sua família, da escola e da comunidade em que vivem e, aos poucos, perceber sua inserção no país e no mundo.

Um dos objetivos mais relevantes do ensino de História é a constituição da noção de identidade. "Os livros da disciplina são escritos de forma impessoal. Não se reconhece a origem da fonte. É como se os fatos fossem contados por um deus, absoluto e inquestionável. Ao ouvir um relato ao vivo, a criança verifica que ela é contada por alguém real, que passou por aquilo. Por fim, se reconhece no mesmo contexto", afirma Maria Cecília Cortez de Souza, docente da Faculdade de Educação da USP e autora de livro sobre o assunto.

Ao possibilitar a construção da identidade de quem conta e de quem ouve, a história oral traz a comunidade para dentro da escola. E inclui na pauta de discussões os problemas locais. No caso do morro São Bento, as maiores dificuldades dizem respeito à carência de empregos, à ocupação desordenada do espaço e à pouca valorização do lugar por seus moradores. "Marta foi certeira ao identificar a necessidade que os moradores da vizinhança têm de reconhecer seu valor. A história oral é um dos caminhos possíveis para provocar uma transformação", afirma Zilda Kessel, museóloga e responsável pelo programa educativo do portal Museu da Pessoa, um espaço virtual que utiliza a internet como ferramenta. [...]

A entrevista como técnica de trabalho

Ao considerar como principal fonte de pesquisa as pessoas, verifica-se que a transmissão da história se dá na comunicação entre o entrevistado e a turma. Portanto, é possível aprimorar em classe o diálogo, a disposição de ouvir, a linguagem não verbal de gestos e posturas e a elaboração de perguntas conforme o universo do entrevistado e o objetivo do trabalho. "A dinâmica do diálogo é um dos aspectos mais apaixonantes do trabalho com as fontes orais. Ótima oportunidade para ensinar principalmente os adolescentes a ouvir e respeitar a diversidade", diz Zilda Kessel.

Um dos momentos mais importantes de uma atividade sobre história oral é a entrevista. Por isso, é preciso ter claro o objetivo da conversa e a temática do projeto. As perguntas devem ser preparadas com antecedência, assim como o ambiente, para que o entrevistado se sinta à vontade. "Os jovens devem ter claro que durante a entrevista estão à frente de pessoas, e não de fontes históricas", diz o professor Brito, da USP. "Caso contrário, a conversa perderá toda a espontaneidade." Observar os movimentos do corpo, as expressões faciais e o olhar é essencial. Esses elementos dão boas dicas sobre a personalidade do entrevistado e enriquecem seu perfil. O trabalho se tornará ainda mais rico se forem solicitados ao entrevistado alguns elementos que ajudem a contar o passado, como fotos e objetos de época.

A importância crescente das fontes orais é apenas o começo de muitas mudanças que estão por vir não só no campo da história. [...]

Da tradição oral para a multimídia

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. Hoje o ritmo acelerado do trabalho e a nova configuração da família permitem cada vez menos situações diretas de trocas pessoais. A história oral vem, de certa forma, preencher esse vazio. [...]

Hoje a gravação de imagens em vídeo, as fotografias e a internet mudaram radicalmente a relação com a informação. Na medida do possível, todos esses meios podem e devem ser utilizados pela escola na transmissão dos relatos.

É essencial que o material coletado pela escola ultrapasse o alcance dos alunos, pais, funcionários e professores e atinja a comunidade. "Sem registro e sem a divulgação dos relatos não há história. Há apenas entrevistas", afirma o professor Lourival dos Santos, da USP. Por isso, projetos dessa natureza devem resultar num produto final. Há vários meios de registrar os relatos colhidos: livro, CD, peça de teatro, *site* ou mesmo numa exposição. O material recolhido deve ser preservado em um espaço na biblioteca.

BENCINI, Roberta; GUIMARÃES, Arthur. O passado que não está nos livros de história. *Nova Escola*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2378/o-passado-que-nao-esta-nos-livros-de-historia>. Acesso em: 23 out. 2017.

Memória e memória coletiva

Neste texto, procurarei apontar alguns dos conceitos relativos à memória que considero fundamentais para o trabalho com a memória de alunos, professores e das comunidades escolares em que atuamos nos projetos de memória local.

[...] Este conceito vem se modificando e se adequando às funções, às utilizações sociais e à sua importância nas diferentes sociedades humanas. Em cada época procurou-se explicar a memória utilizando-se de metáforas compreensíveis, construídas em torno de conhecimentos que caracterizavam o momento histórico. [...]

[...] Como elaboração a partir de variadíssimos estímulos, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências/experiências ocorridas no passado.

[...] Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (1990) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele a memória aparentemente mais particular remete a um grupo. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições.

É no contexto destas relações que construímos as nossas lembranças. A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo, a que o autor denomina "comunidade afetiva". E dificilmente nos lembramos fora deste quadro de referências. Tanto nos processos de produção da memória como na rememoração, o outro tem um papel fundamental.

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. [...]

[...] As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirmam o caráter social da memória, é a linguagem. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi a linguagem é o instrumento socializador da memória pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

[...] Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constróem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas

nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Finalmente, é importante pontuar algumas características relativas a memória individual e coletiva e as suas articulações com a memória histórica, aquela que estamos habituados a encontrar nos livros didáticos e nos livros de História do Brasil, História Geral, entre outros. Durante muito tempo, os estudos de História privilegiaram os documentos escritos, os objetos, enfim, os vestígios que possibilitassem ao historiador realizar o seu trabalho: compreender e construir a história apoiando-se nos documentos que garantiriam a veracidade dos acontecimentos e processos ali registrados. Os temas tratados privilegiaram os grandes movimentos e a história dos grupos dominantes das diferentes sociedades. Foi a partir de meados do século XX que grupos de historiadores começaram a questionar estes procedimentos na medida em que eles baniam da História os grupos oprimidos, minoritários e os temas relativos ao cotidiano, às mentalidades e às experiências dos diferentes grupos. Nesta perspectiva seu foco voltou-se para a memória coletiva dos grupos acessível, sobretudo, pela utilização das metodologias alternativas ao trabalho estrito com documentos, como é o caso dos trabalhos apoiados na metodologia de história oral. Desta maneira emergiram as histórias de mulheres, negros, trabalhadores, enfim, a História, ao invés de se configurar numa grande narrativa comum a todos, passou a acolher e dar existência e visibilidade às várias narrativas.

Memória individual e coletiva se alimentam e têm pontos de contato com a memória histórica e, tal como ela, são socialmente negociadas. Guardam informações relevantes para os sujeitos e têm, por função primordial, garantir a coesão do grupo e o sentimento de pertinência entre seus membros. Abarcam períodos menores do que aqueles tratados pela história. Têm na oralidade o seu veículo privilegiado, porém não necessariamente exclusivo, de troca. Já a memória histórica tem no registro escrito um meio fundamental de preservação e comunicação. Memória individual, coletiva e histórica se interpenetram e se contaminam. Memórias individuais e coletivas vivem num permanente embate pela coexistência e também pelo status de se constituírem como memória histórica.

KESSEL, Zilda. Memória e memória coletiva. *Museu da pessoa*. Disponível em: <www.museudapessoa.net/public/editor/memória_e_memória_coletiva.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Patrimônios da História

Texto 1. Os inventários como instrumentos de preservação do patrimônio imaterial

[...] No caso brasileiro, a temática do patrimônio imaterial ganha nova força a partir da redemocratização do país, especialmente no processo de feitura da nova Constituição Federal [...]. Assim, a Carta Magna brasileira define:

Art. 216 – Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I. as formas de expressão;

II. os modos de criar, fazer e viver;

III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. [...]

No entanto, não bastava definir o patrimônio de forma mais ampla: era necessário também se propor medidas efetivas para a proteção desta dimensão [...].

CASTRIOTA, Leonardo Barci (Org.). *Mestres artífices* – Minas Gerais: cadernos de memória. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColCadMem_MestresArtificeis_MinasGerais_m.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.

Texto 2. Patrimônio imaterial

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. [...]

PATRIMÔNIO Imaterial. In: *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 23 out. 2017.

A coleção e a progressão didática estabelecida pela BNCC

As unidades e capítulos desse volume acompanham a progressão didática das unidades temáticas da BNCC, fornecendo uma base segura para os primeiros passos do aluno nos seus estudos de História.

O volume 1 trabalha com o mundo pessoal do aluno, fazendo-o refletir sobre seu crescimento, sua infância e os grupos sociais de que faz parte, como a família e o grupo escolar. Ele também aprofunda o tema das suas relações sociais, ajudando-o a perceber a diversidade contida nos grupos dos quais ele faz parte e a refletir sobre ela. Dessa maneira, o objetivo da progressão proposta para esse volume é de que, no fim do ano, ele possa identificar e reconhecer seu lugar no mundo e identificar a função social dos grupos que o compõe. O trabalho com as unidades temáticas continuará em todos os volumes da coleção.

O volume do 2º ano aprofunda a noção do "eu" e do "outro". Se no volume do 1º ano a relação do aluno com a sua historicidade e com as pessoas do seu entorno recebia destaque, dessa vez, as unidades e capítulos apoiam-se nas práticas e registros dos grupos sociais em que o aluno participa, analisando relatos de memória, os marcadores de tempo, as experiências que o aluno já possui dentro dos grupos sociais e como ele pode agir nas comunidades. Dessa forma, espera-se que ele desenvolva conceitos importantes como o de tempo histórico e trabalho.

O volume do 2º ano continua o trabalho de reconhecimento e identificação do volume anterior, ampliando a seleção de temas, objetos e documentos. Com isso, espera-se que o aluno compare a sua realidade com a de outros grupos e compreenda mudanças e permanências.

O volume do 3º ano da coleção conclui o trabalho sobre grupos e comunidades em que o aluno está inserido, mostrando como sua identificação com esses grupos ocorre por meio de relações históricas. Ele também perceberá que diferentes grupos sociais também fazem parte da cidade ou de uma região, compreendendo que essas comunidades registraram e ainda registram suas vivências e experiências, comparando com as maneiras de fazer e registrar atuais e valorizando os marcos de memória, a transmissão de saberes e os patrimônios. A progressão temporal e espacial do universo do aluno também está presente na discussão a respeito da noção de público e privado, e ao mapear os espaços em que vivemos e cada uma de suas funções.

Os 2 últimos volumes da coleção extrapolam os temas e objetos de conhecimento tratados até então para pensar na trajetória dos grupos humanos desde a Antiguidade partindo, por exemplo, da sedentarização do ser humano, as transformações pelas quais os grupos humanos passaram ao longo do tempo, a circulação de mercadorias e as migrações que se sucederam. Com o objetivo de construir conceitos históricos importantes que servirão de base para o estudo de História dos anos seguintes, a coleção trabalha de forma que os alunos alcancem as habilidades de identificar e relacionar povos e processos históricos do passado, analisando e discutindo as dinâmicas que contribuíram para a formação de diferentes culturas e contextos. Até o último volume dos anos iniciais, o 5º ano, serão tratados a formação e a organização dos diferentes povos, tanto do ponto de vista sociocultural quanto do ponto de vista político. Retomamos nesse volume a importância dos marcos de memória e a transmissão de saberes, trabalhando também os conceitos de mudanças e permanências com base em documentos históricos, entrelaçando todos os volumes, anos anteriores e posteriores em um movimento de complexidade cada vez mais amplo.

O sumário de todos os volumes da coleção reflete a preocupação com a progressão da aprendizagem dos alunos, buscando ser uma ferramenta de apoio para o professor em sala de aula. Espera-se, dessa forma, que os conteúdos mínimos estabelecidos pela BNCC se tornem efetivos.

Assim como está explicitado no texto da BNCC, a base não é currículo, sendo que "BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da educação básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação." (BNCC, 2018, p. 16).

O livro didático, na medida em que é uma ferramenta de aprendizado, é o ponto de encontro das diversas instâncias e agentes do processo educativo. Ele media a relação da Base, do Currículo, dos Projetos Político-Pedagógicos, do professor e dos alunos. Assim, da mesma forma que busca garantir a progressão didática, e o desenvolvimento de competências, objetos de conhecimento e habilidades, procura igualmente facilitar o aprendizado no contexto em que professores e alunos estão inseridos.

Na página a seguir apresentamos um quadro que demonstra como a BNCC está contemplada no volume do 3º ano. Ele está organizado de modo a explicitar em quais unidades e capítulos cada habilidade e seu respectivo objeto de conhecimento é trabalhado e conduzido.

Os objetos de conhecimento e as habilidades abordadas no volume do 3º ano

Objetos de conhecimento	Habilidades	Unidade	1		2		3		4	
		Capítulo	1	2	3	4	5	6	7	8
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	(EF03HI01) Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.		■	■	■	■				
	(EF03HI02) Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.		■	■						
	(EF03HI03) Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupo sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.		■		■	■		■		
Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive	(EF03HI04) Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.						■	■		
A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus etc.)	(EF03HI05) Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados.						■	■		
	(EF03HI06) Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.						■	■		
A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	(EF03HI07) Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.			■	■	■				
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	(EF03HI08) Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.		■	■	■	■	■	■	■	■
A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	(EF03HI09) Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores etc.) e identificar suas funções.								■	■
	(EF03HI10) Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.			■						
A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer	(EF03HI11) Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos.								■	■
	(EF03HI12) Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.								■	■

Bibliografia

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. *Ensino de História*: conceito, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ABUD, Katia Maria. A construção do conceito de tempo na escola fundamental. In: _____(Coord.). *A criança e o tempo*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1994.

_____. Um projeto de educação continuada para os professores de História. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). *Formação continuada de professores*: uma releitura das áreas de conteúdo. São Paulo: Pioneira/Thomson Learning, 2003.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História*: a arte de reinventar o passado. São Paulo: Edusc, 2007.

ANTUNES, Celso. *Abrindo as portas do futuro*: aprender a aprender, relacionar-se e trabalhar. Campinas: Papirus, 2006.

BARBERÀ, Elena. *O construtivismo na prática*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BEAUCHAMP, Jeanette et al. *Ensino Fundamental de nove anos*: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007.

BICUDO, Maria Aparecida. *Tempo, tempo vivido e história*. Bauru: Edusc, 2003.

BITTENCOURT, Circe. Em foco: História, produção e memória do livro didático. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, set./dez. 2004. v. 30, n. 3.

_____. *Ensino de História*: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. *Livros didáticos*: concepções e usos. Recife: Secretaria de Educação e Esportes de Pernambuco, 1997.

_____ (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOCCHINI, Maria Otilia. Legibilidade visual e projeto gráfico na avaliação de livros didáticos pelo PNLD. In: *Anais de Simpósio Internacional do Livro Didático*: Educação e História. São Paulo, 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

_____. *Estatuto da criança e do adolescente*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

_____. Ministério da Educação. *Caderno 9 - Ciências Humanas no Ciclo de Alfabetização*. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/materiais-listagem/item/64-caderno-9-ciencias-humanas no-ciclo-de-alfabetizacao>. Acesso em: 6 dez. 2017.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Elementos conceituais e metodológicos para a definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento*. Ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental. Brasília, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos*. Brasília, 2006.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Ensino Fundamental de nove anos*: orientações gerais. Brasília, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia do Livro Didático PNLD 2010*: História – Séries/Anos iniciais do Ensino Fundamental. Brasília, 2009.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 5.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:* temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 9-10.

_____. Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência. *Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência*: viver sem limite. Disponível em: <www.pessoa comdeficiencia.gov.br/app/viver-sem-limite>.

CABRINI, Conceição (Org.). *Ensino de História*: revisão urgente. São Paulo: Edusc, 2005.

CALDEIRA, Jorge. *Viagem pela história do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CAMPOS FILHO, Candido Malta. *Reinvente seu bairro*. São Paulo: Editora 34, 2003.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. *Circulação do livro didático*: entre práticas e prescrições. Políticas públicas, editoras, escolas e o professor na seleção do livro escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas; sobre o estado da Arte. *Educação e pesquisa*, São Paulo, USP/FE, v. 30, n. 3, set./dez. 2004.

COLL, César; MARTIN, Elena. *Aprender conteúdos & desenvolver capacidades*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____ et al. *O construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1996.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Direito dos índios*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DE GRAMMONT, Anna Maria de. *O que é patrimônio cultural?!* Ouro Preto: do Autor, 2014.

DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel:* a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ELIAS, Roberto João. *Comentário ao Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Saraiva, 2004.

FAZENDA, Ivani. *Dicionário em construção*: interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 2004.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.

FREIRE, Madalena. *A paixão de conhecer o mundo*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. *O livro didático em questão*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. O poder dos projetos. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____ et al. *Aprendendo com as inovações na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOFLING, Eloisa de Mattos. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. *Educação & sociedade*, Campinas, n. 70, abr. 2000.

KARNAL, Leandro (Org.). *História na sala de aula*: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, Carlos Frederico. *Sustentabilidade e educação*: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012.

MACEDO, Lino et al. *Aprender com jogos e situações-problema*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. *História oral*: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIRIEU, Philippe. *O cotidiano da escola e da sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MEKSENAS, Paulo. O uso do livro didático e a pedagogia da comunicação. In: PENTEADO, Heloísa (Org.). *Pedagogia da comunicação*: teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, v. 23, n. 45, jul. 2003.

MIRANDA, Sônia Regina. *Sob o signo da memória*. São Paulo: Ed. da Unesp; Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2006.

MONTEIRO, Ana Maria et al. *Ensino de História*: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2002.

MUNAKATA, Kazumi. *Produzindo livros didáticos e paradidáticos*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica/EHPS, São Paulo, 1997.

NIKITIUK, Sônia (Org.). *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996.

NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. v. 4.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Coord.). *História*: Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

_____; STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org.). *O livro didático de História*: políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: EDUFRN, 2007.

PAULA, Eunice Dias de et al. *História dos povos indígenas*: 500 anos de luta no Brasil. Petrópolis: Vozes/Cimi, 2001.

PERRENOUD, Philippe. *Avaliação*: da excelência à regulação das aprendizagens. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____ et al. *A escola de A a Z*: 26 maneiras de repensar a educação. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____; THURLER, Monica Gather. *As competências para ensinar no século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

POZO, Juan J. *A solução de problemas*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RATHS, Louis et al. *Ensinar a pensar*. São Paulo: EPU, 1977.

REY, Bernard. *As competências transversais em questão*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROJO, Roxane (Org.). *Alfabetização e letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

ROSSI, Vera Lúcia de; ZAMBONI, Ernesta (Org.). *Quanto tempo o tempo tem?* Campinas: Alínea, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. São Paulo: Scipione, 2004.

SILVA, Jeane. *A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SILVA, Marcos (Org.). *Repensando a História*. Rio de Janeiro: Anpuh/Marco Zero, 1984.

SOARES, Magda. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SPOSITO, Maria Encarnação (Org.). *Livros didáticos de História e Geografia*: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

VIEIRA, Maria do P. de Araújo et al. *A pesquisa em História*. São Paulo: Ática, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa*: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ZAMBONI, Ernesta. O ensino da História e a construção da identidade. *Revista História*. São Paulo: Secretaria do Estado da Educação de São Paulo, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1993. (Série Argumento.)

_____; CAMARGO, Dulce. *A criança, novos tempos, novos espaços*: a História e a Geografia na escola. Brasília, MEC/Inep, 1998. v. 7, n. 37.

_____ et al. (Org.). *Memórias e histórias da escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

_____ (Org.). *Memória, história oral e razão histórica*. Itajaí: Maria do Cais, 2006.

ZENAIDE, Maria de Fátima Tavares (Org.). *Ética e cidadania nas escolas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

Orientações específicas

Elementos do Manual do Professor página a página

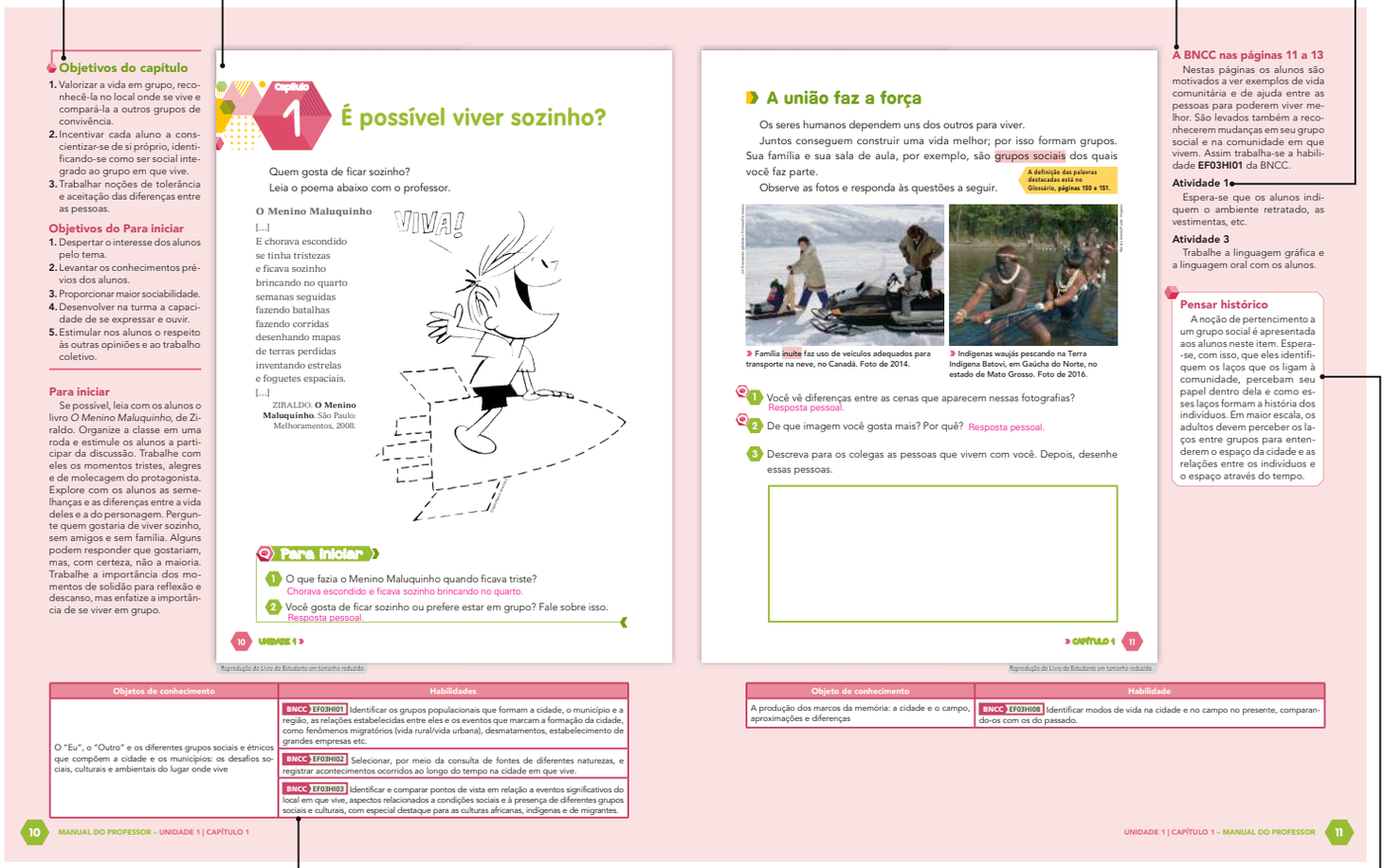
Além das Orientações gerais, o Manual do Professor traz outros recursos que auxiliam o professor a planejar aulas, atividades e mostram como os alunos poderão atingir os objetivos do ensino de História estabelecidos pela BNCC.

Objetivos da unidade e do capítulo
Estabelece metas de aprendizado, mostrando o que se espera dos alunos após o estudo do capítulo ou da unidade.

Livro do Estudante reduzido
As orientações específicas do volume são apresentadas junto da reprodução reduzida do Livro do Estudante, facilitando a consulta durante as aulas.

Atividade
Comentário para ampliar as atividades propostas no Livro do Estudante.

A BNCC na página
Relaciona os temas trabalhados nas páginas à BNCC, com o objetivo de ajudar a desenvolver, nos alunos, as habilidades exigidas por esse documento.



Objetivos do capítulo
1. Valorizar a vida em grupo, reconhecê-la no local onde se vive e compará-la a outros grupos de convivência.
2. Incentivar cada aluno a conscientizar-se de si próprio, identificando-se como ser social integrado ao grupo em que vive.
3. Trabalhar noções de tolerância e aceitação das diferenças entre as pessoas.

Objetivos do Para iniciar
1. Despertar o interesse dos alunos pelo tema.
2. Levantar os conhecimentos prévios dos alunos.
3. Proporcionar maior sociabilidade.
4. Desenvolver na turma a capacidade de se expressar e ouvir.
5. Estimular nos alunos o respeito às outras opiniões e ao trabalho coletivo.

Para iniciar
Se possível, leia com os alunos o livro *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo. Organize a classe em uma roda e estimule os alunos a participar da discussão. Trabalhe com eles os momentos tristes, alegres e de molecagem do protagonista. Explore com os alunos as semelhanças e as diferenças entre a vida deles e a do personagem. Pergunte quem gostaria de viver sozinho, sem amigos e sem família. Alguns podem responder que gostariam, mas, com certeza, não a maioria. Trabalhe a importância dos momentos de solidão para reflexão e descanso, mas enfatize a importância de se viver em grupo.

Capítulo 1 — É possível viver sozinho?

Quem gosta de ficar sozinho?
Leia o poema abaixo com o professor.

O Menino Maluquinho
[...]
E chorava escondido
se tinha tristezas
e ficava sozinho
brincando no quarto
semanas seguidas
fazendo batalhas
fazendo corridas
desenhando mapas
de terras perdidas
inventando estrelas
e foguetes espaciais.
[...]
ZIRALDO. **O Menino Maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

VIVA!

Para iniciar
1. O que fazia o Menino Maluquinho quando ficava triste?
Chorava escondido e ficava sozinho brincando no quarto.
2. Você gosta de ficar sozinho ou prefere estar em grupo? Fale sobre isso.
Resposta pessoal.

10 UNIDADE 1 »

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A união faz a força

Os seres humanos dependem uns dos outros para viver.
Juntos conseguem construir uma vida melhor; por isso formam grupos. Sua família e sua sala de aula, por exemplo, são grupos sociais dos quais você faz parte.
Observe as fotos e responda às questões a seguir.

A definição das palavras destacadas está no Glossário, páginas 150 e 151.

Família inuíte faz uso de veículos adequados para transporte na neve, no Canadá. Foto de 2014.

Indígenas waujás pescando na Terra Indígena Batovi, em Gaúcha do Norte, no estado de Mato Grosso. Foto de 2016.

1. Você vê diferenças entre as cenas que aparecem nessas fotografias?
Resposta pessoal.
2. De que imagem você gosta mais? Por quê? Resposta pessoal.
3. Descreva para os colegas as pessoas que vivem com você. Depois, desenhe essas pessoas.

» CAPÍTULO 1 11

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 11 a 13
Nestas páginas os alunos são motivados a ver exemplos de vida comunitária e de ajuda entre as pessoas para poderem viver melhor. São levados também a reconhecerem mudanças em seu grupo social e na comunidade em que vivem. Assim trabalha-se a habilidade **EF03HI01** da BNCC.

Atividade 1
Espera-se que os alunos indiquem o ambiente retratado, as vestimentas, etc.

Atividade 3
Trabalhe a linguagem gráfica e a linguagem oral com os alunos.

Pensar histórico
A noção de pertencimento a um grupo social é apresentada aos alunos neste item. Espera-se, com isso, que eles identifiquem os laços que os ligam à comunidade, percebam seu papel dentro dela e como esses laços formam a história dos indivíduos. Em maior escala, os adultos devem perceber os laços entre grupos para entenderem o espaço da cidade e as relações entre os indivíduos e o espaço através do tempo.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
	BNCC EF03HI02 Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade em que vive.
	BNCC EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

Objeto de conhecimento	Habilidade
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

10 MANUAL DO PROFESSOR – UNIDADE 1 | CAPÍTULO 1

UNIDADE 1 | CAPÍTULO 1 – MANUAL DO PROFESSOR 11

Quadro BNCC
Mostra quais são os objetos de conhecimento e as habilidades da versão final da BNCC tratados em cada capítulo.

Pensar histórico
Destaca a importância dos temas tratados em uma página ou em um conjunto delas para a formação do pensamento histórico do aluno.

Outros recursos

Orientações didáticas
Comentários que trazem informações adicionais sobre os conteúdos das páginas do Livro do Estudante, além de advertências para temas delicados.

Textos e atividades complementares
Seleção de textos relevantes para aprofundar o tema tratado. Há também atividades complementares que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Indicações de leitura para o professor
Títulos ligados aos temas propostos para consulta.

História

Ápis

3º ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: História

Anna Maria Charlier

Bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP)

Bacharel e licenciada em Geografia pela USP

Ex-professora, diretora e supervisora do Ensino Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

Maria Elena Simielli

Bacharel e licenciada em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP)

Professora doutora em Geografia e professora livre-docente do Departamento de Geografia – Pós-graduação, USP

Ex-professora dos Ensinos Fundamental e Médio na rede pública e em escolas particulares do estado de São Paulo

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

editora ática

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

editora ática

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Wagner Nicaretta (ger.) e Brunna Paulussi (coord.)
Edição: Carlos Eduardo Ogawa, Aline dos Reis Neves, Luciana Martinez e Tatiana F. Souza
Assistência editorial: Mariana Renó Faria
Colaboração: Juliana Prado
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Gabriela M. de Andrade, Larissa Vazquez, Patrícia Cordeiro e Raquel Taveira
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Eber Alexandre de Souza (edição de arte), Jacqueline Ortolan, Josiane Batista, Karen Midori Fukunaga, Lívia Vitta Ribeiro, Meyre Diniz e Rodrigo Bastos Marchini (edit. arte)
Iconografia: Sílvio Kligin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Daniela Ribeiro (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Luciana Sposito (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Bentinho, Ilustra Cartoon, Rodval Matias e Vanessa Alexandre
Cartografia: Eric Fuzii (coord.) e Robson Rosendo da Rocha (edit. arte)
Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 3ª andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

```
Charlier, Anna Maria
   Ápis história, 3º ano : ensino fundamental,
anos iniciais / Anna Maria Charlier, Maria Elena
Simielli. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

   Suplementado pelo manual do professor.
   Bibliografia.
   ISBN 978-85-08-18803-1 (aluno)
   ISBN 978-85-08-18804-8 (professor)

   1. História (Ensino fundamental) I. Simielli,
Maria Elena. II. Título.

17-11263                                CDD-372.89
```

Índices para catálogo sistemático:

1. História : Ensino fundamental 372.89

2017
Código da obra CL 713448
CAE 624241 (AL) / 624242 (PR)
2ª edição
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

APRESENTAÇÃO

Caro aluno,

Com este livro queremos lhe propor uma maneira prazerosa de aprender história.

O presente traz marcas do passado, assim como o futuro terá marcas do presente. Por isso, é importante estudar o passado para compreender o mundo em que vivemos. Como você vai perceber, a história é viva.

Este livro vai despertar seu interesse pela história. Você vai viajar no tempo por meio de textos e de imagens, localizando e relacionando fatos em diferentes momentos históricos. Assim, você vai construir a sua própria história utilizando experiências do seu dia a dia e comparando-as com experiências vividas por outras pessoas em diferentes espaços e tempos.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

Desenvolver o pensamento histórico para compreender e construir a história é um grande passo para você se tornar um cidadão participante do lugar onde vive e das transformações da sua comunidade.

Você aceita esse desafio?

As autoras

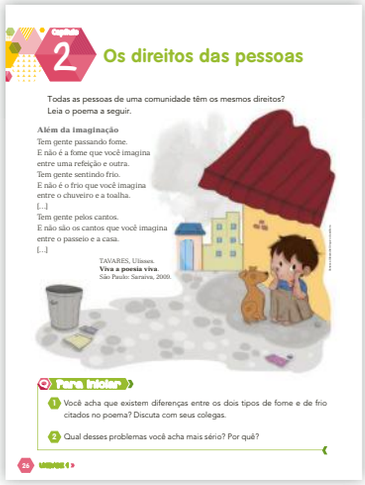
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

CONHEÇA SEU LIVRO

Este livro contém quatro unidades. Cada unidade tem dois capítulos.

Abertura de unidade

No início de cada unidade apresentamos uma ilustração e algumas questões para despertar o seu interesse pelo tema que será estudado.



Abertura de capítulo

Por meio de imagens e textos lúdicos e das atividades orais do **Para iniciar**, você vai dialogar com a sua turma sobre os assuntos que serão abordados no capítulo.

Minha coleção de palavras de História

Ao longo dos capítulos e ao final de cada unidade, você vai resolver atividades que exploram o contexto e o sentido de algumas palavras importantes para a disciplina.

Pesquise

Aprenda a pesquisar, interpretar informações e ampliar o seu conhecimento.

Desafio

Faça descobertas e comparações em grupo ou individualmente.

Assim também aprendo

Uma maneira lúdica e divertida de aprender.

Saiba mais

Textos, imagens e atividades para você ampliar seus conhecimentos e aguçar a sua curiosidade.

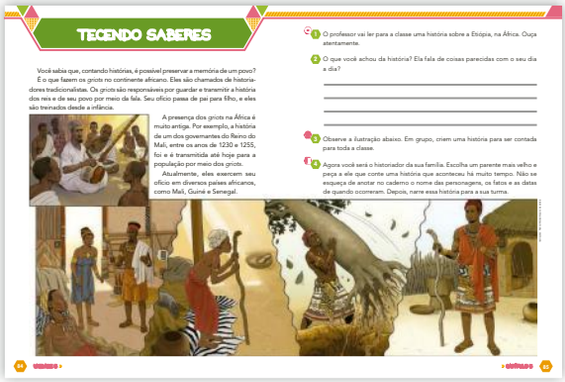
Glossário

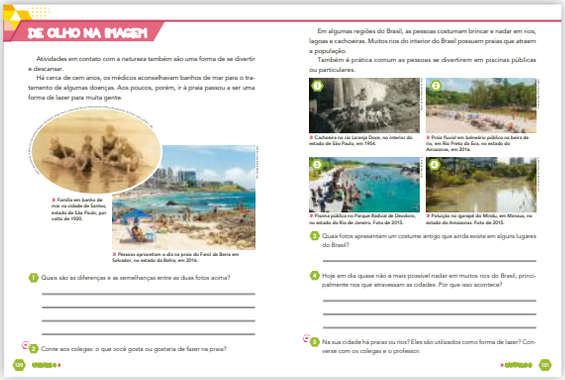
Aprenda o significado de termos e palavras importantes para o estudo de História.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Tecendo saberes

Você vai perceber que os assuntos abordados no capítulo também podem ser estudados com a ajuda de outras disciplinas.



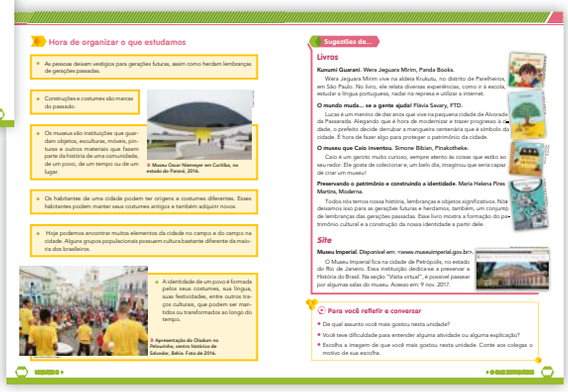


De olho na imagem

Você sabe que as imagens também são fontes históricas? Aprenda História por meio da leitura de imagens.

O que estudamos

É o encerramento da sua unidade de estudo. Nela você vai trabalhar a escrita, o desenho, o resumo dos temas estudados, além de ver sugestões de livros, filmes, músicas ou *sites* de pesquisa.



Projetos

No final do volume, há duas propostas para você trabalhar em equipe, investigar e pesquisar.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

SUMÁRIO

Unidade 1 Viver em grupo 8

Capítulo 1
É possível viver sozinho? 10

A união faz a força 11

Diferentes, porém iguais na vida comunitária 17

Manifestações culturais nas comunidades 22

Capítulo 2
Os direitos das pessoas 26

Direitos iguais para todos 27

Os problemas da cidade 33

Tecendo saberes 38

O que estudamos 40

Unidade 2 As comunidades fazem História 44

Capítulo 3
Os primeiros moradores do Brasil 46

As comunidades indígenas 47

O respeito às comunidades indígenas 54

De olho na imagem 56

As ameaças às Terras Indígenas 58

Capítulo 4
A herança africana 60

A diversidade do continente africano 61

Os reinos africanos do passado 64

As comunidades afro-brasileiras 68

Tecendo saberes 70

O que estudamos 72

Bentinho/Arquivo da editora

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Unidade 3 A cidade em que se vive.....76

Capítulo 5
Conservar a memória cultural 78
- Os lugares de memória 79
- Tecendo saberes 84
- Memória e museus 87

Capítulo 6
A formação cultural 92
- As comunidades da cidade e a memória 93
- Os diferentes modos de vida 98

O que estudamos 104

Unidade 4 Trabalhar e viver.....108

Capítulo 7
O trabalho através do tempo 110
- O uso da tecnologia no trabalho 111
  - O comércio 118
- Os espaços de circulação na cidade 121
- Tecendo saberes 126

Capítulo 8
A vida não é só trabalho... 128
- Formas de lazer 129
- De olho na imagem 130
- Do circo à internet 136

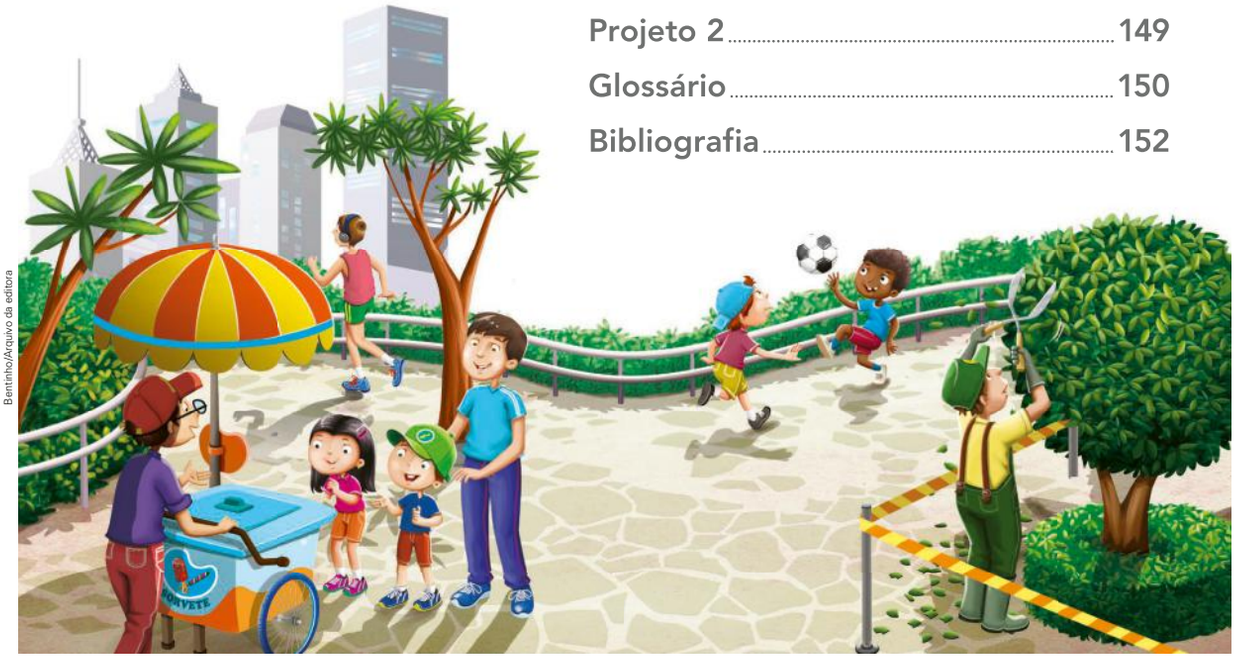
O que estudamos 144

Projeto 1 148

Projeto 2 149

Glossário 150

Bibliografia 152



Bentinho/Arquivo da editora

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetivos desta unidade

1. Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que este estabelece com outros grupos em tempos e espaços diferentes, dentro da cidade ou comunidade em que se vive.
2. Desenvolver a observação e a capacidade de questionamento por meio da descoberta do "eu" e do "outro".
3. Reconhecer os direitos das pessoas e os desafios da cidade ou comunidade em que se vive.

Este volume trata das pessoas e dos grupos que compõem o município, bem como dos espaços em que se vive e trabalha, sendo eles públicos ou privados. A abordagem está fundamentada no reconhecimento do "eu", do "outro" e dos diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade, valorizando a noção de tempo histórico e a relação entre passado e presente. Assim, constituem nosso foco, como objetos de conhecimento, a noção de lugar onde se vive, seja ele urbano, seja rural, as dinâmicas em torno da cidade e também os desafios sociais, culturais e ambientais, os patrimônios históricos e culturais, os marcos de memória e o trabalho.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Você conhece muitas pessoas que não são da sua família? Conte sobre algumas delas. Resposta pessoal.
- Os seres humanos são diferentes, mas possuem muitos direitos e deveres iguais. Vamos ver quais são?

9

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para a abertura de unidade

Nesta unidade trabalha-se a vida em grupo e a importância da união, da solidariedade e do respeito para uma boa convivência e uma boa vida em comum. A ilustração exemplifica esse tema ao retratar o trabalho comunitário e a ajuda mútua, valorizando a participação de cada um. Para isso é importante também que as diferenças entre pessoas e entre grupos sociais sejam respeitadas e vistas como elementos enriquecedores da cultura de uma comunidade. São abordadas nessa unidade várias manifestações culturais, de diferentes grupos na vida comunitária.

A ilustração mostra crianças participando de trabalho em grupo para exemplificar que, desde cedo, elas podem exercitar a cidadania, aprendendo a ser atuantes em seus grupos sociais. As questões levam os alunos a pensar sobre esse tema e a reconhecer que se relacionam com pessoas além de seu grupo familiar, ampliando a noção de seu círculo social.

Objetivos do capítulo

1. Valorizar a vida em grupo, reconhecê-la no local onde se vive e compará-la a outros grupos de convivência.
2. Incentivar cada aluno a conscientizar-se de si próprio, identificando-se como ser social integrado ao grupo em que vive.
3. Trabalhar noções de tolerância e aceitação das diferenças entre as pessoas.

Objetivos do Para iniciar

1. Despertar o interesse dos alunos pelo tema.
2. Levantar os conhecimentos prévios dos alunos.
3. Proporcionar maior sociabilidade.
4. Desenvolver na turma a capacidade de se expressar e ouvir.
5. Estimular nos alunos o respeito às outras opiniões e ao trabalho coletivo.

Para iniciar

Se possível, leia com os alunos o livro *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo. Organize a classe em uma roda e estimule os alunos a participar da discussão. Trabalhe com eles os momentos tristes, alegres e de molecagem do protagonista. Explore com os alunos as semelhanças e as diferenças entre a vida deles e a do personagem. Pergunte quem gostaria de viver sozinho, sem amigos e sem família. Alguns podem responder que gostariam, mas, com certeza, não a maioria. Trabalhe a importância dos momentos de solidão para reflexão e descanso, mas enfatize a importância de se viver em grupo.

Capítulo 1

É possível viver sozinho?

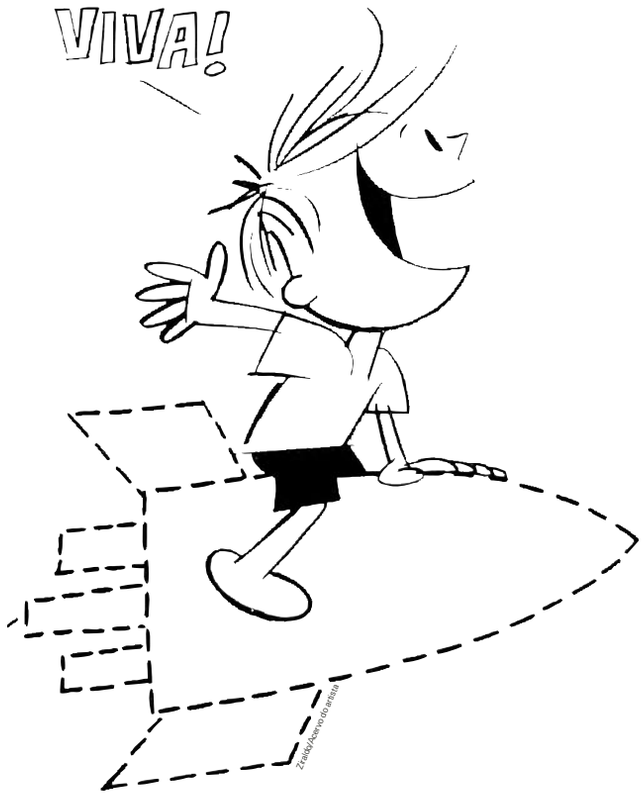
Quem gosta de ficar sozinho?

Leia o poema abaixo com o professor.

O Menino Maluquinho

[...]
E chorava escondido
se tinha tristezas
e ficava sozinho
brincando no quarto
semanas seguidas
fazendo batalhas
fazendo corridas
desenhando mapas
de terras perdidas
inventando estrelas
e foguetes espaciais.
[...]

ZIRALDO. **O Menino Maluquinho**. São Paulo: Melhoramentos, 2008.



Ziraldo/Acervo do artista

Para iniciar

1. O que fazia o Menino Maluquinho quando ficava triste?
   Chorava escondido e ficava sozinho brincando no quarto.
2. Você gosta de ficar sozinho ou prefere estar em grupo? Fale sobre isso.
   Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
	BNCC EF03HI02 Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade em que vive.
	BNCC EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

A união faz a força

Os seres humanos dependem uns dos outros para viver.

Juntos conseguem construir uma vida melhor; por isso formam grupos. Sua família e sua sala de aula, por exemplo, são grupos sociais dos quais você faz parte.

Observe as fotos e responda às questões a seguir.

A definição das palavras destacadas está no Glossário, **páginas 150 e 151.**

Jim Brandenburg/Minden Pictures/Fotoarena

Família inuíte faz uso de veículos adequados para transporte na neve, no Canadá. Foto de 2014.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígenas waujás pescando na Terra Indígena Batovi, em Gaúcha do Norte, no estado de Mato Grosso. Foto de 2016.

1 Você vê diferenças entre as cenas que aparecem nessas fotografias?
Resposta pessoal.

2 De que imagem você gosta mais? Por quê? Resposta pessoal.

3 Descreva para os colegas as pessoas que vivem com você. Depois, desenhe essas pessoas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 11 a 13

Nestas páginas os alunos são motivados a ver exemplos de vida comunitária e de ajuda entre as pessoas para poderem viver melhor. São levados também a reconhecerem mudanças em seu grupo social e na comunidade em que vivem. Assim trabalha-se a habilidade **EF03HI01** da BNCC.

Atividade 1

Espera-se que os alunos indiquem o ambiente retratado, as vestimentas, etc.

Atividade 3

Trabalhe a linguagem gráfica e a linguagem oral com os alunos.

Pensar histórico

A noção de pertencimento a um grupo social é apresentada aos alunos neste item. Espera-se, com isso, que eles identifiquem os laços que os ligam à comunidade, percebam seu papel dentro dela e como esses laços formam a história dos indivíduos. Em maior escala, os adultos devem perceber os laços entre grupos para entenderem o espaço da cidade e as relações entre os indivíduos e o espaço através do tempo.

Objeto de conhecimento	Habilidade
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

Atividades 1 e 2

Explique a importância de prestar serviços à comunidade, dos mais simples aos mais complexos e independentemente de posição social e cargo político.

Minha coleção de palavras de História

Aqui se iniciam as atividades com as palavras da **Minha coleção de palavras de História**. Em cada capítulo há uma atividade com uma dessas palavras, totalizando duas por unidade. No final desta unidade, em **O que estudamos**, as duas palavras serão retomadas.

Neste contexto, o termo "comunidade" implica uma rede de relações sociais e culturais mais complexas que as de grupo social. Esse termo é usado aqui para que os alunos compreendam que o grupo em que vivem está inserido em algo mais amplo no espaço. É importante que eles compreendam o termo "comunidade" como um espaço de convivência que abriga diversas manifestações culturais e relações sociais e que reflitam sobre a convivência no grupo social, na comunidade em que vivem.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

As pessoas geralmente moram com a família, mas as que vivem sozinhas também têm amigos para conversar, sair, divertir-se e ajudá-las quando é preciso.

Você, sua família, seus amigos, seus vizinhos e as pessoas da rua e do bairro onde você mora também formam um grupo social, vivendo em uma **comunidade**. A comunidade também pode ser formada pelas pessoas de um bairro, de uma cidade, de uma aldeia indígena, de um conjunto de casas no campo ou até de uma região ou regiões de um país.

Gerson Sobreira/Terrastock

Mutirão para construção de casa em Caturama, no estado da Bahia. Foto de 2014.

Atualmente, a maior parte da população brasileira mora em cidades – grandes, pequenas, próximas ou distantes de áreas rurais. Em uma cidade pode haver vários grupos sociais. Para que haja uma boa convivência na cidade, é importante seguir certas regras e ajudar uns aos outros.

mutirão: trabalho feito em grupo, gratuitamente, para ajudar um membro do lugar onde se vive.

1 O que as pessoas da imagem estão fazendo? Troque ideias com seus colegas.
As pessoas estão construindo uma casa.

2 O que aconteceria se elas não trabalhassem juntas?
A construção da casa levaria muito mais tempo.

Minha coleção de palavras de História

Neste capítulo há uma palavra muito importante para o estudo de História:

COMUNIDADE

1 Procure neste capítulo uma frase com a palavra **comunidade**. Discuta-a com seus colegas. Exemplo de resposta: "A comunidade também pode ser formada pelas pessoas de um bairro, de uma cidade, de uma aldeia indígena, de um conjunto de casas no campo [...]" (p. 12.)

2 Escreva uma frase com a palavra **comunidade**.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Converse com os alunos sobre as atitudes colaborativas que existem na nossa sociedade. Escreva na lousa ou em um painel as vantagens e desvantagens de viver em grupo levantadas pelos alunos e comente-as com a classe.

Para aprofundar o estudo da vida em grupo, faça um trabalho conjunto com Ciências. Leia o texto a seguir com os alunos. Depois, faça as atividades sugeridas.

Como é a vida dentro de um formigueiro?

As formigas vivem em colônias muito bem organizadas onde cada indivíduo tem uma função específica. Para manter tudo em ordem, elas trabalham incessantemente. "A qualquer momento do dia ou da noite, cerca de 30% a 40% das formigas estão em atividade. O restante permanece em repouso aparente, mas, se for necessário, entra imediatamente em ação", afirma o biólogo Odair Correa Bueno, do Centro de Estudos de Insetos Sociais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Rio Claro (SP). Entre as espécies conhecidas, as saúvas (gênero Atta) e as quenquéns (gênero Acromyrmex) formam as sociedades mais

Os grupos sociais aos quais pertencemos não são permanentes. Muitas mudanças podem ocorrer com o passar do tempo. Na sua família, por exemplo, pode nascer um irmão ou um dos avós passar a morar na sua casa. Na escola, sempre há um novo colega ou alguém que se muda para outra escola. O mesmo acontece na cidade onde vivemos.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

1 Houve mudanças no seu grupo social nos últimos tempos?

Resposta pessoal.

2 E na sua cidade, ocorrem mudanças? Quais?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

evoluídas. A população de seus formigueiros é dividida em castas, organizadas em torno de uma rainha, que passa a vida colocando ovos que darão origem aos seus "súditos".

VASCONCELOS, Yuri. Como é a vida dentro de um formigueiro? *Mundo estranho*. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/como-e-a-vida-dentro-de-um-formigueiro/>. Acesso em: 14 nov. 2017.

Escreva na lousa as vantagens e desvantagens de viver em grupo levantadas pelos alunos e comente-as com a classe.

Agora, troque ideias com a classe:

a) O que é melhor: viver só ou em grupo?

b) Na sua casa as tarefas são distribuídas ou uma só pessoa faz todo o trabalho doméstico?

c) Como é mais fácil viver: em cooperação, como as formigas, ou de modo independente, cada um tratando de obter os próprios meios para viver?

d) Por que as formigas não vivem isoladamente?

e) O que você acha de viver em grupo? Por quê?

Atividade 1

Explore com os alunos mudanças e permanências na família ou na classe escolar, que são as primeiras experiências de relações sociais e, portanto, as mais concretas para eles. Isso facilita o processo de compreensão do porquê das transformações.

Atividade 2

Nesta atividade, os alunos são estimulados a perceber dois níveis de convivência social: o do grupo social, mais restrito, e o da cidade e do município, mais amplos. Promova um passeio pelo bairro da escola para que eles possam verificar o que existe no entorno. Durante o passeio, converse com moradores e comerciantes para colher informações sobre o bairro. Procure elencar, com os alunos, aspectos positivos e negativos encontrados. É importante estimulá-los a observar as recentes construções e as reformas, a abertura ou o calçamento de ruas, a construção de imóveis residenciais e comerciais, a chegada de novos vizinhos, etc.

A BNCC nas páginas 14 a 17

Estas páginas abordam a participação de diferentes grupos sociais para a cultura de uma cidade. São explorados exemplos e depoimentos sobre mudanças e benfeitorias ocorridas na cidade, feitas pelos grupos que nela habitam. Assim levamos os alunos a reconhecer aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais na cidade, conscientizando-os da importância do respeito mútuo para a boa convivência. Trabalho que visa alcançar as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI02** e **EF03HI03** da BNCC.

Orientações didáticas

Dorival Caymmi, compositor brasileiro, criou a canção "Peguei um ita no Norte" em 1945, na qual relata a viagem do Nordeste e do Norte para o Sudeste e o Sul por meio da navegação costeira ou "navegação de cabotagem". Nos itas havia acomodações para pobres e ricos, que viajavam de primeira, segunda ou terceira classe. Explore com os alunos a origem de muitas pessoas do bairro da Maré, descrita no texto desta página, assim como o tipo de viagem que elas realizavam. Se preferir, mostre aos alunos a canção "Peguei um ita no Norte", que já foi gravada por Dorival Caymmi, Gal Costa e Nana Caymmi, entre outros.

Atividade 3

Converse com os alunos sobre a importância social e cultural do museu. Enfatize o seu papel de elemento agregador da população do bairro, oferecendo-lhe novas perspectivas de ação comunitária e empoderamento dos moradores ao planejá-lo e executá-lo.

Nas cidades deve sempre haver o sentimento de solidariedade e de respeito pela vida em grupo. Veja este exemplo.

A Comunidade da Maré, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, criou um museu que preserva a memória e afirma a identidade de seus moradores, tomando e guardando os seus depoimentos orais. Parte do acervo do museu foi doada pela comunidade.

Muitos dos moradores do bairro da Maré são migrantes que vieram do Nordeste e de outros estados do Sudeste, como Minas Gerais.

1 Leia o texto abaixo, extraído do *site* do Museu da Maré. Depois, responda às perguntas.

Muitos chegaram no **pau de arara**
Outros vieram numa terceira do **Ita**

Rodoviária, lugar do desembarque de quem ainda chega
Lugar de um novo começo

Ingá de Bacamarte, Codó, Sapé
Campina Grande, Serra Branca, Ipu
Cachoeira Alegre, São Fidelis, Ubá...
Tantas cidades e pessoas...
Saudades, expectativas, esperanças, memórias
Diferentes tempos que aqui se encontram.

Tempo da migração. **Exposição Os 12 tempos – Museu da Maré**. Disponível em: <www.museudamare.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=56&Itemid=69>. Acesso em: 15 jun. 2017.

pau de arara: caminhões que transportam pessoas onde não existem ônibus disponíveis. Hoje esse tipo de transporte é proibido por lei.

ita: tipo de embarcação que fazia a navegação costeira, ligando as áreas do litoral, do norte ao sul do Brasil. O ita servia para transportar mercadorias e pessoas.

a) Como os moradores do bairro da Maré chegavam antigamente à cidade do Rio de Janeiro? Chegavam de ita ou de pau de arara.

b) E hoje, como eles continuam a chegar? Hoje chegam via rodovia (veja no texto citação à rodoviária).

2 Em grupo e sob a orientação do professor, procurem na internet: em quais estados do Brasil ficam as cidades citadas no texto? Respondam no caderno.
As cidades de origem das pessoas que hoje habitam o bairro da Maré estão localizadas no Nordeste (Paraíba, Maranhão) e no Sudeste (Minas Gerais e Rio de Janeiro).

3 Navegue pela página do Museu da Maré na internet e depois discuta com seus colegas: quais são as principais atividades desse museu?
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Em bairros mais afastados do centro da cidade do Rio de Janeiro, conhecidos popularmente como "subúrbio", os moradores criam alternativas aos meios de comunicação tradicionais e resolvem seus problemas por conta própria.

Carlos Osório/Agência Bicuda

Pessoas visitam a Pedra da Bicuda, no Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. Foto de 2012.

Um exemplo é a rádio Bicuda FM, que existe oficialmente desde 2008 e foi criada pela ONG Bicuda Ecológica, no bairro de Vaz Lobo. O nome tem origem na Pedra da Bicuda, famosa na região norte do Rio de Janeiro por ser um ponto de prática de esportes.

Os objetivos da rádio comunitária são promover a educação ambiental na região e abrir espaço para a comunicação e a expressão cultural nos bairros do subúrbio.

Alguns moradores participam ativamente da rádio, com programas próprios. A rádio comunitária é um importante canal de comunicação para os moradores, pois aborda assuntos que nem sempre são tratados por outros veículos de comunicação.

1 Qual é a importância da rádio Bicuda FM para os moradores do subúrbio do Rio de Janeiro?

A rádio Bicuda FM é importante para os moradores do subúrbio comunicarem ideias e tratarem de assuntos que não são abordados em outros veículos de comunicação.

2 Você conhece alguma organização de moradores parecida no seu bairro ou cidade?

Resposta pessoal.

3 Quais problemas no seu bairro ou região você e seus colegas de escola poderiam se organizar para resolver? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 3

Organize um debate em conjunto com os alunos, inicialmente levantando um problema que eles possam resolver: uma árvore que precise de rega, uma família que necessite de ajuda, um aluno que precise de apoio. Depois peça a eles que levantem ideias de como poderiam se organizar para resolvê-lo. Essa atividade pode ser até desenvolvida com mais tempo, durante o ano letivo, se for o caso.

Orientações didáticas

Explique aos alunos que Brasília foi inaugurada em 1960, mas a construção dela havia começado alguns anos antes.

Leia com os alunos o trecho ao lado. Nesta atividade, o aluno será estimulado a refletir sobre mudanças e permanências nas cidades ao longo do tempo e como isso afeta a maneira de as pessoas se relacionarem entre si e com o ambiente onde vivem. Será necessário um exercício coletivo de interpretação.

Os grupos sociais deixam suas marcas nas cidades, que crescem e se modificam com o tempo. Dentro das cidades, a vida comunitária continua sendo formada pelo dia a dia das pessoas que nela vivem e trabalham.

Brasília, a capital do Brasil, foi fundada em 1960, mas para ser construída recebeu muitos migrantes, vindos de todas as partes do país. Esse migrantes criaram ali uma nova vida comunitária.

Leia o texto a seguir sobre bancas de jornal na cidade de Brasília.

Nossa história nas banquinhas de jornal

Quantas histórias habitam uma banquinha de jornal… [...]

Na banca, trocamos figurinhas em todos os sentidos. Sempre rola um papo sobre política, futebol, o calor do dia, o preço da gasolina… Rola piada, desabafo, fofoca.

[...]

As banquinhas de jornal sobrevivem com dificuldade. Tentam se reinventar, oferecer novos produtos, atrativos e serviços. Mas muitas não estão resistindo. [...]

[...] referência na cidade, que resiste graças ao idealismo e amor da dona, a jornalista Conceição Freitas, é a banca da 308 Sul. [...] Lá, ocorrem os deliciosos sábados temáticos, com lançamentos de livros, cafezinho, rodas de conversa fiada, criativa, intelectual, cultural, enfim, para todos os gostos.

[...]

Essas iniciativas deveriam receber mais apoios e incentivos, pois têm como produto mais precioso a preservação da nossa memória e a síntese da vida de quadra, da vida comunitária, de vizinhança. O que torna a cidade viva e interligada.

Que as banquinhas da cidade consigam se manter, mais do que pontos comerciais, como locais de experiência de vida real. [...] Quando uma banquinha fecha, um pedacinho da cidade morre junto.

SALLUM, Samanta. Nossa história nas banquinhas de jornal. In: **Olhar Brasília**. Disponível em: <www.olharbrasilia.com/2017/09/19/nossa-historia-nas-banquinhas-de-jornal/>. Acesso em: 3 out. 2017.

Fátima Meira/Futura Press

A 104 Sul é outra banca localizada na cidade de Brasília. Foto de 2017.

1 Converse com seus colegas: por que lugares como as bancas de jornal são importantes para a vida comunitária de uma cidade como Brasília?

Espera-se que os alunos entendam que lugares como bancas de jornal são importantes para a vida comunitária.

2 Na sua cidade há lugares como esses, onde as pessoas podem se encontrar e conversar? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

As mudanças na forma como são realizadas as festas de uma cidade também mostram as transformações dos costumes e hábitos da sua população.

O depoimento a seguir conta como era uma festa na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX.

Nasci no Brás, rua Carlos Garcia, 26, no dia 30 de novembro de 1906. Meus pais vieram da Itália: meu pai era toscano e minha mãe era veneta. Meu pai era alfaiate e minha mãe costureira.

Havia, no Brás, uma festa de rua, a de São Vito Mártir. Iluminavam a rua do Gasômetro, a Santa Rosa, a Assunção, imediações da igreja. Armavam palanques para um concurso de bandas que vinham do interior [...] Os fogos de artifício eram uma coisa extraordinária. No fim da festa tinha um bombardeio que estremecia todas as vidraças do centro da cidade [...]

Comia-se *ghimirella*, carne de carneiro tostada e *pizza* bem mais gostosa que a de hoje. [...]

A imagem de São Vito ficava na igreja na rua do Lucas, que ainda hoje existe. Depois a imagem dava a volta no bairro, carregada por oito pessoas. [...]

Diferentes, porém iguais na vida comunitária

As pessoas de uma comunidade podem ser diferentes no tipo de cabelo, na cor da pele, na altura e em muitas outras características.

Elas nem sempre têm as mesmas opiniões, religião, comportamento ou maneira de ser.

Mesmo quando são muito diferentes entre si, as pessoas podem fazer parte da mesma comunidade ou grupo social e devem ser aceitas como elas são.

Leia o texto a seguir.

Diferente de ser igual

Pronto: ser diferente — que mistério é esse, ser diferente? Todo mundo é? Ou todo mundo é igual?

Tem gente que é igualzinha: os gêmeos univitelinos. Mas não inteirinha igual.

E tem gente parecida. Sempre tem alguém que diz que conhece uma pessoa muito parecida comigo.

Então tem os parecidos. E tem então os diferentes.

Mas os diferentes sempre têm seus parecidos, e então não são diferentes. São parecidos com os diferentes.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

1 Forme dupla com um colega e responda às seguintes perguntas:

a) Em que vocês se assemelham?

Resposta pessoal. O aluno pode responder, por exemplo, que eles têm a mesma idade, que são estudantes, que compartilham determinado interesse.

b) Em que vocês são diferentes?

Resposta pessoal. O aluno pode responder, por exemplo, que há entre eles diferenças de religião, de gostos pessoais ou de características físicas.

2 Converse com os seus colegas: a qual comunidade vocês todos pertencem?

À comunidade escolar.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Hoje ainda festejam São Vito, em ponto pequeno, com umas barraquinhas perto da igreja.

Depoimento do Sr. Amadeu. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 125-126.

Converse com os alunos sobre o texto. Em seguida, em duplas, os alunos devem redigir um pequeno texto sobre uma festa em sua cidade. Quando é realizada? Onde é realizada? Por que é realizada? Como ela é realizada? Quem a realiza?

Orientações didáticas

Explique aos alunos que gêmeos univitelinos são gerados do mesmo óvulo fecundado e, fisicamente, são quase idênticos.

Atividade 1

Explore o jogo de palavras do texto. Abordamos aqui o tema **Pluralidade**, o qual julgamos muito importante para a formação dos alunos como futuros cidadãos. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

Atividade 2

Conscientize os alunos, por meio da discussão em classe, de que os modos de viver e de pensar diferem de uma pessoa para outra dentro de uma comunidade, de uma comunidade a outra, de um país para outro. Entretanto, isso não impede que todos sejam iguais nos direitos e deveres. Leve-os a perceber que muitas diferenças se devem a fatores genéticos, fatores geográficos (como o clima, por exemplo) e culturais (observe que as festas populares não são as mesmas). Mostre por meio de exemplos que as diferenças constituem um enriquecimento cultural para todos (na alimentação, no vocabulário – palavras novas –, na música, etc.).

Pensar histórico

É importante trabalhar com os alunos a ideia de que a vida em comunidade implica em respeitar os que são diferentes de nós. O trabalho com a ideia de valorização dos mais diversos modos de vida permeia toda a coleção, assim como a noção de que essa diversidade deve ser compreendida e respeitada. Ao defender a diversidade, é possível mostrar que os preconceitos são relações de poder construídas ao longo do tempo.

A BNCC nas páginas 18 e 19

As contribuições de diferentes grupos de imigrantes e seus descendentes para um país são trabalhadas nestas páginas, levando o aluno a reconhecer o papel de diferentes povos para o enriquecimento material, social e cultural de um grupo social, contribuindo para desenvolver as habilidades **EF03HI01** e **EF03HI03**.

Orientações didáticas

Lugar, aqui, é o espaço mais próximo do aluno; espaço onde se vive e onde se interage. Sempre que puder, conscientize os alunos de que o respeito à opinião e ao modo de vida dos outros, bem como a tolerância, são elementos indispensáveis para a vida em grupo.

Trabalhe a questão do respeito à diversidade cultural segundo o princípio: "Trate as pessoas da mesma forma que você gostaria de ser tratado", explorando as implicações desse princípio na vida cotidiana dos alunos.

As diferenças são percebidas quando pessoas com outros costumes e histórias de vida convivem. Em um mesmo lugar é comum haver pessoas que falam línguas diferentes e têm alimentação e costumes que não são os mesmos das outras. Às vezes, elas ou seus antepassados vieram de outras regiões ou outros países, ou ainda podem ser descendentes de povos indígenas.

Os estrangeiros que moram no Brasil trazem consigo características e hábitos de seu país de origem e podem repassar muitos deles para seus descendentes. Mas, como todos os outros brasileiros, fazem parte da comunidade que escolheram viver no Brasil.

Ricardo Silva/Futura Press

1 A imigração alemã para o Brasil iniciou-se há cerca de 200 anos. Na foto, descendentes de alemães participam de festa tradicional da comunidade, em Blumenau, estado de Santa Catarina, em 2015.

Cris Faga/NurPhoto via Getty Images

2 Uma das maiores comunidades de estrangeiros na cidade de São Paulo é a dos imigrantes bolivianos, que ao mesmo tempo mantém sua cultura e procura se integrar à vida comunitária da cidade. Na foto, comemoração do aniversário da independência da Bolívia, em São Paulo, estado de São Paulo, em 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A BNCC – Disciplina História afirma que:

Convém destacar as temáticas voltadas para a diversidade cultural [...]. Ressalta-se, também, na formação da sociedade brasileira, a presença de diferentes povos e culturas, suas contradições sociais e culturais e suas articulações com outros povos e sociedades.

[...]

5. Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 401 e 402.

Texto complementar

Devido à necessidade de os cidadãos aprenderem a reconhecer e a respeitar a diversidade social, cultural e étnica do Brasil, é necessário que os professores do Ensino Fundamental trabalhem com seus alunos o tema da Pluralidade Cultural, indicado pelos PCN como um tema transversal, e pela BNCC como um dos temas contemporâneos.

1 Converse com seus colegas:

a) Onde você mora há pessoas ou grupos que vieram de outro país?

Resposta pessoal.

b) Por que a língua falada é importante para uma comunidade?

Resposta pessoal.

2 Observe as imagens 1 e 2 da página anterior e responda às perguntas a seguir.

a) De onde vieram as pessoas ou os antepassados das pessoas que aparecem em cada foto?

As pessoas da imagem 1 nasceram provavelmente no Brasil, pois a imigração alemã ocorreu há quase dois séculos; as pessoas da imagem 2 provavelmente nasceram na Bolívia, pois a imigração boliviana começou a ocorrer a partir da década de 1980. Os mais jovens podem ter nascido no Brasil.

b) Na imagem 1, o que você vê de diferente em relação ao que você está acostumado? Observe tanto as atitudes como os objetos.

Resposta pessoal. Exemplos: apresentação musical, vestimentas e construções.

c) A comunidade em que você vive também faz comemorações como as da imagem 2? Caso faça, cite-as.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Se houver a disponibilidade, mostre aos alunos a seguinte reportagem sobre a imigração boliviana no Brasil: <www.youtube.com/watch?v=7vb__JtrKI8>. Acesso em: 10 out. 2017.

Aproveite para destacar que, embora preservem hábitos e costumes de seus antepassados, os descendentes de imigrantes são cidadãos brasileiros, com os mesmos direitos e deveres, que partilham seus hábitos e costumes com brasileiros de todo o país.

Atividade 2

c) Estimule os alunos a conversar sobre o tema e, se for necessário, lembre-os das festividades religiosas, políticas, ligadas à ancestralidade, entre outras, que possam existir na região em que os alunos moram.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual afirmam que:

O tema Pluralidade Cultural propõe que sejam revistas e transformadas práticas arraigadas, inaceitáveis e inconstitucionais, enquanto se ampliam conhecimentos acerca das gentes do Brasil, suas histórias, trajetórias em território nacional, valores e vidas. [...]

Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que lhe poderiam ser prejudiciais. [...]

Ao mostrar as diversas formas de organização social desenvolvidas por diferentes comunidades étnicas e diferentes grupos sociais, explicita que a pluralidade é fator de fortalecimento da democracia pelo adensamento do tecido social que se dá, pelo fortalecimento das culturas e pelo entrelaçamento das diversas formas de organização social de diferentes grupos.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais* – Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Brasília: MEC, 1997. p. 39. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 25 out. 2017.

A BNCC nas páginas 20 e 21

Os alunos são incentivados a reconhecerem e a valorizarem a cultura dos diferentes povos indígenas brasileiros, identificando a sua presença no passado e no presente da sociedade brasileira, reconhecendo também os seus direitos como povos nativos e a sua influência e colaboração para a formação cultural do povo brasileiro. Estas páginas trabalham as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03** e **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

Quanto ao número de línguas indígenas, veja mais informações em: <www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/ibge-detalha-dados-sobre-povos-indigenas>.

Você pode encontrar mais informações sobre línguas em risco de extinção no *link*: <www.ebc.com.br/cidadania/2016/04/de-1500-linguas-indigenas-no-descobrimento-restaram-181-todas-ameacadas-aponta>. Acesso em: 5 dez. 2017.

Caso considere oportuno, comente com os alunos que os seguintes municípios já reconheceram idiomas indígenas como oficiais: São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas (línguas nheengatu, tukano e baniwa); Tacaru, em Mato Grosso do Sul (língua guarani); e Tocantínia, em Tocantins (língua akwê xerente).

Atividade 2

Explique aos alunos que a preservação da língua é importante para a preservação da cultura e da identidade dos povos indígenas.

A língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil, mas existem cerca de 274 diferentes línguas faladas nas comunidades indígenas. Algumas delas já se tornaram idiomas oficiais em municípios do Brasil.

Grande parte dos grupos indígenas mantém a sua língua, mas também procura aprender a língua portuguesa para se integrar com os não indígenas.

O texto abaixo apresenta uma maneira de preservar as línguas indígenas.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Jovem indígena registra, com o celular, os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas, em Palmas, no estado do Tocantins. Foto de 2015.

Aplicativo para celular ajuda a preservar línguas indígenas

No meio da floresta amazônica brasileira, telefones celulares estão sendo usados para coletar histórias da literatura oral. O objetivo da expedição é preservar o patrimônio linguístico de comunidades indígenas que correm o risco de desaparecer sem deixar qualquer vestígio.

A ideia é simples. [...] um *software* de fácil manejo [...] que permite aos falantes gravar e traduzir sua língua. [...]

Após gravar as histórias antigas e tradicionais, o aplicativo compartilha o conteúdo com os outros telefones da rede. Com o áudio disponível em todos os celulares, ele poderá então ser adaptado para o português por qualquer pessoa conectada à rede. A tradução é feita frase por frase. No final do processo, um CD será gravado com a história e a tradução. [...]

Projeto usa *smartphone* para preservar línguas indígenas na Amazônia. **Portal Terra**. Disponível em: <www.terra.com.br/noticias/educacao/projeto-usa-smartphone-para-preservar-linguas-indigenas-na-amazonia,56f265993090e310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>. Acesso em: 13 out. 2017.

1 Como esse aplicativo para celular pode ajudar a preservar as línguas indígenas?

Com a gravação de registros falados de cada língua, que poderão ser traduzidos por pessoas que também falam o português.

2 Em sua opinião, é importante preservar as línguas indígenas? Por quê?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Desenvolva o assunto contando à classe um pouco mais sobre as línguas dos povos indígenas. Para sua referência, veja o texto a seguir, de autoria do escritor indígena Daniel Munduruku. Note que o número de línguas indígenas indicado por ele é diferente do levantamento feito pelo IBGE.

Língua dos povos indígenas

Por muito tempo, pensou-se que todos os povos indígenas falavam a mesma língua. [...] Foi assim porque os portugueses, ao desembarcarem em nossa terra, em 1500, encontraram o povo Tupinambá, hoje tentando permanecer vivo no Ceará e na Bahia. Esse povo era muito numeroso e ocupava praticamente todo o litoral brasileiro.

O tupi foi tão importante e tão usado que, até uns duzentos anos atrás, era a língua mais falada em nosso país. Nos dias de hoje nós só não falamos

Saiba mais

A reportagem abaixo fala sobre os impactos das mudanças climáticas nas comunidades indígenas.

Mudanças climáticas comprometem o modo de vida de povos indígenas

Os pássaros não sobrevoam mais a floresta, os peixes já não sobem porque o rio não enche, o fogo se alastra muito rápido pela mata, a mandioca morre por falta de chuva, as árvores que dão material para a construção de casas e para o artesanato não têm força para crescer. Hoje [19 de abril], data em que é lembrado o Dia do Índio, um dos desafios das populações indígenas é o enfrentamento desses problemas, consequências das mudanças climáticas.

Apesar de parecerem de simples solução para quem vive na cidade, para os povos das florestas, cada uma dessas mudanças é extremamente simbólica, como explicou o especialista do Instituto Socioambiental (ISA), Paulo Junqueira. Segundo ele, além de depender diretamente de um funcionamento equilibrado do meio ambiente, os índios têm nos sinais da natureza indicadores para diversos acontecimentos.

"Uma determinada formação de nuvens com trovoadas é sinal de chuva, e um deles me relatou que hoje tem a trovoada, tem a nuvem, mas não chove, ou o contrário, a chuva vem antes dos indicadores que eles conheciam. Há vários desses indicadores que estão deixando de funcionar. É como se, de repente, todos os nossos relógios ficassem malucos e a gente se perdesse no tempo", explicou.

Miguel Medina/AFP

Cacique Raoni, líder indígena do povo Kayapó, fala em conferência realizada em Paris, na França, sobre as mudanças climáticas. Foto de 2015.

VERDÉLIO, Andréia. Mudanças climáticas comprometem o modo de vida de povos indígenas. **Agência Brasil – EBC**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/mudancas-climaticas-comprometem-modo-de-vida-de-povos-indigenas>. Acesso em: 27 jul. 2017.

1 Quais problemas as mudanças ambientais causam para as comunidades indígenas que vivem na floresta?

As mudanças ambientais atrapalham a pesca, causam incêndios, a plantação morre por causa da seca e as árvores não crescem.

2 Pesquise fotos, reportagens e textos que mostrem acontecimentos que mudaram a sua cidade ao longo do tempo. Cole em uma folha à parte e depois mostre-a aos colegas.
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

o tupi porque as autoridades portuguesas fizeram uma lei proibindo o uso dessa língua. [...]

O que é muito importante é sabermos que não existe uma única língua falada por todos os povos tradicionais. No Brasil, hoje, são faladas aproximadamente 180 línguas indígenas. Alguns povos, além da língua materna, falam o português e outros também sabem falar a língua de povos vizinhos.

MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de índio*: versão infantil. São Paulo: Callis, 2012. p. 45.

Saiba mais

Atividade 2

Ao pesquisar as mudanças, os alunos também encontrarão permanências, compreendendo que a cidade não foi sempre do jeito que se encontra hoje e que a vida das pessoas que lá moram impacta no modo como ela se organiza.

A BNCC nas páginas 22 a 25

As manifestações culturais de diferentes grupos sociais auxiliam o trabalho de reconhecimento e valorização da diversidade cultural brasileira por parte dos alunos. Como exemplos dessas manifestações abordamos a literatura de cordel, o Festival Folclórico de Parintins e o Pastoril, festividades que misturam elementos de várias culturas que se miscigenaram no Brasil. Ao tratar de algumas consequências dessas relações étnicas, desenvolvem-se as habilidades **EF03HI01** e **EF03HI03** da BNCC.

Orientações didáticas

A atividade a seguir pode trazer alguns conceitos que os alunos desconhecem ou aos quais ainda não estão habituados, como oralidade e literatura. Explique, de forma simples, que a literatura é a produção artística por meio da linguagem, e a oralidade é uma das formas dessa expressão. O entendimento e a valorização de diferentes maneiras de expressões culturais são habilidades exigidas pela Base Nacional Comum Curricular. Além disso, é interessante lembrar aos alunos a importância da oralidade para exercício da expressão, principalmente nesse momento de transição para a alfabetização e o treino da escrita.

A literatura de cordel pode ser considerada uma manifestação literária popular brasileira que abrange uma comunidade mais ampla, o Nordeste e o Norte do Brasil. A cultura nordestina e o seu legado não só no Nordeste como em outras regiões do Brasil devem ser pontos de debate em sala de aula.

Pergunte aos alunos se eles conhecem os livretos de literatura de cordel, típicos de alguns estados do Nordeste. Tradicionais nessa região, eles são populares nas outras regiões brasileiras, com alguns autores famosos, como Patativa do Assaré.

Veja o vídeo "Como usar o cordel em sala de aula?". Disponível em: <www.youtube.com watch?v=2m4hpf23U1g>. Acesso em: 26 out. 2017.

Manifestações culturais nas comunidades

Você conhece **literatura de cordel**? O cordel é uma manifestação cultural de origem europeia, trazida pelos colonizadores portugueses. Tornou-se popular em todo o Nordeste e se origina de relatos orais que depois são escritos e impressos em folhetos. Seu nome vem da palavra **cordel**, uma corda bem fina onde esses folhetos eram pendurados para serem vendidos em feiras. As capas e as ilustrações dos cordéis são desenhos feitos com **xilogravura**. Leia abaixo o cordel escrito por Jarid Arraes.

xilogravura: técnica de desenho que consiste em riscar uma placa de madeira, passar a tinta e "carimbar" em outra superfície. É uma espécie de carimbo de madeira.

Capa do cordel **A menina que não queria ser princesa**, de Jarid Arraes.

A menina que não queria ser princesa

Era uma vez uma menina
Dotada de esperteza
Nascida lá no sertão
Batizada de Tereza
Era muito da danada
Arretada de brabeza.

[...]

Se tem menina princesa
Que gosta muito de rosa
Tem também a danadinha
E que é muito geniosa
Tereza era só um tipo
De garota talentosa.

[...]

Foram contar pra Tereza
Que tudo podia fazer
Rolar, pular e dançar
Escalar, cair e correr
E se gostasse de princesa
Isso também podia ser.

A menina deu um **pinote**
Correu pra pegar a bola
Era feliz dia e noite
Fosse em casa ou na escola
Era alegre o tempo todo
De bermuda ou camisola.

pinote: salto, pulo, pirueta, sair correndo em fuga.

ARRAES, Jarid. A menina que não queria ser princesa. **Fórum**. Disponível em: <www.revistaforum.com.br/2015/10/03/cordel-infantil-a-menina-que-nao-queria-ser-princesa/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

A literatura de cordel é uma manifestação popular que pode ser utilizada como recurso didático na sala de aula, em várias disciplinas. Há folhetos de cordel adequados à faixa etária dos primeiros anos do Ensino Fundamental, principalmente aqueles que contam histórias de viagens, festas, brincadeiras, bichos "que falam" e personagens da História.

O cordel propicia ao aluno, de forma lúdica, aprender a ler com o ritmo e a musicalidade das rimas. Além disso ele leva o aluno a: compreender melhor um texto, perceber a musicalidade da língua, expressar-se melhor na fala e na escrita, interessar-se por novas informações e desenvolver a sua criatividade poética.

1 Segundo o texto, por que Tereza não queria ser princesa?

Tereza não gostava de rosa e de princesas. Ela gostava de jogar bola e era muito brava; tinha talento para muita coisa e era alegre o tempo todo.

2 Converse com os colegas: você é como Tereza ou é diferente dela?
Resposta pessoal.

Desafio

Agora é a sua vez: com um grupo de colegas, escrevam uma história em forma de livrinho de cordel. Depois entreguem a história ao professor.

Com o professor, vocês vão organizar uma feirinha de cordéis. Sigam as instruções abaixo e a orientação do professor.

Rogerio Reis/Pulsar

Cordéis à venda no Centro de Tradições Nordestinas, no Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em foto de 2015.

- Separem algumas folhas de papel sulfite e dobrem-nas ao meio, como um livro. A quantidade de folhas que vocês vão utilizar depende do tamanho da história. Cada folha de papel, usada na frente e no verso, é o equivalente a quatro páginas do cordel.
- As folhas de papel sulfite podem ser coloridas; é bem comum vermos cordéis impressos em folhas coloridas.
- Discutam no grupo como será a história: quais serão os personagens, onde estão e o que fazem.
- Como será a capa do cordel? Haverá outras ilustrações dentro do folheto?
- Apresentem seu cordel para os outros grupos.
- Providenciem um barbante para pendurar os cordéis na sala de aula, deixando-os em exposição.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Incentive os alunos a uma reflexão acerca dos gostos de Tereza: Existe brinquedo de menino e brinquedo de menina? O debate a respeito dos papéis sociais de gênero é uma das vias para trabalhar as diferenças.

Trabalhe as diferenças entre os alunos: um extrovertido e outro introvertido, um falante e outro calado, um que "sabe tudo" e outro que pergunta bastante, etc. Trabalhe também a aceitação e o respeito entre eles.

Desafio

Oriente os alunos na escolha e no desenvolvimento dos temas.

Ao produzir em sala o cordel, explore os aspectos musicais e melódicos.

Separe a sala em quatro ou cinco grupos para que cada um possa fazer um cordel. Todos os alunos do grupo devem participar da composição da história e das ilustrações. A intenção da atividade é promover o impulso criativo dos alunos, assim como ambientá-los com uma forma de expressão popular que, mesmo que não seja típica de sua região, precisa ser aceita e respeitada.

O cordel é uma história contada em rimas, com vocabulário simples, mas muito ritmado. Apresenta-se como um livreto, ou um folheto de poucas páginas. Na capa normalmente há uma ilustração em xilogravura.

Dentre as atividades que podem ser feitas com o cordel em sala de aula, destacam-se:

- Escolha prévia de um ou mais poemas a serem trabalhados com os alunos.
- Comentários do professor, sobre o que é a literatura de cordel e como ela é feita (em forma de folheto, com xilogravuras).
- A leitura, em voz alta, dos poemas escolhidos previamente pelo professor. Com seu auxílio, o aluno percebe qual é o ritmo da declamação do poema.
- Debate em sala de aula sobre o tema do folheto e também sobre as expressões regionais, o sotaque, as palavras novas e as metáforas. Caso nos poemas sejam citados personagens ou fatos históricos nacionais ou regionais, o professor deverá contextualizá-los aos alunos.
- Confecção de cordel pelos alunos, a partir de um tema escolhido pela classe ou individualmente pelos alunos.
- Leitura dos poemas feitos pelos alunos, individualmente ou em forma de jogral.

Orientações didáticas

Enfatize que o sentido de disputa aqui é como uma brincadeira. Os alunos podem citar eventos de hostilidade entre torcidas de futebol, por exemplo. Nesse caso, trabalhe com os alunos a ideia de tolerância entre pessoas de grupos e opiniões diferentes.

No Brasil, é comum que as pessoas se agrupem em torno de algo de que gostam: pode ser um time de futebol ou uma escola de samba, por exemplo. E mesmo existindo outros grupos com gostos diferentes, é importante sempre respeitá-los.

Em Parintins, no estado do Amazonas, acontece todo ano, no mês de junho, o Festival Folclórico da cidade. O grupo Boi Garantido (cor vermelha) e o grupo Boi Caprichoso (cor azul) fazem suas apresentações e ganha quem teve a apresentação e a música mais bonitas. A festa acontece desde 1965 e as pessoas usam roupas com as cores do boi para o qual torcem.

No festival acontecem representações das lendas locais e diversas outras manifestações artísticas de povos e grupos sociais do lugar, como indígenas e **ribeirinhos**.

ribeirinho: pessoa que reside nas proximidades dos rios.

Luiz Sampaio/Opção Brasil Imag

Apresentação do Boi Garantido no Festival Folclórico de Parintins, na cidade de Parintins, Amazonas. Foto de 2016.

Edmar Barros/Futura Press

Apresentação do Boi Caprichoso no Festival Folclórico de Parintins, na cidade de Parintins, Amazonas. Foto de 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

O trabalho com festas populares, através de seus festejos, músicas, danças, trajes e pratos típicos, é bastante rico para levar os alunos a reconhecer as diversidades regionais brasileiras, identificando as diferentes etnias que formaram o povo e a cultura brasileira, assim como a miscigenação entre elas.

As festas populares são tradicionais e comuns em todo o Brasil, fazendo parte das culturas regionais e locais. Trabalhar com esse tema na escola significa trabalhar aspectos históricos, sociais, geográficos, e da língua portuguesa, valorizando as tradições do lugar.

Peça aos alunos uma pesquisa, em grupo, sobre festas tradicionais de cada região brasileira, mesmo que os alunos no terceiro ano não conheçam ainda as regiões brasileiras e suas características.

Eles devem pesquisar em livros, revistas ou na internet uma festa por região:

- nome da festa;
- o que ela comemora;
- quais as comidas típicas;
- quais as músicas e danças típicas;
- quais os principais festejos;
- quais os trajes típicos.

Em muitas cidades do estado de Alagoas acontece uma festa chamada Pastoril, que começou com a chegada dos colonizadores portugueses. A festa passou por muitas mudanças, mas continua acontecendo na época do Natal e conta a história do nascimento de Jesus, como uma espécie de presépio vivo.

Geralmente, os participantes dividem-se em dois grupos: vermelho e azul. O povo da cidade participa ativamente da festa e cada um usa uma fita com a cor referente ao grupo a que pertence.

Sérgio Pompeo/Coleção particular

As pastorinhas, de Sérgio Pompêo (acrílico sobre tela, 40 cm × 60 cm), 2011.

1 Você conhece alguma festa como estas aqui descritas?

Resposta pessoal.

2 Quais são as festas mais importantes de sua cidade?

Resposta pessoal.

3 Por que acontecem essas festas na sua cidade?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 1

Explore com os alunos as imagens fornecidas e suas representações das festas populares.

Atividades 2 e 3

O aluno pode dizer que a festa acontece porque é o dia do aniversário da cidade, ou dia do santo padroeiro, ou outra data especial para a cidade, geralmente ligada a pessoas ou acontecimentos do passado. O objetivo é que o aluno se conscientize de que as festas são importantes porque celebram algo ou alguém do passado ou alguma coisa tradicionalmente ligada à cidade, como a colheita da uva em cidades do sul do Brasil, etc.

Comente sobre as festas pesquisadas pelos alunos, deixando que eles estabeleçam as semelhanças e as diferenças existentes entre elas.

Se possível, procure na internet imagens ou vídeos de cada uma dessas festas e mostre-as aos alunos.

Comentar sobre os trajes, músicas, danças e comidas típicas é uma forma prazerosa de levar o aluno a tomar conhecimento da nossa rica diversidade étnica regional.

Os alunos podem escolher, também, trabalhar com festas locais, por exemplo, uma festa típica apenas de sua cidade.

Objetivos do capítulo

1. Trabalhar noções de respeito e convívio social como a base para o exercício da cidadania.
2. Relacionar a qualidade de vida das pessoas com o respeito aos seus direitos através do questionamento da sua realidade.
3. Identificar aspectos relacionados às condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais na comunidade em que se vive.

Para iniciar

Os alunos vão precisar de ajuda para interpretar o texto. Procure trabalhar as diferenças assinaladas pelo autor para que a classe possa avaliar as diferenças sociais existentes na sociedade brasileira. Ajude os alunos a perceber os dois tipos de fome (a fome que chega antes da refeição e a fome de quem não tem o que comer); os dois tipos de frio (o frio que sentimos ao sair do chuveiro, com o corpo molhado, e o frio de quem não tem o que vestir); e os dois tipos de canto (o canto acolhedor do parque que fica no caminho de casa e o canto de quem não tem onde se abrigar).

Estimule os alunos a se expressar oralmente. Dialogue com eles, ajudando-os a emitir suas opiniões e a refletir sobre elas.

Capítulo 2

Os direitos das pessoas

Todas as pessoas de uma comunidade têm os mesmos direitos? Leia o poema a seguir.

Além da imaginação

Tem gente passando fome.
E não é a fome que você imagina
entre uma refeição e outra.
Tem gente sentindo frio.
E não é o frio que você imagina
entre o chuveiro e a toalha.
[...]
Tem gente pelos cantos.
E não são os cantos que você imagina
entre o passeio e a casa.
[...]

TAVARES, Ulisses.
Viva a poesia viva.
São Paulo: Saraiva, 2009.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

Para iniciar

1. Você acha que existem diferenças entre os dois tipos de fome e de frio citados no poema? Discuta com seus colegas.
Resposta pessoal.
2. Qual desses problemas você acha mais sério? Por quê? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

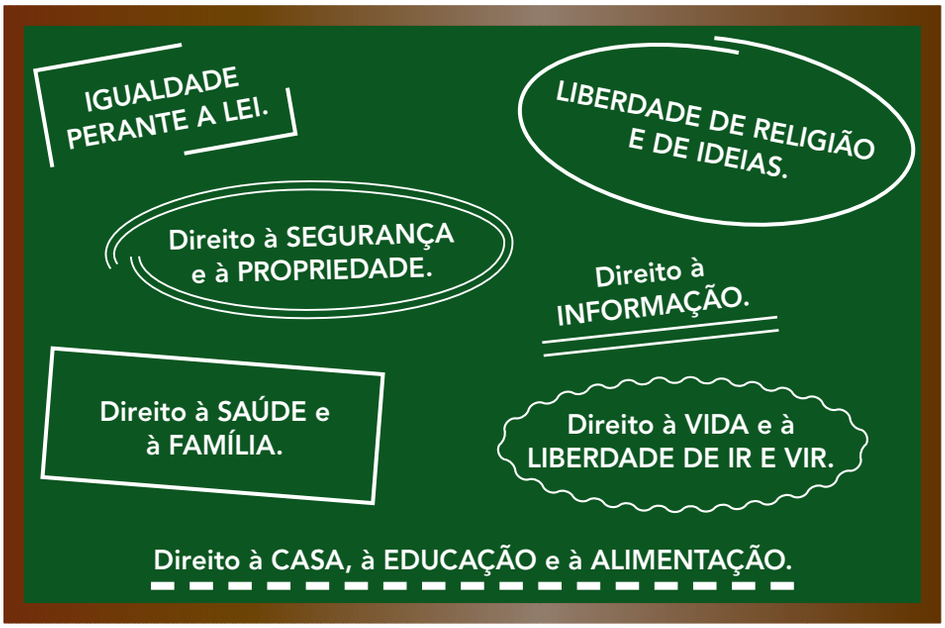
Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
	BNCC EF03HI02 Selecionar, por meio da consulta de fontes de diferentes naturezas, e registrar acontecimentos ocorridos ao longo do tempo na cidade ou região em que vive.
A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	BNCC EF03HI07 Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.

Direitos iguais para todos

Para viver bem em comunidade, todas as pessoas que dela participam precisam cumprir os seus deveres e ter seus direitos respeitados.

No Brasil, a maior parte das atividades que podemos ou não podemos fazer está prevista nas leis. As leis dizem quais são os nossos deveres e os nossos direitos, que é tudo aquilo que podemos exigir do governo e da sociedade para viver bem.

A Constituição é a lei mais importante do Brasil. Ela garante os principais direitos dos brasileiros. Conheça alguns desses direitos.



1 Agora que você conhece alguns dos seus direitos, copie abaixo dois direitos que para você são importantes. Para cada um deles, escreva um dever que os cidadãos precisam cumprir.

Resposta pessoal. Exemplo de resposta: 1. Direito: Igualdade perante a lei; dever: respeitar as pessoas como elas são, independentemente de sexo, etnia, religião, etc. 2. Direito: Direito à educação; dever: cuidar da escola, preservando-a e respeitando-a.

2 Converse na sala de aula sobre as diferenças entre os direitos que você escolheu e aqueles que seus colegas escolheram.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 27 a 29

Ao longo destas páginas, os alunos serão levados a se conscientizar de que todas as pessoas têm direitos iguais que devem ser respeitados, identificando as situações em que esses direitos não são respeitados.

Tratar de direitos humanos é também uma forma de levar os alunos a pensar nos diferentes grupos populacionais de sua cidade, no papel desempenhado por eles na comunidade, em fenômenos migratórios e em acontecimentos, ao mesmo tempo que identificam situações ocorridas no espaço público e no doméstico, trabalhando assim as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI07** e **EF03HI10** da BNCC.

Atividade 2

Trabalhe a **linguagem escrita** e a **linguagem oral**. Estimule os alunos a se expressar.

Pensar histórico

A noção de pertencimento a uma vida comunitária aparece com destaque neste item, tanto nos textos como nas atividades. Esse trabalho é permeado pelo diálogo com os direitos assegurados na Constituição e pelo combate a todo tipo de preconceito.

Os direitos em uma democracia têm sempre a contrapartida dos deveres. Trabalhe com os alunos a noção de regras dos grupos sociais – regras na família, nos jogos com os colegas e na escola – para depois explicar a noção de lei. Futuramente, os alunos entrarão em contato com regras e leis de outros povos e de outros períodos da História.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental.	BNCC EF03HI10 Identificar as diferenças entre o espaço doméstico, os espaços públicos e as áreas de conservação ambiental, compreendendo a importância dessa distinção.

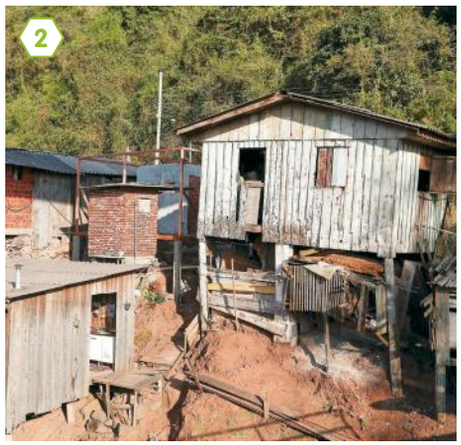
Orientações didáticas

Para começar a acostumar os alunos com a localização geográfica de estados e municípios no Brasil, procure mostrar à classe, em um mapa político grande, os municípios brasileiros nos quais foram feitas as imagens.

Pela lei, no Brasil todas as pessoas têm os mesmos direitos. Mas na realidade isso nem sempre acontece. É dever de cada um de nós colaborar para que isso seja realidade em nosso grupo social.

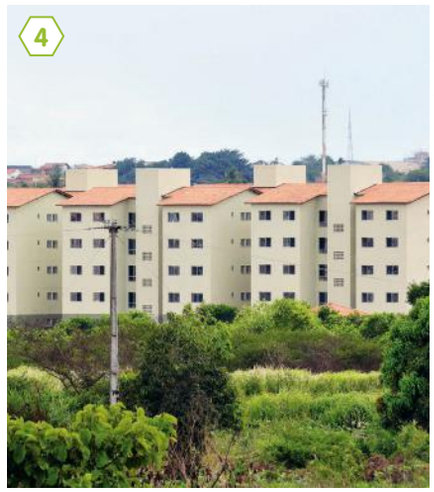
As fotos a seguir apresentam situações de respeito e desrespeito aos direitos das pessoas.

Moradores de rua em Salvador, estado da Bahia, em foto de 2016.



Nem todas as pessoas têm moradia com condições mínimas de segurança e conforto. Moradias em Muçum, estado do Rio Grande do Sul. Foto de 2015.

Sala de aula da escola municipal da comunidade Travessão do Ouro, em Floresta, estado de Pernambuco. Foto de 2016.



Conjunto habitacional construído para famílias de baixa renda em Feira de Santana, estado da Bahia, 2016.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para aprofundar as questões sobre direito e cidadania, leia o texto a seguir:

Nas últimas décadas, com a volta da democracia ao Brasil, o desenvolvimento da cidadania ganhou uma nova importância. Surgiu a necessidade de preparar os alunos para viver em uma sociedade na qual os problemas são discutidos coletivamente. [...]

Mas como podemos construir cidadania, desenvolver em nossas crianças o interesse pela vida e pelos problemas de nossa sociedade e despertar nelas a vontade de participar ativamente de uma democracia em constante construção?

Em termos de conteúdos de ensino, é importante a discussão dos imensos problemas sociais que enfrentamos, de suas possíveis origens, etc., em matérias como História e Geografia. [...] Mas a melhor maneira de construir cidadania é através de situações em que seja preciso dialogar, colaborar e tomar decisões coletivamente.

CIDADANIA. *Glossário pedagógico*. Disponível em: <www.aprendebrasil.com.br/glossariopedagogico/verbete.asp?idPubWiki=9618>. Acesso em: 25 out. 2017.

Amanda Perobelli/Estadão Conteúdo

São muitas as pessoas que não conseguem se alimentar de maneira adequada todos os dias. Moradores de rua recebem doação de alimentos em São Paulo, estado de São Paulo, 2016.

Frankie Marcone/Futura Press

Hospital com setor de emergência lotado em Natal, estado do Rio Grande do Norte. Foto de 2016.

Fernando Favoretto/Criar Imagem

Família toma café da manhã em São Paulo, estado de São Paulo, em foto de 2017.

Gerson Gerloff/Futura Imagens

Médico aplica vacina em crianças do povo Kaingang no posto de saúde da Terra Indígena Guarita, em Redentora, estado do Rio Grande do Sul. Foto de 2014.

1 As fotos desta página e da anterior mostram algumas situações em que direitos estão sendo respeitados e outras em que não estão. Quais são esses direitos?

Direito à moradia, direito à saúde, direito à educação, direito à alimentação.

2 Que fotos mostram que esses direitos não foram respeitados?

As fotos 1, 2, 5 e 6.

3 Todos os seus direitos são respeitados? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 3

Na resposta oral da atividade 3, algum aluno pode manifestar que não tem seus direitos respeitados porque é maltratado pelos colegas de classe. Converse com eles sobre *bullying*, prática violenta de humilhação contra um colega. Estimule-os a verbalizar seus problemas, incluindo os que porventura existam na escola.

Texto complementar

Para sua referência, leia o texto abaixo:

Bullying vai muito além da brincadeira sem graça

[...] O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da ofensa. Crianças e adolescentes que sofrem humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem ter queda do rendimento escolar, somatizar o sofrimento em doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. "Se observa também uma mudança de comportamento. As vítimas ficam isoladas, se tornam agressivas e reclamam de alguma dor física justamente na hora de ir para a escola", detalha José Pedra.

Até as testemunhas sofrem ao conviver diariamente com o problema, mas tendem a omitir os fatos por medo ou insegurança. Geralmente, elas não denunciam e se acostumam com a prática – acabam encarando como natural dentro do ambiente escolar. [...]

BARROS, Andréia. *Bullying*: é preciso levar a sério ao primeiro sinal. *Revista Nova Escola*. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1439/bullying-e-preciso-levar-a-serio-ao-primeiro-sinal>. Acesso em: 30 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 30 e 31

A ajuda voluntária de algumas pessoas para que outros tenham os direitos garantidos e respeitados vai além da boa convivência entre as pessoas de uma comunidade ou cidade. Trata-se de solidariedade, fraternidade e de capacidade de pensar na sociedade como um todo. Importante é, ao tratar do tema, questionar os alunos sobre eventual participação em campanhas de ajuda no seu grupo social.

A isso acrescenta-se a abordagem sobre preconceitos que muitas pessoas sofrem por terem condições étnicas, sociais e econômicas diferenciadas e que, por isso, precisam de proteção legal e da própria sociedade como um todo. Com essas abordagens trabalhamos as unidades **EF03HI01**, **EF03HI07** e **EF03HI10**.

Muita gente se esforça, no Brasil e no mundo, para tirar crianças da rua, para acabar com o trabalho infantil, com a fome e a miséria e para resolver outros problemas da sociedade.

Nina Jacobi/Doutores da Alegria

Atriz da organização Doutores da Alegria diverte crianças em tratamento médico em hospital de São Paulo, no estado de São Paulo. Foto de 2014.

Pedro Ventura/Agência Brasília

Enfermeira trata paciente durante trabalho **voluntário** em Brasília, Distrito Federal, em foto de 2017.

voluntário: pessoa que se dedica a prestar serviços gratuitamente; algo feito de modo espontâneo, por vontade própria, sem obrigação.

1 Na cidade ou no bairro onde você mora as pessoas têm o costume de realizar campanhas de ajuda? Escreva um pequeno texto sobre o assunto.

Resposta pessoal.

2 Conte à classe: você já doou algo para alguma campanha?
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

[…] o ensino de História deve contribuir para libertar o indivíduo do tempo presente e da imobilidade diante dos acontecimentos, para que possa entender que cidadania não se constitui em direitos concedidos pelo poder instituído, mas tem sido obtida em lutas constantes e em suas diversas dimensões. [...]

A relação entre História escolar e cidadania nos remete evidentemente às finalidades políticas da disciplina. […]

Este sentido de formar o pensamento crítico do aluno para a compreensão da realidade em que vive e transformá-la é, assim, um objetivo político possível de ser inserido em várias situações e condições. […]

A ideia de cidadania social […] abarca os conceitos de igualdades, de justiça, de diferenças, de lutas e de conquistas, de compromissos e de rupturas. […] Em uma sociedade como a nossa em que as desigualdades sociais são gritantes, o compromisso da História seria o de aprofundar esta complexa noção para evitar a banalização do termo. O sentido político da questão da cidadania deve explicitar a relação entre o papel do indivíduo e o da coletividade. […]

BITTENCOURT, Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: _____ (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

Alguns grupos de pessoas sofrem preconceito no Brasil. Eles podem estar em condições sociais e econômicas desvantajosas ou inferiorizadas, por isso precisam ser protegidos e ter seus direitos respeitados. Muita gente se organiza e trabalha para combater o preconceito e apoiar esses grupos.

Leia o texto abaixo e depois responda às questões a seguir.

Vamos acabar com o preconceito

Quando existe racismo, algumas pessoas são aceitas, outras são desprezadas. E isso é muito ruim para a vida das pessoas: na escola, na hora de procurar emprego, de conseguir uma promoção na carreira, na hora de casar, nos filmes, programas e propagandas da TV.

Não é natural ser assim. Todos querem ter e fazer tudo o que é bom. Todos querem ser respeitados. Por isso surgem movimentos como o chamado Movimento Negro, grupos de pessoas que têm ideias e praticam ações para defender os direitos dos negros nas casas, nas ruas, no mundo.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

a) Converse com seus colegas: O que é o racismo? Por que deve ser combatido?

a) É a discriminação que ocorre por causa da cor da pele ou da origem étnico-racial de uma pessoa. O racismo deve ser combatido porque é um preconceito e prejudica a vida de quem é afetado por ele.

b) Por que o Movimento Negro é importante no Brasil?

Exemplo de resposta: Para que todos os afrodescendentes garantam seus direitos civis, isto é, dignidade e cidadania.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir já apareceu no capítulo. Vamos pensar um pouco mais sobre ela?

PRECONCEITO

1. Como você acha que as pessoas se sentem quando sofrem preconceito?

Resposta pessoal.

2. Preencha a tabela abaixo com o que se pede:

Um exemplo de preconceito a que você já assistiu em seu cotidiano	Uma solução para acabar com essa situação de preconceito

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para seu conhecimento:

Artigo 27

Nos Estados em que existam minorias étnicas, religiosas ou linguísticas, as pessoas pertencentes a essas minorias não devem ser privadas do direito de ter, em comum com os outros membros do seu grupo, a sua própria vida cultural, de professar e de praticar a sua própria religião ou de utilizar a sua própria língua.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, 1966. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0592.htm>. Acesso em: 16 dez. 2017.

Orientações didáticas

Como exemplo de grupos que sofrem preconceito, temos: negros, indígenas, imigrantes, mulheres, homossexuais, idosos, moradores de cortiços (ou favelas), pessoas com deficiência, obesos, pessoas com certas doenças transmissíveis, moradores de rua e ex-presidiários.

Valorizar a diversidade das pessoas e a igualdade de direitos é fundamental. Mais adiante, os alunos estudarão com mais profundidade as origens do preconceito racial no Brasil.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Incentive a reflexão dos alunos e procure tratar o tema com sensibilidade. Os alunos podem ter presenciado, no cotidiano, atitudes de preconceito em relação a pessoas com algum tipo de deficiência, por exemplo. Uma solução seria procurar conhecer melhor a pessoa em questão e as características de sua deficiência, para evitar situações de discriminação e para ajudar a comunidade a criar condições de inclusão.

A intenção é fazer com que os alunos percebam que as atitudes de preconceito se originam do desconhecimento sobre algo. As opiniões (ou conceitos) formadas antes mesmo de obter as informações necessárias sobre determinado assunto levam a ideias preconcebidas, em geral desfavoráveis e baseadas em estereótipos e na falta de informação. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

A BNCC nas páginas 32 e 33

Na página 32, os alunos tomam conhecimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como das organizações que trabalham para defender esses direitos no mundo. São questionados também sobre a existência de tais organizações em sua cidade. Na página 33, o tema dos direitos é trabalhado em conjunto com os problemas urbanos, atendendo as habilidades **EF03HI01** e **EF03HI07**.

Orientações didáticas

Unicef é a sigla em inglês de Fundo das Nações Unidas para a Infância.

Entre outras organizações que atuam nessa área destacam-se a Cruz Vermelha, que leva comida e remédios para populações em situações de catástrofe, e a Anistia Internacional, que denuncia e age contra o desrespeito aos direitos humanos.

Atividades 1 e 2

Estimule a reflexão dos alunos sobre valores como solidariedade e desprendimento.

Para proteger os direitos das pessoas no mundo, foi aprovada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU) a **Declaração Universal dos Direitos Humanos**.

Vários países assinaram esse documento, entre eles o Brasil. Leia a seguir alguns dos direitos que toda pessoa deve ter, segundo a Declaração:

- Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança.
- Ninguém deve sofrer castigos ou tratamentos cruéis, desumanos e **degradantes**.
- Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e de expressão.

degradante: que humilha, que fere a dignidade.

Algumas organizações trabalham em diversos países para defender esses direitos. Uma delas é o Unicef, que cuida das crianças do mundo, em especial daquelas que estão desamparadas.

Outra organização que atua em diversos países chama-se Médicos Sem Fronteiras. Ela cuida da saúde de populações em perigo, oferecendo seus conhecimentos e seu trabalho sem cobrar nada por isso.

Ashraf Shazly/AFP

Funcionária do Unicef conversa com crianças em El Geneina, Sudão (na África). Foto de 2017.

Sabah Arar/AFP

Médicos atendem família em clínica da organização Médicos Sem Fronteiras em Bagdá, no Iraque, em 2015.

1 Procure saber se organizações como essas atuam na sua cidade ou região. Fale sobre elas com seus colegas e com seu professor.

2 Você gostaria de trabalhar em uma dessas organizações?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Proponha aos alunos uma discussão sobre o tema "cidadania", lançando à turma a questão: "Na sua opinião, o que é cidadania?". Peça a eles que reflitam com base no que estudaram neste capítulo.

Em seguida, pergunte:

1. Em nossa classe praticamos a cidadania? Que exemplos poderíamos dar para justificar nossa resposta?

Considere com os alunos as regras da escola, como horários de entrada e saída; o respeito entre os alunos ao escutar e apresentar ideias; o cuidado com o material usado em sala de aula, como livros, móveis, material de arte, etc.

Os problemas da cidade

Até a década de 1950 a maioria dos brasileiros vivia na região rural. A partir de então, as pessoas foram saindo do campo em busca de trabalho, e hoje a maior parte da população mora nas cidades.

Muitas cidades brasileiras foram crescendo rapidamente, e com isso surgiram muitos problemas para a sociedade e para o ambiente, como moradias precárias, desemprego, desigualdade social, mau atendimento na área da saúde, poucas creches e escolas e poluição do meio ambiente.

Os governos devem agir para garantir aos moradores das cidades alguns serviços e direitos básicos para que todos tenham uma boa qualidade de vida. Alguns desses serviços nós usamos dentro de casa e outros nós usamos fora dela, em locais como praças e ruas. Existem também serviços que nós usamos nos dois espaços.

1 Veja abaixo alguns desses serviços e direitos básicos e depois faça as atividades.

Hospital vermelho	Transporte público vermelho
Rede de esgotos verde	Coleta de lixo verde
Escola vermelho	Eletricidade verde
Moradia amarelo	Água encanada verde

a) Pinte de **vermelho** os serviços que temos só no espaço público.

b) Pinte de **amarelo** os serviços que usamos no espaço privado.

c) Pinte de **verde** os serviços que usamos nos espaços público e privado.

2 Todos os que moram na cidade em que você vive têm esses serviços e direitos à disposição? Todos cumprem seus deveres? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

2. Em nossa classe existem regras que dizem respeito apenas ao nosso grupo?

Este é um bom momento para verificar se os estudantes estabeleceram regras entre si que garantam o convívio do grupo.

Para encerrar, conte aos alunos que o direito de ter direitos foi uma conquista dos seres humanos ao longo da História. Em 1948, a Organização das Nações Unidas (ONU), uma associação que reúne quase todos os países do mundo, aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

No Brasil, os direitos do cidadão são assegurados pela Constituição.

Atividade 1

Trabalhe com os alunos as noções de espaço público e privado (e dentro desse último o espaço doméstico). Esses conceitos são importantes para o desenvolvimento das noções de cidadania e direitos sociais no que concerne aos espaços e serviços compartilhados pelos habitantes das cidades.

Atividade 2

O aluno deve entender que a distribuição de serviços em uma cidade é, muitas vezes, desigual, assim como a garantia dos direitos.

Pensar histórico

Ao estudar o lugar em que vivemos, deve-se destacar os problemas sociais, culturais e ambientais que podem surgir nas cidades e as responsabilidades individuais e do poder público com relação a eles. Alguns problemas sociais já foram mencionados no começo do capítulo, mas serão retomados para aprofundar a noção de cidadania, direitos sociais e proteção do meio ambiente.

A BNCC nas páginas 34 e 35

Os problemas urbanos de saneamento básico, poluição da água e acúmulo de lixo são abordados aqui de maneira lúdica, relacionando-os com os grupos populacionais que habitam a cidade, bem como aos processos históricos de urbanização ocorridos ao longo do tempo, trabalhando continuamente para o alcance das habilidades **EF03HI01**, **EF03HI02** e **EF03HI08** da BNCC.

Assim também aprendo

Na primeira tirinha, o personagem Armandinho deu um novo uso, ou seja, reciclou a embalagem do presente antes mesmo que seu pai a separasse para o descarte. Incentive os alunos a refletir sobre o descarte do lixo e seu reaproveitamento.

Caso os alunos não saibam o que é reciclagem, explique a eles o seu significado e a sua importância para a preservação do meio ambiente. Apresente objetos ou brinquedos feitos com material reciclável para que possam visualizar a transformação do que pode ser considerado lixo em um objeto com nova função. Este é um momento para desenvolver com os alunos trabalhos com materiais recicláveis.

Trabalhe a segunda tirinha com os alunos, pois às vezes a mudança de página pelo personagem pode lhes passar despercebida. Ela mostra que as pessoas precisam cuidar do ambiente para tê-lo sempre limpo e não poluído.

Para mais informações, consulte o texto disponível no *site* do Ministério do Meio Ambiente: <www.mma.gov.br/informma/item/8521-como-e-porqu%C3%AA-separar-o-lixo>. Acesso em: 26 out. 2017.

Assim também aprendo

A falta de rede de esgotos e água tratada, o insuficiente tratamento do lixo e a poluição do ar e das águas são problemas ambientais nas cidades. A prefeitura e os moradores de uma cidade precisam atuar conjuntamente para que esses problemas sejam solucionados. As tirinhas abaixo tratam dessas questões.

BECK, Alexandre. **Armandinho Um**. São Paulo: Matrix, 2014. p. 76.

SANTOS, Fabiano dos. Homem Linha. Disponível em: <www.fabianocartunista.com/2012/09/homem-linha-em-acao.html>. Acesso em: 27 nov. 2017.

1. Na primeira tirinha, o que o pai de Armandinho considerou lixo?
O pai de Armandinho achou que a caixa e o papel de presente eram lixo.

2. Você sabe o que é reciclagem? Já viu algum brinquedo ou objeto feito com material reciclado? Respostas pessoais.

3. Descreva o que está sendo retratado na segunda tirinha.
A segunda tirinha trata do tema da poluição nas grandes cidades. Ao virar a página (na parte direita da tirinha), o personagem se depara com uma paisagem não poluída. Peça aos alunos que analisem a tirinha comparando as duas paisagens apresentadas: a natureza destruída (lado esquerdo da tira) e a natureza conservada (lado direito da tira). A paisagem pode ser recuperada, dependendo da vontade das pessoas de "virar a página".

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A democracia moderna tem por base as três dimensões da cidadania: a dos direitos civis, a dos direitos políticos e a dos direitos sociais. Há em discussão uma quarta dimensão: a dos direitos do meio ambiente. Converse com os alunos a respeito do que eles acreditam se tratar os direitos ambientais e a sua importância.

Princípios gerais do Direito Ambiental

Com o final da Segunda Guerra Mundial, a esgotabilidade dos recursos naturais ficou evidente, tendo em vista a aceleração desordenada da produção agrícola e principalmente da produção industrial, de maneira que se tornou perceptível a necessidade de se encontrar um modelo de desenvolvimento que não ameaçasse a sustentabilidade planetária.

Por conta disso, em junho de 1972 a Organização das Nações Unidas organizou em Estocolmo, na Suécia, a 1ª Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, aprovando ao final a Declaração Universal do Meio Ambiente que declarava que os recursos naturais, como a água, o ar, o solo, a flora e a fauna, devem ser conservados em benefício das gerações futuras, cabendo a cada país regulamentar esse princípio em sua legislação de modo que esses bens sejam devidamente tutelados.

4 O personagem da segunda tirinha está puxando a página de cima para mostrar outra que está escondida embaixo dela. Da imagem escondida você vê apenas um trecho de rio limpo, peixe na água, árvores, pássaros, Sol e céu azul. É o mesmo lugar da paisagem poluída.

a) No quadro abaixo, desenhe como você acha que é essa segunda imagem completa.

b) Converse com seus colegas: o que deve ser feito para que essa paisagem fique livre da poluição? Todos têm o dever de deixar a cidade limpa. Os cidadãos não devem jogar lixo nas ruas, nos rios e no oceano, bem como as indústrias e os comércios devem se responsabilizar pelo correto destino do lixo e dos resíduos que produzem.

Pesquise

Forme dupla com um colega. Faça a ele as perguntas abaixo e anote as respostas em uma folha avulsa. Depois, siga as orientações do professor para organizar um mural com as respostas.

a) Existe tratamento de lixo na sua cidade? Resposta pessoal.

b) Na sua escola existem lixeiras para recicláveis? As pessoas sabem utilizá-las? Resposta pessoal.

c) O que você faz para contribuir com a limpeza de sua escola e de sua cidade? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 4

Auxilie os alunos nessa tarefa a fim de que eles reproduzam a mesma paisagem da primeira imagem, porém sem lixo e poluição.

Pesquise

Trabalho conjunto com Ciências sobre o tratamento do lixo e a importância da reciclagem do lixo urbano.

Verifique se os alunos conhecem as lixeiras usadas para separar vidro, metal, papel, lixo orgânico ou não reciclável e plástico.

A reciclagem, assim como outras formas de preservação ambiental, é um dos temas contemporâneos presentes na BNCC.

Esse foi o grande marco internacional do surgimento de um ramo da Ciência Jurídica capaz de regular as atividades humanas efetiva ou potencialmente causadoras de impacto sobre o meio ambiente, com o intuito de defendê-lo, melhorá-lo e de preservá-lo para as gerações presentes e futuras.

No Brasil o grande marco do surgimento do Direito Ambiental foi a edição da Lei nº 6.938, em 31 de agosto de 1981, que dispôs sobre a Política Nacional do Meio Ambiente e que começou a tratar os recursos ambientais de forma integrada e holística.

[...]

Ao consagrar o meio ambiente como um direito humano fundamental e fazer diversas outras referências ao assunto ao longo do seu texto, a Constituição Federal de 1988 consagrou também de forma explícita ou implícita os mais relevantes princípios do Direito Ambiental.

Não se pode esquecer de que foi por conta da ameaça à continuidade da vida humana e dos gravíssimos problemas ambientais, como o aquecimento global, o buraco na camada de ozônio, a escassez de água potável e a desertificação, que o Direito passou a se preocupar com essa temática.

FARIAS, Talden Queiroz. *Princípios gerais do Direito Ambiental*. Disponível em: <www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=1543>. Acesso em: 5 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 36 e 37

Estas páginas tratam dos problemas urbanos com a finalidade de conscientizar o aluno para os problemas da sua comunidade. Ao comparar as cidades antigas com as atuais o aluno reconhece os problemas de uma cidade moderna e ao mesmo tempo identifica soluções para alguns problemas urbanos. Dessa maneira, os alunos constroem os conhecimentos e as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI08** e **EF03HI10** da BNCC.

Atividade 1

Nesta atividade, os alunos devem refletir e reconhecer que os espaços da cidade devem ser preservados, para que todos possam deles usufruir. Pode-se levar os alunos a uma discussão sobre a disponibilidade e o uso correto dos espaços públicos por todos que residem na cidade. Nisso inclui-se também o combate à poluição sonora.

Alguns alunos podem ter opiniões diferentes sobre o que é barulhento e o que não é. Lembre-os de que se trata de poluição sonora.

Atividade 2

Os alunos podem falar de barulho perto do ambiente escolar, de hospitais e de lugares onde precisamos de muita concentração.

Antigamente as grandes cidades eram mais tranquilas, não havia nelas tanta agitação e barulho como hoje.

A poluição sonora são ruídos e sons que, quando se tornam muito altos, atrapalham as pessoas. Ela é um grande problema ambiental porque causa muito desconforto às pessoas e até problemas de saúde como depressão, neurose e perda de audição.

A administração pública precisa prevenir e combater a poluição sonora, fazendo leis, fiscalizando e controlando o barulho, mas todo cidadão deve colaborar, tomando cuidado para que não haja tanto barulho na cidade.

1 Leia as frases no quadro abaixo e depois faça o que se pede.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

Passarinhos cantando	verde
Eletrodoméstico funcionando em casa	verde
Carros buzinando no trânsito congestionado	vermelho
Pessoa tocando um instrumento musical	verde
Britadeira trabalhando na rua	vermelho
Trânsito de muitos caminhões e motos	vermelho
Crianças brincando na rua	verde
Pessoa falando ao telefone	verde
Barulho de fogos de artifício	verde
Torcedores em jogo de futebol	verde
A música de um *show*	verde
Trabalho de máquinas na construção de um prédio	vermelho
Conversa de alunos em sala de aula	verde
Conversa de pessoas na rua	verde
Metrô de cidade grande	verde
Carro de som de vendedores ambulantes	vermelho

a) Pinte de **vermelho** os quadrinhos das frases que indicam atividades que mais contribuem para a poluição sonora nas cidades.

b) Pinte de **verde** os quadrinhos das frases que indicam atividades que menos contribuem para a poluição sonora nas cidades.

2 Em quais lugares ou situações você acha que a poluição sonora mais nos prejudica? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Comente com os alunos sobre a degradação do meio ambiente provocada pelo aumento da população e pela má relação que os grupos humanos têm com a natureza.

Há problemas muito graves, como a superpopulação; a poluição do ar, que provoca as mudanças climáticas, e o aquecimento global; o desmatamento; a proliferação e não tratamento de lixo e de esgoto; a poluição da água; a redução da biodiversidade (diminuição das espécies), entre outros. Explique aos alunos que o intenso processo de destruição do meio ambiente gerou a necessidade de criação de áreas ligadas à conservação ambiental. No Brasil, essas áreas de conservação variam conforme os objetivos a serem alcançados, mas em todas elas o objetivo principal é a preservação e a conservação de ambientes naturais de grande relevância ambiental. Há estações ecológicas, reservas biológicas, parques nacionais, monumentos naturais, reservas extrativistas, florestas naturais, entre outras. Algumas dessas áreas de conservação são abertas ao público para pesquisas científicas ou educação ambiental. Em outras o acesso só é permitido mediante autorização especial.

As cidades possuem outros problemas e eles podem ser mais graves quanto maior for a cidade.

Veja nas imagens abaixo alguns deles.

João Prudente/Pulsar Imagens

Vista da praça Bom Jesus, em Anápolis, no estado de Goiás, em 2015. Praças e parques públicos ajudam a absorver poeiras e gases tóxicos, reter a umidade do ar e do solo e reduzir a poluição sonora. Além disso, abrigam pássaros, dão sombra e embelezam as cidades.

Cris Faga/Fox Press Photo/Folhapress

Passageiros lotam a plataforma de embarque do metrô de São Paulo, no estado de São Paulo. Foto de 2015. Nas grandes cidades, o transporte público precisa melhorar para que as pessoas tenham mais conforto durante as viagens.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Rua interrompida por deslizamento de encosta, causado pelas chuvas, em Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul. Foto de 2015. A moradia na parte de cima foi danificada e estava sob risco de desabamento.

Ernesto Reghran/Pulsar Imagens

Guarda-vidas prestam socorro a vítimas de alagamento causado pelo transbordamento do rio Tibagi, em Jataizinho, Paraná. Foto de 2016. Enchentes e alagamentos ocorrem em muitas cidades na época das chuvas por causa da **impermeabilização** do solo.

impermeabilização:
o solo urbano coberto com asfalto ou construções se torna impermeável, ou seja, não deixa passar a água da chuva que precisa escorrer para os rios, provocando, assim, as enchentes.

Converse com seu professor e seus colegas e responda:

a) Quais dos problemas apresentados nas imagens existem na sua cidade?

Resposta pessoal.

b) Como você acha que esses problemas podem ser solucionados?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade

Discuta com os alunos a realidade da cidade ou da comunidade: Quais são os problemas? Quais são os problemas que precisam de solução mais urgente? Nas pequenas cidades podem ser: instalação de uma creche ou de um posto de saúde, reforma da escola, reforma do posto de saúde, contratação de um novo médico para a cidade, reparos das estradas, etc.

Os problemas ambientais se agravam cada vez mais, mas ainda são passíveis de serem solucionados por todos os grupos sociais que habitam o nosso planeta.

Proponha aos alunos uma lista de problemas mais comuns que pode haver em uma cidade. Eles devem procurar identificar aqueles mais comuns à deles.

Para sua referência listamos alguns:

Casas e prédios velhos e mal conservados; excessiva ocupação das áreas centrais; falta de praças, escolas, creches e hospitais; falta de acesso às pessoas com mobilidade reduzida; má conservação das ruas, parques, praças e outros espaços públicos; inundações e alagamentos; insegurança e criminalidade; habitações degradadas; pobreza, desemprego, falta de mão de obra qualificada; desrespeito pelos espaços públicos e privados; ineficiente rede de transporte público, falta de planejamento urbano, exclusão social, e ocupação de áreas inadequadas à moradia; coleta insuficiente de lixo, falta de tratamento de água e de rede de esgoto; poluição da água, poluição do solo; entre outros.

Objetivo da seção Tecendo saberes

O principal objetivo desta seção é estabelecer a interdisciplinaridade com outras disciplinas, tornando os conhecimentos abordados mais significativos para o aluno. Ao "tecer saberes" o aluno se conscientiza de que as áreas de conhecimento não são estanques e que, pelo contrário, se complementam, se conectam e dialogam entre si. Assim, ao mesmo tempo em que ele aprende a estabelecer parâmetros entre essas áreas de conhecimento, ele desenvolve a leitura, a escrita e a capacidade de interpretar os fenômenos que observa e dos quais participa.

A BNCC nesta seção

O tema das hortas comunitárias urbanas nas páginas 38 e 39 visa abordar os temas contemporâneos da BNCC de Saúde, da Educação alimentar e nutricional, da Vida familiar e social, valorizando o respeito ao próximo e a boa convivência, e da Educação ambiental, aproximando os alunos de atividades que normalmente são exercidas fora das cidades, valorizando as profissões do campo. Pretende-se também auxiliar na educação para o consumo, conscientizando o aluno de que, mesmo na cidade, pode-se deixar de comprar e produzir parte daquilo que se necessita. Dessa maneira, trabalha-se parcialmente as habilidades **EF03HI01** e **EF03HI07** da BNCC, explorando o papel e o impacto da comunidade na paisagem.

TECENDO SABERES

Você já ouviu falar de horta comunitária? As hortas comunitárias são feitas, de maneira voluntária, em espaços não ocupados nas cidades. Elas fornecem legumes e verduras, tornam a cidade mais agradável, aproximam as pessoas que nela trabalham e motivam todos a participar em outros projetos para melhorar a comunidade em que vivem.

Mauricio Simonetti/Pulsar Imagens

Horta comunitária na cidade de Palmas, Tocantins. Foto de 2015.

Leia a história de alguém que criou uma horta comunitária na cidade de Brasília.

Há três anos, Alda Duarte, 40, decidiu transformar o caminho que fazia, a pé, da casa ao trabalho, em Brasília. Ela passou a fazer canteiros em espaços públicos e, depois, a plantar hortaliças na vizinhança. "Eu tinha o desejo de deixar meu caminho mais bonito" [...].

Por meio das redes sociais, Alda encontrou outras pessoas [...] que desenvolvem a chamada agricultura urbana no Distrito Federal. Inspirada nelas, reuniu os vizinhos para, com eles, ampliar a experiência e melhorar a vida comunitária. [...]

MARTINS, Helena. Hortas comunitárias alteram espaço público e estimulam contato com a natureza. **Empresa Brasil de Comunicação (EBC)**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/producao-de-horta-comunitaria-estimula-novas-relacoes-na-cidade-e-com-natureza>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Agora leia abaixo o poema sobre a horta feita por Zimpolho e Zimpão. Eles plantaram tantas frutas e hortaliças que acabaram fazendo a maior confusão.

Que horta!

Que horta genial!
Que horta de artista!
Colheita especial
Produção nunca vista:
Ervichofra e palmipolho
Deu na horta do Zimpolho
Rabamate e pepigrão

Deu na horta do Zimpão
Escabola e repobrinha
Cenotata bem miudinha,
E também banacaxi,
Perancia e melaqui,
Mamaranja e ameireja,
E ainda, ora veja,
Aboranga e goianás!

Diz agora se és capaz,
De que frutas e verduras
Resultaram travessuras
Como estas que aqui estão,
De Zimpolho e Zimpão!

BELINKY, Tatiana; FURNARI, Eva. **Que horta**. São Paulo: Paulus Editora, 1995.

1 Zimpolho e Zimpão plantaram hortaliças e frutas misturadas e deram origem a alimentos novos. Escreva abaixo o nome dos alimentos que eles misturaram.

Goianás: goiaba + ananás

Pepigrão: pepino + agrião

Rabamate: rabanete + tomate

Repobrinha: repolho + abobrinha

Cenotata: cenoura + batata

Banacaxi: banana + abacaxi

Perancia: pera + melancia

Mamaranja: mamão + laranja

Aboranga: abóbora + moranga

Ilustrações: Ilustra Cartoon/Arquivo da editora

2 Crie uma nova fruta ou hortaliça para sua horta, como fizeram Zimpolho e Zimpão.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Explore com os alunos as diversas possibilidades de uso do solo nas cidades, bem como o uso parcimonioso da água. Apresente novos nomes de frutas e legumes. Trabalhe a importância de legumes e verduras na nossa alimentação. Trabalho interdisciplinar com Língua Portuguesa e Ciências.

Ao final do livro, há o projeto **Horta comunitária**. Se possível, inicie o trabalho com ele após o estudo deste **Tecendo saberes**.

Atividade 2

Auxilie os alunos nesta tarefa de juntar dois nomes de legumes, de verduras, de frutas ou cereais para formar uma nova palavra. Exemplo: pepirroz (pepino e arroz), melanjela (melancia e berinjela), inhajão (inhame e feijão), etc. Pode-se sugerir aos alunos que juntem dois legumes, verduras ou frutas de que eles gostem mais.

Objetivos das páginas 40 e 41

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo** e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, nada melhor do que os próprios alunos selecionarem agora palavras-chave entre os temas estudados. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 11 e 31.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

Atividade 1

Incentive a conversa em sala de aula. Na atividade da página 12, os alunos foram motivados a refletir sobre a palavra "comunidade" ao verem seu uso no capítulo e ao discutirem sobre ela com os colegas.

Ao refletir sobre a palavra "preconceito", os alunos perceberam que seu significado se relaciona com a formação de opiniões sobre algo, elaborada antes mesmo de se conhecer adequadamente aquele assunto. Assim, lidando com esse aspecto do significado da palavra, eles passaram a ter mais consciência para elaborar soluções em casos de preconceito testemunhados no cotidiano.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 1. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 1 – É possível viver sozinho?

Os seres humanos dependem uns dos outros para viver.

Juntos conseguem construir uma vida melhor; por isso formam grupos. Sua família e sua sala de aula, por exemplo, são grupos sociais dos quais você faz parte.

Resposta pessoal.

Capítulo 2 – Os direitos das pessoas

Alguns grupos de pessoas sofrem preconceito no Brasil. Eles podem estar em condições sociais e econômicas desvantajosas ou inferiorizadas, por isso precisam ser protegidos e ter seus direitos respeitados.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

COMUNIDADE, *página 12.*

PRECONCEITO, *página 31.*

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

1. O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com os colegas.
Resposta pessoal.
2. Em um quadro no seu caderno escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

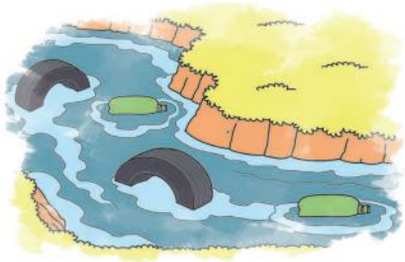
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 1. Observe-os atentamente.

Capítulo 1
É possível viver sozinho?

Capítulo 2
Os direitos das pessoas



Ilustrações: Ilustra Cartoon/Arquivo da editora

2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 1	Capítulo 2

Reprodução do *Livro do Estudante* em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturações do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 42 e 43

Estas páginas permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e a síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- Os seres humanos vivem em grupos para se ajudar e construir uma vida melhor. A família costuma ser nosso primeiro grupo social.

- Sua família, seus amigos e vizinhos da rua e do bairro formam uma comunidade.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

- Os seres humanos são diferentes entre si, e essas diferenças precisam ser respeitadas.

- As cidades são formadas por pessoas de diferentes origens; podem ser grandes ou pequenas, estar localizadas em área rural ou urbana.

- As cidades apresentam desafios sociais, culturais e ambientais. Autoridades e população devem se esforçar para solucionar esses problemas.

Mauricio Simonetti/Pulsar Imagens

Horta comunitária na cidade de Palmas, Tocantins. Foto de 2015.

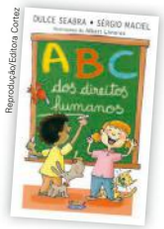
- As cidades são diferentes e sua população é diversificada, mas as pessoas devem ser solidárias e respeitar a vida em grupo, para que todos tenham uma vida melhor.
- As pessoas têm direitos e devem exigi-los. Alguns desses direitos estão registrados nas leis, por exemplo, o direito à igualdade, à escola e à saúde.

- Uma sociedade justa é aquela em que todos têm seus direitos respeitados.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de...

Livros



Reprodução/Editora Cortez

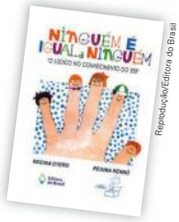
ABC dos direitos humanos. Dulce Seabra e Sérgio Maciel, Cortez.

Conheça o texto da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que estabelece os direitos de todas as pessoas.

Reprodução/Escrituras Editora

Cidadania é quando... Nílson José Machado, Escrituras.

Em casa ou na rua, brincando ou torcendo, cuidando da água e poupando energia, podemos plantar sementes de cidadania.



Reprodução/Editora do Brasil

Ninguém é igual a ninguém. Regina Otero e Regina Rennó, Editora do Brasil.

Todo mundo sabe: ninguém é igual a ninguém. Mas, para além do respeito às diferenças, este livro faz uma importante reflexão sobre a tolerância e sobre a importância de a gente ser o que é.

Reprodução/Companhia das Letrinhas

Os direitos das crianças segundo Ruth Rocha. Ruth Rocha, Companhia das Letrinhas.

Ruth Rocha conta o que não pode faltar na vida de toda criança. No livro há um trecho que fala um pouco mais sobre os direitos infantis com a criação do Unicef e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Sites

Plenarinho. Disponível em: <https://plenarinho.leg.br>.

Este *site*, ligado à Câmara dos Deputados, traz informações sobre participação política e sobre o funcionamento do Poder Legislativo. O *link* "Vídeos e animações", por exemplo, apresenta muitos vídeos sobre esses temas com uma linguagem agradável e acessível. Acesso em: 27 jul. 2017.

Turminha do MPF. Disponível em: <www.turminha.mpf.mp.br>.

Este *site* do Ministério Público Federal é destinado a crianças. Há muitos textos, jogos e reportagens sobre diversidade, direitos das crianças, cultura brasileira, cidadania e muitos outros temas! Acesso em: 27 jul. 2017.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

A turma da escola. Iduína M. Chaves, Sylvia de Castro e Tânia Cozzi. José Olympio.

Eu tenho o direito de ser criança. Aurelia Fronty. Zahar.

Vizinho, vizinha. Roger Mello. Companhia das Letrinhas.

Indicações de leitura para o professor

- CANDAU, Vera Maria (et alii). *Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2016.

  Este livro reúne os principais desafios que os educadores enfrentam ao lidar com temas relacionados aos Diretos Humanos, abordando a sexualidade, a conquista de direitos, a violência e outros temas contemporâneos.
- HAURÉLIO, Marco. *História da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.

  Conheça a história da literatura de cordel no Brasil: suas origens ibéricas, seu desenvolvimento e seu forte apelo popular.

Objetivos desta unidade

1. Identificar o papel dos grupos sociais que formam a comunidade em que se vive.
2. Reconhecer aspectos sociais e culturais dos povos que deram origem à população brasileira, principalmente os povos indígenas, as sociedades africanas e os migrantes dos séculos XIX e XX.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para a abertura de unidade

Nesta unidade, os alunos são incentivados a identificar os povos indígenas como os primeiros a habitar o território brasileiro, bem como reconhecer a sua luta pela preservação de suas culturas tradicionais e a sua integração, como cidadãos, à sociedade brasileira. O mesmo ocorre com a temática dos afro-brasileiros: o papel de seus antepassados na construção do país, o reconhecimento da sua cultura e de seus valores e, até os nossos dias, a luta pela afirmação de sua posição em uma sociedade mais justa e mais igualitária.

A ilustração apresenta uma comunidade indígena, com seus costumes e tradições. As questões convidam o aluno a pensar nesses povos, onde moram e como vivem, ao mesmo tempo que afirma ao aluno que somos originários de várias etnias, além da indígena.

Objetivos do capítulo

1. Identificar aspectos das sociedades indígenas no Brasil.
2. Reconhecer semelhanças e diferenças entre as comunidades indígenas e a comunidade em que se vive.

Para iniciar

O poema apresenta o ponto de vista de um indígena sobre sua identidade, levando o aluno a lidar com a alteridade. O aluno poderá se reconhecer diferente do autor do texto, um indígena, identificando que no Brasil há grupos populacionais diferentes entre si, mas que formam a mesma sociedade brasileira.

Capítulo 3

Os primeiros moradores do Brasil

Quem foram os primeiros moradores do Brasil? Leia o poema a seguir.

homem branco: expressão utilizada por diversos povos indígenas para indicar os não indígenas, independentemente da cor da pele.

Sou índio e tenho orgulho de ser índio

Eu nasci índio, e quero morrer sendo índio.
Eu sou índio, porque sei dançar o ritual do awê.
Eu sou índio, porque sei contar a história do meu povo.
Eu sou índio, porque nasci na aldeia.
Eu sou índio, porque o meu sistema de viver, de pensar, de trabalhar e de olhar o mundo é diferente do **homem branco**.
Eu sou índio, porque sempre penso o bem para o meu povo e todas as nações indígenas.
Eu sou índio, Pataxó, sou brasileiro, sou caçador, pescador, agricultor, artesão e poeta, enfim, sou um lutador que sempre procura a paz.
Sou índio, porque sou unido com meus parentes e todos aqueles que se aproximam de mim.
Sou índio, e tenho orgulho de ser índio.

PATAXÓ, Kanatyo. Sou índio e tenho orgulho de ser índio. In: ANGTHICHAY et al. **O povo pataxó e sua história**. Brasília: MEC/Unesco; Belo Horizonte: SEE, 1997. p. 44.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

Para iniciar

1. Os alunos podem responder identificando no texto o sentimento de pertencimento cultural e a solidariedade com outros povos indígenas. O autor também afirma ter um sistema de viver, de pensar e de trabalhar próprio dos indígenas e sempre pensa o bem para o seu povo e para todas as nações indígenas.

1. Por que Kanatyo Pataxó, autor do poema, sente que é índio?

2. Com quais tradições de sua comunidade indígena o autor se identifica?
Ele sabe dançar o ritual do grupo, sabe contar a história do seu povo e pratica atividades como pesca e artesanato.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
	BNCC EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

As comunidades indígenas

Os povos indígenas do Brasil formam comunidades que moram e vivem de maneira diferente dos outros brasileiros.

A maior parte desses povos vive em Terras Indígenas, que podem ficar em áreas rurais ou nas cidades. Algumas famílias resolvem viver nos grandes centros urbanos fora das Terras Indígenas. Independentemente de onde moram, os indígenas, em sua maioria, tentam preservar sua cultura e ter boa convivência com os não indígenas.

Observe o mapa e as fotos:

Marcos Amend/Pulsar Imagens

Indígenas yanomamis com trajes e ornamentos tradicionais durante festa em Santa Isabel do Rio Negro, Amazonas, 2017.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígenas kalapalos durante ritual do Jawari. Gaúcha do Norte, Mato Grosso, 2016.

Banco de imagens/Arquivo da editora

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Quadro geral dos povos**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>. Acesso em: 19 jun. 2017.

1 Quais são os três estados com o maior número de povos indígenas?

São os estados do Amazonas, Mato Grosso e Pará.

2 De acordo com o mapa, há povos indígenas no estado em que você mora?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	BNCC EF03HI07 Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

A BNCC nas páginas 47 a 49

As páginas que se seguem levam o aluno a conhecer e identificar diferentes comunidades indígenas e suas culturas. Assim, ele pode compará-las com a sua própria comunidade, compreendendo que cada grupo social tem sua forma de viver e solucionar problemas, desenvolvendo as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03**, **EF03HI07**, **EF03HI08**.

Orientações didáticas

Hoje, há cerca de 896 mil indígenas no Brasil. Desse total, mais de 517 mil vivem em Terras Indígenas. Esta coleção optou por utilizar o número de indígenas publicado em **Características gerais dos indígenas**, do Censo Demográfico 2010. IBGE, 2012. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Terra Indígena é um território ocupado por um povo indígena em caráter permanente e reconhecido pelo Estado como imprescindível para a preservação da vida e da cultura desse povo. Esta questão será abordada novamente ao longo do Livro do Estudante e nas Orientações específicas da página.

Orientações didáticas

Trabalhe o cotidiano dos alunos. Para o indígena que vive em Terras Indígenas, comunidade pode ser a aldeia; para os alunos, de forma geral, é o bairro ou a cidade. Pode ser que os alunos morem em pequenos distritos rurais, em que a vivência com parentes e o restante da comunidade seja mais próxima.

Pensar histórico

Neste capítulo, aspectos relacionados às condições sociais das comunidades indígenas, à diversidade de povos e seus modos de vida recebem destaque. O capítulo também aborda os desafios sociais e culturais enfrentados pelos indígenas na atualidade, refletindo sobre as transformações e continuidades ao longo do tempo.

As comunidades indígenas não são iguais. Cada comunidade ou povo tem sua língua, seus hábitos, suas tradições.

Em alguns grupos indígenas, cada família mora em uma casa. Em outros, várias famílias moram em uma mesma residência. Nesse caso, cada família ocupa um espaço próprio.

A maneira de construir as casas é diferente da das cidades e a organização das aldeias varia entre os grupos indígenas. Observe as fotos:

Robin Hanbury-Tenison/Robert Harding Heritage/AFP

Aldeia yanomami próximo ao rio Toototobi, Amazonas, 2015. Os Yanomami dessa região constroem uma única aldeia-casa em formato circular onde podem viver mais de cem pessoas.

Mauricio Simonetti/Pulsar Imagens

Moradia guarani ñandeva em São Miguel do Iguaçu, Paraná, 2014. Os Guarani Ñandeva vivem em casas menores, que geralmente servem de moradia para apenas uma família.

1 Complete o quadro abaixo com as características das moradias dos Yanomami e dos Guarani Ñandeva. Em seguida, complete a última coluna com os dados da sua casa.

	Yanomami	Guarani Ñandeva	Minha casa
A moradia é grande.	X		Respostas pessoais.
A moradia é pequena.		X	
A moradia abriga várias famílias.	X		
A moradia abriga somente uma família.		X	
A comunidade é composta de uma moradia.	X		
A comunidade é composta de várias moradias.		X	

2 A casa em que você mora se parece mais com a dos Yanomami ou com a dos Guarani Ñandeva? Troque ideias com seus colegas. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

As informações a seguir sobre os povos indígenas no Brasil são subsídios para uma conversa em sala de aula com os alunos:

Povos indígenas

Em pleno século XXI a grande maioria dos brasileiros ignora a imensa diversidade de povos indígenas que vivem no país. [...]

Os povos indígenas somam, segundo o Censo IBGE 2010, 896.917 pessoas. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. A maior parte dessa população distribui-se por milhares de aldeias, situadas no interior de 706 Terras Indígenas, de norte a sul do território nacional.

Falar, hoje, em povos indígenas no Brasil significa reconhecer, basicamente, seis coisas:

- Nestas terras colonizadas por portugueses, onde viria a se formar um país chamado Brasil, já havia populações humanas que ocupavam territórios específicos;
- Não sabemos exatamente de onde vieram; dizemos que são "originárias" ou "nativas" porque estavam por aqui antes da ocupação europeia;
- Certos grupos de pessoas que vivem atualmente no território brasileiro estão historicamente vinculados a esses primeiros povos;

Saiba mais

Cada comunidade indígena tem sua própria maneira de resolver problemas e tomar decisões. Os Bororo têm vários líderes, um deles só para lidar com os não indígenas. Entre os Yanomami, um grupo de idosos, chefes de família, participa das decisões. O chefe da aldeia não governa sozinho.

Para muitos povos indígenas, o lugar de reuniões é muito importante na aldeia: ali, os indígenas se reúnem para conversar, lembrar coisas antigas, organizar o trabalho, as festas e as práticas religiosas. De modo geral, é onde também fica a escola.

Além do chefe, geralmente há o pajé, que cuida da saúde e aconselha as pessoas do grupo. O pajé conhece as plantas e com elas faz remédios. É ele que conhece as lendas e as histórias orais de sua gente.

Lucicla Zvarick/Pulsar Imagens

Indígenas de várias etnias lutam o Huka-huka no encerramento do Kuarup, ritual de homenagem aos mortos ilustres. Parque Indígena do Xingu, estado de Mato Grosso, 2016.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Pajés waujás da aldeia Piyulaga realizando ritual para pedir boa pescaria. Gaúcha do Norte, Mato Grosso, 2016.

A cidade em que você mora é governada da mesma maneira que as comunidades indígenas descritas acima? Converse com os colegas. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Saiba mais

Oriente os alunos a comparar os dois modos de governar uma comunidade. O município recorre às eleições periódicas para a escolha de prefeito e vereadores. Os alunos podem apontar a participação das pessoas, como no caso dos Bororo. Eles podem afirmar que não há muitas semelhanças, como no caso dos Yanomami, pois os municípios não são governados pelos chefes das famílias. Vale a pena destacar que os indígenas não costumam recorrer a leis escritas para resolver conflitos internos em suas comunidades.

- Os índios que estão hoje no Brasil têm uma longa história, que começou a se diferenciar daquela da civilização ocidental ainda na chamada "pré-história" (com fluxos migratórios do "Velho Mundo" para a América ocorridos há dezenas de milhares de anos); a história "deles" voltou a se aproximar da "nossa" há cerca de, apenas, 500 anos (com a chegada dos portugueses);
- Como todo grupo humano, os povos indígenas têm culturas que resultam da história de relações que se dão entre os próprios homens e entre estes e o meio ambiente; uma história que, no seu caso, foi (e continua sendo) drasticamente alterada pela realidade da colonização;
- A divisão territorial em países (Brasil, Venezuela, Bolívia, etc.) não coincide, necessariamente, com a ocupação indígena do espaço; em muitos casos, os povos que hoje vivem em uma região de fronteiras internacionais já ocupavam essa área antes da criação das divisões entre os países; é por isso que faz mais sentido dizer povos indígenas no Brasil do que do Brasil.

[...]

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Povos indígenas*. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>. Acesso em: 6 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 50 e 51

Estas páginas tratam das comunidades indígenas e das relações que elas estabelecem com a natureza: como vivem, como se alimentam e como trabalham, estimulando os alunos a identificar outros modos de vida, diferentes do seu. Dessa maneira os alunos poderão construir as habilidades esperadas: **EF03HI03** e **EF03HI07**.

Nessas páginas, também é possível trabalhar um dos temas contemporâneos da BNCC, relacionado a alimentação indígena, baseada em produtos naturais e não industrializados, à alimentação saudável.

Orientações didáticas

Trabalhe com os alunos as peculiaridades regionais do Brasil. Frutas de uma região podem ser desconhecidas em outras regiões do país.

Atividades 1 e 2

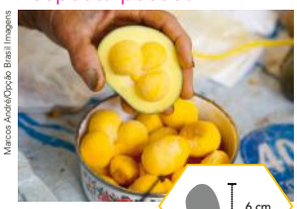
Esta é uma boa oportunidade para conversar com os alunos sobre os diferentes modos de vida: na sociedade de mercado, alimentos e objetos de uso cotidiano são comprados; nas comunidades tradicionais, ainda existe o hábito de fabricar ou coletar boa parte daquilo que consomem.

A maior parte dos indígenas está em contato direto com a natureza, principalmente os que vivem nas Terras Indígenas em áreas de florestas.

De norte a sul do país, eles retiram da vegetação nativa alimentos como castanhas, pequi, bacaba, buriti, macaúba, mangaba, murici, pinhão, pupunha, açaí e outras. Também coletam fibras e palhas vegetais para fazer cordas, redes, enfeites, peneiras, esteiras.

Com a madeira que retiram da floresta, eles fazem casas, arcos e flechas, barcos e outras coisas mais.

Observe os alimentos a seguir. Quais deles você conhece? Converse com os colegas.
Resposta pessoal.


Marcos André/Opção Brasil Imagens

Pequi.

Fábio Colombini/Acervo do fotógrafo

Pinhão.

Claudio Larangeira/Kino.com.br

Mangaba.

Os rios são muito importantes para os indígenas, pois fornecem os peixes de que se alimentam e a água que eles bebem e usam para cozinhar. É também nos rios que muitos deles se banham.

Com o barro das margens dos rios, os indígenas fazem panelas, potes, cuias e brinquedos. Os rios também servem de vias para atravessar a floresta.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígena pankararu fazendo pote de cerâmica na aldeia Brejo dos Padres. Tacaratu, Pernambuco, 2014.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígena waurá se preparando para pescar na lagoa Piyulaga, no Parque Indígena do Xingu. Mato Grosso, 2016.

1 Há rios no lugar em que você mora? Caso existam, como são usados?
Resposta pessoal.

2 Você conhece algum objeto feito de barro? Qual? Converse com seus colegas.
Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Para abrir espaço para suas roças, os indígenas fazem pequenas queimadas na floresta. Eles cultivam milho, mandioca, abóbora, feijão, amendoim, batata-doce e outros alimentos. O cultivo desses produtos e a prática da queimada são tradições indígenas que foram herdadas pelos agricultores não indígenas.

Dependendo da região, os indígenas caçam **caititus**, macacos, antas, tatus, veados, **cutias**, pacas, tamanduás e jabutis e aproveitam a carne desses animais.

Lucélia Zuardi/Pulsar Imagens

- **caititu:** animal que também é conhecido como porco-do-mato e vive em diversas regiões do Brasil.
- **cutia:** roedor de cauda curta muito comum nas florestas brasileiras.

Mulheres indígenas Yawalapiti descascam mandioca-brava para fazer polvilho. Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, 2016.

1 De quais dos alimentos citados acima você gosta mais?

Resposta pessoal.

2 Nas fotos abaixo, marque com um **X** o nome dos animais que você conhece.
Resposta pessoal.

Haroldo Palo Jr./kino.com.br

☐ Caititu

Julio Bernardes/Arquivo da editora

☐ Anta

Ricardo Cavalcanti/kino.com.br

☐ Paca

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Aproveite o enunciado, as fotos e as atividades desta página para trabalhar com os alunos a importância da boa alimentação para a saúde: consumir produtos naturais e frescos, frutas, legumes e verduras, evitando muitos doces e produtos industrializados. Analise a primeira foto com os alunos: o que as mulheres indígenas estão fazendo? Você conhece alimentos derivados da mandioca?

Trabalhe também o meio ambiente. Analise as fotos dos animais que têm seu *habitat* no Brasil e converse sobre eles com os alunos. Além desses há outros animais brasileiros que vocês conhecem? Quais são eles? Onde são encontrados?. Explique que, por causa dos desmatamentos e destruições de muitos biomas, muitas espécies estão ameaçadas de extinção.

A BNCC nas páginas 52 e 53

Nestas páginas os alunos são incentivados a compreender que as línguas indígenas são diferentes entre si, bem como reconhecer a influência da língua indígena na língua portuguesa falada no Brasil. Por essa abordagem ele poderá aprender a valorizar a herança cultural deixada pelos diferentes grupos étnicos, identificando o enriquecimento cultural nesse processo. Abordamos, dessa maneira, aspectos das habilidades **EF03HI03** e **EF03HI07** da BNCC.

Orientações didáticas

O Instituto Socioambiental (ISA) reconhece por volta de 150 línguas indígenas no Brasil. Os critérios usados pelo IBGE e pelo ISA para definir língua indígena são diferentes.

Atividade 1

Procure trabalhar as palavras indígenas com os alunos. Se possível, leve para a classe uma gravação desta canção. Cante-a com eles. Busque a letra completa, disponível em: <www.helioziskind.com.br/index.php?mpg=01.00.01&nfo=3&ndi=1&tipo=disco#tit>. Acesso em: 6 dez. 2017.

As línguas tupis foram as primeiras com as quais os portugueses entraram em contato ao chegar à América, em 1500. Existiam ainda outras centenas de línguas indígenas, mas hoje elas são cerca de 274 em todo o nosso país, e muitas delas correm o risco de desaparecer.

Para manter a tradição cultural que eles passam de uma geração a outra, é importante que os indígenas falem a língua de seu povo. É também fundamental que eles aprendam o português, para que o contato com os não indígenas seja facilitado e para que eles possam lutar por seus direitos dentro da sociedade brasileira. Por isso, muitos povos indígenas falam a língua materna e também o português. Alguns falam apenas o português.

1 Com os colegas e o professor, leia a letra da canção abaixo. Se souber, cante.

Tu tu tu tupi

Todo mundo tem um pouco de índio
dentro de si
dentro de si

[...]

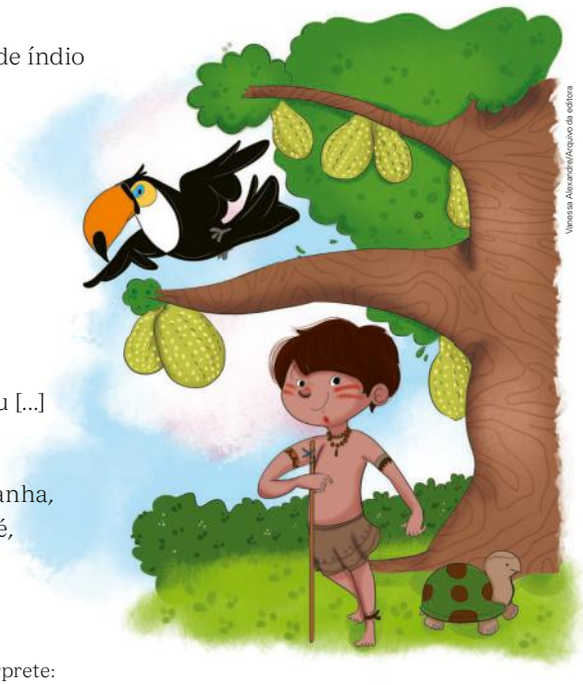
Jabuticaba, caju, maracujá,
pipoca, mandioca, abacaxi,
é tudo tupi
tupi-guarani

tamanduá, urubu, jaburu,
jararaca, jiboia, tatu... tu tu tu [...]

[...]

arara, tucano, araponga, piranha,
perereca, sagui, jabuti, jacaré,
jacaré... jacaré...
quem sabe o que é que é?
[...]

ZISKIND, Hélio. Tu tu tu tupi. Intérprete: Hélio Zizkind. In: **Meu pé meu querido pé**. São Paulo: MCD, 1997. Faixa 3.



Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

2 Anote o nome de duas frutas e de dois animais, citados nessa canção, que você conhece.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A Articulação Xingu Araguaia (AXA), ONG que reúne populações indígenas e pequenos agricultores da região norte do Mato Grosso, apresenta em seu *site* sugestões de atividades para as escolas comemorarem o dia 19 de abril, Dia do Índio. Selecionamos aqui alguns trechos que julgamos interessantes para seu trabalho em sala de aula. Consulte o *site* para seu aprofundamento.

[...]

2. Priorize informações sobre os indígenas na atualidade

[...] Muitos pesquisadores indígenas fazem suas próprias análises da história de seus povos e do contato com a nossa sociedade. Além do mais, [...] é importante superarmos o pensamento de que "índio é coisa do passado".

Portanto, [...] lembre-se de trazer questões atuais: uso de tecnologias (produção de vídeos e redes sociais, por exemplo) e a atuação política.

3. Valorize a diversidade de povos

Temos no Brasil mais de 300 povos indígenas. A reprodução da imagem de um "índio genérico", caracterizado por pinturas, vestimen-

3 As palavras no quadro abaixo também são de origem indígena. Sublinhe:

- com a cor **verde** as que forem nomes de frutas ou de vegetais;
- com a cor **vermelha** as que forem nomes de animais;
- com a cor **azul** as que forem nomes de lugares ou de pessoas.

Guanabara azul	Botucatu azul	Pequi verde	Pirarucu vermelho
Jequitibá verde	Iracema azul	Itatiaia azul	Capim verde
Cupuaçu verde	Ipiranga azul	Sabiá vermelho	Moema azul
Capivara vermelho	Jerimum verde	Pitanga verde	Peroba verde
Paca vermelho	Saúva vermelho	Niterói azul	Tietê azul
Paraíba azul	Tatu vermelho	Araci azul	Buriti verde
Samambaia verde	Amendoim verde	Iara azul	Cuiabá azul

4 Pesquise em livros e dicionários outras três palavras de origem indígena e anote o significado delas.

Assim também aprendo

As palavras que você e seus colegas anotaram acima servirão para um jogo divertido:

a) A classe se divide em dois grupos.

b) Um grupo diz uma palavra de origem indígena que anotou. O grupo adversário deve dizer o que a palavra significa.

c) Depois é a vez de o segundo grupo perguntar e o primeiro responder. E assim por diante.

d) Cada palavra certa vale 1 ponto. O professor anota os pontos de cada grupo. O grupo que fizer mais pontos será o vencedor.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 4

Para auxiliar os alunos, dê uma dica: há muitas palavras de origem indígena que começam com as letras J, M, C e P. Exemplos de resposta: mingau, lambari, surucucu, tucunaré, mutum, uirapuru, taquara, peteca, Ubirajara.

Explique aos alunos que o português falado no Brasil possui diferenças com o português de Portugal, pois apresenta muitas palavras de origem indígena e de origem africana. Essas palavras enriquecem a nossa formação cultural.

tas e aspectos físicos exclui diversas etnias e indivíduos, que por diversas questões não se enquadram neste padrão imaginário. Não generalize. Lembre-se de evidenciar a diversidade de povos indígenas e suas particularidades. Mostre também indígenas ressurgidos, de cabelo crespo, sem pinturas, universitários, etc. Traga exemplos reais e explique qual a etnia, onde está localizada e aspectos de sua cultura.

[...]

10. Torne a questão indígena interdisciplinar e contínua

[...] A Lei n. 11.645/08, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena", ressalta a importância de trazer as suas contribuições nas áreas social, econômica e política. Relacione o tema com os conteúdos de Português (temos diversas palavras em nosso vocabulário de origem indígena), Geografia (noção de território), História (contato, escravidão e lutas) e Ciências (conhecimento indígena da biodiversidade brasileira). Leve estas questões para a sala de aula ao longo do ano todo.

BRANDT, Lilian. *Dia do Índio*: 10 sugestões de atividades para escolas. AXA. Disponível em: <http://axa.org.br/2015/04/dia-do-indio-10-sugestoes-de-atividades-para-escolas/>. Acesso em: 6 dez. 2017.

A BNCC nas páginas 54 e 55

Estas páginas levam o aluno a relacionar o modo de vida em Terras Indígenas com o respeito ao meio ambiente. Levam também o aluno a aprender que os indígenas também vivem nas cidades e como convivem com a cultura não indígena em ambiente urbano. E, finalmente, instigam os alunos a pensar: o que os índios não urbanos pensam da cidade? E como é uma aldeia indígena?, levando-os a fazer comparações com a sua realidade. O objetivo desses questionamentos e temas é orientar os alunos no desenvolvimento das habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03**, **EF03HI07** e **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

O texto citado nesta página foi escrito pelos autores indicados na referência com base em diversos depoimentos de lideranças indígenas.

Atividade

Discuta esses temas com os alunos considerando o que diz o texto citado. Estimule-os a expressar suas opiniões e verifique se eles percebem o contraponto estabelecido com quem explora os recursos naturais com outros propósitos, que vão além de suas verdadeiras necessidades.

O respeito às comunidades indígenas

Muitas Terras Indígenas são invadidas por pessoas que procuram madeira e minérios para explorar ou áreas para criar gado e plantar. Por isso, essas terras precisam ser protegidas.

A proteção das Terras Indígenas é importante para a preservação da cultura e do modo de vida das comunidades indígenas. Enquanto essas comunidades permanecem em determinada região, a natureza do lugar normalmente é respeitada.

Leia o texto abaixo e descubra o que os indígenas dizem.

Os povos indígenas sempre respeitam a natureza!

O mato não pode acabar.
Por isso, não cortamos pau à toa. Nós só cortamos pau precisando fazer casa, precisando fazer fogo, precisando fazer canoa, precisando fazer **pinguela**, precisando fazer arco. Só quando é preciso!

Nós também não matamos os bichos à toa.
Só matamos a caça para comer.
Matamos os peixes para comer.
Só matamos as aves para comer.

PAULA, Eunice Dias de; PAULA, Luiz Gouveia de; AMARANTE, Elizabeth A. R. **História dos povos indígenas**: 500 anos de luta no Brasil. São Paulo: Cimi/Vozes, 1982. p. 34-35.

pinguela: ponte estreita, normalmente feita de madeira.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Indígena guarani, da aldeia Koenjú, pescando com arco e flecha. São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, 2016.

Troque ideias com seus colegas e o professor sobre como evitar:

DERRUBAR AS MATAS

MATAR ANIMAIS

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Informe-se sobre a definição de Terra Indígena no Brasil no texto a seguir, publicado pela Fundação Nacional do Índio (Funai), órgão do governo brasileiro responsável por cuidar e proteger populações indígenas.

Terras Indígenas: o que é?

Terra Indígena (TI) é uma porção do território nacional, de propriedade da União, habitada por um ou mais povos indígenas, por ele(s) utilizada para suas atividades produtivas, imprescindível à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e necessária à sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições. Trata-se de um tipo específico de posse, de natureza originária e coletiva, que não se confunde com o conceito civilista de propriedade privada.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Terras Indígenas*: o que é? Disponível em: <www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-32?limitstart=0#>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Nas últimas décadas, o Brasil se tornou mais urbano. Nas cidades notamos muitos grupos sociais de origens, costumes e tradições diferentes: trabalhadores rurais, imigrantes, migrantes de outras regiões e indígenas.

Muitas comunidades indígenas estão em locais urbanizados, e seus moradores costumam estudar, trabalhar ou passar grandes períodos nas cidades. Alguns se mudam definitivamente para as cidades, mas não deixam de lado a cultura do seu povo.

Leia alguns relatos de indígenas que vivem nas cidades.

> Vim em busca de um sonho. Quando era pequeno, minha mãe foi à cidade e viu pela primeira vez a televisão: uma caixinha em que as pessoas cabiam. Isso despertou minha curiosidade, e pensei que um dia quereria estar lá dentro.
>
> Xamakiry Fulni-ô, também chamado Afonso Apurinã.

> Nasci no Rio de Janeiro. Meus avós emigraram na década de setenta, fugindo da seca nordestina. Sou professora da Universidade Federal Fluminense e tenho muito orgulho de ser indígena, apesar de viver no espaço urbano.
>
> Carolina Potiguara.

> Nossos costumes têm muito a ver com a natureza, e por isso aqui entro em conflito comigo mesma. Não tenho terra, ar... Dentro de casa vou fazer meu ritual com quem? É um lugar pequeno, e tudo tem regras.
>
> Sandra Guarani.

Depoimentos de indígenas que vivem em áreas urbanas. In: SASTRE, Patricia Martínez. Índios urbanos: buscando as raízes longe da natureza. **El País**. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/14445509265_732696.html>. Acesso em: 8 jul. 2017.

Converse com os seus colegas e o professor: quais são as dificuldades enfrentadas por um indígena que vive na cidade?

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Apurinã é uma referência à etnia à qual Xamakiry pertence.

É comum um indígena adotar um nome não indígena para facilitar o contato com o restante da sociedade brasileira.

Atividade

Os alunos podem citar o preconceito e a dificuldade em manter seus costumes, como a língua, a alimentação e os rituais. Trabalhe com os alunos o respeito às diferenças para que haja uma boa convivência entre as pessoas.

Texto complementar

Trabalhe a diversidade cultural indígena lendo para a classe o texto a seguir. Trata-se de um texto indígena que descreve a origem da água para o povo Panará, que vive no sudeste do Pará.

A água surgiu pela tartaruga há muitos anos atrás. Os antigos tomavam água do cipó, cortavam todos os dias sem parar, eles bebiam com a família. Os homens e as mulheres enchiam a cuia grande com a água do cipó no mato e traziam para casa. Os antigos foram caçar longe, na volta encontraram a tartaruga no mato, ela estava no barranco alto.

Eles perguntaram para a tartaruga: – Você sabe fazer água?

A tartaruga respondeu: – Eu sei fazer água.

Aí ela começou a cavar o chão, porque a tartaruga tinha casco duro e afiado. A tartaruga enorme falava na língua dos antigos, na mesma língua. Ela foi cavando um buraco até encontrar água.

A tartaruga foi cavando e aumentando a água, bem rápido. Eles voltaram do mato para casa e chegaram. Eles contaram para as pessoas que a tartaruga fez surgir a água e eles acreditaram. Logo pararam de beber a água do cipó. Eles ficaram contentes porque a tartaruga fez os rios. A tartaruga é que deu origem à água.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *A origem da água*. Disponível em: <http://pibmirim.socioambiental.org/node/13554>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Objetivos da seção De olho na imagem

O objetivo da seção **De olho na imagem** é introduzir aos alunos noções de análise e interpretação de documentos históricos visuais.

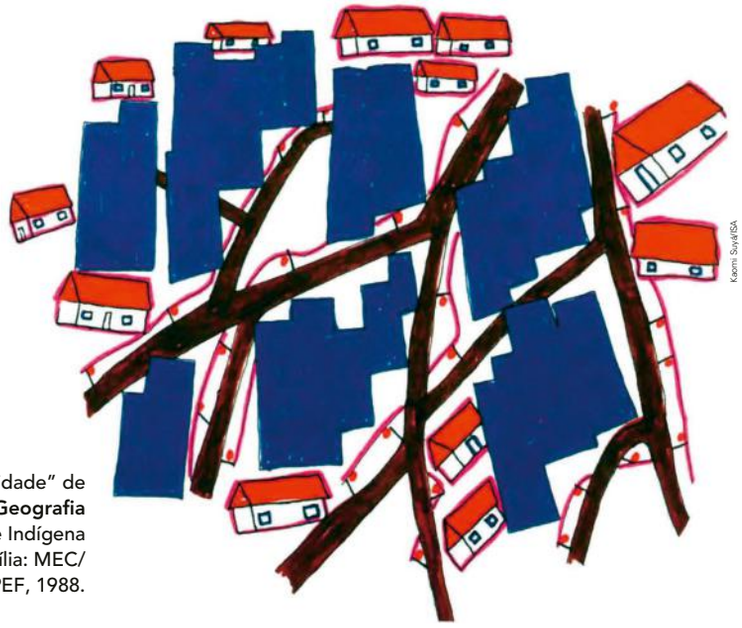
A BNCC nesta seção

A primeira imagem é uma ilustração que representa a maneira como o indígena não urbano imagina a cidade; a segunda imagem representa a maneira como o indígena vê a sua aldeia no Parque Indígena do Xingu. Por meio desta atividade, o aluno poderá comparar diferentes pontos de vista e fazer um exercício de alteridade ao imaginar como seria uma aldeia indígena e nela viver, desenvolvendo, assim, as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03** e **EF03HI07** da BNCC.

DE OLHO NA IMAGEM

Neste capítulo, você estudou sobre diferentes comunidades indígenas, como elas estão organizadas, quais são alguns de seus costumes tradicionais e modos de vida nas Terras Indígenas e aprendeu que há diferenças entre elas e as comunidades das cidades. O que você pensa sobre as comunidades indígenas? Você já imaginou o que os indígenas acham da cidade?

Veja a imagem a seguir, uma ilustração feita pelo indígena Kaomi Suyá, do povo Kisêdjê, que vive no Parque Indígena do Xingu.



Kaomi Suyá/ISA

Ilustração "cidade" de Kaomi Suyá. **Geografia Indígena:** Parque Indígena do Xingu. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1988.

1 Quais elementos de uma cidade você consegue identificar na ilustração?

Casas, terrenos, ruas e iluminação pública.

2 Compare a ilustração com a cidade em que você mora. Cite uma semelhança e uma diferença.

As casas ou as ruas podem ser apontadas como semelhanças. A ausência de lojas ou prédios pode ser apontada como diferença.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O texto a seguir descreve quais são as etapas até a demarcação das Terras Indígenas.

Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas

De acordo com a Constituição Federal vigente, os povos indígenas detêm o direito originário e o usufruto exclusivo sobre as terras que tradicionalmente ocupam. As fases do procedimento demarcatório das terras tradicionalmente ocupadas, abaixo descritas, são definidas por Decreto da Presidência da República e atualmente consistem em:

Em estudo: Realização dos estudos antropológicos, históricos, fundiários, cartográficos e ambientais, que fundamentam a identificação e a delimitação da terra indígena.

Delimitadas: Terras que tiveram os estudos aprovados pela Presidência da Funai, com a sua conclusão publicada no Diário Oficial da União e do Estado, e que se encontram na fase do contraditório administrativo ou em análise pelo Ministério da Justiça, para decisão acerca da expedição de Portaria Declaratória da posse tradicional indígena.

A ilustração a seguir também foi feita por Kaomi Suyá. A imagem representa o Parque Indígena do Xingu, onde ele mora e ensina a língua de seu povo.

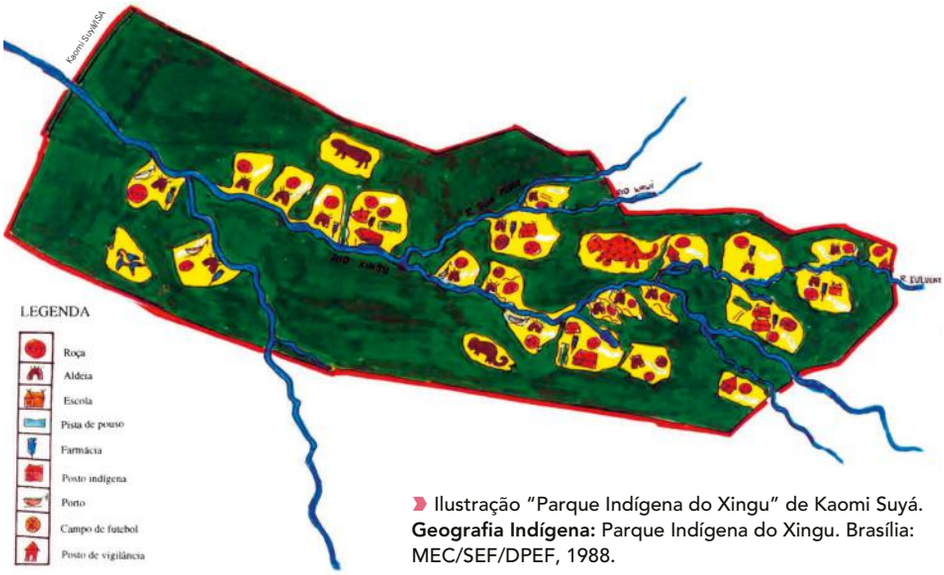


Ilustração "Parque Indígena do Xingu" de Kaomi Suyá. **Geografia Indígena:** Parque Indígena do Xingu. Brasília: MEC/SEF/DPEF, 1988.

3 Quais elementos da imagem você consegue identificar? Por quê?

Kaomi Suyá fez uma legenda explicando cada elemento da ilustração. Na representação do parque, há roças, aldeias, escolas, campos de futebol, farmácias, pistas de pouso e outros elementos criados pelos seres humanos. Há também elementos da floresta, como rios e animais, junto aos quais a aldeia está inserida.

4 Na sua opinião, para Kaomi Suyá, a cidade é um lugar familiar ou estranho? Responda com base no que você viu nas imagens.

Resposta pessoal. Espera-se que o aluno perceba que a cidade aparenta desordem quando comparada ao Parque Indígena do Xingu.

5 Como seria para você morar em uma comunidade indígena?

Resposta pessoal.

Reprodução do *Livro do Estudante* em tamanho reduzido.

Atividade 4

A imagem mostra a cidade como um lugar confuso, em que as casas e ruas estão amontoadas. Na representação do Parque Indígena do Xingu, os rios, as matas, os animais e os elementos feitos pelo ser humano foram desenhados de forma organizada.

Explique para os alunos que a cidade representada não traz uma legenda explicativa, o que indica a falta de familiaridade do indígena com o ambiente urbano.

Declaradas: Terras que obtiveram a expedição da Portaria Declaratória pelo Ministro da Justiça e estão autorizadas para serem demarcadas fisicamente, com a materialização dos marcos e georreferenciamento.

Homologadas: Terras que possuem os seus limites materializados e georreferenciados, cuja demarcação administrativa foi homologada por decreto Presidencial.

Regularizadas: Terras que, após o decreto de homologação, foram registradas em Cartório em nome da União e na Secretaria do Patrimônio da União.

Interditadas: Áreas Interditadas, com restrições de uso e ingresso de terceiros, para a proteção de povos indígenas isolados.

Disponível em: <www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 26 nov. 2017.

Nesse *link* há um mapa do Brasil interativo, no qual se pode obter informações sobre as reservas indígenas por estado.

A BNCC nas páginas 58 e 59

Estas páginas abordam o problema da ameaça às Terras Indígenas pelas atividades econômicas dos não indígenas no seu entorno. Ao mesmo tempo tratam das permanências e mudanças nas sociedades indígenas atuais, levando o aluno a valorizar e a respeitar a cultura indígena e a reconhecer os indígenas como cidadãos brasileiros, sujeitos de sua própria história, trabalhando as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03**, **EF03HI07** e **EF03HI08** da BNCC.

As ameaças às Terras Indígenas

Como já estudamos, muitas vezes as atividades econômicas dos não indígenas interferem na maneira de viver das comunidades indígenas.

A exploração de minérios e de madeira, as grandes plantações, a criação de gado em grande escala e a construção de usinas hidrelétricas podem destruir as florestas e prejudicar os indígenas, que dependem delas para viver.

Leia o texto a seguir.

A soja ameaça o Parque Indígena do Xingu

Quem olha o mapa do Parque Indígena do Xingu se surpreende com o verde que [nele] predomina [...]. O mesmo mapa revela, no entanto, um entorno degradado por desmatamentos e queimadas associados à formação de lavouras e pastagens, que já encostam nos limites do parque.

[...]

Não é de hoje que os índios estão preocupados com o que se passa nos limites do Parque Indígena do Xingu. Ali vivem 14 etnias diferentes, com culturas e costumes diversos. As operações de fiscalização tiveram início em 1989, quando começaram a ser instalados os postos indígenas de vigilância (PIVs) junto a alguns rios. A meta principal dos PIVs era controlar a invasão da área do Parque por pescadores e caçadores. Com o tempo, veio a ideia de vigiar os limites do parque, fora do alcance dos rios [...] com o objetivo de mapear os efeitos da expansão da soja no entorno do parque.

Marcelo Casal Jr/Agência Brasil

Indígenas do Xingu protestam, em Brasília, contra a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no rio Xingu. Brasília, Distrito Federal, 2015.

BARRETTO, Ricardo. **A soja ameaça o Parque Indígena do Xingu**. Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org/esp/soja/2.stml>. Acesso em: 8 fev. 2017.

Que ameaças as aldeias do Parque Índigena do Xingu sofrem?

O desmatamento de áreas próximas ao Parque e os efeitos das plantações de soja e das pastagens para gado nos arredores.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Tradição Cultural

A percepção das dinâmicas sociais e culturais exige que se atente não apenas às tradições, como também à inovação; não se nega, assim, a reprodução social, mas amplia-se a noção de reprodução social, de modo que inclua a possibilidade de mudança. [...]

[...]

[...] de um modo ou de outro, essa é uma realidade presente para todos os povos indígenas. Para dar apenas dois exemplos, citam-se os Xavante e os Waiãpi. Os primeiros são índios também de língua Jê, habitantes do cerrado, e atualmente envolvidos em parcerias as mais diversas [...]. Os Xavante têm conseguido ganhar visibilidade na mídia, a partir da combinação de uma ênfase na tradição e inovações na divulgação e na colaboração com profissionais das mais diversas áreas. Ou seja, a inovação na comunicação com o exterior e nas relações interétnicas é utilizada para mostrar sua indianidade por meio da divulgação de sua tradição e cultura mantidas – ou melhor, divulgadas como mantidas, perpetuadas, em resposta à expectativa de imutabilidade que descobriram nos brancos.

Outra etnia indígena que permite repensar a perda cultural são os Waiãpi, povo tupi da Amazônia. Para eles, as noções de tradição cultural

As comunidades indígenas podem se modificar em contato com não indígenas.

Muitos grupos foram obrigados a abandonar seus costumes e tradições e hoje lutam para serem reconhecidos como indígenas. Outros mantêm as tradições que tinham quando desconheciam os não indígenas. Há também aqueles grupos que se adaptam à tecnologia e aos costumes que vêm de fora da aldeia.

Caminhonetes, barcos a motor (**voadeiras**), tratores, rádios a pilha, relógios de pulso, calças, camisetas, tênis, computadores e celulares com acesso à internet já são comuns em muitas aldeias.

voadeira:
pequeno barco a motor que salta conforme a água ondula.

Renato Soares/Pulsar Imagens

Indígena pataxó com câmera de filmagem nos VIII Jogos Indígenas Pataxó. Porto Seguro, estado da Bahia, 2014.

Que costumes dos não indígenas aparecem na fotografia desta página?

O costume de registrar momentos com câmera filmadora.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir aparece várias vezes neste capítulo:

COSTUME

1. Converse com seus colegas sobre o significado da palavra costume. Você a usa em seu cotidiano da mesma forma que ela aparece neste capítulo? Resposta pessoal.
2. Dê um exemplo de costume que faça parte de seu grupo familiar ou até mesmo de sua comunidade.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

As culturas indígenas podem se transformar mesmo sem o contato com o não indígena. É muito comum que os costumes se transformem quando uma aldeia se divide, formando duas, por exemplo.

Atividade

Converse com os alunos, perguntando-lhes o inverso: quais costumes indígenas eles têm no seu dia a dia?

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Trabalhe a ambiguidade da palavra **costume**, que pode significar tanto o hábito desenvolvido pelo indivíduo quanto a prática cultural, que foi a acepção mais utilizada neste capítulo. Os alunos devem perceber que aqui se trata do segundo significado, e não do primeiro. Auxilie-os nessa diferenciação apresentando frases como: "Tenho o costume de acordar cedo." e "Comer tapioca é costume na minha família.". Incentive os alunos a fornecer pelo menos um exemplo de costume adotado por seu grupo familiar ou comunidade.

e civilização são articuladas nas relações entre grupos locais distintos. Os Waiãpi reencontram-se após quatro décadas separados pela fronteira nacional Brasil/Guiana Francesa, sem estabelecer contato. As políticas indigenistas distintas dos governos francês e brasileiro conformam as relações que cada um dos grupos locais Waiãpi estabelecem com as respectivas sociedades nacionais vivendo uma política integracionista, a fração guianense é percebida como *"mais civilizada"* e mais rica, por ser detentora de maior número de bens industrializados. Já os Waiãpi brasileiros, lutando por sua autodeterminação, são tidos como "guardiões da tradição". Desse modo, atualmente os Waiãpi se concebem como complementares e desiguais, uns como tendo perdido a cultura e se "civilizado", outros como a "preservado".

COHN, Clarice. *Culturas em transformação*: os índios e a civilização. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Objetivos do capítulo

1. Identificar a diversidade social e cultural dos povos do continente africano.
2. Conhecer aspectos da história da África por meio do estudo de algumas sociedades africanas do passado (séculos VIII a XVIII, aproximadamente).
3. Reconhecer aspectos sociais e culturais das sociedades africanas na cultura do Brasil.

Para iniciar

Esta é uma oportunidade de explorar, partindo da letra da canção, os conhecimentos prévios dos alunos.

Explore as palavras da canção que têm sua origem nas línguas africanas, assim como muitas outras que usamos em nosso dia a dia, no português falado no Brasil.

Trabalhe com Língua Portuguesa para descobrir essas palavras e o seu significado, enfatizando ao mesmo tempo a aprendizagem da grafia e da leitura delas.

No *site* Observatório da Língua Portuguesa, há uma reportagem sobre palavras das línguas africanas que são faladas no Brasil. Acesse a reportagem no endereço: <http://observalinguaportuguesa.org/palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/>. Acesso em: 25 ago. 2017. Escolha palavras que estão relacionadas ao contexto dos alunos, além das que são mais populares em todo o Brasil. Veja a seguir algumas dessas palavras: abadá, afoxé, acarajé, babá, bagunça, bambolê, catinga, fubá, guandu, inhame, jiló, jongo, marimbondo, maluco, nenê, patota, pito, quabo, sapeca, tagarela, xará, zabumba, zoeira.

Capítulo 4

A herança africana

Os africanos foram muito importantes para a formação do povo brasileiro. Muitas características da cultura brasileira têm origem na África e nas culturas de seus habitantes.

Vamos conhecer um pouquinho da África? Leia a letra da canção a seguir.

África

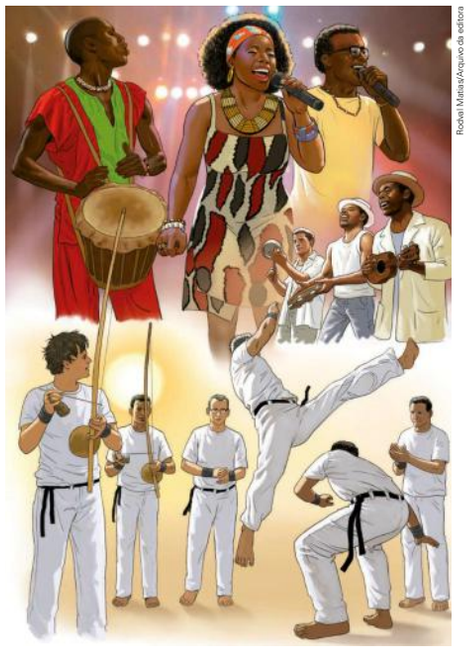
Quem não sabe onde é o Sudão, saberá
A Nigéria, o Gabão, Ruanda
Quem não sabe onde fica o Senegal,
A Tanzânia e a Namíbia, Guiné-Bissau
Todo o povo do Japão, saberá

De onde veio o Leão de Judá
Alemanha e Canadá, saberão
Toda a gente da Bahia sabe já
De onde vem a melodia do ijexá

[...]

Basta atravessar o mar, pra chegar
Onde cresce o baobá, pra saber
Da floresta de Oxalá, e malê
Do deserto de *Alah*, do ilê

PERES, Sandra; TATIT, Paulo; ANTUNES, Arnaldo. África. Intérprete: Palavra Cantada. In: **Pé com pé**. São Paulo: MCD, 2005. Faixa 15.



Rodrigo Matsui/Arquivo da editora

Para iniciar

1. Discuta com seus colegas e seu professor: quais palavras africanas da canção você conhece? Resposta pessoal.

2. Você sabe onde ficam os países citados na canção? Localize-os em um mapa da África. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI01 Identificar os grupos populacionais que formam a cidade, o município e a região, as relações estabelecidas entre eles e os eventos que marcam a formação da cidade, como fenômenos migratórios (vida rural/vida urbana), desmatamentos, estabelecimento de grandes empresas etc.
	BNCC EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.

A diversidade do continente africano

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, a África não é um país, mas sim um continente, formado por mais de 50 países. Ali podemos encontrar muitos povos, línguas e culturas diferentes.

A África é atravessada de leste a oeste pelo deserto do Saara. Ele divide o continente em duas regiões: uma ao norte, de clima quente e seco, e outra ao sul, onde há uma grande área de clima úmido e de florestas. Essas duas partes do continente africano abrigam culturas que são muito diferentes entre si.

É importante estudar a História da África porque, por mais de 300 anos, milhões de africanos foram escravizados e trazidos ao Brasil para trabalhar. Seus descendentes continuaram sendo escravizados, exercendo todos os tipos de trabalho.

Observe o mapa e as fotos.

África: divisão política – 2012

Banco de imagens/Arquivo da editora

IBGE. **Atlas geográfico escolar**. Rio de Janeiro, 2012. p. 45.

De Agostini/Getty Images

Menina egípcia. Cairo, Egito, 2016.

Puis Utomi Ekpei/AFP

Menino nigeriano, em trajes tradicionais muçulmanos. Nigéria, 2015.

Converse com seu professor e seus colegas: de quais países da África você já ouviu falar? O que você sabe sobre eles? Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 61 a 63

Estas páginas têm como proposta o trabalho com a diversidade dos povos do continente africano nos seus aspectos sociais e culturais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles. Ao estudarmos a África, seus países e povos, estimulamos o aluno a conhecer e a valorizar o continente de onde vieram os ancestrais de grande parte da população brasileira. Contemplamos as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03** e **EF03HI07** da BNCC.

Orientações didáticas

Ao explorar o mapa com os alunos, comente que a maior parte das atuais fronteiras entre os países africanos foi demarcada na época da dominação europeia (séculos XIX e XX), sem que se respeitassem os povos que ali viviam. Por isso, notamos diversas "linhas retas" no mapa, evidenciando a partilha do continente entre os diferentes países colonizadores.

O Saara Ocidental foi incluído no conjunto de países da África. A ONU reconhece esse país como autônomo, embora as disputas com o Marrocos não tenham terminado. Não foram consideradas as unidades ultramarinas da Espanha e da França existentes no continente. Não será abordada aqui a África de cultura e língua árabe e berbere (África ao norte do Saara).

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	BNCC EF03HI07 Identificar semelhanças e diferenças existentes entre comunidades de sua cidade ou região, e descrever o papel dos diferentes grupos sociais que as formam.
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

Orientações didáticas

Estimule a observação das fotos desta página. É interessante comentar com os alunos que a paisagem natural da África, bem como a cultural, é muito diversificada. As áreas empobrecidas ou em conflito costumam ser as que mais aparecem na mídia, mas há no continente áreas férteis, ricas e modernizadas.

Atividades 1 e 2

A resposta pode variar de acordo com a experiência pessoal do aluno. É importante que ele observe os elementos da paisagem e reflita sobre componentes naturais e não naturais para identificar semelhanças e diferenças em relação às paisagens brasileiras. As cidades modernas evidenciam uma semelhança maior com o Brasil, mas nas paisagens rurais nota-se o mesmo chão de terra avermelhada que caracteriza os solos lateríticos das regiões tropicais e equatoriais do interior do Brasil. Trabalho conjunto com Geografia.

Atualmente, mais de 2 mil línguas e dialetos são falados na África.

Em alguns países, a população é formada por diferentes povos, que falam diferentes idiomas. Além das línguas e dos dialetos africanos, há línguas de origem europeia, como o português, e de origem asiática, como o árabe.

Na África, há cidades modernas e vilas e aldeias tradicionais, onde os povos cultivam os costumes de seus antepassados.

Klaus Blume/DPA/AFP

A tribo Maasai vive no sul do Quênia. Parque Nacional Mara, aldeia Obonana, Quênia, 2017.

Industryandtravel/Alamy/Fotoarena

Vista aérea de Nairóbi, capital do Quênia, 2015.

1 Observe as fotos acima e responda às questões.

a) O que se pode ver na fotografia 1?

Uma comunidade tradicional da África subsaariana. Ao fundo, casas de barro com estrutura de madeira e telhado de palha.

b) O que você pode ver na fotografia 2?

A paisagem de uma grande cidade, com prédios altos.

2 Em alguma das fotos a paisagem se parece com a de algum lugar do Brasil? Por quê? Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A África subsaariana é a que está ao sul do deserto do Saara. É preciso esclarecer que, apesar das diferenças, existe há muitos séculos um intenso comércio e intercâmbio entre os povos dos dois lados do deserto. Foi assim, por exemplo, que o islamismo se difundiu entre países do oeste africano, como o Senegal e o norte da Nigéria. A respeito desse assunto, o antropólogo Kabengele Munanga esclarece:

> As duas Áfricas situadas dos dois lados do Saara se distinguem culturalmente, mas não porque os habitantes de um e de outro lado são classificados na grande raça negra e na grande raça branca. [...] A experiência de similaridade que é experimentada em diversos pontos da África subsaariana fundamenta-se na similaridade cultural.
>
> MUNANGA, Kabengele. *Origens africanas do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Global, 2009. p. 31.

A África foi dominada por países europeus durante séculos. Portugal foi o primeiro a dominar territórios africanos, que hoje correspondem a países conhecidos como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Mais de 200 anos depois, outros países europeus, como Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Bélgica, dividiram entre si quase todo o continente africano.

É por isso que, hoje, os povos da Nigéria, por exemplo, além das línguas e dialetos africanos, falam inglês, e os povos de Angola falam português. Grande parte dos países africanos se tornou independente ao longo dos últimos cem anos.

jbdodane/Alamy/Fotoarena

Festa de Carnaval na cidade de Lubango, Angola, 2014.

1 Converse com seus colegas e com seu professor: por que a língua falada no Brasil é a mesma falada em alguns países africanos?

Porque tanto o Brasil como esses países africanos foram colonizados por Portugal.

2 Escreva uma frase com estes grupos de palavras:

ANGOLA, MOÇAMBIQUE E CABO VERDE

LÍNGUA PORTUGUESA

PAÍSES AFRICANOS

Sugestão de resposta: Angola, Moçambique e Cabo Verde são países africanos nos quais se fala a língua portuguesa.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para sua referência, leia o texto a seguir:

Principais fornecedores de escravos

[...] os primeiros traficantes de escravos na costa atlântica da África foram os portugueses, mas logo em seguida vieram espanhóis, ingleses, franceses, holandeses, norte-americanos, brasileiros, cubanos e um ou outro comerciante de outras origens. De cerca de 1445 a 1866, pessoas foram vendidas aos barcos que ancoravam em alguns portos da costa, depois de terem passado por muitas mãos, vindas de lugares cada vez mais ao interior do continente. [...] No início do século XIX [...] os principais fornecedores eram os reinos de Daomé, Oió, Cassanje, Matamba, Luba e outras chefaturas banto, que atacavam seus vizinhos e cobravam tributos na forma de escravos, vendidos nas feiras do interior e nos portos costeiros.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2010. p. 147.

Orientações didáticas

As exceções são a Etiópia e a Libéria, que não foram colonizadas.

As palavras africanas que usamos no português do Brasil são provenientes de várias línguas e dialetos africanos. Por influência delas, a língua portuguesa praticada no Brasil é bem diferente do português falado em Portugal. A maior parte das palavras africanas usadas no Brasil vem do quimbundo, língua do povo banto. Na época da escravidão, o quicongo e o quimbundo eram as línguas africanas mais faladas no Brasil. Ainda hoje inúmeros dialetos são falados por quilombolas e outras comunidades negras das zonas rurais do Brasil.

Para mais informações, consulte o *link*: <www.brasil.gov.br/cultura/2014/11/linguas-africanas-exercem-influencia-direta-no-portugues>. Acesso em: 4 out. 2017.

Pensar histórico

Este capítulo trabalha a grande diversidade de povos e culturas africanas, com destaque para aspectos da vida em comunidade em alguns reinos do passado. Essa abordagem é importante para mostrar os povos africanos como sujeitos históricos, portadores de cultura e trajetória próprias e transmissores de muitos elementos que influenciaram a cultura brasileira.

A BNCC nas páginas 64 a 67

Com o estudo de alguns reinos africanos do passado, entre os séculos VIII e XIX d.C., pretende-se sensibilizar e motivar os alunos a conhecer e a valorizar aspectos sociais e políticos da história da África subsaariana, parte do continente de onde vieram os ancestrais dos afro-brasileiros, buscando dar subsídios para o desenvolvimento da habilidade **EF03HI03** da BNCC.

Orientações didáticas

Comente que a capital do Reino de Gana, Kumbi Saleh, era um importante entreposto comercial; a presença de mercadores, negociantes e artesãos era constante em suas ruas.

O Reino de Gana existiu, aproximadamente, entre os anos 800 e 1200.

Entre os séculos XVI e XIX foi intenso o tráfico de africanos escravizados para o Brasil.

Explique aos alunos que os quatro reinos aqui estudados são apenas alguns exemplos, entre vários, para que possamos entrar em contato com uma parte da história da África. Gana, Mali, Congo e Benin foram escolhidos porque tiveram grande influência e longa duração. Houve outros reinos, em outras partes do continente, também importantes, como Daomé, Ashanti, Lunda, Songhay e Monomotapa.

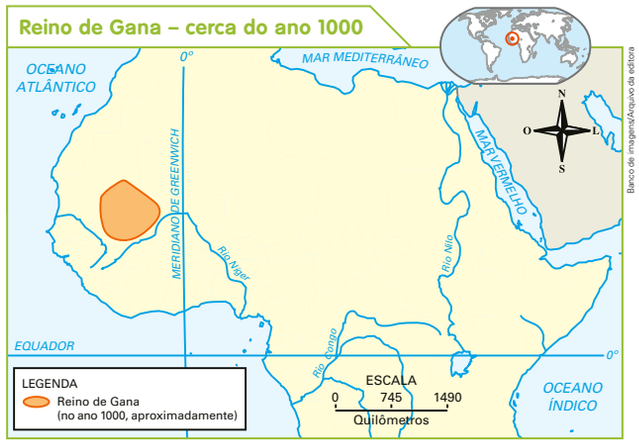
A área de influência do Reino de Gana abarcava principalmente partes dos atuais Mali e Mauritânia. É importante que os alunos não confundam o nome do reino com o país que existe atualmente, pois se trata de territórios diferentes. Essa mesma situação pode ocorrer com os outros reinos aqui estudados.

Os reinos africanos do passado

O continente africano tem muitas histórias para contar. Diversos reinos se formaram ali desde os tempos mais antigos. Vamos estudar quatro deles: Gana, Mali, Congo e Benin.

O Reino de Gana era formado por diversas vilas. Os povos que faziam parte do reino pagavam impostos e forneciam tropas ao rei. Muitas lutas eram travadas contra povos inimigos que pretendiam controlar o forte comércio de Gana.

Os reis se vestiam com roupas luxuosas, como túnicas e gorros bordados com fios de ouro.



DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2007. p. 216.

Gil Giuglio/Hemis.fr/aypix

Ruínas de Ualata, cidade que fez parte do Reino de Gana. Em 1996, foi considerada Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

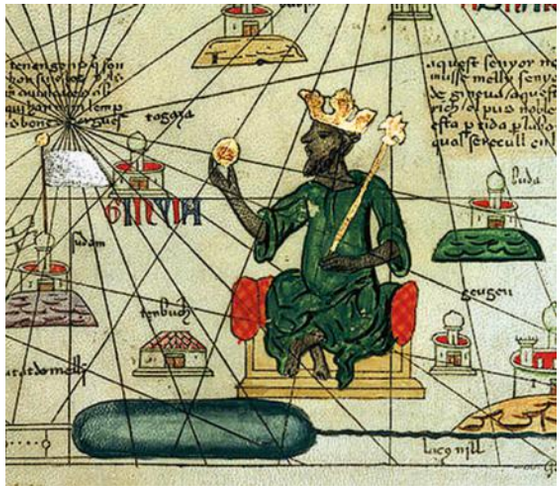
Atividade complementar

Compare o mapa desta página com o mapa atual da África, da página 61. Veja quais são os países (trecho de Mali e trecho de Mauritânia) que hoje correspondem ao antigo reino de Gana. Veja com eles também no mapa onde se localiza o atual país Gana. Façam rápida pesquisa sobre esses países na internet: população, moeda, línguas faladas, capital, fontes de economia e outros aspectos.

Repita o exercício com os outros reinos, representados nas páginas 65, 66 e 67.

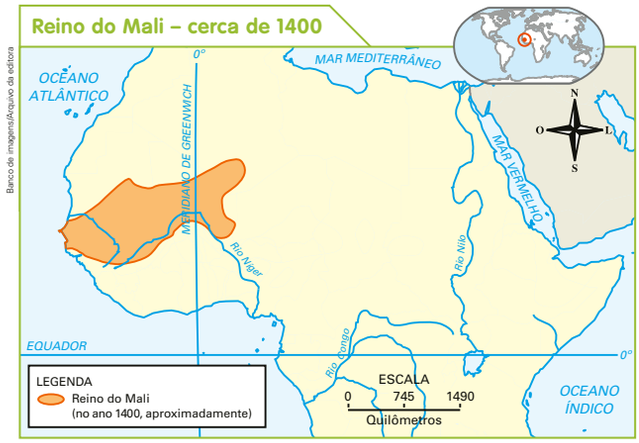
O Reino do Mali era formado por muitos territórios e povos, que pagavam impostos e forneciam tropas ao **mansa**, o rei, de forma semelhante ao que ocorria no Reino de Gana.

Os reis se vestiam com roupas muitas vezes bordadas com fios de ouro. Seus chefes militares usavam espadas e lanças também feitas de ouro.



Abraão Cresques De Maiorca/Atlas Catalán, 1375/Wikimedia Commons

A ilustração acima representa o mansa Musa, um dos reis do Mali. Este é um detalhe do **Atlas Catalán**, feito em 1375.



Banco de imagens/Arquivo da editora

OVERY, Richard. **A história completa do mundo**. Rio de Janeiro: Reader's Digest, 2009. p. 154.

1 Cite três semelhanças entre os reinos de Gana e do Mali.

1. Pagamento de impostos; 2. fornecimento de tropas ao rei; 3. presença de objetos feitos de ouro.

2 Em sua opinião, por que os reis de Gana e do Mali se vestiam com roupas bordadas com fios de ouro? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

O Reino do Mali existiu de, aproximadamente, 1200 a 1600. Explique que a área de influência do Reino do Mali abarcava partes dos atuais Mali, Mauritânia, Burkina Fasso e Níger. Sua capital se chamava Niani.

Atividade 2

Os alunos podem dizer que era uma maneira de mostrar poder diante de seus súditos.

Atividade complementar

No passado grandes reinos se formaram na África. Havia também no continente pequenos grupos humanos que viviam da caça e da coleta.

Mas todas as sociedades africanas,

> das mais simples às mais complexas, se organizavam a partir da fidelidade ao chefe e das relações de parentesco. O chefe de família, cercado de seus dependentes e agregados, era o núcleo básico de organização na África. Assim, todos ficavam unidos pela autoridade de um dos membros do grupo, geralmente mais velho e que tinha dado mostras ao longo da vida da sua capacidade de liderança, de fazer justiça, de manter a harmonia na vida de todo dia.

SOUZA, Marina de Mello e. *África e Brasil africano*. São Paulo: Ática, 2010. p. 31.

Promova com os alunos uma discussão para comparar essa forma de organização social com a nossa atual e perguntar-lhes como é na sua família.

Orientações didáticas

O Reino do Congo existiu, aproximadamente, entre os anos 1300 e 1600.

Explique que o Reino do Congo ocupava parte da África centro-ocidental e era formado por diversas províncias. Comente também que o rei do Congo não governava sozinho: ele contava com a ajuda de pessoas que formavam o conselho real, como secretários e coletores de impostos. A capital do Reino do Congo era Mbanza Congo.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Os alunos vão citar, provavelmente, que a ouviram em desenhos e filmes.

Reflita com os alunos sobre as peculiaridades dos reinos africanos em contraposição aos reinos comumente retratados (de origem europeia) em desenhos e filmes. Caso eles se interessem pelos reinos ainda existentes, acesse a reportagem disponível em: <http://exame.abril.com.br/mundo/conheca-as-28-monarquias-que-ainda-existem-no-mundo/>. Acesso em: 12 jun. 2017. Comente que ainda hoje há reinos no mundo, como os da Bélgica, da Dinamarca, da Espanha, da Suécia, da Tailândia, do Marrocos, da Arábia Saudita, entre outros.

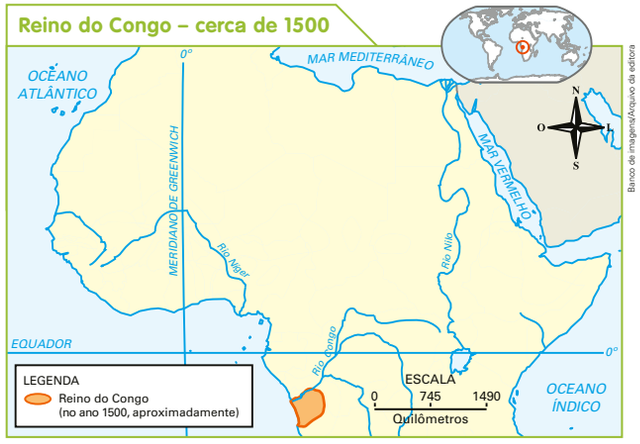
No Reino do Congo, os produtos mais comercializados eram tecidos e sal. Conchas eram utilizadas como moedas.

Havia artesãos com conhecimentos especializados, como ferreiros, que produziam ferramentas para o trabalho agrícola e armas.

O rei do Congo era chamado de **manicongo**.

The Bridgeman Art Library/Easypix/Museu do Quai Branly, Paris, França

Figura utilizada em práticas religiosas do Congo. Escultura de madeira [s.d].



DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2007. p. 216.

1 O que era utilizado como moeda no Reino do Congo?

Conchas eram utilizadas como moeda.

2 O que os ferreiros produziam no Reino do Congo?

Ferramentas para o trabalho agrícola e armas.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir é muito importante para compreender a história dos povos africanos:

REINO

1 Você já ouviu essa palavra anteriormente? Converse com seus colegas.
Resposta pessoal.

2 Caso já tenha ouvido falar de reinos, descreva no caderno como você imagina que eles seriam. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Antes de prosseguir, nas páginas seguintes, com a abordagem em sala de aula sobre as comunidades afro-brasileiras, é importante saber como a ideia de ancestralidade se efetiva nas relações cotidianas dessas comunidades. Para se aprofundar nesse tema, leia o texto a seguir, publicado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, órgão do governo federal.

Comunidades Tradicionais de Matriz Africana

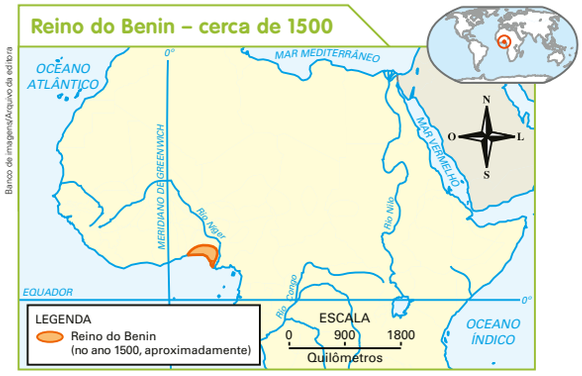
Os povos tradicionais de matriz africana se reconhecem como unidades de resistência africana no Brasil. Esses coletivos se caracterizam pela manutenção de um contínuo civilizatório africano no Brasil, constituindo territórios próprios marcados pela vivência comunitária, pelo acolhimento e pela prestação de serviços sociais e são uma importante referência de africanidade na sociedade brasileira.

[...]

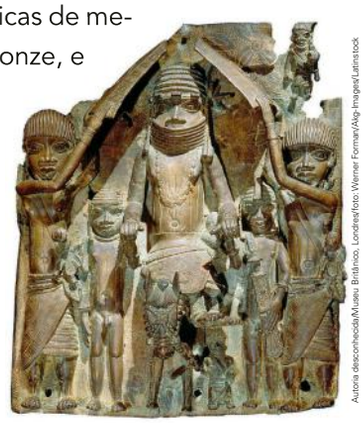
No Reino do Benin, as pessoas acreditavam que o rei tinha poderes especiais. Ele vivia num palácio rodeado por muitas construções, onde moravam as pessoas que trabalhavam para ele. Ali viviam, por exemplo, artistas que faziam placas de bronze. Nelas eram representadas cenas de batalhas e do cotidiano do reino.

O rei do Benin era chamado de **obá**. As roupas usadas por ele eram enfeitadas com corais. Diversos artistas fizeram representações do obá em placas de bronze, como a da imagem abaixo.

Os africanos trouxeram para o Brasil várias técnicas de metalurgia para trabalhar metais, como o ferro e o bronze, e para fabricar instrumentos de trabalho e outros.



DUBY, Georges. **Atlas historique mondial**. Paris: Larousse, 2007. p. 216.


Autoria desconhecida/Museu Britânico, Londres/foto: Werner Forman/Akg-Images/Latinstock

Os artistas do Benin produziam placas de bronze desde o século XIII. A placa acima representa obá (rei) com alguns soldados.

Escolha uma das imagens dos reinos da África estudados neste capítulo. Em seguida, descreva-a no caderno e depois produza uma legenda nova para ela.
Resposta pessoal.

Pesquise

reserva:
área destinada pelo governo de um país à preservação do ambiente natural.

Reinos, cidades, povos. Neste capítulo, você estudou alguns aspectos da história da África. Saiba também que o continente africano é o ambiente natural de muitos animais. A maior parte deles vive em parques ou em **reservas**, como a reserva de Maasai Mara, no Quênia, e o Parque Nacional do Serengeti, na Tanzânia.

1. Procure em revistas, jornais ou *sites* fotos de dois animais de origem africana.
2. Recorte e cole cada um em uma folha à parte.
3. Escreva abaixo de cada foto uma frase sobre o animal.
4. Sob a orientação do professor, organize com seus colegas um mural com todos os animais que vocês encontraram.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

O Reino do Benin existiu, aproximadamente, entre 1400 e 1900.

Explique que a maior parte do Reino do Benin estava localizada no território da atual Nigéria. A capital foi, durante muito tempo, chamada de Benin. Comente também que os colares feitos em coral usados pelos reis do Benin eram tão numerosos que chegavam a cobrir todo o pescoço. A coroa do rei, parecida com uma touca, também era de coral.

Pesquise

Se possível, mostre aos alunos algumas fotos de parques e reservas no continente africano. Apresente o nome de animais de algumas áreas do continente, como o gorila-das-montanhas e o camelo. Explique que o camelo é bastante utilizado no Saara; no passado, esse animal foi de extrema importância nas rotas de comércio saarianas. Trabalho conjunto com Ciências ou com Geografia.

Explique que áreas de proteção aos animais foram criadas em diversos países africanos para preservar a fauna local e controlar a caça e as atividades do ecoturismo.

Alguns dos animais que os alunos podem apresentar: leão, hipopótamo, zebra, girafa, elefante, dromedário, rinoceronte, hiena, chimpanzé, gorila, leopardo, guepardo, antílope, búfalo, impala, babuíno, porco-espinho, javali-africano, crocodilo, gnu, abutre, grou, flamingo, avestruz, etc.

Três grandes matrizes culturais – Yorùbá, Bantu e Ewé Fon – conseguiram preservar muito de suas cosmovisões e saberes tornando-os marcas indeléveis na história e no modo de ser e viver brasileiros. Essas matrizes culturais se reelaboraram dando origem a territórios tradicionais, com diversas denominações, de norte a sul do país.

O Governo brasileiro, desde 2003, trouxe para a agenda política do Estado as pautas do combate ao racismo, promoção da igualdade racial e desenvolvimento sustentável dos povos e comunidades tradicionais. Nesse contexto, ações específicas e coordenadas começaram a se efetivar, e culminaram, em janeiro de 2013, no lançamento do I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. [...].

COSTA, Carmen Cira Lustosa. *Comunidades tradicionais de matriz africana*. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Disponível em: <www.seppir.gov.br/comunidades-tradicionais/comunidades-tradicionais-de-matriz-africana>. Acesso em: 25 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 68 e 69

Estas páginas estimulam o aluno a reconhecer o papel das comunidades afro-brasileiras e suas principais formas de manifestação: os aspectos sociais e culturais dos grupos de matriz africana na cultura do país e a sua luta pelo merecido lugar, mais justo e mais igualitário dentro da sociedade brasileira, contemplando as habilidades **EF03HI01**, **EF03HI03** e **EF03HI07** da BNCC.

Orientações didáticas

As maiores concentrações de comunidades quilombolas encontram-se perto dos grandes centros de exploração econômica no Brasil colonial: o Sudeste, com a exploração do ouro, e o Nordeste, com a exploração da cana-de-açúcar. Os quilombolas são um símbolo da resistência e da afirmação da identidade negra no Brasil e enfrentam dificuldades para o reconhecimento de suas terras devido à expansão do agronegócio. É possível estabelecer um paralelo entre os quilombolas e os indígenas no que se refere à questão da terra e do agronegócio. A situação dos indígenas foi tratada no terceiro capítulo.

Atividade 1

Caso a escola se localize em área urbana muito distante da área rural, explique a diferença entre a vida no campo, onde parte dos produtos consumidos pode ser produzida nas propriedades rurais (há produtos que são comprados, como sal, açúcar, farinha e outros), e a vida nas áreas urbanas, onde os produtos geralmente são adquiridos em feiras e supermercados. Trabalho conjunto com Geografia.

As comunidades afro-brasileiras

Você sabe o que são comunidades quilombolas?

São comunidades localizadas em áreas de difícil acesso, em geral formadas por escravizados fugidos que não aceitavam o regime de escravidão nos séculos XVI a XIX. Nessas comunidades, também moravam pessoas livres que preferiam aquele modo de vida ao das fazendas e cidades. Essas áreas são ocupadas até hoje pelos descendentes dos antigos moradores.

Ainda hoje os habitantes dessas comunidades possuem modos de viver e tradições religiosas em comum, que podem ser diferentes de outros grupos da sociedade. Às vezes, os quilombolas têm um jeito diferente de falar, resultado da herança africana e de anos de isolamento.

As comunidades quilombolas estão, principalmente, nos estados do Maranhão, Bahia, Pará, Minas Gerais e Pernambuco. Há mais de 3 mil comunidades quilombolas reconhecidas no Brasil.

roça: pequena plantação, em geral de alimentos.

Agricultura ainda é a maior fonte de renda dos quilombolas

Para a lavradora Aurea Paulino, da comunidade Kalunga, em Goiás, a **roça** é garantia de tranquilidade. "Você quer uma banana, você tem; quer uma mandioca, você tem. O arroz e o feijão, que é o principal, a gente planta. Então eu acho bom, porque não é todo lugar que a pessoa tem esse privilégio", diz. [...]

No quilombo onde Áurea vive há um forte sentimento de comunidade. Os kalungas se ajudam muito e não deixam um vizinho passar necessidade.

César Diniz/Pulsar Imagens

Crianças quilombolas jogam capoeira durante festa de Cultura Afro-Brasileira em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Araruama, Rio de Janeiro, 2015.

ANTONIO, Thaís. Agricultura ainda é a maior fonte de renda do país. **Agência Brasil**. Disponível em: <www.ebc.com.br/cultura/2013/11/a-agricultura-ainda-e-a-maior-fonte-de-renda-dos-quilombolas>. Acesso em: 23 jun. 2017.

1 Por que a agricultura é importante para os quilombolas?
Porque é por meio dessa atividade que eles produzem os alimentos que consomem.

2 Você sabe se há comunidades quilombolas na cidade em que você mora?
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Negro ou preto?

– É importante esclarecer que ser **negro** no Brasil não se limita às características físicas. Trata-se, também, de uma escolha política. Por isso, o é quem assim se define.

– **Preto** é um dos quesitos utilizados pelo IBGE para classificar, ao lado dos outros – **branco, pardo, indígena** – a cor da população brasileira. Podemos agregar dados relativos a **pretos e pardos** sob a categoria **negros**, já que ambos reúnem, conforme alerta o Movimento Negro, aqueles que reconhecem sua **ascendência africana**.

– O processo de construção da identidade negra em nosso país é marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana assim como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. No Brasil, algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe ser negro(a), se designam negros e, outros, com traços físicos africanos, se dizem brancos.

Em muitas cidades do Brasil existem marcos ligados à história dos africanos e de seus descendentes brasileiros.

A cidade de Salvador, capital do estado da Bahia, por exemplo, recebeu o título de capital afrodescendente do Brasil. Veja abaixo alguns dos motivos para a cidade merecer esse título.

Fábio Colombini/Acervo do fotógrafo

O acarajé faz parte da culinária de Salvador. Esse alimento era originalmente ofertado aos orixás, os deuses africanos. Baiana do acarajé em Salvador, Bahia, 2013.

César Diniz/Pulsar Imagens

A capoeira é uma expressão cultural que mistura luta e dança. Sua origem vem dos negros escravizados no Brasil. Roda de capoeira, em Salvador, Bahia, 2016.

Desafio

1. Forme um grupo com seus colegas e, com a ajuda de seu professor, busque locais na cidade onde vocês moram que são importantes para a história dos africanos e de seus descendentes. Não se esqueçam de registrar os locais que mostram a participação atual dos afro-descendentes. Consultem guias ou mapas da cidade, materiais impressos ou *sites* na internet que falem sobre o assunto. Se não encontrarem informações, pesquisem sobre a capital do seu estado.
2. Com as informações encontradas, façam um quadro em folha separada com o nome do local, data de fundação, motivo de sua importância, atividades que ocorriam ou ainda ocorrem nessa região, entre outras informações importantes.
3. Façam um cartaz com fotos da cidade e dos locais por vocês destacados como importantes.
4. Organizem uma exposição na sala de aula e conversem sobre as informações encontradas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Desafio

Auxilie os alunos neste **Desafio**, pois eles devem ter alguns conhecimentos sobre a história do município para poder realizar a pesquisa. Não aborde apenas os marcos relacionados à época da escravidão. É importante também que se observe os marcos da cultura dos afrodescendentes no momento atual e de sua luta para melhoria das condições dessa parcela da população brasileira.

Entre os locais, podem ser citados os de trabalho, como a lavoura, a mineração, o extrativismo, o comércio e outros trabalhos urbanos; também podem ser lembradas as comunidades de bairro, as associações religiosas e esportivas, a culinária, a religião, os locais de atividade acadêmica e intelectual, as artes, o esporte, a dança, a música popular. Esta atividade também pode ser feita com outros grupos sociais que contribuíram para a formação cultural de sua cidade, como os indígenas, os migrantes de outras regiões brasileiras ou outros grupos imigrantes.

Pensar histórico

Para estudar e refletir sobre a trajetória histórica do Brasil, é fundamental identificar as comunidades afro-brasileiras, conhecer seu passado de luta e resistência e reconhecer sua importância para o enriquecimento cultural da sociedade brasileira.

É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este sentido negativo da palavra se estende até hoje. Contudo, o Movimento Negro ressignificou esse termo dando-lhe um sentido político e positivo.

VALVERDE, Rosa. *Educação das relações étnico-raciais*. Portal da cultura afro-brasileira. Disponível em: <www.faecpr.edu.br/site/portal_afro_brasileira/1_I.php>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Caso deseje se aprofundar nesse assunto tão importante e em constante debate em nosso país, leia: CONCEIÇÃO, Maria Telvira da. O trabalho em sala de aula com a história e a cultura afro-brasileira no ensino de História. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Coleção *Explorando o ensino:* História. Brasília: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7839-2011-historia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 31 ago. 2017.

A BNCC nesta seção

Com esta abordagem sobre a técnica de fabricação tradicional dos tecidos Kente os alunos são incentivados a refletir que todas as sociedades, dos mais diferentes lugares e diferentes estágios de desenvolvimento, possuem técnica e tecnologia para fabricar grande parte dos produtos que necessitam no seu dia a dia. As vestes produzidas com este tecido faziam e ainda fazem parte da identidade de um povo, caracterizando-se como um de seus aspectos culturais. Os alunos desenvolvem aqui as habilidades **EF03HI03** e **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

A proposta desta atividade é reconhecer figuras geométricas simples nos tecidos Kente. Também é possível incentivar os alunos a refletir sobre a importância da vestimenta na afirmação da identidade de um povo. Explique a eles que os padrões geométricos possuem significados dentro da cultura Ashanti e Ewe. Trabalho conjunto com Matemática e Arte.

TECENDO SABERES

Os povos Ashanti e Ewe, que vivem nos países africanos de Gana e Togo, produzem tecidos chamados Kente com figuras geométricas que se repetem. A fabricação desses tecidos é difícil, e a técnica é transmitida de pai para filho. Antigamente, esses tecidos eram feitos somente para os reis, mas hoje eles são populares e são vendidos em mercados e feiras.

Eddie Gerald/Alamy/Fotoarena

Otumfuo Nana Osei Tutu II, o 16º rei do Reino Ashanti. República de Gana, 2015.

1 Você sabe onde ficam Togo e Gana? Consulte um mapa político da África e pinte, no mapa ao lado, de **vermelho** o território de Togo e de **amarelo** o território de Gana.

Banco de imagens/Arquivo da editora

IBGE. **Atlas geográfico escolar**. Rio de Janeiro, 2012. p. 45.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

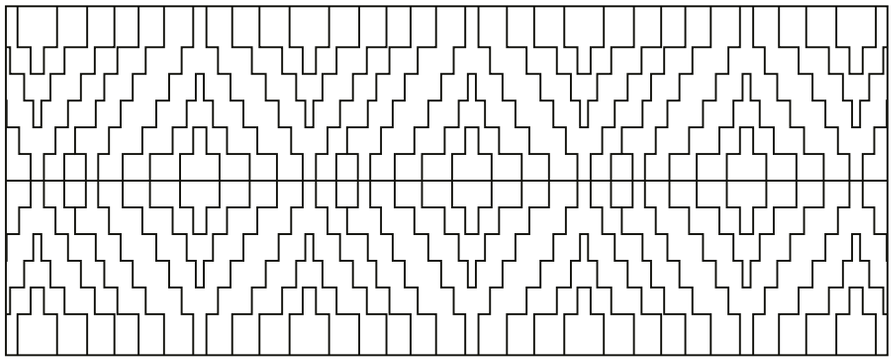
Apresentamos o texto a seguir para sua referência e possível debate com os alunos.

A África, berço da humanidade, também desenvolveu tecnologias fundamentais para a cultura humana. Além da metalurgia, alguns povos bantos praticavam a caça com utilização de rede, armadilha de laço, arco e flecha, armadilhas cavadas no chão e até um tipo de espingarda. Também praticavam a pesca e a olaria; faziam trabalhos em folha de palmeira; carpintaria; tecelagem; curtiam peles; faziam escultura e gravação em marfim e madeira e preparavam bebidas alcoólicas. Fabricavam um tipo de pólvora usando uma cana chamada djeredjere e uma espécie de casca chamada uunga, que se formava sobre rochas. Praticavam a agricultura e a pecuária. Todas essas atividades e técnicas foram trazidas para o Brasil.

Os povos bantos também já conheciam a tecelagem. Produziam panos de algodão de ótima qualidade, que eram exportados para a Europa desde o século XII. Além do algodão, usavam as fibras de uma palmeira chamada ráfia para fabricar um tecido conhecido como pano de palha.

Os povos bantos tinham grandes conhecimentos matemáticos. A cultura de matriz banta está repleta de símbolos geométricos. O que

2 A imagem abaixo representa uma série de figuras geométricas de um tecido Kente, mas sem as cores. Observe os tecidos desta página e da anterior e pinte a imagem com as cores de que você mais gosta.



3 Quais figuras geométricas você reconhece no desenho que acabou de pintar?

É possível reconhecer losangos, quadrados e retângulos.

4 Você consegue criar desenhos parecidos com os dos tecidos Kente? Observe o tecido abaixo, escolha algumas figuras geométricas e desenhe como seria seu tecido.

Thomas Cockrem/Alamy/Fotoarena

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Comente sobre as variadas técnicas de produção e de trabalho dominadas por muitos dos que vinham da África. Essas técnicas, misturadas às trazidas pelos portugueses e às técnicas indígenas contribuíram para o desenvolvimento de muitas atividades econômicas aqui no Brasil.

Explique quais desses conhecimentos trazidos da África e misturados com os dos outros povos formadores do povo brasileiro ainda existem até hoje, como por exemplo, a cestaria em ráfia, a metalurgia artesanal, a olaria, os trabalhos com folhas de palmeira, tipos de casas, esculturas, gravações, etc.

mais chama a atenção dos cientistas, no entanto, é um pequeno pedaço de osso de um macaco babuíno: o osso de Ishango, encontrado no Congo em 1960. Com cerca de 20 mil anos, o osso, guardado no Real Instituto Belga de Ciências Naturais, pode ser o mais antigo artefato matemático que se conhece. Além de um pedaço de quartzo incrustado numa extremidade, o osso contém traços divididos em três colunas.

Ciência e tecnologia. Mojubá. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/programa/ciencia-e-tecnologia>. Acesso em: 26 out. 2017.

Objetivo das páginas 72 e 73

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo** e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**. Nesta atividade, deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem as palavras que mais lhes chamaram a atenção durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 59 e 61.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário dos alunos.

Incentive a conversa em sala de aula. Os alunos discutiram sobre os usos da palavra **costume**, percebendo que, muitas vezes, é possível descobrir o significado de algumas palavras de acordo com o contexto em que elas aparecem. No trabalho com a palavra **reino**, os alunos foram incentivados a comparar suas expectativas e seus conhecimentos prévios a respeito dessa palavra com o que eles aprenderam no capítulo.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 2. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 3 – Os primeiros moradores do Brasil

Muitos grupos foram obrigados a abandonar seus costumes e tradições e hoje lutam para serem reconhecidos como indígenas.

Resposta pessoal.

Capítulo 4 – A herança africana

Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, a África não é um país, mas sim um continente, formado por mais de 50 países. Ali podemos encontrar muitos povos, línguas e culturas diferentes.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

COSTUME, página 59.

REINO, página 66.

1. O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com os colegas.
Resposta pessoal.
2. Em um quadro no seu caderno escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 2. Observe-os atentamente.

Capítulo 3
Os primeiros moradores do Brasil

Capítulo 4
A herança africana

Ilustrações: Ilustra Cartoon/Arquivo da editora

2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 3

Capítulo 4

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade, usando a **linguagem gráfica**. Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturações do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 74 e 75

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e a síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação nas Orientações gerais deste Manual do Professor, na página XIII.

Hora de organizar o que estudamos

- Centenas de povos indígenas vivem no Brasil. Muitos indígenas vivem em Terras Indígenas afastadas de áreas urbanas, mas alguns vivem nas cidades e procuram manter seus costumes e tradições.

- Os hábitos e as tradições culturais dos grupos indígenas são diferentes entre si e diferentes daqueles dos não indígenas, moradores das cidades.

- Muitos indígenas são prejudicados pela invasão de suas terras por não indígenas que desejam explorar minérios e madeira, ou plantar soja e criar gado. Isso interfere no estilo de vida dessas comunidades, que precisam ser respeitadas e protegidas.

- As comunidades indígenas se modificam em contato com os não indígenas. A cultura indígena também influencia a cultura dos não indígenas.

- A África é um continente onde vivem muitos povos diferentes, com línguas diferentes e várias culturas e tradições. No continente há cidades muito modernas e aldeias onde a população vive como viviam seus antepassados.

- A história dos povos africanos é muito rica. Vários reinos já existiram em diferentes partes da África, com hábitos e costumes distintos. Os povos africanos dominavam vários conhecimentos, que trouxeram para o Brasil, como conhecimentos de plantas medicinais e a tecnologia para trabalhar metais.

Klaus Blume/DPA/AFP

A tribo Maasai vive no sul do Quênia. Parque Nacional Mara, aldeia Obonana, Quênia, 2017.

- Quilombolas são comunidades muito antigas, com tradições culturais e religiosas em comum, que habitam terras compradas ou doadas há anos. São em sua maioria formadas por descendentes de negros escravizados.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de...

Livros

Reprodução/Edições SM

ABC dos povos indígenas no Brasil. Marina Kahn, Edições SM.

O livro traz um panorama sobre os povos indígenas no Brasil, abordando temas como as tradições, os modos de trabalhar e produzir, o cotidiano nas aldeias, a técnica da pintura corporal, a relação com a natureza, a preservação do meio ambiente e outros.

Reprodução/Editora do Brasil

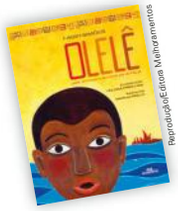
A cura da terra. Eliane Potiguara, Editora do Brasil.

Conversando com sua avó, a pequena indígena Moína aprende muito sobre a história de seu povo e passa a entender a importância de conhecer e preservar suas tradições.

Reprodução/Editora Pallas

A vassoura do ar encantado. Zetho Cunha Gonçalves, Pallas.

O livro apresenta diversas lendas africanas. Aldeias antigas, histórias de ancestrais, mitos e saberes antigos sobre o meio ambiente são os principais temas das lendas.



Reprodução/Editora Melhoramentos

Olelê: uma antiga cantiga da África. Fábio Simões, Melhoramentos.

O livro apresenta a história de uma canção tradicional infantil de um povo africano. Na canção, é possível encontrar palavras de origem africana que hoje fazem parte do nosso vocabulário.

Filme

Kiriku e a feiticeira. Direção: Michel Ocelot, 1998.

A animação retrata uma lenda africana. Um recém-nascido que sabe andar, falar e correr procura salvar sua aldeia das ações da feiticeira Karabá, que roubou o ouro das pessoas, prejudicou os guerreiros e secou a fonte de água local.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você gostou mais nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Indicações de leitura para o professor

- GOMES, Mércio Pereira. *Os índios e o Brasil*: presente, passado e futuro. São Paulo: Contexto, 2012.

  Este livro apresenta um panorama histórico dos povos indígenas no Brasil e expõe os desafios que esses povos enfrentarão no futuro.
- LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila. *Toques do griô*: memórias sobre contadores de histórias africanas. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

  Os griôs são os guardiões da história e da memória africana. Conheça algumas de suas histórias e sua importância para sociedades do oeste africano.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

Aldeias, palavras e mundos indígenas. Valeira Mendonça Macedo. Cia. das Letrinhas.

Diário de Pilar na África. Flavia Lins e Silva. Pequena Zahar.

Meninas negras. Madu Costa. Mazza Edições.

Roteiros visuais no Brasil – Artes indígenas. Alberto Martins e Glória Kok. Companhia das Letras.

Sou indígena e sou criança. César Obeid. Moderna.

Objetivos desta unidade

1. Ampliar a noção de relação entre passado e presente por meio dos espaços das cidades.
2. Entender o conceito de memória aplicado às relações sociais e materiais.
3. Refletir sobre a questão das identidades nas grandes cidades.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A leitura do texto a seguir permite refletir sobre o trabalho com a temática de memória e patrimônio em sala de aula.

Memória e patrimônio na sala de aula

Como levar as discussões de memória e patrimônio para as aulas de história? Como despertar nas crianças e jovens o respeito pelas memórias e patrimônios? Como fazer com que as crianças e jovens construam identidades com as memórias e patrimônios? Como fazer com que respeitem e se apropriem dos lugares de memória como os monumentos, praças, saberes, fazeres da comunidade em que vivem? Eis alguns de nossos desafios enquanto educadores. Para minimamente darmos conta da tarefa de despertar as crianças e jovens para as questões da memória e patrimônio como forma de constituição de identidades nosso papel enquanto educadores deve ser o de mediadores do processo.

Geralmente em nossas cidades, bairros, vilas, comunidades rurais, tribos, quilombos, enfim onde tiver um grupo de pessoas temos alguns marcos da memória coletiva desses, que podem ser expressos de forma material em monumentos, construções, praças, igrejas, terreiros, casas de moradia, fotografias, imagens de santos, objetos de cerâmica, madeira,

- Você conhece algum lugar histórico de sua cidade? Resposta pessoal.
- Você sabe por que esse lugar é importante? Resposta pessoal.

77

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para a abertura de unidade

Nesta unidade trabalha-se a cidade em que se vive e, partindo do presente, amplia-se a relação com o passado. Isso é feito pelo estudo dos espaços urbanos, da memória e das relações sociais e materiais, levantando também a questão da identidade nas grandes cidades.

A ilustração mostra alunos de uma escola visitando o centro histórico de uma cidade. As questões levam o aluno a pensar na ilustração ao perguntar se ele conhece lugares históricos de sua cidade e por que eles são importantes.

pedra, tecido ou ferro. Ou de forma imaterial em danças, rezas, cantigas, adivinhas, benzimentos, histórias orais, receitas, diferentes modos de fazer... Todas essas e muitas outras formas de expressão da memória e patrimônio podem e precisam ser valorizadas nas aulas de história como forma de aproximar os saberes dos alunos dos saberes da escola.

PAIM, Elison Antonio. Lembrando, eu existo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. *História*: Ensino Fundamental. Brasília: Ministério da Educação, 2010. (Coleção Explorando o ensino, v. 21). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7839-2011-historia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Objetivos do capítulo

1. Desenvolver nos alunos a noção de memória como um conceito que abrange elementos para a constituição da identidade.
2. Desenvolver nos alunos a noção de tempo, com suas permanências e mudanças.
3. Estimular os alunos a valorizar a memória cultural dos grupos sociais da cidade e do campo e a respeitar a diversidade de culturas.

Para iniciar

Trabalhe o poema com os alunos. Explique que a estrada de Caxangá, na saída da cidade de Recife, possuía muitos sítios e outras propriedades rurais, além de muitos engenhos de açúcar, principal produto da região no passado. Hoje a cidade cresceu e essa estrada se transformou em uma avenida, a avenida Caxangá. As propriedades rurais e os engenhos desapareceram, restando apenas uma igreja. Trabalhe as permanências e as mudanças nas paisagens humanas; elas se transformam pela ação das gerações com o passar do tempo. Incentive o aluno a analisar a sua própria cidade: O que será que mudou? O que está mudando? O que poderá mudar? E o que permanecerá para as gerações posteriores? O que a comunidade local quer preservar como memória do lugar?

Capítulo 5

Conservar a memória cultural

Antigamente, a estrada de Caxangá era uma das saídas da cidade do Recife, capital do estado de Pernambuco. Nela havia muitas propriedades rurais e engenhos para a fabricação de açúcar, produto da região. Hoje ela se transformou em uma avenida da cidade, a avenida Caxangá, e a paisagem antiga desapareceu.

O motorneiro de Caxangá

[...]
Na estrada de Caxangá
tudo passa ou já passou:
o presente e o passado
e o passado anterior;

Os engenhos de outros tempos,
de que só nome ficou;
os sítios de casas mansas,
que **agonizam** sem rancor;
[...]

MELO NETO, João Cabral de. **Quaderna**. Lisboa: Guimarães Editores, 1960. p. 56. (Coleção Poesia e Verdade.)

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

motorneiro: condutor de bonde elétrico.
agonizar: estar na iminência da morte, em agonia, moribundo.

Para iniciar

1. O que poderia ter sido preservado na avenida Caxangá para se conhecer um pouco de seu passado? Resposta pessoal.
2. Você conhece alguma rua ou avenida que sofreu transformações com o tempo? Quais foram essas transformações? Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive	BNCC EF03HI04 Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.
A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus)	BNCC EF03HI05 Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados.
	BNCC EF03HI06 Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios, etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

Os lugares de memória

As cidades e o campo se modificam com o passar do tempo. Por isso, muitos edifícios e objetos antigos precisam ser conservados. Eles são importantes para a História, pois mostram uma parte do dia a dia dos grupos sociais de uma comunidade no passado.

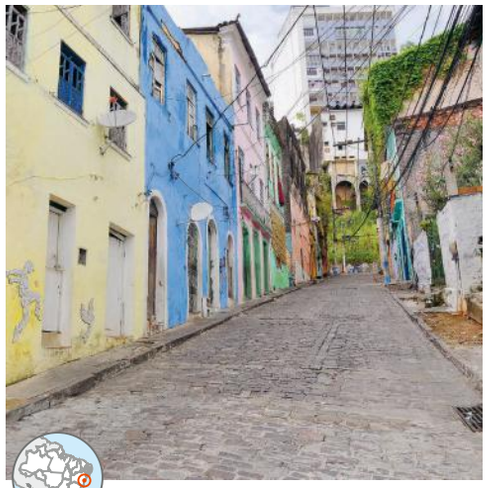
Muitas vezes, pessoas, acontecimentos ou mesmo características do lugar são lembrados em nomes de ruas, praças, monumentos e edifícios.

Veja este exemplo.

Como surgiu o nome desta rua?

A famosa ladeira da Preguiça, em Salvador [no estado da Bahia], ganhou este nome por ter sido a via de acesso de mercadorias vindas do porto para a cidade, levadas em carretões puxados a boi e empurrados por escravos. Do alto de seus casarões, ao verem os escravos tomando fôlego para subir com sacos de 60 quilos nas costas, as elites gritavam: "sobe, preguiça! sobe, preguiça!".

MENEZES, Adriana. Mito ou identidade cultural da preguiça. **Ciência e Cultura**, v. 57, n. 3. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000300005>. Acesso em: 23 jun. 2017.



Sérgio Pedreira/Folhapress

A ladeira da Preguiça foi uma das primeiras ruas construídas na cidade de Salvador, capital da Bahia. Foto de 2014.

1 Discuta com os colegas e o professor: o nome dado para a ladeira do texto é justificado? Por quê? Não, pois a ladeira e o trabalho impunham dificuldades.

2 Como se chama a rua onde você mora?

Resposta pessoal.

3 Procure saber por que ela recebeu esse nome e escreva abaixo.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

O trabalho com as permanências e mudanças ocorridas na cidade e a identificação das memórias relacionadas a esse lugar contribui para a conscientização do aluno em relação a sua própria identidade e pertencimento.

A BNCC nas páginas 79 a 81

Estas páginas tratam da preservação da memória: como mantê-la, em meio a tantas mudanças que ocorrem na vida das pessoas e nas sociedades. Para esse fim, abordam-se os lugares de memória, posto que são eles os vestígios da vida passada que uma sociedade julga importante deixar como herança cultural às novas gerações. Essas páginas trabalham as habilidades **EF03HI04**, **EF03HI05** e **EF03HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

Explore a foto com os alunos, chamando a atenção para a declividade da ladeira e a dificuldade que devia ser subi-la a pé.

Atividade 1

Esta é uma boa oportunidade para trabalhar o pensamento crítico a respeito de noções do senso comum e desconstruir estereótipos.

Atividade 2

Caso não haja monumentos em seu município, oriente os alunos a falarem sobre alguma pessoa, algum fato ou acontecimento importante para a história da cidade e que poderia merecer um monumento. Lembre-os de que os trabalhadores anônimos também foram e têm sido de grande importância para a construção das cidades.

Muitas estátuas e monumentos prestam homenagem a pessoas e acontecimentos do passado que foram considerados importantes para a história de uma cidade ou de um país. Mas nossa história é fruto da ação de todos, inclusive das pessoas comuns.

Veja as fotos a seguir.

Zé Martinuscio/Opção Brasil Imagens

Monumento a Zumbi dos Palmares, no Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, em 2016. Zumbi viveu entre os anos 1655 e 1695 e liderou o Quilombo dos Palmares, considerado em nossos dias um grande símbolo da luta contra a escravidão.

Tiago Calixto/Fotoarena

Busto de Manuel Faustino dos Santos Lira, em Salvador, estado da Bahia, em 2017. Ele foi um dos líderes da Conjuração Baiana, revolta ocorrida em Salvador em 1798.

1 Por que os monumentos históricos são importantes?

Porque servem para mostrar às próximas gerações alguma pessoa ou acontecimento considerado importante para a sociedade.

2 Escolha um monumento do lugar onde você mora e escreva: Como é o monumento? A que pessoa ou fato ele homenageia? Qual é a razão da homenagem? Onde ele está localizado?

Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Há diversas maneiras de se trabalhar em sala de aula com o tema patrimônio. Você pode montar atividades tanto externas quanto internas com os alunos. Veja algumas propostas a seguir.

1. Agende um visita a um museu, arquivo ou centro de memória de sua região. Prepare os alunos para a visita, dando-lhes informações prévias sobre o que eles presenciarão. Um debate a respeito da visita é sempre importante.
2. Proponha que os alunos tragam algum objeto de um membro mais velho da família. Trabalhe a origem desse objeto, a quem pertence ou pertenceu, para que servia e se continua tendo o mesmo uso. Encaminhe a discussão sobre como os objetos são importantes, pois guardam histórias de um período e de uma comunidade. Você pode utilizar essa experiência com objetos para montar um museu dos alunos e uma exposição na escola.

Desafio

A cidade de São Paulo foi fundada por padres em 1554. Inicialmente, eles construíram um colégio. São Paulo cresceu ao redor dele.

Mais tarde, a antiga escola foi demolida e uma nova construção foi feita em seu lugar. Hoje funciona no local o Museu Anchieta.

Desenho de autoria de Terciano Torres originalmente publicado em: Terciano Torres. **São Paulo, Pátio do Colégio**: uma história ilustrada a bico de pena. São Paulo: Globo, 2004.

Pátio do Colégio, local da fundação da cidade de São Paulo. Desenho de autoria de Terciano Torres, publicado em 2004, quando a cidade completou 450 anos.

1 Converse com seus colegas:

a) A imagem mostra algo do passado distante. O quê?

O espaço antigo, no qual se encontram o Pátio do Colégio e o Museu Anchieta.

b) Como você percebe que ela foi produzida recentemente?

2 Forme um grupo com três colegas para caminhar pelos arredores da escola. Registrem em uma folha à parte todas as marcas do passado que encontrarem no caminho.

1. b) Por causa dos altos edifícios, helicópteros, carros, ônibus, pessoas filmando e fotografando e da data (2004).

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Desafio

Atividade 2

Solicite à direção da escola permissão para fazer essa atividade e peça a ela que disponibilize um funcionário para auxiliar no acompanhamento das crianças durante o passeio. Ao voltar para a sala de aula, peça aos alunos que escrevam o nome ou número do grupo nas anotações que fizeram e as entreguem a você. Trabalhe com os alunos a ideia de que o patrimônio arquitetônico não é formado apenas por construções de cem anos, duzentos ou mais. Em cidades ou bairros de origem recente, as construções antigas podem ter trinta ou quarenta anos. Pode-se trabalhar a mesma atividade com imagens antigas e recentes da cidade, observando permanências e mudanças.

3. Faça um exercício de estudo de meio. Nem sempre há museus e arquivos à disposição para visitação, e é importantíssimo que os alunos comecem a perceber o valor histórico de objetos, espaços, construções e saberes que não são considerados "históricos" pelas instituições governamentais. Procure trabalhar com eles a compreensão do porquê de determinados saberes e construções não serem considerados patrimônios: O patrimônio foi construído por populações excluídas? Os saberes passam por alguma disputa de origem? São questões que podem ser brevemente levantadas para promover debates e reflexões que vão reverberar posteriormente.

4. Uma outra atividade que pode ser desenvolvida é convidar pais, avós, idosos da região para contar suas experiências. Os relatos orais são extremamente importantes para a transmissão da memória e é a base de muitas culturas. Os alunos podem fazer uma compilação de histórias, causos e lendas destes relatos orais.

A BNCC nas páginas 82 e 83

Continuando a trabalhar com a memória construída no âmbito da cidade, nestas páginas os lugares de memória, como monumentos, estátuas, prédios, praças e conjuntos urbanísticos, são abordados, assim como fotos, livros, relatos, depoimentos e outros registros.

Trabalhar esses lugares de memória leva os alunos a pensar historicamente e a refletir sobre a história da sua comunidade, alcançando as habilidades **EF03HI04**, **EF03HI05** e **EF03HI06**.

Orientações didáticas

Atividade 2

Considere a realidade do aluno. Caso ele more em uma pequena cidade do interior, é provável que ele responda afirmativamente. Caso more em cidades médias e grandes, provavelmente dirá que esse hábito desapareceu.

Peça aos alunos que observem a foto. Pergunte-lhes por que, no banco da foto, Brasil está escrito com "z". (Explique-lhes que era a ortografia da época da foto, assim como farmácia se escrevia com "ph", e não com "f".)

Nas cidades, não só os monumentos e as construções são marcas do passado. Para saber como as pessoas viviam antigamente e como os grupos sociais se organizavam, podemos observar pinturas e fotos, ler livros e revistas, ouvir histórias e relatos, pesquisar festividades e examinar os objetos daquele tempo.

Observe as imagens a seguir.

Marcel Gautherot/Acervo Instituto Moreira Salles

1

Festa da Cavalhada, em Maceió, estado de Alagoas, 1952.

Agência Estado/Estadão Conteúdo

2

Crianças brincando de corrida de saco em São Paulo, estado de São Paulo, 1976.

Vincenzo Pastore/Acervo Instituto Moreira Salles

3

Homens conversando em banco de praça em São Paulo, estado de São Paulo, cerca de 1910.

1 Como são as festas de sua cidade hoje? Elas acontecem como na foto 1?

Resposta pessoal.

2 A foto 3 mostra um hábito antigo das cidades brasileiras. Ele ainda existe hoje?

Resposta pessoal.

3 Converse com seus colegas: vocês conhecem brincadeiras antigas como a da foto 2? Vocês gostam de brincar de alguma delas? Respostas pessoais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Saiba mais

Memória é a capacidade humana de guardar experiências e fatos do passado e de transmiti-los às próximas gerações.

A **memória coletiva ou social** é como a sociedade relembra os fatos e as pessoas do passado. Eles são guardados como memória oficial daquela sociedade.

A **memória individual** é aquela que cada pessoa guarda. É formada por vivências e experiências próprias, além de também guardar aspectos do seu grupo social.

Vamos comparar esses dois tipos de memória?

Você já viu que os candangos são os migrantes que trabalharam na construção da cidade de Brasília. Com base no que lemos acima, e com a ajuda do professor, faça a atividade:

a) Pinte de **vermelho** o quadrado próximo a um elemento da memória individual de um candango.

b) Pinte de **amarelo** o quadrado próximo a um elemento da memória coletiva ou social sobre os candangos.

robertharding/Alamy/Fotoarena

Os Guerreiros, escultura de bronze de autoria de Bruno Giorgi, em homenagem aos operários que vieram de todo o país para construir Brasília. Foto de 2014.

amarelo

vermelho

Depoimento de Affonso Heliodoro dos Santos sobre Brasília

Então, na história do mundo, eu tenho a impressão que a única capital que foi construída a mais de mil quilômetros dos centros desenvolvidos do país em 3 anos foi Brasília, né? Brasília foi um milagre, uma cidade moderníssima, tanto assim que é patrimônio cultural da humanidade, construída em 3 anos, no deserto [...].

Depoimento de Affonso Heliodoro dos Santos. **Museu Virtual Brasil**. Disponível em: <www.museuvirtualbrasil.com.br/museu_brasilia/uploads/bd531e4f-8c37-7ec7.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2017.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Saiba mais

A definição de memória utilizada neste material é baseada no artigo de Olga Rodrigues de Moraes von Simson, "Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da Unicamp". Faculdade de Educação e Centro de Memória da Unicamp. Disponível em: <www.lite.fe.unicamp.br/revista/vonsimson.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Atividade

Considere que o depoimento de uma pessoa que viveu um determinado momento da história é considerado uma memória individual.

A pessoa do depoimento diz que Brasília foi construída em três anos, no deserto. Pergunte aos alunos que deserto seria esse. Um deserto onde não há vegetação nem água e nele predomina uma paisagem seca? Explique-lhes que a palavra "deserto" pode servir também para designar pouca população em um lugar. Segundo a pessoa do depoimento, Brasília foi criada em três anos, em uma região deserta de população. Na verdade, já havia povoamento na região, nas propriedades rurais e nas poucas cidades, mas ele era muito pequeno em relação à área local e também em relação às áreas povoadas do litoral brasileiro, onde se concentrava a grande maioria da população.

A BNCC nesta seção

Nesta seção trabalha-se a prática de contar histórias, transmitidas de uma geração a outra, em determinados grupos de culturas mais tradicionais. O objetivo é estimular os alunos a reconhecerem aspectos culturais dessas sociedades e a valorizar a oralidade como expressão da cultura de um povo, desenvolvendo as habilidades **EF03HI04**, **EF03HI05** e **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

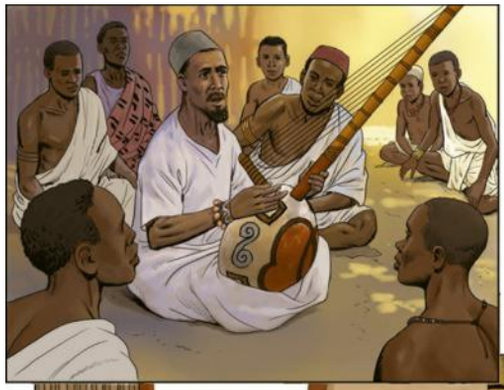
Explique que o trabalho dos *griots* consiste, de modo geral, em transmitir a história em sentido amplo e em narrativas sobre mitos de criação, tradições culturais, preceitos religiosos, etc. Os homens e mulheres *griots* ainda hoje utilizam, na transmissão oral das histórias, alguns instrumentos musicais tradicionais, dependendo da região da África – por exemplo, uma espécie de harpa (chamada *kora*) e um instrumento de percussão (chamado *balafon*).

Para desenvolver o trabalho com esta seção, leia para os alunos o texto que está nesta dupla de páginas. Trabalho interdisciplinar com Língua Portuguesa.

TECENDO SABERES

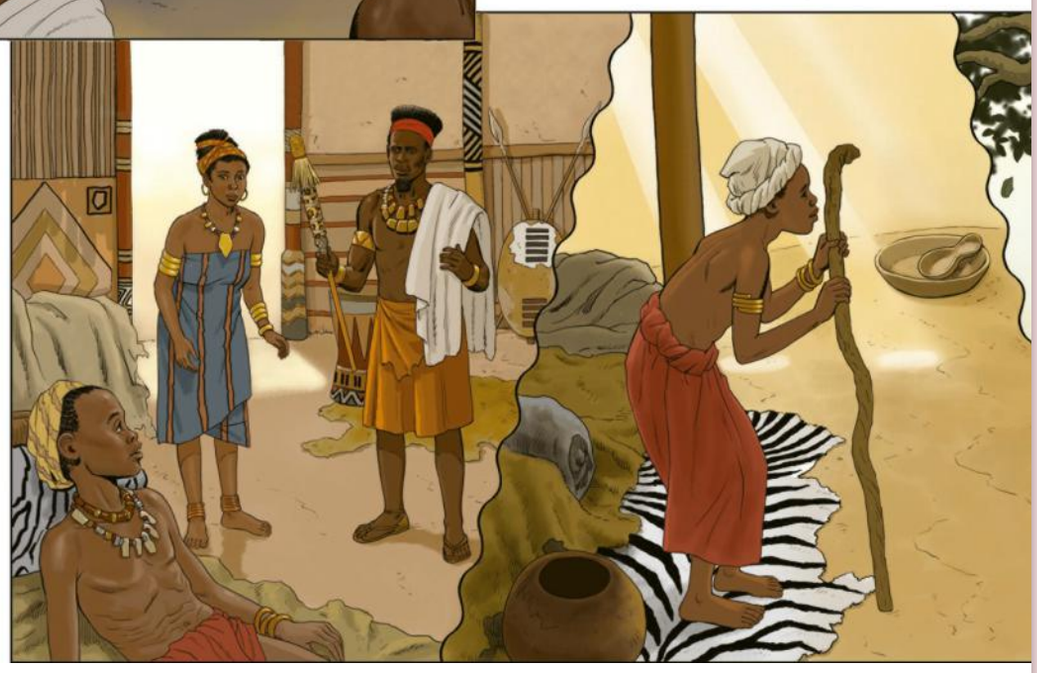
Você sabia que, contando histórias, é possível preservar a memória de um povo?

É o que fazem os *griots* no continente africano. Eles são chamados de historiadores tradicionalistas. Os *griots* são responsáveis por guardar e transmitir a história dos reis e de seu povo por meio da fala. Seu ofício passa de pai para filho, e eles são treinados desde a infância.



A presença dos *griots* na África é muito antiga. Por exemplo, a história de um dos governantes do Reino do Mali, entre os anos de 1230 e 1255, foi e é transmitida até hoje para a população por meio dos *griots*.

Atualmente, eles exercem seu ofício em diversos países africanos, como Mali, Guiné e Senegal.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Os dois reis de Gondar (Etiópia)

Era um dia como os de outrora... e um pobre camponês, tão pobre que tinha apenas a pele sobre os ossos e três galinhas [...], estava sentado na entrada da sua velha cabana como todo fim de tarde. De repente, viu chegar um caçador montado a cavalo. O caçador se aproximou, desmontou, cumprimentou-o e disse:

— Eu me perdi pela montanha e estou procurando o caminho que leva à cidade de Gondar.

— Gondar? Fica a dois dias daqui — respondeu o camponês. — O sol já está se pondo e seria mais sensato se você passasse a noite aqui e partisse de manhã cedo.

O camponês pegou uma das suas três galinhas, matou-a, cozinhou-a no fogão a lenha e preparou um bom jantar, que ofereceu ao caçador. Depois de comerem os dois juntos sem falar muito, o camponês ofereceu sua cama ao caçador e foi dormir no chão ao lado do fogo.

No dia seguinte bem cedo, quando o caçador acordou, o camponês explicou-lhe como teria que fazer para chegar a Gondar:

[...]

O caçador, que ouvia com atenção, disse:

— Acho que vou me perder de novo. Não conheço esta região... Você me acompanharia até Gondar? Poderia montar no cavalo, na minha garupa. [...]

1 O professor vai ler para a classe uma história sobre a Etiópia, na África. Ouça atentamente.

2 O que você achou da história? Ela fala de coisas parecidas com o seu dia a dia?

Resposta pessoal.

3 Observe a ilustração abaixo. Em grupo, criem uma história para ser contada para toda a classe. Resposta pessoal.

4 Agora você será o historiador da sua família. Escolha um parente mais velho e peça a ele que conte uma história que aconteceu há muito tempo. Não se esqueça de anotar no caderno o nome dos personagens, os fatos e as datas de quando ocorreram. Depois, narre essa história para a sua turma.

Ilustrações: Rodval Matias/Arquivo da editora

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 3

A ilustração representa a narrativa, feita pelos *griots* africanos, da vida do príncipe Sundiata Keita, conhecido como o Leão do Mali, por ser o fundador do Império Mali. O Mali foi um Estado que existiu na África, no período de 1230 a 1600.

Para saber mais sobre a história de Sundiata, acesse o *link* disponível em: <www.pordentrodaafrica.com/cultura/o-leao-do-mali-entre-o-mito-e-realidade>.

O livro em quadrinhos *Sundiata: o Leão do Mali* (Cia. das Letras) pode ser trabalhado com os alunos após essa atividade.

O camponês fechou a porta da sua cabana, montou na garupa do caçador e começaram o trajeto. [...] E quando por fim viram a cidade de Gondar no horizonte, o camponês perguntou ao caçador:

— E como é que se reconhece um rei?

— Não se preocupe, é muito fácil: quando todo mundo faz a mesma coisa, o rei é aquele que faz outra, diferente. [...]

Pouco depois, os dois homens chegaram à cidade e o caçador tomou o caminho do palácio. Havia um monte de gente diante da porta, [...] até que, ao verem os dois homens a cavalo, se afastaram da porta e se ajoelharam à sua passagem. O camponês não entendia nada. [...]

E os dois homens se instalaram num grande sofá muito confortável. Todo mundo ficou em pé à sua volta. O camponês estava cada vez mais inquieto. Observou bem tudo o que via, aproximou-se do caçador e perguntou:

— Quem é o rei? Você ou eu?

O caçador começou a rir e disse: — Eu sou o rei, mas você também é um rei, porque sabe acolher um estrangeiro! E o caçador e o camponês ficaram amigos por muitos e muitos anos.

SOLER-PONT, Anna. Os dois reis de Gondar. In: SOLER-PONT, Anna. *O príncipe medroso e outros contos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 19-21.

A BNCC nas páginas 86 a 91

Estas páginas tratam da preservação da memória de um povo ou de um grupo social por meio do reconhecimento de patrimônios históricos e pela criação de museus. Eles são importantes para fazer os alunos reconhecerem modos de vida do passado e a entenderem o presente como resultado de tudo aquilo que foi construído anteriormente. Ao mesmo tempo propicia ao aluno pensar na sua própria sociedade e a nela participar, futuramente, das escolhas de o que preservar para as gerações futuras. Estas páginas desenvolvem as habilidades **EF03HI04**, **EF03HI05** e **EF03HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

Patrimônio histórico e memória são temas complexos para essa faixa etária. Trabalhe bastante os exemplos e as imagens.

Minha coleção de palavras de História

Atividade 1

Possivelmente, os alunos vão dizer que, para eles, a memória está relacionada à capacidade de se lembrar de coisas. Crianças nessa faixa etária e nessa etapa do desenvolvimento escolar podem dizer que, no cotidiano, ao "decorar" ou se recordar de conteúdos de Matemática (tabuada, por exemplo) ou de Língua Portuguesa (regras gramaticais), estão utilizando a memória. Nesse momento, portanto, a memória é tida como algo individual.

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Muitas construções, livros, obras de arte e objetos antigos devem ser protegidos contra a destruição causada pelo tempo e pelas pessoas. Eles fazem parte do patrimônio histórico de um povo.

O **Forte** dos Reis Magos, em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, foi construído há quase quatrocentos anos para defender o litoral daquela região.

Atualmente, ele não tem a mesma função, mas é preservado por ser um testemunho do passado. Ele é parte do patrimônio histórico do Brasil. Observe as imagens.

forte: construção feita para defender um território dos ataques de inimigos.

Frans Post/Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

O Forte dos Reis Magos foi construído em 1631 pelos holandeses e reconstruído em 1654 pelos portugueses. Gravura de Frans Post, produzida por volta de 1639.

Tales Azzi/Pulsar Imagens

Hoje o forte é um museu e ponto turístico de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Foto de 2017.

1 Para que servia o forte?

Para a defesa do litoral da região.

2 Por que essa construção deve ser preservada?

Por ser um testemunho da História do Brasil.

Minha coleção de palavras de História

A palavra abaixo aparece neste capítulo:

MEMÓRIA

1 Em que momentos você usa a sua memória? Resposta pessoal.

2 Quando usamos a palavra **memória** neste livro de História, estamos nos referindo somente à nossa própria memória e à memória que usamos nas tarefas do cotidiano?

Não. Neste livro de História, a palavra "memória" está ligada à ideia de memória coletiva. Memória do passado, memória da cidade, memória de um povo, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Memória e museus

No Brasil, nem sempre as grandes cidades conservam bem o seu patrimônio histórico. Muitas construções são destruídas para dar lugar a edificações novas.

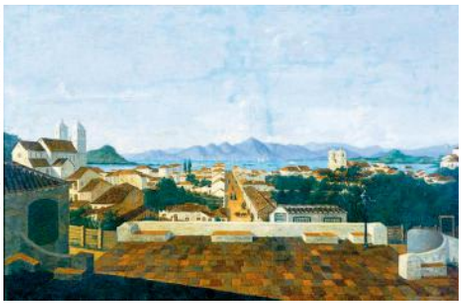
Observe as fotos a seguir.

Governo do Maranhão/Unesco. Centro histórico de São Luís – Maranhão.

Rua do Giz, em São Luís, estado do Maranhão, 1908.

Marcio Melo/Fotoarena

Rua do Giz, em São Luís, estado do Maranhão, 2017.



Reprodução/Museu Victor Meirelles, Florianópolis, SC.

Até o início do século XX, Florianópolis era conhecida como Nossa Senhora do Desterro. Pintura **Uma visão de Nossa Senhora do Desterro**, de Victor Meirelles (óleo sobre tela, 71,7 cm × 119,2 cm), 1847.

Lelia Wanick Salgado/Alamy/Fotoarena

Vista da cidade de Florianópolis, estado de Santa Catarina, 2017.

1 Em qual desses dois lugares a memória foi mais bem conservada, na rua do Giz, em São Luís, ou na região central de Florianópolis?

Na rua do Giz.

2 Explique como você percebeu isso.

Porque grande parte das construções foi mantida.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Compreender o papel dos museus como local de manutenção e reelaboração de memórias coletivas e a aproximação desse tema com a realidade em que o aluno vive, realizada especialmente por meio das atividades, é importante para o aprendizado de História.

Atividade 1

Comente com os alunos que, apesar das transformações ocorridas em São Luís, a memória foi conservada, e a rua do Giz quase não mudou. Paisagens são partes importantes da memória que se constrói nas cidades. A paisagem da foto de Florianópolis mostra como as pessoas vivem em nossos dias.

Orientações didáticas

Muitas construções de Ouro Preto têm mais de 250 anos.

Atividade 1

Incentive os alunos a reparar nos edifícios, no calçamento e em outros aspectos da paisagem urbana.

Atividade 2

Explique aos alunos que esse conhecimento pode ser pessoal ou adquirido em livros e revistas, na internet ou na TV.

Algumas cidades brasileiras preservaram muitas construções antigas. Conservaram, às vezes, quarteirões ou mesmo bairros inteiros da época em que o Brasil era colônia de Portugal.

Elas são chamadas de cidades históricas e, por lei, não se pode derrubar nem modificar as paredes externas das construções antigas.

Veja duas imagens de uma cidade histórica do Brasil.

Reprodução/Museu da Inconfidência, Ouro Preto, MG.

Vila Rica, antigo nome da cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, no século XIX. Pintura atribuída a Arnaud Julien Pallière (óleo sobre tela, 36,5 cm × 96,8 cm), cerca de 1820.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

A cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais, além de Patrimônio Histórico Nacional, foi designada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Foto de 2016.

1 Converse com seus colegas: quais são as semelhanças e as diferenças entre uma cidade histórica como Ouro Preto e a cidade onde vocês moram?

Resposta pessoal.

2 Você conhece alguma cidade histórica brasileira? Caso conheça, escreva o nome dela e descreva como ela é.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Outro exemplo de cidade histórica brasileira é Paraty, no estado do Rio de Janeiro. Comente que muitas construções em Paraty têm mais de 250 anos.

História de Paraty

A data de fundação de Paraty diverge de historiador para historiador. Uns falam que em 1540/1560 já havia um núcleo devotado a São Roque no Morro da Vila Velha (hoje Morro do Forte); outros, de 1597, quando Martim Corrêa de Sá empreende uma expedição contra os índios Guaianás do Vale do Paraíba; alguns outros, de 1600, quando havia um povoamento de paulistas da Capitania de São Vicente; e alguns mais, 1606, quando da chegada dos primeiros sesmeiros da Capitania de Itanhaém que, acredita-se, venha a ser a origem do povoamento [...].

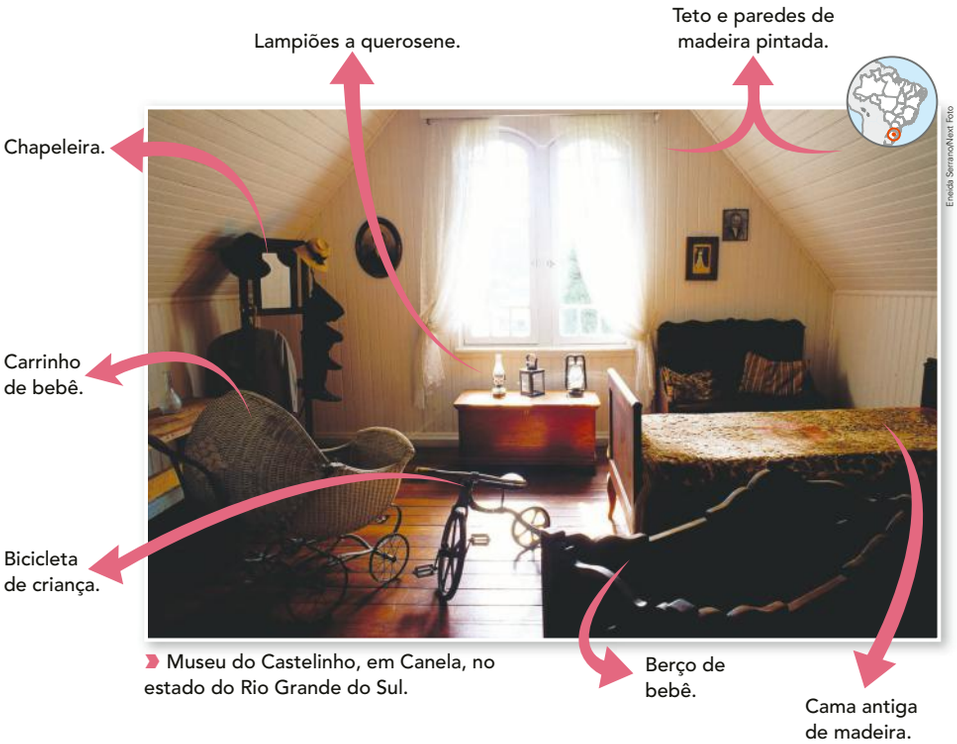
De todo modo, pode-se afirmar que, no início do século XVII, além dos índios guaianases, já havia um crescente grupo de "paratianos" estabelecidos por aqui.

Por volta de 1640 o núcleo chamado Paratii foi transferido para onde hoje se situa o centro histórico [...].

Em 1660, o florescente povoado se rebela exigindo a separação de

Museus são instituições que reúnem objetos, esculturas, móveis, pinturas e outros materiais que fazem parte da história de uma comunidade, de um povo, de um tempo ou de um lugar. Ao visitar museus históricos, é possível conhecer os modos de vida e os valores das pessoas do passado.

A fotografia abaixo mostra móveis e objetos de imigrantes alemães do início do século XX, no Sul do Brasil. Observe:



Museu do Castelinho, em Canela, no estado do Rio Grande do Sul.

Complete o quadro abaixo com os objetos destacados na imagem.

Objetos que ainda usamos	Objetos que não usamos mais
Resposta pessoal.	Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Alguns móveis podem não ser familiares para os alunos. A chapeleira, por exemplo, é um móvel no qual se penduravam chapéus, casacos e guarda-chuvas.

Atividade

Incentive os alunos a identificar os objetos que aparecem na foto, estimulando-os a se expressarem sobre as diferenças entre esses objetos e os objetos utilizados hoje em dia.

Angra dos Reis e a elevação à categoria de Vila. Surgia em 1667 a Villa de Nossa Senhora dos Remédios de Paratii. [...]

Decaindo a extração e exportação do ouro, em meados do século XVIII, Paraty vai perdendo importância.

Com o ciclo do café, a partir do século XIX, a cidade revive, temporariamente, seus prósperos dias de glórias coloniais. [...]

Em 1870, devido à abertura de um novo caminho – desta feita ferroviário – entre Rio e São Paulo, através do Vale do Paraíba, a antiga trilha de burros pela Serra do Mar perdeu sua função, afetando de forma intensa a atividade econômica de Paraty como um todo.

Um segundo fator de decadência do comércio e da cidade foi a Abolição em 1888, causando um êxodo tal que, dos 16 000 habitantes existentes em 1851, restaram, no final do século XIX, apenas "600 velhos, mulheres e crianças" isolando Paraty definitivamente do país por décadas.

[...]

Este isolamento involuntário foi, paradoxalmente, o que preservou não só a estrutura arquitetônica urbana da cidade como também seus usos e costumes.

PREFEITURA DE PARATY. História. Disponível em: <www.pmparaty.rj.gov.br/page/historia.aspx>. Acesso em: 16 dez. 2017.

Orientações didáticas

Atividade 1

Nesta atividade pode-se elaborar uma linha do tempo de 1500 até os dias atuais. Assim, os alunos perceberão quando começaram a ser inaugurados os museus no Brasil e na cidade onde moram.

O Museu Oscar Niemeyer, inaugurado em 2003, em Curitiba, foi construído com o propósito de ser um museu. O formato do edifício lembra um olho, mas é, na realidade, uma homenagem ao pinheiro-do-paraná, árvore símbolo daquele estado.

O Museu Republicano Convenção de Itu tem em seu acervo objetos, imagens, documentos, móveis, etc. dos republicanos paulistas que atuaram no século XIX. Na casa que o sedia foi realizada, em 1873, a Convenção de Itu, que reuniu fazendeiros paulistas favoráveis à instalação da República.

O acervo do Museu Afro-brasileiro de Salvador é composto de peças da cultura material de origem ou de inspiração africana, como máscaras, tecidos, esculturas, cerâmicas e jogos. Há, também, objetos do Brasil relacionados às religiões afro-brasileiras no estado da Bahia. Uma das obras mais conhecidas é o conjunto de talhas em cedro do artista plástico Carybé, que retrata 27 orixás.

Alguns museus foram instalados em construções que antes tinham outros usos. Outros foram construídos especialmente para serem museus.

1 Observe as fotos desta página e da página seguinte. Em sua opinião, qual (ou quais) das construções mostradas foi (foram) edificada(s) com o propósito de ser um museu? E qual (ou quais) delas era(m) construção(ões) antiga(s)?
Resposta pessoal.

Rogerio Reis/Tyba

O Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, no estado do Paraná, leva o nome do arquiteto que o projetou. Ele recebe principalmente exposições de arte. Foi inaugurado em 2003. Foto de 2016.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

O Museu Republicano Convenção de Itu foi instalado na antiga residência de uma família de fazendeiros na cidade de Itu, no estado de São Paulo. Foi inaugurado em 1922. Foto de 2013.

Alessandra Lori/Fotoarena

O Museu Afro-Brasileiro fica na cidade de Salvador, no estado da Bahia, e possui objetos e obras de arte da cultura africana e também afro-brasileira. Ele funciona no local onde havia sido instalada, em 1808, a primeira escola de Medicina do Brasil. Foi inaugurado em 1982. Foto de 2014.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Os objetos apresentados em um museu podem ser utilizados para a construção do conhecimento histórico. Para isso, é preciso explicar que tipos de objetos são preservados e expostos ali, de onde eles vieram, de que época são e como chegaram ao museu.

Observações para uma visita ao museu:

- Definir os objetivos da visita.
- Consultar previamente o museu e suas atividades educativas (adequação ao conteúdo).
- Preparar os alunos para a visita, mostrando a relação entre o conteúdo aprendido em sala de aula e o que é exposto no museu.
- Trabalhar posteriormente, no retorno à sala de aula, o que foi visto no museu.
- Avaliar a atividade para a aprendizagem. Uma visita a um museu não serve apenas para "olhar" aquilo que está sendo "mostrado" ali.

[...] não importa que tenhamos recursos mais ou menos atrativos ao aluno para desenvolver propostas que o levem a interessar-se pela sua história ou de sua cidade ou região. Muitas

André Horta/Fotoarena

O Museu Imperial, na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, foi a residência de verão da família imperial do Brasil. Sua construção teve início em 1854. Foi transformado em museu em 1943. Foto de 2016.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

O Museu Paraense Emílio Goeldi, criado em 1866, na cidade de Belém, no estado do Pará, dedica-se ao estudo científico das plantas e dos animais da Floresta Amazônica. Foto de 2017.

Junior Silqueira/GCOM/ART

No Museu de Pré-História Casa Dom Aquino, fundado em 2006, na cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso, estão expostos objetos paleontológicos, como fósseis de dinossauros e de tatus-gigantes. Foto de 2016.

2 Converse com seus colegas:

a) Existe um museu na sua cidade? Qual? Resposta pessoal.

b) Você já visitou um museu? O que você viu nele? Resposta pessoal.

3 Dos museus mostrados nestas páginas, qual você gostaria de visitar? Por quê?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Você pode encontrar mais informações sobre cada museu mostrado nestas páginas nos seguintes *sites*: Museu Oscar Niemeyer: <www.museuoscarniemeyer.org.br>; Museu Republicano Convenção de Itu: <http://mr.vitis.uspnet.usp.br>; Museu Imperial: <www.museuimperial.gov.br/>; Museu de Pré-História Casa Dom Aquino: <http://tvbrasil.ebc.com.br/conhecendomuseus/episodio/museu-de-pre-historia-casa-dom-aquino> ou <www.camaracba.mt.gov.br/index.php?pag=tur_item&id=34>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Entre os objetos expostos no Museu Imperial estão o manto, o cetro, o trono e as coroas de dom Pedro I e dom Pedro II, os dois imperadores que governaram o Brasil.

O acervo do Museu de Pré-História Casa Dom Aquino também conta com objetos de uso humano que vão desde milhares de anos atrás até o século XIX.

Atividade 2

Este é um bom momento para organizar uma visita a um museu da sua cidade ou região. Chame a atenção dos alunos para o fato de existirem museus que não têm objetivos exclusivamente históricos.

vezes caímos no grave erro de "mostrar". E esse "mostrar" acaba sendo uma sucessão de episódios consagrados e reforçadores de mitos. Penso que, como em sala de aula, também no museu não se pode jamais negligenciar a tarefa de crítica, constituidora da noção de produção do conhecimento, sob pena de comprometermos o próprio ato pedagógico.

LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir E. *A memória e o ensino da História*. Santa Cruz do Sul: ANPUH/RS, 2000.

Ao organizar uma visita ao museu, consulte o endereço a seguir, que fornece a localização e informações de visitação dessas instituições: <www.museus.gov.br/guia-dos-museus-brasileiros>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Objetivos do capítulo

1. Desenvolver nos alunos a noção de que a cultura, no âmbito da cidade, é o resultado de costumes e tradições dos diversos povos que a habitam.
2. Desenvolver nos alunos a noção de identidade cultural, mantida através de costumes como vestimentas, culinária e festividades.
3. Reconhecer as diversas manifestações culturais na cidade em que os alunos habitam.

Para iniciar

Os alunos precisarão de ajuda para interpretar o poema e responder oralmente às perguntas. Incentive-os a entender que a memória e o patrimônio dependem da preservação do passado e da valorização do presente para garantir a cidadania no futuro.

Saiba mais sobre o Museu da Maré, um projeto inovador que conserva a memória da favela da Maré, de seus moradores e do modo de vida das pessoas que moraram ou moram na região consultando o *link* disponível em: <www.museudamare.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=48&Itemid=54>. Acesso em: 30 out. 2017.

Capítulo 6

A formação cultural

O conhecimento, as ideias e crenças, a maneira como nos comportamos, a memória coletiva, entre outras características, são alguns dos aspectos que formam a cultura de um grupo social.

Chamamos de patrimônio cultural o conjunto de bens, festas, cultos, culinária, vestimentas e outras tradições de um povo. É nossa obrigação cuidar, valorizar e transmitir o patrimônio às gerações mais jovens.

Leia o poema a seguir.

Tempo do futuro

Passado,
presente,
futuro.

Esses três tempos
aqui se misturam.

O que ainda não é,
um dia será.

Será a partir do ontem,
Das lutas e conquistas,
Das memórias que resistem
ao esquecimento.

Será a partir do hoje,
Do trabalho, da coragem,
do **engajamento**,
Do diálogo
e da tolerância.

[...]

Tempo do futuro,
um tempo
que já começou.

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

Tempo do futuro. **Exposição Os 12 tempos – Museu da Maré**. Disponível em: <www.museudamare.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=65&Itemid=78>. Acesso em: 9 nov. 2017.

engajamento: participação de modo voluntário em alguma atividade ou trabalho.

Para iniciar

1. Quais atitudes devemos tomar hoje para termos um futuro melhor de acordo com o poema? Os alunos podem citar alguns trechos do poema, como "trabalho", "engajamento", "coragem" e "tolerância".
2. E do passado, o que devemos respeitar?
As lutas, as conquistas e as memórias que resistem ao esquecimento.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
O "Eu", o "Outro" e os diferentes grupos sociais e étnicos que compõem a cidade e os municípios: os desafios sociais, culturais e ambientais do lugar onde vive	BNCC EF03HI03 Identificar e comparar pontos de vista em relação a eventos significativos do local em que vive, aspectos relacionados a condições sociais e à presença de diferentes grupos sociais e culturais, com especial destaque para as culturas africanas, indígenas e de migrantes.
Os patrimônios históricos e culturais da cidade e/ou do município em que vive	BNCC EF03HI04 Identificar os patrimônios históricos e culturais de sua cidade ou região e discutir as razões culturais, sociais e políticas para que assim sejam considerados.

As comunidades da cidade e a memória

As manifestações culturais, muitas delas realizadas há gerações, ajudam as comunidades urbanas a preservar as suas memórias. Assim, muitos costumes e tradições dos seus grupos sociais são mantidos.

Um exemplo de manifestação cultural é a Festa de São Benedito, que acontece todo ano em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, fundada em 1719.

Festa – São Benedito é a festa preferida

A Festa de São Benedito é a mais longa do estado. Dura em média 30 dias. Começa na primeira semana de junho – com a peregrinação da bandeira nas comunidades vizinhas, jantares e reuniões em residências tradicionais – e termina no segundo domingo de julho.

[...]

Oficialmente a Festa de São Benedito surgiu em 1897. [...] Na época, somente as famílias mais **abastadas** participavam desse grupo, pois eram elas que mantinham a igreja e a festa.

Mas foram os escravos que primeiro homenagearam o santo com festas e oferendas. Desde 1721 os negros tinham São Benedito como símbolo de luta e fé.

Festa – São Benedito é a festa preferida. **Diário de Cuiabá**. Disponível em: <www.diariodecuiaba.com.br/especial2.php?cod=5&mat=15218>. Acesso em: 27 jun. 2017.

Foto Luiz Alves/SicomCba

Missa de São Benedito em Cuiabá, estado de Mato Grosso, 2017.

G. Evangelista/Opção Brasil Imagens

A paçoca de pilão é um prato típico cuiabano que leva farinha de mandioca e carne-seca.

abastado: rico, de boa situação financeira.

1 Existe na sua cidade alguma festa tradicional que você goste de frequentar? Resposta pessoal.

2 O que você gosta de comer nessas festas? Resposta pessoal.

3 Procure saber:

a) Quais são os grupos sociais que organizam festas na sua cidade? Resposta pessoal.

b) Qual é a origem cultural das festas na sua cidade? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 93 a 97

O estudo do patrimônio cultural pretende levar o aluno a se conscientizar da importância de preservar e de compartilhar a memória com as novas gerações, levando-o a identificar as relações entre passado, presente e futuro de sua comunidade, do país, e da própria humanidade.

Em cada uma dessas páginas há exemplos de preservação de memórias da cidade, por diferentes grupos sociais brasileiros que nelas vivem, trabalhando assim as habilidades **EF03HI03**, **EF03HI04**, **EF03HI05** e **EF03HI06** da BNCC.

Orientações didáticas

Explore com os alunos a importância de uma festa popular para uma cidade. O exemplo da festa de São Benedito retrata uma manifestação cultural de alguns dos grupos que formaram a identidade cultural de Cuiabá: os negros escravizados (santo negro), os brancos europeus (catolicismo) e os indígenas (culinária/mandioca).

Atividade 3

a) Auxilie os alunos nas respostas. As festas nas cidades podem ser organizadas por migrantes, por imigrantes e seus descendentes, por associações do movimento negro, por associações religiosas, por escolas, etc.

b) Auxilie os alunos nessa atividade, ajudando-lhes a buscar informações sobre as festividades. Exemplo: festa junina: origem portuguesa; apresentações de catira: origem indígena; apresentação de rodas de samba, ou rodas de capoeira: origem africana.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: os lugares de memória (ruas, praças, escolas, monumentos, museus)	BNCC EF03HI05 Identificar os marcos históricos do lugar em que vive e compreender seus significados.
	BNCC EF03HI06 Identificar os registros de memória na cidade (nomes de ruas, monumentos, edifícios, etc.), discutindo os critérios que explicam a escolha desses nomes.
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.

Orientações didáticas

Incentive a capacidade de comparação dos alunos, explorando as fotografias desta página e da seguinte. Ajude-os a reconhecer nos patrimônios materiais e imateriais as formas de expressão dos grupos sociais que formaram a comunidade de um local. Por exemplo, o grupo Olodum é uma manifestação cultural da comunidade afro-brasileira de Salvador.

Na arquitetura, as comunidades também deixam sua herança cultural para as próximas gerações. Em alguns lugares do Brasil isso se nota muito claramente. Apresentamos alguns exemplos a seguir.

No litoral do Nordeste brasileiro, a influência portuguesa pode ser vista nas centenas de igrejas e em outras construções do período colonial que existem até hoje nas cidades da região. Recebeu também grande influência indígena e dos negros escravizados. Nessa época, a região foi a grande produtora de açúcar para os mercados europeus.

Hans Von Manteuffel/Pulsar Imagens

Fachada do centro cultural São Francisco, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba. As construções têm influência barroca e mostram a presença dos portugueses e da Igreja católica na região. Foto de 2017.

O largo do Pelourinho, na cidade de Salvador, estado da Bahia, possui um conjunto de construções que também mostram influências da colonização portuguesa.

No centro do largo encontra-se o Pelourinho, uma coluna de pedra onde os escravos e os criminosos eram amarrados e castigados publicamente. O Pelourinho é um símbolo dos tempos duros da escravidão e também da resistência negra.

Hoje o Pelourinho abriga diversos grupos e manifestações da cultura negra da cidade.

Felipe Oliveira/Getty Images

Apresentação do Olodum no Pelourinho, centro histórico de Salvador, Bahia. Foto de 2016.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Este item aborda a preservação da memória da cidade pelas suas comunidades e o desenvolvimento da noção de cultura como resultado de costumes, tradições e iniciativas dos diversos povos que habitam a cidade.

Texto complementar

O que é patrimônio imaterial?

[...] O patrimônio cultural não se limita a monumentos e coleções de objetos, mas sim compreende também tradições ou expressões vivas herdadas de nossos antepassados e transmitidas a nossos descendentes, como tradições orais, artes do espetáculo, usos sociais, rituais, atos festivos, conhecimentos e práticas relativas à natureza e ao universo, e saberes e técnicos vinculados ao artesanato tradicional.

[...]

O patrimônio cultural imaterial é:

Tradicional, contemporâneo e vivente ao mesmo tempo: o patrimônio cultural imaterial não só inclui tradições herdadas do passado, mas também usos rurais e urbanos contemporâneos característicos de diversos grupos culturais.

Integrador: podemos compartilhar expressões do patrimônio cultural imaterial que são semelhantes aos dos outros. Seja da aldeia vizinha ou de uma cidade nas antípodas ou foram adaptadas por povos que

O Sul do Brasil é uma região que recebeu muitos imigrantes europeus, principalmente italianos e alemães. A presença desses dois grupos pode ser percebida não só na arquitetura, mas também nos sobrenomes das pessoas e na culinária, entre outros aspectos.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

A imagem ao lado mostra uma construção parecida com as encontradas em muitas regiões da Europa, principalmente na Alemanha. Casas com esse estilo arquitetônico são encontradas no Sul do Brasil, nas áreas de colonização alemã. Casa na cidade de Feliz, estado de Santa Catarina, foto de 2016.

Ricardo Silva/Futura Press

Espetáculo de dança durante a Oktoberfest, em rua central de Blumenau, estado de Santa Catarina, 2015.

1 Com a ajuda do professor, converse com seus colegas sobre sua cidade: algum grupo social deixou marcas na arquitetura local?
Resposta pessoal.

2 De qual das imagens apresentadas nestas duas páginas você mais gostou? Explique o porquê. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 1

Oriente os alunos a buscar construções próximas às suas casas ou à escola. Caso não existam construções antigas, incentive-os a analisar as imagens aqui apresentadas.

emigraram a outra região, todas formam parte do patrimônio cultural imaterial: foram transmitidas de geração em geração, evoluíram em resposta a seu entorno e contribuem a infundir-nos um sentimento de identidade e continuidade, criando um vínculo entre o passado e o futuro através do presente. [...]

Representativo: o patrimônio cultural imaterial não é valorizado simplesmente como um bem cultural, a título comparativo, por sua exclusividade ou valor excepcional. Floresce nas comunidades e depende daqueles cujos conhecimentos das tradições, técnicas e costumes são transmitidos ao resto da comunidade, de geração em geração, ou às outras comunidades.

Baseado na comunidade: o patrimônio cultural imaterial somente pode sê-lo se é reconhecido como tal pelas comunidades, grupos ou indivíduos que o criam, mantém e transmitem. Sem este reconhecimento, ninguém pode decidir por eles que uma expressão ou um uso determinado forma parte de seu patrimônio.

UNESCO. *O que é patrimônio imaterial?* Disponível em: <www.crespial.org/pt/Seccion/index/0008/que-es-el-patrimonio-cultural-inmateriala>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Atividade

Trabalhe com os alunos o samba-enredo "Cântico à natureza", conhecido também como "Primavera", que fala das quatro estações do ano, de autoria de Nélson Sargento. Disponível em: <www.letras.com.br/nelson-sargento/cantico-a-natureza/>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Explore com os alunos outros estilos de samba, da região em que os alunos vieram ou de outras regiões do país.

Embora não seja, ainda, reconhecido como tal pelo Iphan, o samba do Rio de Janeiro é um exemplo de patrimônio cultural imaterial. O conhecimento de como fazer e executar sambas foi transmitido por gerações de sambistas até o presente.

Outras heranças das comunidades também podem ser encontradas nas cidades.

Uma delas é o samba, gênero musical originado de ritmos africanos e uma das principais manifestações culturais brasileiras. Há diferentes tipos de samba, em várias regiões do Brasil: samba de roda, partido-alto, pagode, samba de breque, samba-canção, bossa nova, samba *rock*, samba *rap*, entre outros.

O samba-enredo surgiu nas escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro. Atualmente elas são mundialmente famosas. A ala da **Velha Guarda** é formada por antigos compositores e pelos **baluartes** do samba. Os membros da Velha Guarda são testemunhas da história do samba, das escolas de samba e da própria cidade do Rio de Janeiro.

baluarte: pioneiro da escola, pessoa encarregada de manter viva a tradição e passar essa cultura para as novas gerações.

Leia o depoimento do sambista Nélson Sargento, membro da Velha Guarda da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

Na Mangueira, parte da história pode ser contada com os sambas de Nélson Sargento, baluarte que tem satisfação com o título. "Comecei em 1948, de lá para cá aconteceu muita coisa boa comigo, e ainda acontece. Sou presidente de honra da escola, saio em todos os carnavais, sou baluarte da escola e sou Mangueira até morrer", disse orgulhoso. Ser mangueirense para ele é respeitar a escola e poder participar do cotidiano dela. "Isso me deixa satisfeito. Ver a Mangueira sempre com progresso."

BRASIL, Cristina Índio. Compositores da Velha Guarda e baluartes têm orgulho de suas escolas. **Agência Brasil**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-01/compositores-da-velha-guarda-e-baluartes-tem-orgulho-de-suas-escolas>. Acesso em: 9 nov. 2017.

Marcelo Cortes/Fotoarena

Velha Guarda da escola de samba Portela, em desfile de Carnaval. Rio de Janeiro, estado do Rio de Janeiro, 2016.

Você conhece alguma canção de samba? Consegue cantá-la com seus colegas?

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

São muitas as festas populares do Brasil. Algumas são realizadas em todo o país, enquanto outras são regionais ou apenas de um estado ou município. Elas são parte da memória das comunidades, pois nelas são reveladas muitas características culturais de um povo, como seus saberes e fazeres típicos, suas tradições orais, suas crenças, suas danças, seus cantos e a sua culinária, entre outras. Conhecer essas tradições nos leva a valorizar a diversidade de nossa cultura e a desenvolver a nossa identidade.

Nessas ocasiões festivas, a culinária, com seus pratos típicos que variam de uma região a outra, ou de um estado a outro, é um importante elemento para a sociabilidade dos membros de uma comunidade. A sugestão de atividade a seguir permite trabalhar a variação de pratos e de festejos, destacando as variações regionais no Brasil.

Divida a classe em grupos e peça que pesquisem as festas e as comidas típicas de cada região do país. Peça que tragam fotos ou desenhos dessas festas e alimentos. Entregue a eles um mapa político do Brasil e peça que colem, no estado ou região correspondente, ao menos um alimento e uma festa.

A viola de cocho, de origem portuguesa, é um instrumento musical típico da região de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Ela possui forma e sonoridade diferentes das outras violas. O modo de fazer essa viola é tão especial que somente algumas pessoas mais velhas sabem. Essas pessoas são chamadas de mestres cururueiros.

Para esse conhecimento não se perder e desaparecer para sempre, o modo de fazer a viola de cocho foi registrado como patrimônio imaterial da região.

A viola de cocho é afinada de formas diferentes, dependendo de qual será seu uso. O instrumento está presente nas rodas de cururu, siriri, na dança de São Gonçalo e no boi à serra, danças típicas dos estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul.

Léon Rodrigues/Secom/PMSP

Artesão esculpindo uma viola de cocho em madeira em feira de expositores em São Paulo, estado de São Paulo. Foto de 2014.

Chico Valdiner/GCOM-MT

Grupo de dança Siriri e Boi-Bumbá. Cuiabá, estado de Mato Grosso, 2015.

Existe algum instrumento musical muito popular em sua região? Em caso afirmativo, procure em dicionários, enciclopédias ou na internet sobre a origem dele. Em caso negativo, pesquise a origem de algum instrumento musical de que você goste.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Muitos pesquisadores ressaltam que uma particularidade da "viola de cocho" é parecer um tipo de alaúde curto, originário da mistura da cultura portuguesa e indígena.

A BNCC nas páginas 98 e 99

O estudo das populações tradicionais e a identificação de seu modo de vida e das permanências e mudanças nos hábitos, muitos deles relacionados à maneira como elas lidam com o ambiente natural, incentivam o aluno a conhecer outros mundos além daquele em que vive e o fazem perceber que todos os grupos podem e devem produzir seus marcos de memória. Assim, levamos os alunos a dominar a habilidade **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

A cidade é o espaço de aglomeração populacional, o lugar de transformações, das modernizações e reivindicações sociais, espaço de indústrias, de comércio, de outras atividades terciárias de prestação de serviços, de trânsito, de movimento, de barulho, de muitas construções, de menos calma do que no campo. Isso tudo a diferencia do meio rural, mas não a distancia dele, pois ambos caminham juntos, mantendo uma relação de interdependência, para o bom funcionamento da economia e melhor qualidade de vida das pessoas.

Reflita com os alunos sobre as mudanças e permanências no campo e na cidade e sobre o intercâmbio de costumes entre povos diferentes nesses espaços. As relações modernas como produto da difusão do acesso à tecnologia são fator importante no entendimento das identidades culturais.

Atividade 2

Após o levantamento dos elementos das imagens, reflita com os alunos sobre o intercâmbio entre as tecnologias e os costumes da cidade e do campo. A antena de televisão no campo é uma tecnologia moderna presente nesse ambiente, assim como as festas juninas fazem referência ao modo de vida no campo.

Os diferentes modos de vida

As pessoas têm origens, costumes e vivências diferentes. Esses aspectos são importantes para reconhecermos a identidade de um grupo social ou de um povo.

Pessoas muito diferentes podem viver em uma mesma cidade e conservar os seus costumes antigos, mas também adquirir costumes novos. Essas pessoas, embora diferentes entre si, devem procurar ter uma boa convivência.

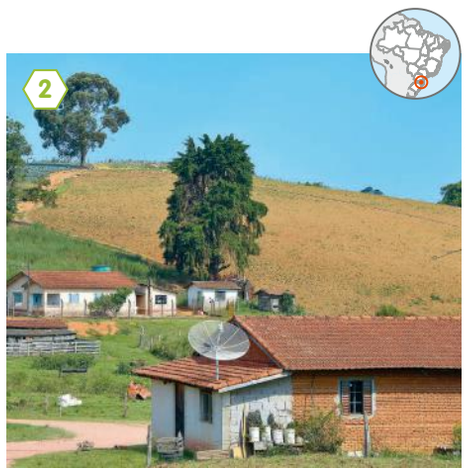
Moradores do campo trabalham, em sua maioria, no setor primário, ou seja, na agricultura, na pecuária e no extrativismo dos produtos da natureza. Os moradores das cidades, geralmente, trabalham no setor secundário ou no terciário, ou seja, na indústria, no comércio e na prestação de serviços.

As pessoas do campo e da cidade possuem hábitos, costumes e tradições diferentes. Antigamente essa diferença era maior. Hoje, com os modernos meios de comunicação e transporte, o contato entre campo e cidade aumentou, diminuindo as diferenças entre os modos de vida dessas pessoas.

Observe as fotos abaixo.

João Prudente/Pulsar Imagens

Quadrilha de festa junina em praça no centro da cidade de Bueno Brandão, estado de Minas Gerais, 2016. As festas juninas vieram de Portugal.



João Prudente/Pulsar Imagens

Casa em área rural com antena parabólica na cidade de Maravilha, estado de Santa Catarina, 2015.

1 Qual foto apresenta costume que era do campo e agora também pertence à cidade? O que ela mostra? Foto 1. Ela mostra a festa junina, hábito do campo adotado nas cidades.

2 O que você vê na foto 2 que comprova um costume da cidade que chegou ao campo? A antena indicando que existe o hábito de ver televisão nessa residência.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

O trabalho com a interação cidade-campo e o intercâmbio de culturas entre esses dois espaços contribui para o reconhecimento da identidade de um grupo social e de um povo e desenvolve a identidade social do aluno.

Saiba mais As senhoras ficaram em dúvida se Daniel era indígena porque ele não estava tipicamente caracterizado da maneira como elas imaginavam que um indígena deve se vestir: ele estava de sapatos, vestindo calça *jeans* e andando de metrô pela cidade de São Paulo.

Muitos indígenas moram nas cidades, utilizam telefones celulares e se vestem como qualquer outro morador do lugar. Leia com o professor um texto de Daniel Munduruku sobre como é ser indígena na cidade de São Paulo.

Certa feita tomei o metrô rumo à praça da Sé. Eram meus primeiros dias em São Paulo, e eu gostava de andar de metrô e ônibus. Tinha um gosto especial em mostrar-me para sentir a reação das pessoas quando me viam passar. [...]

Nessa ocasião a que me refiro, ouvi o seguinte diálogo entre duas senhoras que me olharam de cima a baixo quando entrei no metrô:

— Você viu aquele moço? Parece que é índio — disse a senhora **A**.

— É, parece. Mas eu não tenho tanta certeza assim. Não viu que ele usa calça *jeans*? Não é possível que ele seja índio usando roupa de branco. Acho que ele não é índio de verdade — disse a senhora **B**.

— É, pode ser. Mas você viu o cabelo dele? É lisinho, lisinho. Só índio tem cabelo assim, desse jeito. Acho que ele é índio sim — defendeu-me a senhora **A**.

— Sei não. Você viu que ele usa relógio? Índio vê a hora olhando pro tempo. O relógio do índio é o sol, a lua, as estrelas... Não é possível que ele seja índio — argumentou a senhora **B**.

— Mas ele tem o olho puxado — disse a senhora **A**.

— E também usa sapatos e camisa — ironizou a senhora **B**. — [...] como um índio poderia estar andando de metrô? Índio de verdade mora na floresta, carrega arco e flechas, caça e pesca e planta mandioca. Acho que não é índio coisa nenhuma.

[...]

— Por via das dúvidas...

— O que você acha de falarmos com ele?

— E se ele não gostar?

— Paciência... Ao menos nós teremos informações mais precisas, você não acha?

— É, acho, mas confesso que não tenho muita coragem de iniciar um diálogo com ele. Você pergunta? — disse a senhora **B**, que a esta altura já se mostrava um tanto constrangida.

— Eu pergunto.

Eu estava ouvindo a conversa de costas para as duas e de vez em quando ria com vontade. De repente senti um leve toque de dedos em meu ombro. Virei-me. Infelizmente elas demoraram a chamar-me. Meu ponto de desembarque estava chegando.

Olhei para elas, sorri e disse:

— Sim!

MUNDURUKU, Daniel. É índio ou não é índio?
Histórias de índio. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996. p. 34.

Por que as senhoras ficaram em dúvida se Daniel era indígena ou não?

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Saiba mais

Reflita com os alunos sobre os estereótipos e como esse tipo de comportamento pode levar ao preconceito.

Trabalhe a diferença entre a vida do indígena nas Terras Indígenas, mantendo um diálogo entre a sua cultura e as inovações tecnológicas dos não indígenas, e a vida do indígena urbano, que muitas vezes tenta não perder as características de sua cultura tradicional, mas está exposto a uma situação mais fragilizada.

Os aspectos físicos, como relevo, hidrografia, vegetação, clima e solos influenciam a maneira de viver dos grupos sociais, principalmente daqueles que se relacionam com maior intensidade com a natureza, como as pessoas que moram no campo ou em outros lugares fora das cidades (caso de reservas indígenas, áreas quilombolas, áreas de populações tradicionais, povos ribeirinhos e outros). Nas cidades as influências do meio natural não são tão grandes, pois o contato da população com a natureza é menor e seus elementos às vezes desaparecem quase que por completo ou passam despercebidos.

A BNCC nas páginas 100 e 101

Mostrar aos alunos que existem grupos indígenas que vivem nas cidades, mas mantêm muitos de seus hábitos culturais tradicionais. Assim, espera-se que os alunos identifiquem permanências e mudanças nas comunidades, urbanas ou não. A receita de tapioca é uma forma lúdica de levar o aluno a conhecer um aspecto da cultura indígena. Nessas páginas, trabalham-se as habilidades **EF03HI03** e **EF03HI08**, além dos temas contemporâneos educação alimentar e nutricional e diversidade cultural, previstos na BNCC.

Minha coleção de palavras de História

Trabalhe os usos da palavra "identidade" no capítulo como um conjunto de traços culturais que definem o pertencimento ou não a um grupo. É importante lembrar como os costumes podem se modificar ou não com o tempo. Os alunos podem falar de identidade se referindo ao documento RG. Nesse ponto, leve-os a entender que a palavra também é utilizada no sentido de diferenciação ou daquilo que faz com que sejamos únicos.

Mesmo vivendo em cidades, muitos indígenas do Amazonas tentam manter alguns costumes e hábitos que mostram a identidade de seu povo. Um desses hábitos é a forma de se alimentar, tendo como base o consumo de peixe e farinha de mandioca.

Veja as fotos a seguir.

André Dib/Pulsar Imagens

Damorida, prato típico de origem indígena. Boa Vista, estado de Roraima, 2014.

Luiz Santana/Opção Brasil Imagens

A pupeca ou o peixe assado na folha de bananeira também é um prato típico conservado pelos indígenas. Manaus, estado do Amazonas, 2017.

Muitos proprietários de restaurantes de Manaus, capital do estado do Amazonas, procuram se informar com os indígenas e pessoas mais velhas sobre os pratos tradicionais para atrair turistas com a **culinária** tradicional da região.

culinária: conjunto de pratos típicos de uma região.

Você conhece um dos pratos mencionados acima?
Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

A palavra abaixo aparece neste capítulo:

IDENTIDADE

1 Escreva uma frase com a palavra **identidade**.

Resposta pessoal.

2 Você costuma usar essa palavra no seu cotidiano? Discuta com seus colegas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para sua referência leia o texto abaixo. Se possível, comente-o com os alunos:

Indígenas na cidade: pobreza e preconceito marcam condição de vida

[...] Apesar de buscar melhores condições de vida na cidade, a maioria dos indígenas vive em situação de pobreza, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato.

[...] A antropóloga Lúcia Helena Rangel, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, confirma que é comum os indígenas, mesmo em áreas urbanas, viverem em comunidade.

[...] a Fundação Estadual do Índio está desenvolvendo projetos para ajudar na geração de renda dos indígenas dentro das aldeias, como uma alternativa para evitar a migração deles para os centros urbanos.

[...]

Assim também aprendo

Você já comeu tapioca?

Feita de uma fina farinha de mandioca, a tapioca é uma comida típica nordestina, de origem indígena, que hoje é popular em quase todo o Brasil. Esse prato pode ser feito com recheio doce ou salgado.

Com a supervisão de um adulto, experimente uma receita de tapioca. Você também pode inventar recheios e compartilhar com seus colegas.

Como preparar a tapioca:

Distribua a massa da tapioca em uma frigideira pré-aquecida. Esquente um lado até que você possa virá-lo sem despedaçar a tapioca. Esquente o outro lado e separe.

Coloque o recheio de sua preferência sobre a massa aberta da tapioca e feche-a como um sanduíche. Está pronta!

Bruno Zanardo/Fotoarena

Tapioca com tucumã, comida típica de Manaus, estado do Amazonas, 2016.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Produção de beiju de tapioca na cidade de Laje, estado da Bahia, 2016.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Assim também aprendo

Converse com os alunos sobre o prejuízo à saúde causado pelo consumo exagerado de alimentos à base de açúcar, caso optem por um recheio doce. Pode-se aproveitar o momento para falar de outros hábitos saudáveis que o aluno pode aprender na escola e transmitir à família dentro de casa, o que contribui na batalha contra a obesidade que está aumentando em nosso país.

Preconceito ainda é entrave

Morar em centros urbanos sem ocultar a ancestralidade e as próprias referências é ainda uma luta para mais de 315 mil indígenas, segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [...]

"Há ainda forte preconceito e discriminação. E os indígenas que moram nas cidades são realmente os que enfrentam a situação assim no dia a dia, constantemente", conta o presidente da Organização dos Índios da Cidade, de Boa Vista [...]

[...] Foi na década de 50, com o desenvolvimento industrial, que o processo de migração para as cidades se intensificou. Moradores do campo seguiam em busca de emprego nas fábricas e, com os indígenas, não foi diferente.

[...]

HEINEN, Maíra; PAIVA, Bianca. Indígenas na cidade: pobreza e preconceito marcam condição de vida. *Agência Brasil EBC*. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2017-04/indigenas-na-cidade-pobreza-e-preconceito-marcam-condicao-de-vida>. Acesso em: 28 out. 2017.

A BNCC nas páginas 102 e 103

Em todo o Brasil há populações tradicionais, com culturas específicas que precisam ser respeitadas e protegidas. Abordá-las na escola faz com que o aluno, mais uma vez, tome consciência das diversidades culturais do país, reconheça a sua própria cultura e valorize todas elas. É possível que haja, no município em que os alunos moram, comunidades tradicionais como essas. Assim, os alunos trabalham as habilidades **EF03HI03** e **EF03HI08** da BNCC.

Orientações didáticas

Segundo o Decreto Federal n. 6040, de 7 de fevereiro de 2000, a definição de povos e comunidades tradicionais é: "grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição". Conheça mais no *link* disponível em: <https://uc.socioambiental.org/territorios-de-ocupacao-tradicional/quem-sao-as-populacoes-tradicionais>. Acesso em: 27 jul. 2017.

Se for possível, trabalhe com os alunos a canção "Suíte do pescador", de Dorival Caymmi. Disponível em: <www.vagalume.com.br/dorival-caymmi/suite-do-pescador.html>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Além das comunidades urbanas e rurais há outras comunidades que têm cultura própria e modo de vida bastante diferente da grande maioria dos brasileiros. Elas preservam rituais, crenças, tradições e conhecimentos sobre saúde, agricultura e meio ambiente próprios.

Elas são chamadas de populações tradicionais e vivem em um território do qual retiram os recursos naturais para a sua sobrevivência, mas sem destruir o meio ambiente.

Atualmente, essas comunidades correm o risco de desaparecer. Elas sabem que devem preservar a sua cultura e o seu modo de viver e lutam para ter o controle do território que ocupam e exploram.

Veja algumas dessas populações.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Extração de látex de seringueira em Belterra, estado do Pará, 2017. Os seringueiros percorrem alguns trechos da Floresta Amazônica para tirar o látex das seringueiras. Eles vivem em clareiras na floresta.

Gerson Sobreira/Fotoarte

Coleta e transporte de erva-mate em Turvo, estado do Paraná, 2014. Os faxinais são comunidades rurais do centro do Paraná que existem há mais de dois séculos. Usam a terra de forma coletiva para criar animais e extrair os produtos da natureza.

Emídio Bastos/Opção Brasil Imagens

Jangadas em Trairi, no estado do Ceará, 2016. Os jangadeiros vivem no litoral do Nordeste do Brasil. Eles são bons navegadores e conhecem os melhores locais para pescar.

Mario Friedlander/Pulsar Imagens

Comitiva de boiadeiros em Poconé, estado de Mato Grosso, 2015. O povo pantaneiro cria gado em fazendas no Pantanal. Possui tradições e costumes próprios, como danças e festas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Quem são as populações tradicionais?

[...]

No início, a categoria congregava seringueiros e castanheiros da Amazônia, expandindo-se, para outros grupos que vão de coletores de berbigão de Santa Catarina a babaçueiras do sul do Maranhão e quilombolas do Tocantins.

O que todos esses grupos possuem em comum é o fato de que tiveram pelo menos em parte uma história de baixo impacto ambiental e de que têm no presente interesses em manter ou em recuperar o controle sobre o território que exploram. E, acima de tudo, estão dispostos a uma negociação: em troca do controle sobre o território, comprometem-se a prestar **serviços ambientais**.

Embora, como buscaremos mostrar, as populações tradicionais tenham tomado os **povos indígenas** como modelos, a categoria "populações tradicionais" não os inclui. A separação repousa sobre uma distinção legal fundamental: os direitos territoriais indígenas não são qualificados em termos de conservação, mesmo quando se verifica que as terras indígenas figuram como "ilhas" de conservação ambiental em

Desafio

Sob a orientação do professor, forme um grupo com alguns colegas.

1. Busquem informações sobre os pantaneiros de Mato Grosso do Sul, em livros ou na internet. Depois comparem o seu trabalho com o dos outros grupos.
2. Escreva dentro dos quadros as informações pedidas.

Como se veste o homem pantaneiro

Sugestão de resposta: Chapéu de palha, botina, calça *jeans* com cinturão, camisa, faixa na cintura.

Festas e tradições

Sugestão de resposta: Cavalhadas de Poconé, Peregrinação das Bandeiras, Festa dos Santos de devoção, etc.

Comidas e bebidas

Sugestão de resposta: A base são os produtos da região: peixe na brasa, galinhada, arroz carreteiro com carne-seca, banana-da-terra com farinha, bolo de jatobá com fubá e a bebida tererê, feita de erva-mate.

Danças

Sugestão de resposta: Cururu e siriri, danças de origem indígena.

Mitos e lendas

Sugestão de resposta: Mãe-d'água, Barco Fantasma, Baía de Chacororé, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Desafio

Sugestões de *sites* para pesquisa: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/cultura-brasileira/pantanal-conheca-a-cultura-da-regiao.htm>; <www.agron.com.br/publicacoes/mundo-agron/cultura-e-variedades/2014/02/03/038148/pantanal-um-mosaico-de-culturas-e-influncias.html>; <http://<academiapantaneira.webnode.com/povo-pantaneiro/habitos-do-povo-pantaneiro/>; <www.portalpantanal.com.br/receitaspantaneiras/57-receitassalgadas.html>. Acesso em: 18 dez. 2017.

Pode-se fazer uma pequena exposição na sala de aula com os trabalhos dos alunos.

contextos de acelerada devastação. Para realçar essa especificidade da legislação brasileira que separa os povos indígenas das "populações tradicionais" não os incluiremos nesta categoria, e estaremos usando, quando necessário, a expressão "populações indígenas e tradicionais".

CUNHA, Manuela Carneiro. *Quem são as populações tradicionais?* Instituto Socioambiental. Unidades de Conservação. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/territórios-de-ocupação-tradicional/quem-são-as-populações-tradicionais>. Acesso em: 6 dez. 2017.

Objetivos das páginas 104 e 105

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo** e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, é o momento ideal para os próprios alunos selecionarem as palavras que mais lhes chamaram atenção durante o estudo. Assim, eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 86 e 98.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

Atividade 1

Incentive a conversa em sala de aula. Os alunos discutiram sobre os usos e significados da palavra **memória** e sua importância na história de uma cidade ou um povo para o entendimento das permanências e mudanças através do tempo. No trabalho com a palavra **identidade**, os alunos puderam compreender como aspectos culturais, sociais e históricos podem definir um povo.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 3. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 5 – Conservar a memória cultural

Muitas construções, livros, obras de arte e objetos antigos devem ser protegidos contra a destruição causada pelo tempo e pelas pessoas. Eles fazem parte do patrimônio histórico de um povo.

Resposta pessoal.

Capítulo 6 – A formação cultural

Pessoas muito diferentes podem viver em uma mesma cidade e conservar os seus costumes antigos, mas também adquirir costumes novos. Essas pessoas, embora diferentes entre si, devem procurar ter uma boa convivência.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

MEMÓRIA, página 86.

IDENTIDADE, página 100.

1. O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com os colegas.
Resposta pessoal.
2. Em um quadro no seu caderno, escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 3. Observe-os atentamente.

Capítulo 5
Conservar a memória cultural

Capítulo 6
A formação cultural

Ilustrações: Ilustra Cartoon/Arquivo da editora

2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 5	Capítulo 6

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unid0ade, usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usarem a criatividade e a construírem uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturações do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivos das páginas 106 e 107

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promovem a leitura e síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e as habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, por meio da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e os objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

- As pessoas deixam vestígios para gerações futuras, assim como herdam lembranças de gerações passadas.

- Construções e costumes são marcas do passado.

- Os museus são instituições que guardam objetos, esculturas, móveis, pinturas e outros materiais que fazem parte da história de uma comunidade, de um povo, de um tempo ou de um lugar.

Rogerio Reis/Pulsar

Museu Oscar Niemeyer em Curitiba, no estado do Paraná, 2016.

- Os habitantes de uma cidade podem ter origens e costumes diferentes. Esses habitantes podem manter seus costumes antigos e também adquirir novos.

- Hoje podemos encontrar muitos elementos da cidade no campo e do campo na cidade. Alguns grupos populacionais possuem cultura bastante diferente da maioria dos brasileiros.

Felipe Oliveira/Getty Images

- A identidade de um povo é formada pelos seus costumes, sua língua, suas festividades, entre outros traços culturais, que podem ser mantidos ou transformados ao longo do tempo.

Apresentação do Olodum no Pelourinho, centro histórico de Salvador, Bahia. Foto de 2016.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de...

Livros

Reprodução/Panda Books

Kunumi Guarani. Wera Jeguara Mirim, Panda Books.

Wera Jeguara Mirim vive na aldeia Krukutu, no distrito de Parelheiros, em São Paulo. No livro, ele relata diversas experiências, como ir à escola, estudar a língua portuguesa, nadar na represa e utilizar a internet.

Reprodução/Editora FTD

O mundo muda... se a gente ajuda! Flávia Savary, FTD.

Lucas é um menino de dez anos que vive na pequena cidade de Alvorada da Passarada. Alegando que é hora de modernizar e trazer progresso à cidade, o prefeito decide derrubar a mangueira centenária que é símbolo da cidade. É hora de fazer algo para proteger o patrimônio da cidade.

Reprodução/Edições Pinakotheke

O museu que Caio inventou. Simone Bibian, Pinakotheke.

Caio é um garoto muito curioso, sempre atento às coisas que estão ao seu redor. Ele gosta de colecionar e, um belo dia, imaginou que seria capaz de criar um museu!

Reprodução/Editora Moderna

Preservando o patrimônio e construindo a identidade. Maria Helena Pires Martins, Moderna.

Todos nós temos nossa história, lembranças e objetos significativos. Nós deixamos isso para as gerações futuras e herdamos, também, um conjunto de lembranças das gerações passadas. Esse livro mostra a formação do patrimônio cultural e a construção da nossa identidade a partir dele.

Site

Museu Imperial. Disponível em: <www.museuimperial.gov.br>.

O Museu Imperial fica na cidade de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Essa instituição dedica-se a preservar a História do Brasil. Na seção "Visita virtual", é possível passear por algumas salas do museu. Acesso em: 9 nov. 2017.

Reprodução/www.museuimperial.gov.br

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você mais gostou nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de leitura... (PARA O ALUNO)

Livros

Cordelendas: histórias indígenas em cordel. César Obeid. Editora do Brasil.

Griot: histórias que ouvimos na África. Júlio Braz. Melhoramentos.

Um tesouro para todos: conversando sobre patrimônio cultural. Escala Educacional.

Indicações de leitura para o professor

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
  Este livro explora as relações que a História oral possui com outros campos da História e com outras áreas do conhecimento.
- CORÁ, Maria Amelia Jundurian. *Do material ao imaterial*: patrimônios culturais do Brasil. São Paulo: Educa: Fapesp, 2014.
  Este livro analisa diferentes formas de manifestação cultural do Brasil, ressaltando a importância da preservação da memória e das representações simbólicas da cultura na sua dimensão imaterial.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio*: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
  Neste livro, um guia sobre cultura e patrimônio, a autora explica quais são os marcos mais importantes para a compreensão da ideia de patrimônio.

Objetivos desta unidade

1. Valorizar o trabalho e a tecnologia como agentes criadores e transformadores dos aspectos sociais e culturais da cidade.
2. Conscientizar-se da existência de espaços públicos e privados no município.
3. Reconhecer a cidade, com todas as suas atividades, como centro de trabalho, cultura e lazer.
4. Conscientizar-se da importância e da necessidade do lazer.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Uma das principais atividades dos adultos é o trabalho. Quais profissões você conhece? Resposta pessoal.
- O lazer também é muito importante. Qual é a sua brincadeira preferida? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Comentário para a abertura de unidade

Na unidade 4, os alunos vão se conscientizar da importância do trabalho para os grupos sociais, relacionando seus vários aspectos no passado e atualmente. Eles vão ser estimulados a reconhecer o uso da tecnologia no trabalho, a situação da mulher no mercado de trabalho, as profissões, os setores da economia, a circulação e o transporte, necessários a toda a população.

A ilustração mostra uma cena de parque, com crianças e adultos, sendo dois, o jardineiro e o sorveteiro, que trabalham. Ela mostra aos alunos que, enquanto alguns trabalham, outros passeiam, fazem esporte ou brincam. As atividades estão relacionadas tanto com o tema da ilustração quanto com os conteúdos dos capítulos.

Objetivos do capítulo

1. Incentivar os alunos a reconhecer o trabalho e a tecnologia como elementos organizadores da vida em sociedade.
2. Mapear os espaços públicos do lugar em que se vive.
3. Identificar as diferenças entre os espaços público e doméstico.
4. Identificar e diferenciar formas de trabalho na cidade e no campo, considerando o uso da tecnologia.

Para iniciar

O marujo, ou marinheiro, é a pessoa que opera embarcações ou trabalha na manutenção delas. Pergunte aos alunos quais das profissões são as mais comuns na região em que eles moram e se eles conhecem algum profissional que atua nas profissões citadas no poema da página.

Capítulo 7

O trabalho através do tempo

O trabalho sempre existiu.

Desde os tempos mais antigos, os seres humanos precisaram construir abrigos, procurar e preparar alimentos, plantar, cuidar dos animais, além de muitas outras tarefas. Homens e mulheres sempre trabalharam. Praticaram as mais variadas atividades para a sua sobrevivência.

Leia os poemas abaixo.

O marujo

Marinheiro pequenino
bebeu algo ao se deitar.
Acordou de madrugada:
a sua cama era um mar.

O bombeiro

Blen blen blen blen
Quem vem?
Quem vem?
É o bom
bombeiro
e vem ligeiro.
Alguém o chama
pra apagar a chama.
Ele vem que vem
blen blen blen blen.

Ilustrações: Vanessa Alexandre/ Arquivo da editora

O carpinteiro

Bate bate martelinho
mas não bata feito cego.
Cuidado com o meu dedo
que o meu dedo não é prego.

PAES, José Paulo. Profissões. In: **Poemas para brincar**. São Paulo: Ática, 2008.

Para iniciar

1. Quais são as profissões citadas nos poemas?
   Marujo (marinheiro), carpinteiro e bombeiro.
2. O que fazem esses profissionais?
   2. O marujo trabalha em embarcações. O carpinteiro trabalha com madeira em construções: faz portas, janelas e estruturas grandes. O bombeiro apaga incêndios e faz salvamentos em geral.
3. Que profissão você pretende exercer? Por quê? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: formação cultural da população	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental.	BNCC EF03HI09 Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores, etc.) e identificar suas funções.
A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer	BNCC EF03HI11 Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos.
	BNCC EF03HI12 Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.

O uso da tecnologia no trabalho

No passado, a maior parte dos povos dividia o trabalho de forma muito simples: os homens caçavam e pescavam; as mulheres cuidavam da roça e das tarefas domésticas.

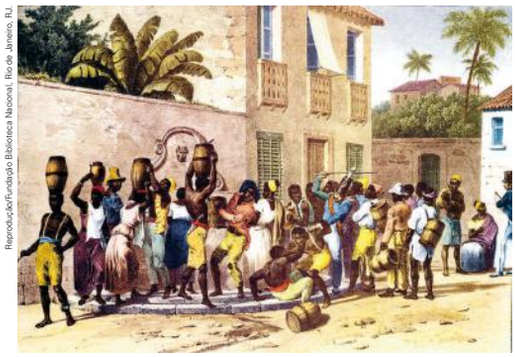
Hoje, há muitos outros tipos de trabalho e profissões, e mulheres e homens podem exercer qualquer uma delas. Algumas profissões são muito diferentes das que havia antigamente.

As profissões e os ofícios se modificam ou desaparecem com o passar do tempo, e outros novos são criados. Isso acontece com o surgimento de novas tecnologias. Além disso, as transformações e mudanças nas sociedades criam novos costumes e necessidades.

O desenvolvimento de maneiras de gerar e distribuir eletricidade aceleraram muito a descoberta de novas tecnologias, máquinas e equipamentos. Com isso surgiram novas profissões. A internet também está provocando outras novas mudanças, fazendo surgir tecnologias e empregos ainda mais modernos.

Os charreteiros conduziam charretes, usadas há mais de cem anos. Foto na cidade de São Paulo, em 1910.

Autoria desconhecida, 1910. Fonte: João Ernesto Gerodetti. *Lembranças da São Paulo do interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças*. São Paulo: Solaris, 2003. p. 187.



Reprodução/Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

Os africanos escravizados abasteciam as casas com água que apanhavam em fontes ou bicas. **Carregadores de água**, gravura de Johann Moritz Rugendas, 1835.

Os acendedores de lampiões eram responsáveis pela iluminação das cidades antes da iluminação elétrica, há pouco mais de cem anos. Foto na cidade do Rio de Janeiro, [s.d.].

Autoria desconhecida, início do século XX/Fundação Energia e Saneamento, São Paulo.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nas páginas 111 a 113

Nestas páginas os alunos vão aprender que o uso da tecnologia no trabalho provoca não só melhorias nas atividades econômicas, mas também mudanças nas formas de trabalho e nas profissões: muitas desaparecem, enquanto outras são criadas. Além disso, vão se conscientizar das condições em que ocorre a participação da mulher no mercado de trabalho e das mudanças na vida cotidiana impactadas pelas novas tecnologias. Dessa maneira, trabalham-se conceitos importantes para que os alunos dominem as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Texto complementar

Profissões que resistem ao tempo

Na corrida contra o tempo, muitas profissões se perderam. Os cocheiros, que transportavam as pessoas nas carroças e carruagens, não demoraram a ser substituídos por motoristas, quando os carros se popularizaram. Perderam a corrida, e, sem ninguém para transportar, tiveram que procurar outros caminhos. Na mesma estrada, com a chegada do computador, os datilógrafos foram para o acostamento. Estacionaram e, em vez de datilografar, precisaram passar a digitar.

Mas, na contramão dos ofícios esquecidos, existem aqueles que resistiram aos encantos das tão aclamadas profissões do futuro, mas também se recusam a entrar no grupo dos trabalhos do passado. Eles optaram por permanecer no presente. Sapateiros, alfaiates, chaveiros, ferreiros. Para Débora Barem, as profissões que conseguem sobreviver à modernidade são aquelas cujo trabalho as máquinas são incapazes de imitar [...]. O que acontece é uma mudança estrutural dessas profissões. "Para não serem substituídos, eles precisam se reinventar."

AZEVEDO, Alessandra. Profissões que resistem ao tempo. *Estado de Minas*, 3 maio 2015. Disponível em: <www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/05/03/internas_economia,643416/as-que-resistem-ao-tempo.shtml>. Acesso em: 28 out. 2017.

Atividade 3

a) Deixe a resposta bem livre. O objetivo desta questão não é fazer com que os alunos nomeiem profissões, mas sim levá-los a usar a imaginação e a criatividade para apresentar possibilidades de profissões que podem ser modificadas no futuro, como aquelas em que o ser humano é substituído por uma máquina (robô). Eles viram nas fotos profissões que existiram e deixaram de existir, e agora farão o mesmo com profissões atuais que provavelmente não existirão no futuro. Para sua informação e orientação aos alunos consulte os *links* disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/carreira/saiba-quais-sao-as-profissoes-do-futuro/> e <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,EMI275532-17773,00-SAIBA+QUAIS+SAO+AS+PROFISSOES+DO+FUTURO.html>. Acesso em: 2 out. 2017.

b) Valorize com os alunos o respeito a todas as profissões e a importância que elas têm, independentemente do grau de escolaridade ou instrução exigido para exercê-las.

Atividade 4

Alguns alunos podem ter dificuldade em identificar essas profissões. Ajude-os nessa tarefa.

1 Quais profissões registradas nas fotografias da página anterior ainda existem?

Resposta pessoal. Na maior parte dos municípios brasileiros essas profissões desapareceram.

2 Você conhece alguma profissão que se pareça com as da página anterior?

Resposta pessoal. Os alunos podem comparar a profissão de charreteiro com a de motorista de ônibus ou táxi; os carregadores de água com os funcionários de empresas que distribuem água engarrafada, etc.

3 Converse com os colegas sobre estas questões:

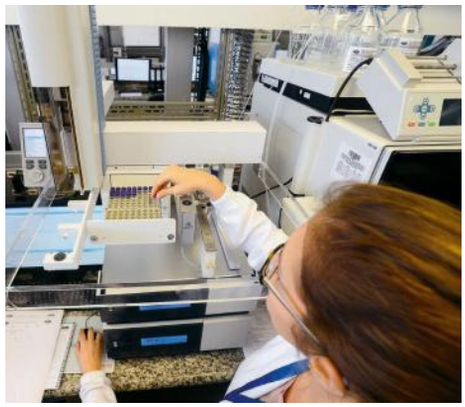
a) Em sua opinião, que profissões de hoje não existirão no futuro?
Resposta pessoal.

b) Imagine uma profissão que só vai existir no futuro. Como ela seria?
Resposta pessoal.

4 Observe as fotos a seguir, que mostram ambientes de trabalho e profissões que usam tecnologias mais modernas do que as que vimos na página anterior.

Ernesto Reghran/Pulsar Imagens

Funcionário trabalha em sala de controle de operações da usina hidrelétrica de Itaipu, em Foz do Iguaçu, no Paraná. Foto de 2015.



Tânia Rêgo/Agência Brasil

Funcionária trabalha em laboratório de exames clínicos computadorizados, na cidade do Rio de Janeiro, em 2016.

a) Entreviste adultos conhecidos e pergunte a eles sobre outras profissões modernas. Resposta pessoal.

b) Apresente ao professor e aos colegas o nome das profissões que você descobriu. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Leia o texto a seguir, sobre a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro.

Estudo detalha avanços femininos no mercado de trabalho

O Ipea e o Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS) divulgaram [...] a Nota Técnica Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014, estudo que apresenta um panorama de como tem sido a presença das mulheres no mercado de trabalho nos últimos anos, quais postos ocupam e a evolução salarial das mulheres.

A pesquisa [...] mostrou que, apesar da evolução, o perfil histórico de ocupação ainda mantém diferenças entre homens e mulheres. Os homens, negros ou brancos, continuam sendo a maioria no mercado de trabalho

A renda também melhorou nos últimos dez anos, [...] mas não foi suficiente para equiparar os ganhos entre gênero e raça. O rendimento médio do brasileiro cresceu quase 50%, [...] Os homens, no entanto,

Saiba mais

Hoje em dia, aproximadamente metade da população feminina no Brasil trabalha fora de casa e exerce quase todas as profissões. Isso é recente em nossa história. Há pouco mais de 50 anos as mulheres exerciam algumas profissões apenas, além de cuidar da casa e dos filhos.

1 Leia esta letra de canção composta em 1952. Depois, responda às questões.

Lata d'água

Lata d'água na cabeça
Lá vai Maria
Lá vai Maria
Sobe o morro, não se cansa
Pela mão leva a criança
Lá vai Maria
Maria lava roupa lá no alto
Lutando pelo pão de cada dia
Sonhando com a vida no asfalto
Que acaba onde o morro principia.

ANTONIO, Luiz; JÚNIOR, J. **Lata d'água (samba de Carnaval)**. Intérprete: Marlene. Columbia Records: 1952. Letra disponível em: <www.mpbnet.com.br/musicos/marlene/letras/lata_dagua.html>. Acesso em: 31 jul. 2017.

a) Qual era a profissão de Maria? Lavadeira.

b) Quem cuidava do filho de Maria enquanto ela trabalhava? Maria levava o filho com ela, porque não havia creches para as crianças.

c) Maria lavava a roupa à mão. Como grande parte das famílias lava as roupas hoje em dia? Hoje é muito comum, principalmente nas áreas urbanas, famílias usarem tanquinho elétrico e máquina de lavar roupa.

2 Observe as fotos e escreva uma legenda com a profissão de cada mulher.

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Dentista.

Ricardo Teles/Pulsar Imagens

Pesquisadora de laboratório.

3 Você conhece mulheres que trabalham fora de casa? Em quais profissões?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Saiba mais

Atividade 1

A letra dessa canção é muito rica e pode ser explorada linha por linha. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa.

Explique para os alunos o significado de "asfalto" no contexto da canção – os bairros com infraestrutura, situados aos pés dos morros, em frente ao mar, em contraste com as favelas dos morros cariocas. Maria sonhava com a vida no asfalto, isto é, com o lugar onde as necessidades básicas, como saneamento básico, estivessem disponíveis para a população.

c) Comente com os alunos sobre as máquinas usadas em uma casa para facilitar o trabalho doméstico: liquidificador, aspirador de pó, ferro de passar roupa, máquina de lavar louça, etc.

continuam ganhando mais do que as mulheres [...].

O trabalho doméstico continua sendo um dos líderes entre os postos ocupados por mulheres [...]. As mulheres negras são maioria entre as trabalhadoras domésticas [...].

Luana afirmou que é necessário repensar os conceitos de trabalho. "Para a discussão de gênero e igualdade entre mulheres e homens no mundo do trabalho, o conceito adotado nos limita e diminui a contribuição que as mulheres dão nesse campo. O IBGE trabalha com um conceito que exclui todo trabalho doméstico não remunerado feito no espaço privado, que são aquelas atividades que as mulheres fazem no cotidiano da vida, que é contínua e não tem mudado ao longo dos anos", afirmou. A pesquisadora acrescentou que algumas classes inativas estão fora da pesquisa: "As mulheres que cuidam dos filhos, idosos e doentes e as trabalhadoras rurais estão fora dos dados estatísticos". [...]

ESTUDO detalha avanços femininos no mercado de trabalho. In: IPEA, 11 mar. 2016. Disponível em: <www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27349>. Acesso em: 31 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 114 e 115

Os setores da economia englobam praticamente todos os tipos de trabalho feitos atualmente pelos seres humanos, daí a necessidade de estudá-los de forma que os alunos possam reconhecer que esses setores se relacionam aos modos de vida na cidade e no campo. Eles também devem identificar permanências e mudanças nas diversas formas de trabalho e identificar semelhanças e diferenças entre elas. São trabalhadas as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Orientações didáticas

Motive os alunos a refletir sobre a presença da tecnologia e da mecanização em todos os setores da produção, atualmente. A página seguinte tratará da tecnologia no campo, e é possível fazer uma ligação entre as duas atividades.

Atualmente, as profissões pertencem a três setores da economia, chamados primário, secundário e terciário.

O setor primário é o da agricultura, da pecuária, do extrativismo vegetal e da mineração. O setor secundário é o das indústrias, que fabricam e transformam produtos. O setor terciário é o do comércio, dos bancos, dos serviços (cabeleireiros, dentistas, etc.), dos cinemas e de outras diversões. Em todos esses setores usam-se cada vez mais a tecnologia e a mecanização. Isso provoca a substituição do trabalho humano pelo trabalho das máquinas.

Veja as imagens a seguir.

Eduardo Zappia/Pulsar Imagens

Operários trabalhando em linha de montagem de ônibus e caminhões, na cidade de Resende, no Rio de Janeiro, em 2015.

Tatiu Azzi/Pulsar Imagens

Pescadores trabalhando em Japaratinga, no estado de Alagoas, em 2015.

Gerson Gerloff/Pulsar Imagens

Enfermeiro aplicando vacina em criança indígena do povo Kaingang, em Redentora, no Rio Grande do Sul, em 2014.

Rogério Reis/Pulsar Imagens

Operador de máquinas agrícolas arando solo, em local próximo à cidade de Itaberaí, em Goiás, em 2016.

Escreva no quadro abaixo o nome das profissões das imagens de acordo com o setor a que cada uma pertence.

Setor primário	Setor secundário	Setor terciário
Pescador (foto 2)	Operário da indústria	Enfermeiro (foto 3)
Operador de máquinas	automobilística	
agrícolas (foto 4)	(foto 1)	

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para discutir a divisão da economia em três setores, leia para a classe esta crônica de Millôr Fernandes. Em seguida, troque ideias com os alunos.

Leite, quéquê isso?

Vocês se lembram quando a gente comprava leite em garrafa, na leiteria da esquina? Lembram mais longe, quando a vaca-leiteira, que não era vaca coisa nenhuma, era uma caminhonete-depósito, vinha vender leite na porta de casa? Lembram bem mais longe ainda, [...] quando a gente mesmo criava a vaca e pegava nas tetas dela pra tirar o leite dos filhos dela, com muito jeito pra ela não nos dar uma cipoada? [...]

Mas vocês não se lembram de nada? Vai ver nem sabem o que é vaca. Nem o que é leite. Estou falando isso porque agora mesmo peguei um pacote de leite [...] e estava escrito que é pasteurizado, ou pasteurizado 1, sei lá, tem vitamina, foi enriquecido. [...]

Será que isso é mesmo leite? No dicionário diz que leite é outra coisa: "Líquido branco, contendo água, proteína, gordura, açúcar e sais minerais". Um alimento pra ninguém botar defeito. O ser humano o usa

Quando os seres humanos começaram a praticar a agricultura, usavam a própria força e instrumentos muito simples feitos à mão. Depois, começaram a domesticar animais e a usá-los para trabalhar a terra.

Pouco a pouco, o ser humano inventou novos instrumentos, técnicas e equipamentos para fazer o trabalho no campo.

Hoje, há grandes plantações cultivadas com o uso de máquinas rápidas e eficientes. Mas, em muitos lugares do Brasil e do mundo, as atividades no campo ainda são feitas como há muito tempo, ou seja, sem máquinas modernas.

Lavrador operando arado com tração animal em Petrolina, Pernambuco, em 2016.

Colheita mecanizada de arroz no município de Dona Francisca, no Rio Grande do Sul, em 2017.

1 Converse com seus colegas e o professor: em que situações são usados os equipamentos das fotos 1 e 2? Na situação da foto 1, a área cultivada é sempre pequena e com produtos para consumo próprio ou pequeno comércio (exemplos: mandioca e feijão). Na foto 2, temos uma agricultura comercial e grandes áreas plantadas (exemplos: soja e algodão).

2 O campo produz alimentos para toda a população urbana e fornece matérias-primas à indústria.

a) Em grupo, façam uma lista dos itens da sua alimentação que vêm do campo.

Legumes, verduras, frutas, leite, ovos, carne, etc.

b) Ainda em grupo, façam outra lista de produtos não alimentícios retirados da natureza, de áreas de cultivo ou de criações animais.

Algodão, couro, cana-de-açúcar (para a produção de combustível), madeira (móveis e papel), etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Ajude os alunos a compreender a diferença entre a produção em pequenas e em grandes propriedades.

há mais de 5 mil anos. É o único alimento só alimento. A carne serve pro animal andar, a fruta serve pra fazer outra fruta, o ovo serve pra fazer outra galinha e outro ovo até o fim do mundo. [...] O leite é só leite. Ou toma ou bota fora.

Esse daqui, examinando bem, é só pra botar fora. Tem chumbo, tem benzina, tem mais água do que leite, tem serragem, sou até capaz de jurar que nem tem vaca por trás desse negócio.

[...]

FERNANDES, Millôr. Leite, quéqué isso? *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 ago. 1999.

Conte aos alunos que a pasteurização consiste no processo pelo qual o leite é aquecido por tempo relativamente longo e, em seguida, submetido a esfriamento repentino, obtendo-se assim a morte dos germes capazes de produzir doenças.

Discuta com os alunos: O que diferencia o leite saído da vaca daquele embalado e vendido nas vendas, padarias ou supermercados?

A BNCC nas páginas 116 e 117

Nestas páginas trabalham-se a produção artesanal e a indústria, no passado e nos dias atuais, levando o aluno a identificar essas formas de trabalho e sua relação com o uso maior ou menor da tecnologia para a obtenção de produtos necessários a nossa vida cotidiana conforme as habilidades **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Orientações didáticas

O artesanato constitui-se historicamente em uma das primeiras formas de trabalho dos seres humanos, empregada para fabricar objetos de que necessitavam. O artesanato continua a existir desde então, convivendo nos dias de hoje com os produtos industrializados.

Suas principais características são:

- o trabalho é feito quase que exclusivamente com as mãos ou com a ajuda de ferramentas;
- utilização de matéria-prima normalmente natural (madeira, fibras, cascas de árvores, flores secas, algodão, lã e outras);
- normalmente todas as etapas da produção são feitas pelo artesão e/ou com ajuda familiar.

Hoje o artesanato perdeu, em muitas regiões do mundo, o objetivo de atender às necessidades do próprio produtor, da sua família ou de pessoas do seu grupo social. Hoje ele tem, em grande parte, um objetivo comercial, atendendo às exigências de um mercado consumidor que por eles se interessa. Ele está quase sempre ligado aos hábitos e tradições de um grupo social, por isso é quase sempre considerado como parte da cultura de um local, região ou país. O Brasil é um país de rica tradição em artesanato.

Isso pode ser explorado pelo professor em sala de aula, propondo aos alunos pesquisas na internet ou em livros e revistas sobre o artesanato nas diferentes regiões brasileiras. Pode-se também pesquisar o artesanato local, caso ele exista no município ou em locais próximos da escola do aluno.

Para sua informação, leia o artigo "Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?", de Ricardo Gomes Lima, em: <www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf>. Acesso em: 28 out. 2017.

Os seres humanos sempre utilizaram recursos da natureza para produzir aquilo de que necessitavam.

Há milhares de anos, grupos humanos começaram a criar técnicas para fabricar utensílios a fim de usar no seu dia a dia, como lanças, facas, potes de barro para guardar água, etc.

Hoje em dia chamamos artesanato todo trabalho manual que usa recursos da natureza como matéria-prima. O artesão muitas vezes trabalha sozinho, utilizando técnicas e ferramentas tradicionais, como lixas, martelo, torno, máquinas de costura, etc.

Observe as imagens e leia as legendas a seguir.

Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

Artesão usando torno para produção de cerâmica, em Belém, no estado do Pará. Foto de 2015.

João Prudente/Pulsar Imagens

Artesã trabalhando com lã de carneiro, em Tibagi, no estado do Paraná. Foto de 2014.

Tales Azzi/Pulsar Imagens

Artesão esculpindo em madeira, em Bueno Brandão, no estado de Minas Gerais. Foto de 2016.

Desafio

Preencha o quadro abaixo. Se precisar, peça ajuda a um adulto que você conheça.

Nome de um produto artesanal que você conhece	Resposta pessoal.
A matéria-prima usada para fazer esse produto artesanal	Resposta pessoal.
Ferramenta utilizada para sua produção	Resposta pessoal.
Produto artesanal que você sabe fazer	Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

As indústrias instalaram-se no Brasil há pouco mais de cem anos. No início, elas foram abertas principalmente na cidade de São Paulo, que já contava com energia elétrica para iluminação pública, meios de transporte e dinheiro conseguido com a venda de café.

Para o funcionamento das fábricas, eram necessárias muitas pessoas. Grande parte delas vinha de outros países: eram imigrantes. Atualmente, em quase todos os lugares do mundo, os produtos industriais são mais utilizados que os artesanais.

Observe as fotos.

Reprodução/Museu de História da Fotografia Alinari, Florença, Itália.

Imigrantes italianas trabalhando em fábrica de chapéus, na cidade de São Paulo, em cerca de 1930.

Alex Tauber/Pulsar Imagens

Fábrica de ar-condicionado, em Manaus, estado do Amazonas. Foto de 2017.

1 Converse com os colegas: observando as imagens, como vocês podem identificar a fábrica mais antiga? Pelo tipo de construção, pela cor da fotografia.

2 Por que as indústrias se instalaram primeiro na cidade de São Paulo?

A cidade de São Paulo já estava bastante desenvolvida, com energia elétrica, meios de transporte e dinheiro proveniente da venda de café.

3 Há indústrias perto de onde você mora? Caso haja, o que elas fabricam?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para completar a atividade 3, faça esta outra com os alunos:

- Na internet, na prefeitura ou com outras pessoas especializadas no assunto, procure se informar sobre as atividades industriais de seu município ou região: quais são elas, o que fabricam, quantos e quem são os trabalhadores, onde são vendidos esses produtos, e outros aspectos. Podem ser abordadas atividades industriais, das mais simples às mais complexas.
- Discuta com os alunos a pesquisa que foi feita.
- Faça um mural em sala de aula, ou na escola, com as informações obtidas. Se possível, ilustre com fotos das indústrias e das pequenas fábricas.

Orientações didáticas

Contextualize a história da indústria no Brasil para os alunos: no período colonial, a Coroa portuguesa proibia a instalação de fábricas no Brasil, com exceção de algumas, pequenas, de produtos de primeira necessidade.

Com a abolição da escravidão, no final do século XIX, o capital antes destinado à compra de escravos passou a ser investido na instalação de indústrias, assim como o capital proveniente da venda do café. A isso se acrescenta o fato de que os imigrantes que chegaram trouxeram novas técnicas de trabalho e produção industrial e se constituíram no primeiro grupo de operários assalariados nas indústrias que nasciam.

No século XX a industrialização se acelerou. Inicialmente as indústrias de consumo, como as têxteis e alimentícias e depois, na época da Segunda Guerra Mundial, as indústrias de base, como siderúrgicas, metalúrgicas, químicas e de energia.

Hoje, no Brasil, a indústria nacional luta pelo seu espaço na economia nacional, sofrendo concorrência dos grandes conglomerados estrangeiros

A BNCC nas páginas 118 e 119

A abordagem sobre as atividades comerciais antigamente e hoje, bem como o uso do espaço público para essas atividades, atende as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI12** da BNCC, pois leva o aluno a reconhecer os diferentes modos de vida, inclusive nos espaços públicos, em suas permanências e mudanças.

Orientações didáticas

Na Antiguidade, as atividades comerciais já eram bem desenvolvidas. Inicialmente, o comércio era praticado por meio da troca de mercadorias. Em seguida, alguns produtos raros e valiosos foram utilizados como moeda, como sementes, alguns tipos de conchas, bois, e sal, usado para a conservação de alimentos. Eram as moedas-mercadorias.

O que determinava se um produto era caro ou barato era a complexidade para obtê-lo ou produzi-lo, a sua raridade. Hoje, no preço do produto contam também os impostos, os salários para quem o produziu, o transporte e as variações de preços dos produtos usados na sua fabricação, entre outros.

Depois surgiram as moedas, mais fáceis de serem transportadas e mais duráveis.

Explique aos alunos que "moeda", aqui, significa qualquer instrumento aceito como meio de pagamento, isto é, dinheiro, além da peça metálica que utilizamos no dia a dia.

Atividade

Incentive os alunos a fazer outras perguntas, além das sugeridas aqui, conforme as especificidades do bairro ou da cidade.

O comércio

Para ter os produtos de que necessitam, as pessoas recorrem ao **comércio**. Os produtos podem ser vendidos em lojas, feiras, mercados, bancas nas ruas ou pela internet. A compra de produtos é feita com dinheiro ou outros meios de pagamento, como cheques ou cartões magnéticos.

Há milhares de anos, porém, não havia dinheiro. As pessoas trocavam seus produtos por outros. Alguns produtos que eram mais raros ou importantes foram utilizados como mercadoria de troca. Um deles foi o sal, de onde vem o termo que usamos para pagamento de serviços: **salário**. Com o tempo, passaram a ser usadas as moedas de metal e, mais tarde, as cédulas de papel.

Leia o depoimento de dona Leonor, de 85 anos, e observe a imagem.

O armazém

Perto de casa, havia o Armazém Santana, onde comprávamos produtos que não fazíamos em casa, como sal ou farinha. Pão, queijo, manteiga, doces, linguiça, sabão e tantas outras coisas eram feitos em casa mesmo.

Alguns vendedores ofereciam seus produtos na porta das casas: frutas, vassouras, lamparinas. Mas quem nos trazia um mundo encantado era o **mascate**, quando abria sua mala repleta de coisas maravilhosas.

Trecho do depoimento de Leonor Garcia Ramos às autoras, 2005.

Autoria desconhecida, 1908. Fonte: *Lembranças de São Paulo*: o interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças, de João Emílio Gerodetti. São Paulo: Solaris, 2000. p. 186.

Armazém em Lençóis Paulista, no estado de São Paulo, em 1908.

mascate: vendedor ambulante que vai onde estão os compradores para oferecer seus produtos ou entregar encomendas; vendedor de porta em porta.

Converse com um morador antigo do bairro onde você mora, faça as perguntas a seguir e anote em seu caderno as informações obtidas.

a) Onde sua família fazia compras quando você era pequeno?
Resposta pessoal.

b) O que sua família comprava? E o que produzia em casa?
Resposta pessoal.

c) O que mudou daquele tempo até hoje?
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Desde a época em que dona Leonor era criança até hoje, o comércio mudou muito. Ainda existem pequenos estabelecimentos comerciais, mas atualmente é muito comum comércios grandes como *shopping centers* e hipermercados, principalmente nas cidades médias e nas grandes. Há também os vendedores ambulantes (ou camelôs), responsáveis por parte do comércio nas cidades. E é possível vender e comprar pela internet, recebendo o produto em casa.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Ambulante vende pipoca em parque público de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foto de 2016.

Ademar Filho/Futura Press

Área interna de *shopping center* no Recife, estado de Pernambuco. Foto de 2017.

1 Onde a sua família costuma fazer as compras de casa? Converse com seus colegas. Resposta pessoal.

2 Quais produtos os vendedores ambulantes da sua cidade costumam vender? Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir é muito estudada neste capítulo:

COMÉRCIO

1 Quais as vantagens e as desvantagens de fazer compras pela internet? Discuta com seus colegas. Resposta pessoal.

2 Discuta com seus colegas sobre os diversos tipos de comércio que estudamos e descreva os que você mais frequenta.

Resposta pessoal. *Shopping centers*, camelôs, supermercados, feiras livres, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 1

Comente com os alunos que uma das vantagens de comprar em um supermercado é que encontramos praticamente tudo de que precisamos, enquanto nas pequenas lojas, por mais produtos que ofereçam, isso não é possível. No entanto, comprar em pequenas lojas, mercados ou feiras propicia maior contato entre vendedores e compradores, como nas lojas do passado, e apoia os pequenos comerciantes e a economia local.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

Com o maior acesso das pessoas à internet, o **comércio** virtual também cresceu. Comercializar pela internet se tornou uma maneira mais acessível para pequenos empreendedores, já que não necessitam de espaço físico, tampouco de vendedores e da estrutura que, normalmente, necessitam as empresas de varejo.

Texto complementar

Como vimos, depois do escambo, surgiram as moedas-mercadorias, e depois delas as moedas propriamente ditas.

Sobre as moedas e o dinheiro, leia trechos de um texto do Banco Central do Brasil:

[...]

Quando o homem descobriu o metal, logo passou a utilizá-lo para fabricar seus utensílios e armas anteriormente feitos de pedra. [...]

A valorização, cada vez maior, desses instrumentos levou à sua utilização como moeda e ao aparecimento de réplicas de objetos metálicos, em pequenas dimensões, que circulavam como dinheiro. [...]

Surgem, então, no século VII a.C., as primeiras moedas com características das atuais: são pequenas peças de metal com peso e valor definidos e com a impressão do cunho oficial, isto é, a marca de quem as emitiu e garante o seu valor. [...]

Durante muitos séculos os países cunharam em ouro suas moedas de maior valor, reservando a prata e o cobre para os valores menores.

Com o advento do papel-moeda a cunhagem de moedas metálicas ficou restrita a valores inferiores, necessários para troco. [...]

Banco Central do Brasil. Origem e evolução do dinheiro. Disponível em: <www.bcb.gov.br/htms/origevol.asp>. Acesso em: 28 out. 2017.

A BNCC nas páginas 120 e 121

Estas páginas tratam do uso do espaço público para as atividades comerciais e dos espaços de circulação da cidade, levando o aluno a relacionar esses temas com o seu cotidiano e a identificar aspectos dos modos de vida na cidade, funções dos espaços públicos, formas e relações de trabalho na sua comunidade, desenvolvendo as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09**, **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Assim também aprendo

Esta atividade trata do uso do espaço público, habilidade requerida pela BNCC. As próximas páginas abordam um pouco mais os usos dos espaços nas cidades, principalmente das ruas. Discutir as múltiplas relações sociais que se dão nas ruas é importante para o entendimento desses espaços como públicos. Em algumas cidades, a prática de atividades comerciais na rua foi proibida, por ser considerada fonte de poluição sonora. Se achar pertinente, discuta isso com os alunos.

As ruas são espaços públicos, ou seja, todos podem usar. Muitas pessoas vendem produtos nas ruas, em caminhões ou carroças. Alguns caminhões usam até alto-falantes para anunciar os produtos que vendem.

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Comércio de frutas no centro da cidade de Monteiro, no estado da Paraíba, em 2016.

Ricardo Ribas/Fotoarena

Vendedor ambulante na praia em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, em 2015.

Perto de sua escola ou da sua casa há esse tipo de comércio?
Resposta pessoal.

Assim também aprendo

Observe o cartum abaixo.

Jean Galvão/Acervo do cartunista

Cartum de João Galvão.
Setembro de 2017.

a) Onde estão os personagens?

Estão em uma feira livre.

b) Quais produtos são vendidos nesse lugar?

Resposta pessoal. Frutas, legumes, roupas, entre outros.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Se possível, faça com os alunos uma atividade de estudo do meio: visita às casas comerciais de sua cidade, bairro ou comunidade.

1. Escolha um trecho de rua de um bairro de sua cidade, caso ela seja grande ou média, ou um trecho da rua principal, caso ela seja uma cidade pequena.
2. Confeccione previamente, em conjunto com a turma, uma lista de questões que serão usadas para entrevistar os comerciantes. Ideias de perguntas: Qual o nome da loja, qual o endereço da loja, qual o nome do proprietário da loja, quais os principais produtos ali vendidos e quantos empregados trabalham no local.
3. Em data a ser combinada, visite as casas comerciais do trecho escolhido. Organize-se para que alguns funcionários da escola ou alguns pais acompanhem a classe nesta atividade.
4. Divida os alunos em grupo. Cada grupo deverá entrevistar uma casa comercial, acompanhado do professor ou adulto responsável. Peça aos alunos que anotem as respostas obtidas.

Os espaços de circulação na cidade

As ruas das cidades são espaços públicos que servem para a circulação de pessoas e de mercadorias, por isso são muito importantes para o trabalho e os trabalhadores. Por elas passam caminhões, ônibus, motos, bicicletas e carros, entre outros. Nas grandes cidades há também o trem metropolitano e o metrô, que transportam muitas pessoas ao mesmo tempo.

As ruas também são espaços para o encontro e a convivência com outras pessoas e podem ser diferentes entre si: largas, estreitas, movimentadas, calmas, **pavimentadas**, arborizadas ou ainda de outros tipos. Observe as fotos.

pavimentado: com revestimento como asfalto, concreto, etc.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Tráfego de veículos na orla da Praia de Camburi, em Vitória, no estado do Espírito Santo. Foto de 2016.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Calçadão com ciclovia em praia da cidade de Maceió, no estado de Alagoas. Foto de 2015.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Trecho da rodovia BR-163, às margens da cidade de Trairão, no estado do Pará. Foto de 2017.

João Prudente/Pulsar Imagens

Rua comercial no centro da cidade de Catalão, no estado de Goiás. Foto de 2015.

1 Há diferenças no trânsito das ruas mostradas nas fotografias? Explique.

Nas fotos 1, 2 e 4, o trânsito dessas áreas costuma ser mais intenso. Na foto 2, há espaços específicos para bicicletas e para o transporte público. Na foto 3, há bem menos trânsito e a estrada não é pavimentada.

2 Qual dessas ruas mais se parece com a rua da sua escola?

Resposta pessoal.

Reprodução do *Livro do Estudante* em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Ao abordar as formas de trabalho em uma comunidade urbana é importante também relacioná-las com os espaços de circulação da cidade e os seus meios de transporte. Sem espaços de circulação e meios de transporte, o trabalho não se desenvolve.

Esses espaços e esses meios de transporte são essenciais para aqueles que trabalham em cidades que crescem cada vez mais. É essencial também para a circulação de mercadorias e de pessoas que, não só trabalham, mas estudam, passeiam, fazem compras, etc.

Ajude os alunos a diferenciar a noção de cidade grande, média e pequena por meio da observação das fotos. Esse trabalho pode ser ampliado. Para isso, peça aos alunos que tragam recortes de revistas ou desenhem vários outros tipos de rua.

Atividade 2

Peça aos alunos que verifiquem se as ruas são largas ou estreitas, calmas ou movimentadas, asfaltadas ou de terra, com construções antigas ou modernas. Você pode enfatizar as diferentes configurações das ruas da sua cidade ou do bairro da escola, bem como os tipos de via (rua, avenida, alameda, estrada, etc.).

As ruas foram abordadas na unidade 3 em relação à memória e também às permanências e mudanças nas cidades. Aqui elas são vistas como espaços públicos de circulação, atividades econômicas, manifestações dos moradores e, na medida do possível, espaços de convivência e lazer.

5. Em sala de aula, analise com os alunos o que foi levantado nas pesquisas. Discutindo os resultados, faça uma tabela com eles sobre os tipos de casas comerciais mais comuns no local pesquisado.

Pensar histórico

O trabalho com o reconhecimento dos espaços públicos (especialmente ruas, mas também praças, escolas, hospitais, etc.) e com as noções de permanências e mudanças incentiva o aluno a encarar seu cotidiano de forma crítica. Este item, em especial, incentiva a leitura de imagens, valorizando não só o trabalho com a análise de fontes como também criando situações práticas em que os alunos podem refletir sobre mudanças e permanências nas paisagens de diversas cidades brasileiras.

A BNCC nas páginas 122 e 123

Abordar o uso do espaço público, mais especificamente das ruas, e os meios de transporte urbanos leva o aluno a relacionar esses temas com o seu cotidiano e a identificar aspectos dos modos de vida na cidade, funções dos espaços públicos, formas e relações de trabalho na sua comunidade, contemplando as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09**, **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Orientações didáticas

Retome a unidade 3, capítulo 5, e relembre com os alunos as permanências e mudanças ocorridas nas cidades.

Leve os alunos a comparar as ruas tranquilas e seguras de antigamente com as ruas movimentadas e perigosas de hoje. Os alunos podem, ainda, desenhar a versão antiga da canção em uma folha à parte e, assim, trabalhar não só com a **linguagem oral**, mas também com a **linguagem gráfica**.

Atividade 2

Incentive os alunos a falar das características físicas (asfaltadas, de terra, largas, estreitas, íngremes, etc.) e sociais (movimentadas, tranquilas, com muito comércio, residenciais, etc.) das ruas.

Atividade 3

Problematize o texto com os alunos: apesar de o poema expressar o desejo por manter o chão de terra, converse com os alunos sobre quantas dificuldades uma rua de terra pode ocasionar para os moradores dela, principalmente quando se vive em grandes cidades. Explique aos alunos que é necessário ter ruas asfaltadas para a circulação de pessoas e áreas verdes para absorção das águas da chuva.

Hoje, muitas ruas das cidades grandes são barulhentas e perigosas por causa do trânsito de veículos.

Leia uma nova versão da canção "Se essa rua fosse minha".

Se essa rua fosse minha

Se essa rua fosse minha,
não mandava ladrilhar,
não deixava botar pedras,
não deixava asfaltar.
Deixaria o chão de terra,
ou talvez plantasse grama.
Encheria as calçadas de flores,
um vasinho em cada poste.
Margarida, amor-perfeito,
azaleia, dália e rosa.
E na janela de cada casa um gerânio
ou quem sabe umas violetas.
[...]

Vanessa Alexandre/Acervo da editora

AMOS, Eduardo. **Se essa rua fosse minha**. São Paulo: Moderna, 2008.

1 Compare essa versão com a versão original da canção "Se essa rua fosse minha" e responda: por que o autor não quer asfaltar a rua? O autor deseja cultivar flores na calçada e grama na rua.

2 Como são as ruas na sua cidade? Resposta pessoal.

3 Sob a orientação do professor, com um colega, façam uma lista com tudo o que uma rua precisa ter para ser ideal para vocês.

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

As cantigas de roda fazem parte das tradições orais de um povo, transmitidas de uma geração a outra.

No capítulo apresentamos uma nova versão de "Se esta rua fosse minha", para mostrar ao aluno que há grandes mudanças entre as ruas tranquilas do passado e as de hoje, com trânsito, barulho e falta de segurança. Questione os alunos sobre a versão tradicional da canção. Caso não a conheçam, ensine-a à classe a letra da canção original para que eles possam comparar as duas versões, estabelecendo semelhanças e diferenças entre elas. O importante é trabalhar com a primeira estrofe para que percebam a intertextualidade. Veja a canção original em: <www.letras.mus.br/cantigas-populares/134098/>. Acesso em: 28 out. 2017. Trabalho conjunto com Língua Portuguesa e Arte.

Em relação às permanências e às mudanças das ruas, pode-se trabalhar também as brincadeiras de rua. Muitas delas são tradições populares que, assim como as canções, são passadas de uma geração a outra. São atividades que necessitam de pouco ou de nenhum material e propiciam diversas experiências, como competição positiva, cooperação, confiança e/ou criatividade.

Para trabalhar, fazer compras, passear, estudar, fazer visitas ou por outros motivos, as pessoas se locomovem dentro da cidade, entre a zona urbana e a zona rural do município, ou mesmo de uma cidade a outra. Para isso elas usam diferentes meios de transporte, que podem ser individuais ou **coletivos**.

Atualmente, há várias maneiras de ir de um lugar a outro nas cidades. Observe as fotos a seguir.

coletivo: meio de transporte utilizável por várias pessoas ao mesmo tempo.

Luis Sampaio/Opção Brasil Imagens

As pessoas podem utilizar carros em ruas e avenidas. Na foto, avenida em Manaus, no estado do Amazonas, em 2016.

Marcos André/Opção Brasil Imagens

O metrô também é um meio de transporte bastante utilizado nas grandes cidades. Na foto, estação de metrô na cidade do Rio de Janeiro, em 2015.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

A maioria das pessoas usa transportes coletivos, como os ônibus. Na foto, passageiros embarcam em ônibus urbano, em Marataízes, no estado do Espírito Santo, em 2016.

Marcelo Camargo/Agência Brasil

A bicicleta é um veículo bastante utilizado nas cidades do mundo todo. O uso das ciclovias, como esta localizada na cidade de São Paulo, garante a segurança de quem utiliza a bicicleta para se locomover. Foto de 2015.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pensar histórico

Reconhecer os meios de transporte e relacioná-los com a vida em sociedade é elemento fundamental para os estudos da disciplina História na faixa etária em que os alunos se encontram. Neste item, essas noções são trabalhadas em conformidade com as noções de mudanças e permanências.

Infelizmente, nos centros urbanos atuais, brincar nas ruas tornou-se difícil e/ou perigoso. Isso deve ser esclarecido aos alunos. As brincadeiras de rua podem ser realizadas no pátio da escola e em praças e parques públicos, com a supervisão de adultos responsáveis pela criança.

Sugerimos, então, fazer um levantamento dessas brincadeiras e levá-las para a escola, de modo a permitir às crianças conhecer e explorar elementos da cultura popular e socializar e integrar ainda mais o grupo.

Trabalhe em conjunto com Educação Física.

A BNCC nas páginas 124 e 125

Nestas páginas os alunos são estimulados a conhecer diferentes meios de transporte usados pelos brasileiros, principalmente em áreas urbanas, estabelecendo comparações com a sua realidade, identificando diferentes modos de vida, funções de espaços públicos – vias de circulação, por exemplo – e formas de trabalho. Esse trabalho aborda as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI11** da BNCC, além do tema contemporâneo segurança no trânsito.

Observe também estas fotos de cidades à beira de rios ou à beira-mar. Seus moradores podem usar navios, barcos e canoas como meio de transporte, tanto para pessoas como para mercadorias.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Barco regional utilizado para transporte de cargas e de passageiros, no rio Tocantins, em Tucuruí, no estado do Pará. Foto de 2017.

Zé Martinuscio/Opção Brasil Imagens

Barca utilizada para transporte entre as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói, no estado do Rio de Janeiro. Foto de 2016.

1 Quais meios de transporte são mais utilizados para o transporte de mercadorias na cidade em que você vive? Resposta pessoal.

2 Preencha o quadro com os meios de transporte que aparecem nas fotos desta página e da página anterior. Escreva também o nome de outros que você conhece.

Meios de transporte	
Coletivos	**Individuais**
Nas fotos: metrô, ônibus, barco, barca. Outros meios de transporte coletivos: avião, trem, etc.	Nas fotos: carro, bicicleta. Outros meios de transporte individual: helicóptero, moto, etc.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Este é um bom momento para trabalhar um tema contemporâneo importante: a educação para o trânsito. Leia com os alunos o texto a seguir.

Dicas de trânsito da ONG Criança Segura

- Ande sempre pela calçada e afastado da rua.
- Em estradas ou vias sem calçada, caminhe mais à esquerda possível, no sentido oposto ao dos carros, para poder ver e ser visto.
- Evite caminhar ouvindo música no fone de ouvido. Além de diminuir a atenção, o pedestre deixa de ouvir os ruídos que podem indicar a aproximação de um veículo.
- Não saia correndo pelas ruas, nem mesmo nas calçadas.
- Não ultrapasse correndo.
- Durante a travessia, nunca volte para buscar objetos caídos no chão.
- Atravesse a rua sempre pela faixa de pedestre.
- **Atenção**: olhe para os dois lados, 2, 3 ou mais vezes, até ter certeza de que nenhum veículo se aproxima e deixe claro a intenção de atravessar;

Ao desembarcar de um veículo saia pelo lado da calçada e aguarde que ele se afaste para iniciar a travessia. Nunca atravesse a rua por trás

Alguns meios de transporte coletivos são mais rápidos, outros são mais econômicos, outros ainda são menos poluentes. Esses meios de transporte estão relacionados a alguns espaços públicos, que todas as pessoas podem usar.

Veja esses espaços públicos nas fotos abaixo.

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Estação de trem em Juazeiro do Norte, no estado do Ceará, em 2015.

Cesar Diniz/Pulsar Imagens

Terminal de ônibus em Chapecó, no estado de Santa Catarina, em 2015.

Mauro Akin Nassor/Fotoarena

Estação de metrô em Salvador, no estado da Bahia, em 2015.

Alex Tauber/Pulsar Imagens

Porto localizado na cidade de Santarém, no estado do Pará, em 2016.

Eduardo Zappia/Pulsar Imagens

Aeroporto Internacional em São Gonçalo do Amarante, no Rio Grande do Norte, em 2015.

Rogerio Reis/Tyba

Ponto de táxi na cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina, em 2017.

Siga as instruções para descobrir o nome de um meio de transporte.

a) Se o meio de transporte mais rápido estiver na foto 5, escreva a letra **T** no primeiro quadrinho abaixo. Se estiver na foto 4, escreva a letra **B**.

b) Se o meio de transporte da foto 3 polui muito o ar, escreva a letra **C** no segundo quadrinho. Se polui pouco ou não polui nada, escreva a letra **R**.

c) Se o meio de transporte que pode atravessar oceanos está na foto 4, escreva **E** no terceiro quadrinho. Se está na foto 3, escreva **O**.

d) Se os meios de transporte que aparecem nas fotos 2 e 6 andam sobre trilhos, escreva **Z** no último quadrinho. Se não andam, escreva **M**.

T	R	E	M

Reprodução do *Livro do Estudante* em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Faça uma pesquisa, na internet ou em departamentos da prefeitura, sobre os meios de transporte mais utilizados pela população do seu bairro ou da sua cidade. Se a cidade onde se localiza a escola for média ou pequena, procure saber quais os meios de transporte utilizados pela população da cidade para se locomover até as outras vizinhas ou mesmo até a capital do estado.

Peça aos alunos que elaborem um pequeno texto sobre o que foi pesquisado.

de ônibus, carros, árvores ou outros obstáculos que impeçam que os motoristas o vejam.

Turminha do MPF. As leis de trânsito. Disponível em: <www.turminha.mpf.mp.br/as-leis/as-leis-de-transito>. Acesso em: 20 out. 2017.

Trabalhe também com os alunos algumas placas de trânsito. Pergunte-lhes quais eles conhecem e apresente-lhes algumas outras, principalmente as mais necessárias e mais usadas na comunidade, no bairro ou na cidade onde vivem.

Os alunos podem responder às perguntas a seguir:

1. Como é o trânsito na sua cidade ou no seu bairro?
2. O que os motoristas fazem nas ruas do seu bairro que você acha incorreto?
3. O que os pedestres fazem nas ruas do seu bairro que você acha incorreto?
4. Onde você mora há todas as placas de trânsito necessárias?

A BNCC nesta seção

Este **Tecendo saberes** pretende sensibilizar os alunos para o problema das enchentes, que ocorrem em muitas vias de circulação de cidades brasileiras, em épocas de chuvas fortes e duradouras, e as doenças por elas transmitidas. Além disso, pretende levá-los a entender como uma moderna tecnologia pode auxiliar as vítimas das enchentes.

Esta seção trabalha as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI11**.

Orientações didáticas

Trabalho interdisciplinar com Ciências e Língua Portuguesa.

TECENDO SABERES

Um problema muito comum nas grandes cidades são as enchentes e as doenças que elas podem transmitir.

Leia abaixo um texto sobre como o uso da tecnologia pode ajudar populações em situações como essas.

Prefeitura de Marechal, no estado de Alagoas, vai lançar tecnologia para monitorar sintomas e doenças causados pelas chuvas

Pensando em ampliar o contato com a população atingida, a Secretaria Municipal de Saúde passará a usar uma tecnologia de **monitoramento** da população, realizada por meio de mensagens enviadas aos celulares. [...] Todas as informações recebidas da população, que poderão responder às perguntas por mensagens e de forma gratuita, serão encaminhadas às enfermeiras, que conduzirão equipes para visitar as famílias com suspeita de alguma das doenças.

monitoramento: acompanhamento da população para evitar ou resolver os problemas.

[...]

As doenças [...] decorrentes do contato com a água ou a lama das enchentes podem causar febre, dor muscular, náuseas e dor de cabeça. Nesse caso, a população deve procurar um médico e relatar que teve contato com a água dos alagamentos.

Uma das doenças que podem surgir após o período de chuvas é a hepatite A, que pode ser transmitida pela água misturada com esgoto humano. As enchentes também aumentam o risco de diarreia aguda, causada por bactérias, vírus e parasitas, além da febre tifoide, causada pela *Salmonella typhi*, bactéria encontrada nas fezes de animais. Outra grande preocupação é com a leptospirose, que quando não diagnosticada a tempo pode agravar muito o estado do paciente.

ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS ALAGOANOS (AMA). Prefeitura de Marechal vai lançar tecnologia para monitorar sintomas e doenças causados pelas chuvas. Disponível em: <https://amaalorgbr.amabrain.dominiotemporario.com/prefeitura-de-marechal-vai-lancar-tecnologia-para-monitorar-sintomas-e-doencas-causadas-pelas-chuvas>. Acesso em: 9 nov. 2017.

Observe, na próxima página, um cartaz que mostra sintomas de doenças causadas por enchentes e alguns cuidados que devem ser tomados em casos de inundações.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

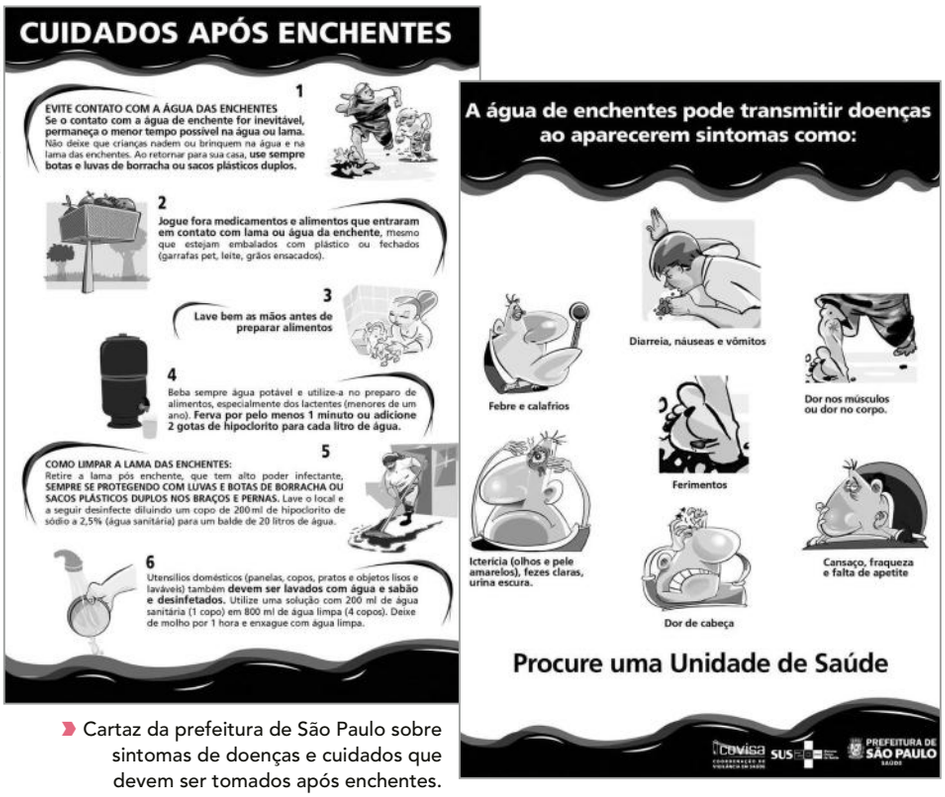
Texto complementar

Enchentes aumentam risco de doenças infecto-contagiosas

[...] a Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo faz um alerta sobre a necessidade de prevenção para evitar problemas de saúde ocasionados pelo contato com a água suja das chuvas, que carregam uma série de bactérias e vírus.Um dos principais problemas é a leptospirose, doença causada por uma bactéria encontrada na urina do rato e que pode entrar pela pele humana. Se a pessoa tiver contato com a água ou a lama das enchentes precisa ficar atento a sintomas como febre, dor muscular, náuseas e dor de cabeça. Nesse caso, será preciso procurar um médico imediatamente e relatar que teve contato com alagamentos.

Outra doença que pode surgir após o período de chuvas é a hepatite A, que pode ser transmitida pela água misturada com esgoto humano. As enchentes também aumentam o risco de diarreia aguda, causada por bactérias, vírus e parasitas, além da febre tifoide, causada pela *Salmonella typhi*, bactéria encontrada nas fezes de animais.

É fundamental que se evite contato com as águas das enchentes.



Reprodução/Prefeitura Municipal de São Paulo

Cartaz da prefeitura de São Paulo sobre sintomas de doenças e cuidados que devem ser tomados após enchentes.

1 Quais são os sintomas das doenças provocadas por enchentes?

Febre, calafrios, dor muscular, náuseas, dor de cabeça, diarreia, icterícia e fraqueza.

2 Esses sintomas são de quais doenças transmitidas por enchentes?

Hepatite A, febre tifoide, leptospirose.

3 Com a ajuda do professor, reúna-se com seus colegas e pesquisem quais são as campanhas realizadas pela Secretaria de Saúde em sua cidade. Recolham materiais e produzam um cartaz para ser exposto na sala de aula.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividades 1 e 2

Esclareça aos alunos que sintomas são mudanças que sentimos no corpo causadas por uma doença.

Atividade 3

Nos últimos anos, as campanhas para prevenção da dengue e da febre amarela têm sido as mais comuns nos municípios brasileiros. Reflita com os alunos sobre a importância na mudança dos hábitos de cada um e quais são as obrigações da prefeitura.

Caso isto seja inevitável, é recomendável permanecer o menor tempo possível na água ou na lama. Não deixe que crianças nadem ou brinquem na água e na lama das enchentes, pois, além do perigo das enxurradas, elas podem ficar doentes. Evite manusear objetos que tenham sido atingidos pela água ou lama. Proteja os pés e as mãos com botas e luvas de borracha ou sacos plásticos duplos.

Jogue fora medicamentos e alimentos (frutas, legumes, verduras, carnes, grãos, leites e derivados, enlatados, etc.) que entraram em contato com as águas da enchente, mesmo que estejam embalados com plásticos ou fechados, pois, ainda assim, podem estar contaminados.

Lave bem as mãos antes de preparar alimentos e ao se alimentar. Procure beber sempre água potável, que não tenha tido contato algum com as enchentes, e a utilize no preparo dos alimentos, especialmente das crianças menores de um ano.

[...]

Secretaria da Saúde do Governo do Estado de São Paulo. Enchentes aumentam risco de doenças infectocontagiosas. Disponível em: <www.saude.sp.gov.br/ses/noticias/2011/janeiro/enchentes-aumentam-risco-de-doencas-infecto-contagiosas>. Acesso em: 29 out. 2017.

Objetivos do capítulo

1. Reconhecer a cidade como um lugar de várias atividades, inclusive as de cultura e lazer.
2. Trabalhar as permanências e mudanças nas diferentes formas de lazer.
3. Valorizar as formas de lazer como parte da cultura de um povo ou de um lugar.

Para iniciar

É preciso esclarecer que o trabalho é uma atividade importante, mas que só deve ser exercido a partir de determinada idade, e que deve sempre haver o descanso e o lazer.

Cante a canção com os alunos e, se tiver a gravação, reproduza a canção em sala. Converse com eles sobre a necessidade de lazer para a vida de todos. Ouvir uma banda em alguma praça ou vê-la desfilar pelas ruas era uma forma de lazer há algumas décadas em muitas cidades do Brasil. Em poucas cidades essa forma de lazer ainda existe.

Letra disponível em: <www.letras.mus.br/chico-buarque/45099/>. Acesso em: 1º ago. 2017.

Capítulo 8

A vida não é só trabalho...

Estudar ou trabalhar pode ser muito bom, mas a vida não se resume a isso. As pessoas precisam de descanso e lazer depois de cumprir suas obrigações.

O lazer é um direito de todas as pessoas. É um momento de folga, descanso, relaxamento e diversão.

Leia os versos a seguir, extraídos de uma canção.

A banda

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
[...]
O homem sério que contava dinheiro parou
O **faroleiro** que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
[...]
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
[...]

Vanessa Alexandre/Arquivo da editora

BUARQUE, Chico. A banda. In: **Chico Buarque de Hollanda**. São Paulo: RGE, 1966. Faixa 1.

faroleiro: palavra que se usava antigamente para pessoas que contavam "farol", isto é, contavam vantagem.

Para iniciar

1. O que aconteceu quando a banda passou?
   Todos pararam para ver, ouvir e dar passagem à banda.
2. Você já viu uma banda como a da ilustração?
   Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetos de conhecimento	Habilidades
A produção dos marcos da memória: a cidade e o campo, aproximações e diferenças	BNCC EF03HI08 Identificar modos de vida na cidade e no campo no presente, comparando-os com os do passado.
A cidade, seus espaços públicos e privados e suas áreas de conservação ambiental	BNCC EF03HI09 Mapear os espaços públicos no lugar em que vive (ruas, praças, escolas, hospitais, prédios da Prefeitura e da Câmara de Vereadores, etc.) e identificar suas funções.
A cidade e suas atividades: trabalho, cultura e lazer	BNCC EF03HI11 Identificar diferenças entre formas de trabalho realizadas na cidade e no campo, considerando também o uso da tecnologia nesses diferentes contextos.
	BNCC EF03HI12 Comparar as relações de trabalho e lazer do presente com as de outros tempos e espaços, analisando mudanças e permanências.

Formas de lazer

Existem muitas formas de lazer: jogos, brincadeiras, assistir a um filme ou a um *show*, ler um livro, desenhar, pintar e conversar com os amigos, entre outras.

Os esportes são a principal forma de lazer para muitas pessoas, que assistem a partidas e competições nos estádios e nas arenas, pela televisão ou pela internet. Outras praticam os esportes com os amigos ou em equipes.

Vôlei, basquete, natação, atletismo, ciclismo são algumas modalidades esportivas. No Brasil, o futebol é um esporte muito popular.

Reprodução/Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte

Partida de futebol em Clevelândia, no estado do Amapá, em 1925.

William Volcov/Brazil Photo Press/Folhapress

Partida de futebol feminino entre as seleções do Brasil e da Colômbia, na final dos Jogos Panamericanos, ocorridos em 2015 no Canadá.

1 Troque ideias com seus colegas: Você gosta de praticar esportes? Qual?
Resposta pessoal.

2 No Brasil, são praticados vários esportes em equipe. Cite exemplos.
Os alunos poderão citar: vôlei, handebol, basquete, queimada, polo aquático, etc.

Saiba mais

O futebol é uma forma de esporte e também de lazer, tanto para quem joga com os amigos como para quem vê a partida. Conheça algumas gírias desse esporte.

Caneta = passar a bola por entre as pernas do adversário e pegá-la do outro lado.
Chapéu = passar a bola por cima da cabeça do adversário e pegá-la do outro lado.
Frango = gol desmoralizante para o goleiro.
Pedalada = passar várias vezes a perna sobre a bola.
Perna de pau = jogador que não leva muito jeito para o futebol.

Você conhece outras palavras ligadas ao futebol? Fale para a classe.
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC na página 129

Abordar as formas de lazer, comparando as do passado com as do presente, auxilia o aluno a reconhecer a sua importância para as pessoas e para uma comunidade, melhorando a qualidade de vida de todos. As formas de lazer se relacionam com os modos de vida dos grupos sociais. O aluno identifica também como o espaço público pode ser usado para lazer das pessoas. O estudo desta página permite o desenvolvimento das habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI12** da BNCC.

Orientações didáticas

É importante conscientizar os alunos sobre a importância do lazer para a melhoria da qualidade de vida. Explique-lhes que nem sempre trabalhar com o corpo é sinônimo de lazer e que lazer deve ser feito para a pessoa se divertir e relaxar, sendo, portanto, necessário para o seu desenvolvimento social e psíquico. Explique também que todos têm o direito ao lazer, independentemente de sua condição socioeconômica.

Atividade 1

Trabalhe com os alunos a noção do convívio em grupo, suas regras e a sociabilidade, além de respeito ao próximo. O esporte estimula a percepção dessa noção. Incentive-os.

Atividade complementar

Faça com os alunos uma atividade sobre as formas de lazer da família.

Peça-lhes que entrevistem os avós e os pais ou outros adultos com os quais vivem e respondam:

1. Quando criança, qual era a forma de lazer preferida?
a) De sua(s) avó(s). **c)** De seu pai.
b) De seu(s) avô(s). **d)** De sua mãe.

2. E hoje em dia, qual é a sua forma de lazer preferida?
a) De sua(s) avó(s). **c)** De seu pai.
b) De seu(s) avô(s). **d)** De sua mãe.

3. Em sala de aula, faça com os alunos dois quadros com as respostas. Depois, discuta com os alunos as permanências e mudanças nas formas de lazer das pessoas entrevistadas.

A BNCC nesta seção

Esta seção compara fotos de diferentes épocas, que retratam formas de lazer dos brasileiros no passado e hoje, levando os alunos a reconhecer as mudanças ocorridas com o passar do tempo e a importância do lazer para as pessoas e seu grupo social. Contemplamos as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI012** da BNCC.

Orientações didáticas

Alerte os alunos para o perigo de se expor ao sol em excesso e em horários pouco adequados sem proteção. Se achar oportuno, conte-lhes que antigamente as pessoas só iam à praia bem cedo ou no fim da tarde. Hoje, muitas pessoas passam o dia na praia, o que pode ser muito perigoso para a saúde. A exposição prolongada ao sol pode provocar câncer de pele.

Considere com os alunos que banhos de mar são comuns para a população litorânea e que os rios são usados para lazer por grande parte da população brasileira, em decorrência da área continental do Brasil. Essa questão será trabalhada no próximo item.

DE OLHO NA IMAGEM

Atividades em contato com a natureza também são uma forma de se divertir e descansar.

Há cerca de cem anos, os médicos aconselhavam banhos de mar para o tratamento de algumas doenças. Aos poucos, porém, ir à praia passou a ser uma forma de lazer para muita gente.

Autoria desconhecida, 1908. Fonte: João Emilio Gerodetti. Lembranças de São Paulo: o interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris, 2003, p. 186.

Família em banho de mar na cidade de Santos, estado de São Paulo, por volta de 1920.

Vitor Marigo/Opção Brasil Imagens

Pessoas aproveitam o dia na praia do Farol da Barra em Salvador, no estado da Bahia, em 2016.

1 Quais são as diferenças e as semelhanças entre as duas fotos acima?

Diferenças: os trajes usados na praia são diferentes; as praias atualmente são frequentadas por muito mais pessoas que antigamente. Semelhanças: o lazer na praia, a diversão com a família.

2 Conte aos colegas: o que você gosta ou gostaria de fazer na praia?
Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Os banhos de rio eram uma forma de lazer muito comum antigamente. Hoje isso se torna cada vez mais impossível, pois muitos deles possuem as águas contaminadas por esgotos, dejetos industriais ou restos de pesticidas e outros produtos utilizados nas plantações. Leia o texto:

Como é possível recuperar um rio poluído?

Bastam três ações: coletar, afastar e tratar os esgotos antes de lançá-los no rio. A receita é simples, mas a maioria dos países não consegue aplicá-la. Um relatório da Comissão Mundial de Águas, entidade internacional ligada à ONU, aponta que entre os 500 maiores rios do mundo, mais da metade enfrenta sérios problemas de poluição. No Brasil, o triste exemplo é o Tietê, seguramente

Em algumas regiões do Brasil, as pessoas costumam brincar e nadar em rios, lagoas e cachoeiras. Muitos rios do interior do Brasil possuem praias que atraem a população.

Também é prática comum as pessoas se divertirem em piscinas públicas ou particulares.

Álbum de Família/Arquivo pessoal

Cachoeira no rio Laranja Doce, no interior do estado de São Paulo, em 1954.

Eduardo Zappia/Pulsar Imagens

Praia fluvial em balneário público na beira de rio, em Rio Preto da Eva, no estado do Amazonas, em 2016.

Celso Pupo/Fotoarena

Piscina pública no Parque Radical de Deodoro, no estado do Rio de Janeiro. Foto de 2015.

Luiz Sampaio/Opção Brasil Imagens

Poluição no igarapé do Mindu, em Manaus, no estado do Amazonas. Foto de 2015.

3 Quais fotos apresentam um costume antigo que ainda existe em alguns lugares do Brasil?

Fotos 1 e 2.

4 Hoje em dia quase não é mais possível nadar em muitos rios do Brasil, principalmente nos que atravessam as cidades. Por que isso acontece?

Isso acontece porque muitos rios estão sujos e poluídos.

5 Na sua cidade há praias ou rios? Eles são utilizados como forma de lazer? Converse com os colegas e o professor. Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

um dos rios mais poluídos do planeta. Quando passa pela região metropolitana de São Paulo, ele recebe quase 400 toneladas de esgoto por dia e é considerado morto: só sobrevivem no seu leito organismos que não precisam de oxigênio, como certos tipos de bactérias e fungos. A principal causa da poluição é o esgoto doméstico. [...]

Uma das soluções para controlar essa sujeira seria instalar estações de tratamento dentro do próprio rio. Outra ação essencial é aumentar a quantidade de esgoto tratado, que hoje está em 64% na região metropolitana de São Paulo – tarefas que levarão pelo menos mais 20 anos.

RATIER, Rodrigo. Como é possível recuperar um rio poluído. *Mundo Estranho*, 3 ago. 2017. Disponível em: <https://mundoestranho.abril.com.br/ambiente/como-e-possivel-recuperar-um-rio-poluido/>. Acesso em: 30 out. 2017.

Orientações didáticas

Comente com os alunos a dificuldade de controlar a poluição dos rios. Se achar oportuno, incentive-os a fazer uma pesquisa sobre o rio que banha o seu município ou que corre em sua região. Convide os alunos a descobrir se ainda há indústrias locais despejando resíduos no rio e como funciona a captação e o tratamento do esgoto domiciliar. Pode-se, neste momento, trabalhar com **situações-problema**.

A BNCC nas páginas 132 e 133

Ao abordar as formas de lazer das pessoas de todas as idades, inclusive do idoso, o aluno poderá reconhecer a sua importância para a saúde física e mental e a qualidade de vida de todos. As formas de lazer se relacionam com os modos de vida dos grupos sociais. Nessas páginas, o aluno também conseguirá identificar o uso do espaço público para o lazer das pessoas, desenvolvendo, assim, as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI12** da BNCC.

Vale destacar que o processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso são temas contemporâneos abordados na BNCC.

Atividade 3

Trabalhe com os alunos a importância de manter sempre limpos as praças e os parques públicos de nossa cidade e a conscientização e a responsabilidade de cada um para que isso aconteça.

Os parques e as praças são locais públicos e, por isso, são importantes áreas para convivência da população das cidades.

Esses lugares podem ter espaços para caminhar, brinquedos para crianças, locais para a prática de esportes e áreas para descanso ou piqueniques. Também é comum terem muitas árvores.

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Pessoas em parque público, na cidade de Teresina, no estado do Piauí. Foto de 2015.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Idosos exercitando-se em aparelhos no Parque Barigui, em Curitiba, no estado do Paraná. Foto de 2014.

1 Na sua cidade há parques e praças públicas?

Resposta pessoal.

2 Você costuma frequentar esses lugares?

Resposta pessoal.

3 Esses lugares são bem conservados?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade complementar

Para trabalhar uma das formas de lazer preferidas das crianças, faça a seguinte atividade:

1. Divida os alunos em grupos e entregue para cada um deles frases da canção "Bicicleta" em que não aparece a palavra "bicicleta", como em: "Sou eu que te levo pelos parques a correr"; "Te ajudo a crescer e em duas rodas deslizar."; "Sou eu que te faço companhia por aí, entre ruas, avenidas, na beira do mar.", etc.
2. Deixe que os participantes de cada grupo conversem entre si para que descubram qual forma de lazer é aquela descrita nas frases.
3. Ouça com eles a canção "Bicicleta", de Toquinho e Mutinho (letra a seguir).
4. Entregue aos grupos as frases da canção que eles ainda não receberam: "Corpo ao vento, pensamento solto pelo ar"; "Eu vou com você comprar e te ajudo a curtir picolés, chicletes, figurinhas e gibis.", etc.
5. Toque a música novamente e peça aos alunos que coloquem os versos da canção em ordem, conforme o que ouviram.

A bicicleta, além de ser um brinquedo para as crianças, é usada em atividades esportivas ou como meio de transporte por adolescentes e adultos.

Observe as fotos abaixo e, depois, faça as atividades que seguem.

1

Arquivo/Agência O Globo

2

Hans Von Manteuffel/Opção Brasil Imagens

a) Circule a foto mais atual. A bicicleta da foto 2 é a mais atual.

b) Como você imagina a bicicleta do futuro? Desenhe em seu caderno como você acha que ela seria.

Pesquise

Forme dupla com um colega. Faça a ele as perguntas abaixo. Anote as respostas no local indicado. Depois, siga as orientações do professor para organizar um mural com as respostas.

1 Quais são as formas de lazer de sua família?

Resposta pessoal.

2 Qual é a sua forma de lazer predileta?

Resposta pessoal.

3. Exemplos de lazer: ir ao cinema, ao teatro, à praia, ao clube, ler um livro, conversar com os amigos, dançar.

3 Sob a orientação do professor, organize com seus colegas um mural com o nome de todas as formas de lazer que vocês encontrarem. Vocês também podem pesquisar figuras para ilustrar o mural.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Bicicleta

B-I-C-I-C-L-E-T-A
Sou tua amiga bicicleta.
Sou eu que te levo pelos parques a correr,
Te ajudo a crescer e em duas rodas deslizar.
Em cima de mim o mundo fica a sua mercê
Você roda em cima e o mundo embaixo de você.
Corpo ao vento, pensamento solto pelo ar,
Pra isso acontecer basta você me pedalar.
B-I-C-I-C-L-E-T-A
Sou tua amiga bicicleta.
Sou eu que te faço companhia por aí,
Entre ruas, avenidas, na beira do mar.
Eu vou com você comprar e te ajudo a curtir
Picolés, chicletes, figurinhas e gibis.
Rodo a roda e o tempo roda e é hora de voltar,
Pra isso acontecer basta você me pedalar.
B-I-C-I-C-L-E-T-A
Sou tua amiga bicicleta.
Faz bem pouco tempo entrei na moda pra valer,
Os executivos me procuram sem parar.
Todo mundo vive preocupado em emagrecer,
Até mesmo teus pais resolveram me adotar.
Muita gente ultimamente vem me pedalar
Mas de um jeito estranho que eu não saio do lugar.
B-I-C-I-C-L-E-T-A
Sou tua amiga bicicleta.

TOQUINHO; MUTINHO. *Bicicleta*. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=3fzZLenJq-c>. Acesso em: 31 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 134 e 135

Estas páginas abordam formas antigas de lazer que praticamente desapareceram e outras que se modificaram e existem até hoje, levando os alunos a estabelecer comparações e a identificar permanências e mudanças em aspectos dos modos de vida do passado e do tempo presente. Esse trabalho contribui para o desenvolvimento das habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI12** da BNCC.

Saiba mais

Se tiver oportunidade, explore outras formas de lazer do passado que não foram abordadas aqui.

Procure promover brincadeiras de antigamente com os alunos, verificando se eles as conhecem. Solicite a eles que conversem com seus pais ou responsáveis para descobrir se eles praticavam aquelas brincadeiras. Você pode pesquisar brincadeiras no *site* Brasileirinhos. (Disponível em: <http://brasileirinhos.wordpress.com/brincadeiras>. Acesso em: 8 dez. 2017.)

Saiba mais

Há formas de lazer que surgiram recentemente e outras que existem há milhares de anos. Algumas delas foram se modificando com o tempo.

Veja algumas formas de lazer que se modificaram com o tempo.

Fotografias

Hoje as fotos podem ser vistas na mesma hora em que são tiradas. As fotografias feitas com telefones celulares podem ser publicadas nas redes sociais logo após serem tiradas. Antes da foto digital, as máquinas fotográficas funcionavam com filmes. O filme precisava ser revelado no laboratório fotográfico para que as fotos pudessem ser vistas.

Attila Fodemesi/Shutterstock

Máquina fotográfica com filme.

Arquivo/Folhapress

Menino brincando em carrinho de rolimã na cidade de São Paulo, no estado de São Paulo, no ano de 1965.

Brincadeiras de rua

No passado, o lazer das crianças, depois da escola, eram as brincadeiras de rua, como pular corda, jogar amarelinha e andar de carrinho de rolimã, entre outros. Essas brincadeiras ainda existem, mas em grande parte foram substituídas por atividades dentro de casa e que usam tecnologia.

Ouvir músicas e histórias

As crianças ouviam músicas e histórias pelos toca-discos. Também eram comuns os livros com disquinhos musicais que narravam histórias. Veja a fotografia ao lado. O toca-discos é bem diferente dos dispositivos digitais de música que utilizamos hoje!

Márcio André/Opção Brasil Imagens

Toca-discos de 1954, exposto no Museu Histórico Municipal de Sete Lagoas, no estado de Minas Gerais.

Acervo Iconographia/Reminiscências

Na tela do cinema

Você vai ao cinema hoje e já pensa no lançamento do filme em DVD ou quando ele ficará disponível para ser visto *on-line*. Há trinta anos, assistir ao filme de novo só era possível voltando ao cinema.

Pessoas assistem a filme em cinema na cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro, em cerca de 1921.

De quais dessas formas de lazer você mais gosta? Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividades complementares

O texto a seguir apresenta algumas brincadeiras de rua:

Pique-bandeira

Número mínimo de participantes: 6.

Número máximo: não tem, mas tem que ser número par. Se tiver muita gente, demora muito para terminar.

Material: duas "bandeiras" (que podem ser qualquer objeto).

Como brincar:

1. Divida os participantes em dois times iguais.
2. O ideal é jogar numa quadra. Se estiverem brincando na rua, escolha um lugar onde não passem carros e divida o espaço em dois campos iguais.
3. No fundo de cada campo, coloque a "bandeira" do time.
4. O objetivo é pegar a bandeira do time adversário e trazê-la de volta para o seu campo.
5. O jogador que entrar no campo do time adversário e for tocado por alguém fica preso no lugar. Só pode sair se for "salvo" por alguém do próprio time.
6. Ganha o time que capturar a bandeira adversária primeiro.

As imagens a seguir mostram outras formas de lazer de antigamente.

Postal Lambe-lambe de Photo A. dos Santos. Autoria desconhecida, 1908.
Fonte: João Emílio Gerodetti. *Lembranças de São Paulo*: o interior paulista nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris, 2003. p. 186.

Eram comuns os passeios e os piqueniques nos fins de semana. Jovens fazem piquenique no estado de São Paulo, em 1908.

Reprodução/Edição da Livraria Brasiliera, Aracaju, SE.

As famílias iam à praça ouvir bandas de música que se apresentavam no coreto. Cartão-postal de 1910 que retrata a Praça Olímpio Campos, em Aracaju, no estado de Sergipe.

1 As formas de lazer apresentadas nas imagens são praticadas por você e sua família? Resposta pessoal.

2 Leia o texto, depois responda às perguntas que seguem.

Na porta das casas

[...] Meu pai deixava ordem para nos recolhermos às sete. Minha irmã e eu fazíamos a lição depois do jantar e deitávamos cedo. A rotina só era quebrada nas noites quentes, quando os homens puxavam as cadeiras para a calçada e se sentavam a cavalo nelas, de camiseta sem manga [...].

Passavam horas conversando, com a criançada em volta brincando de amarelinha, esconde-esconde, pular sela e mãe da rua.

Depois de lavar a louça, também as mulheres vinham "apanhar um ar", como diziam. [...]

VARELLA, Drauzio. **Nas ruas do Brás**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

a) Como as pessoas do texto se divertiam à noite?

Os homens sentavam em cadeiras na calçada para conversar; as crianças brincavam de amarelinha, esconde-esconde, pular sela e mãe da rua; as mulheres, depois de lavar a louça, saíam para apanhar um ar, isto é, para arejar.

b) O que você e seus familiares fazem depois do jantar?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Atividade 2

a) Explique aos alunos que se sentar "a cavalo" na cadeira é virá-la, de modo que o espaldar (ou encosto) fique entre as pernas da pessoa. Reforce com os alunos que a brincadeira "mãe da rua" só deve ser praticada em local sem trânsito de automóveis.

b) Compare com os dias atuais e com a presença marcante da TV como lazer das famílias. Comente também que, hoje em dia, espera-se que tanto homens como mulheres cuidem de afazeres domésticos, como lavar louça.

Estátua

Número mínimo de participantes: 3.
Material: aparelho de som.
Como brincar:

1. Sugerimos brincar numa sala grande, na garagem, ou até fora de casa, se você tiver um som portátil.
2. Escolham um jogador para ser o animador, que vai ficar controlando a música.
3. Quando o animador quiser, ele diz "estátua" e para a música. Os outros jogadores devem olhar para o animador e ficar imóveis.
4. O animador começa a fazer palhaçadas e caretas. Quem rir primeiro vira o próximo animador.

TERRA. Baú de brincadeiras. Disponível em: <www.terra.com.br/criancas/bau.htm>. Acesso em: 31 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 136 a 139

Algumas formas de lazer do passado desapareceram e foram substituídas por novas atrações, ou então se modernizaram. No passado, muitos espaços públicos eram usados para o lazer, como os parques, as praças e até as ruas da cidade. Hoje as áreas de lazer estão divididas entre os espaços públicos e espaços particulares e vinculadas a atividades como clubes, parques temáticos, áreas de convivência, cinemas, etc. Os alunos devem comparar essas formas de lazer e identificar aspectos dos modos de vida do passado e de hoje trabalhando as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI09** e **EF03HI12** da BNCC.

Pensar histórico

Este item trabalha mudanças e permanências no tempo histórico considerando o viés das formas de lazer. As atividades procuram aproximar o assunto da realidade dos alunos.

Do circo à internet

Quando ainda não havia internet nem televisão, as pessoas ouviam mais o rádio e iam mais aos bailes, às praças, ao cinema e ao circo, entre outros tipos de lazer.

Algumas formas antigas de lazer ainda são comuns hoje em dia e não sofreram muitas mudanças. Observe as fotos.

Bruno Fernandes/Fotoarena

Palhaço se apresenta em circo a céu aberto na Praça Franklin Roosevelt em São Paulo, no estado de São Paulo, em 2015.

Luciana Whitaker/Pulsar Imagens

Famílias passeando na praça da República, em Belém, no estado do Pará, em 2017.

Jales Valquer/Fotoarena

Idosos dançando em baile da terceira idade realizado em São Paulo, no estado de São Paulo, em 2016.

1 Quais são as formas de lazer representadas nas fotos acima?

Passear em praças, dançar e ir ao circo.

2 Há em sua comunidade algumas dessas formas de lazer? Quais?

Resposta pessoal.

3 Quais são as formas de lazer preferidas pelos idosos da sua comunidade?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Hoje a maioria dos artistas de circo frequenta escolas específicas, onde se aprendem várias atividades circenses, mas a tradição dessas atividades vem de tempos antigos.

Uma das características do circo é ser itinerante; as famílias dos artistas se deslocam com ele, levando praticamente a sua casa e os seus pertences. Normalmente todos da família trabalham no circo e transmitem a sua atividade para os filhos.

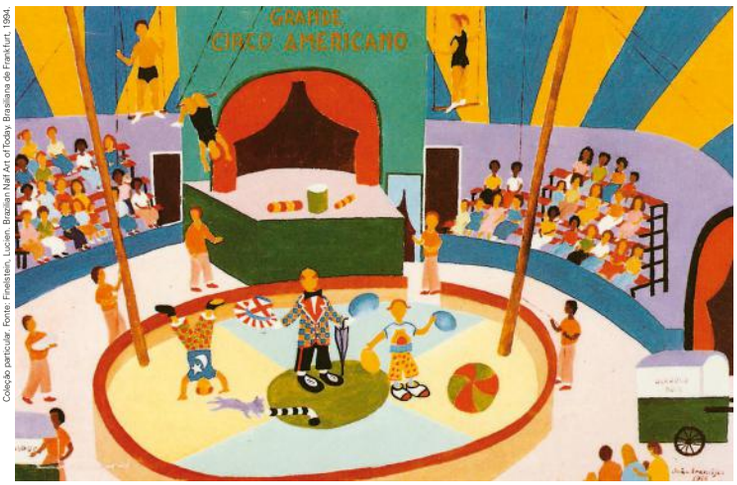
O caráter itinerante do circo traz dificuldades para a escolaridade das crianças, que devem seguir o ensino convencional, onde estiverem.

Sobre isso, leia o texto a seguir:

As turnês pelas cidades duram entre dois e três meses. Dias antes de uma nova mudança os pais começam uma busca frenética pela próxima escola. "Acaba no domingo o *show* de cada temporada, e a gente viaja na segunda-feira. Mas dias antes a gente começa a procura pela internet por uma escola perto do hotel ou do circo" [...]"Quan-

O circo é uma forma de lazer muito antiga. As companhias iam de cidade em cidade oferecendo muitas atrações aos adultos e às crianças: equilibristas, palhaços, trapezistas, bailarinas, etc.

Observe a pintura e leia o poema com seus colegas e o professor.



Coleção particular. Fonte: Finelstein, Lucien. Brazilian Naif Art of Today. Brasiliana de Frankfurt, 1994.

O circo, pintura de João Francisco Gomes (óleo sobre tela, 40 cm × 58 cm), 1988.

Isso sim que é vida boa

Eu queria ser de circo,
ai, que vida original!
Trabalhar todas as noites,
divertindo o pessoal.
Os aplausos da plateia,
toda aquela vibração,
sempre novas gargalhadas,
sempre mais animação!
[...]

Isso sim que é profissão,
não conheço outra melhor.
Pois é isso que eu vou ser,
logo quando eu for maior.
Só não sei o que faria,
que função ia escolher.
Pois um circo é variado,
tanta coisa tem pra ser.
[...]

BANDEIRA, Pedro. **Cavalgando o arco-íris**. São Paulo: Moderna, 2002.

1 Troque ideias com seus colegas:

a) Você já viu um espetáculo de circo? Como foi? Resposta pessoal.

b) Se você fosse "de circo", que função escolheria? Resposta pessoal.

2 Em uma folha à parte, desenhe um circo. O professor vai compor um mural com o seu desenho e os dos seus colegas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Leia com a classe o poema em forma de jogral para que mais de um aluno participe da leitura. Esclareça o significado de palavras típicas da atividade circense, como plateia, bastidores, função, trapézio, etc.

do termina em uma cidade, a gente já está com a cabeça na próxima escola, procurando um colégio mais ou menos parecido [...] Por isso eles perdem muito pouco tempo de aula, três ou quatro dias" [...]. Apesar de não trabalharem no circo, as crianças acabam se tornando a atração na escola assim que os colegas descobrem que são filhos de artistas de circo. [...]

Terra Educação. Educação Mambembe: crianças de circo peregrinam por escolas. Disponível em: <www.terra.com.br/noticias/educacao/educacao-mambembe-criancas-de-circo-peregrinam-por-escolas,fc680ea40b64c410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 30 out. 2017.

Se for possível, você pode se inspirar no projeto "Um circo na escola", vencedor do Prêmio Victor Civita Educação Nota 10 de 2011. Veja o vídeo em: <www.youtube.com/watch?v=pKTuTOvbgUY>. Você pode desenvolver em conjunto com o professor de Educação Física atividades circenses simples, adequando à idade e à integridade física e psíquica de sua turma: atividades de expressão oral (canto, declamações, etc.), de coordenação motora, outras ligadas a Matemática, às Ciências Físicas ou Sociais (a História, por exemplo), jogos dramáticos, pequenas histórias engraçadas e outras.

Orientações didáticas

Explique aos alunos que Parque Antártica era um parque de diversões na cidade de São Paulo.

Se achar oportuno, faça uma roda de conversa com os alunos. Pergunte-lhes se já foram a um parque de diversões, de quais brinquedos mais gostaram, se tiveram medo de algum deles, etc.

Sobre brinquedos e jogos eletrônicos, leia o artigo "*Marketing* e sua relação com o público infantil". (Disponível em: <www.fatecguaratinguetа.edu.br/revista/index.php/RCO-TGH/article/view/39/33>. Acesso em: 8 dez. 2017.)

Atividade

Pequenos carros puxados por bodes e carneiros ainda existem em praças de pequenas cidades do interior do Brasil.

Ao contrário do circo, um parque de diversão possui geralmente um lugar fixo e várias atrações para adultos e crianças. Já os parques temáticos são mais ligados a um tema, e quase tudo nele se relaciona a essa ideia principal. Há também os parques aquáticos.

Além de promover divertimento, os parques atraem outros serviços de apoio às suas atividades, empregando muita mão de obra. São companhias de turismo, hotéis, companhias aéreas, navios de cruzeiro, viagens terrestres de ônibus ou carros particulares.

Os parques de diversões oferecem muito lazer aos frequentadores. Alguns têm roda-gigante, sorveteiros, barracas de tiro ao alvo e de outros jogos. Os parques maiores contam com montanhas-russas e diversos brinquedos.

Leia o texto e observe a imagem.

Rubens Chaves/Pulsar Imagens

Roda-gigante em parque público na cidade de Brasília, no Distrito Federal. Foto de 2014.

O Parque Antártica

[...] Grande programa, o maior, o melhor de todos para mim. [...]

Ai, que frio no estômago, ao subir na roda-gigante!

E o carrossel? [...]

E os trenzinhos puxados a burro, circulando pelo parque todo? As carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros? Os pirulitos de todos os formatos e cores? As bolas de ar, subindo lá no céu, presas por um barbante? [...]

GATTAI, Zélia. **Anarquistas, graças a Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

- Preencha o quadro abaixo com os nomes dos brinquedos citados no texto e com outros que você conheça.

Brinquedos de parque de diversões que existiam apenas no passado	Trenzinhos puxados a burro, carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros.
Brinquedos de parque de diversões que existiam no passado e ainda hoje existem	Roda-gigante, carrossel, bolas de ar (balões).
Brinquedos modernos de parque de diversões	Brinquedos e jogos eletrônicos dos mais leves (para crianças) aos mais radicais (para adultos).

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O cinema foi inventado no final do século XIX e, durante os últimos cem anos, tem sido umas das principais formas de lazer nas cidades.

Até pequenas cidades contavam com sala de cinema. Nas grandes cidades, havia salas de cinema para mais de mil pessoas. Hoje as salas são menores e cada vez mais modernas.

Com a televisão, os aparelhos de DVD e os serviços de ***streaming*** na internet, muita gente deixou de ir ao cinema para assistir a filmes em casa.

streaming: forma de transmissão de dados, filmes e músicas pela internet.

Autoria desconhecida/Arquivo Máximo Barros. Fonte: Inamá Simões. **Sala de cinema de São Paulo**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

Cineteatro Santa Helena, na cidade de São Paulo, no estado de São Paulo, em 1935.

Maurício Santana/Getty Images

Sala de cinema moderna, na cidade de São Paulo, no estado de São Paulo, em 2017.

1 Você já foi ao cinema? Há salas de cinema na região onde você mora?

Resposta pessoal.

2 A que filmes você já assistiu?

Resposta pessoal.

3 De que tipo de filme você mais gosta?

Resposta pessoal.

4 Você assiste mais a filmes na televisão, no cinema ou pela internet?

Resposta pessoal.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

Aproveite a oportunidade e direcione a conversa para os problemas acarretados por assistir excessivamente a programas de televisão.

Atividade complementar

Em 2014, um artigo foi incluído na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional determinando a exibição de filmes de produção nacional, sendo obrigatória a exibição por no mínimo duas horas mensais.

É importante planejar essas atividades de forma que o filme escolhido esteja dentro da faixa etária da turma. Prepare questionários ou roteiros de debates para o trabalho posterior com o filme, que deve estar atrelado à proposta pedagógica da escola.

O filme pode ser passado durante o horário de aula ou em outro horário, desde que previamente definido com os alunos e os responsáveis.

A BNCC nas páginas 140 e 141

Estas páginas abordam um tema atual, a internet e sua importância na vida cotidiana das pessoas, inclusive na das crianças em suas atividades em casa ou na escola, levando o aluno a reconhecer que houve mudanças no uso da tecnologia e nos modos de vida das sociedades e trabalhando as habilidades **EF03HI08**, **EF03HI11** e **EF03HI12** da BNCC.

Assim também aprendo

A internet, rede mundial de computadores que trocam dados e mensagens utilizando um protocolo comum, une usuários particulares, entidades de pesquisa, órgãos culturais, institutos militares, bibliotecas e empresas de todo tipo. É uma grande fonte de dados.

Atividade 2

Converse com os alunos sobre as ferramentas *off-line* de pesquisa, como jornais, livros, etc.

A internet é um dos maiores resultados do desenvolvimento tecnológico dos dias atuais.

Entre as suas utilidades mais conhecidas estão auxiliar nos estudos e nas pesquisas, fornecer e partilhar rapidamente todo tipo de informação, localizar-se e pesquisar locais por meio de mapas *on-line*, fazer compras, jogar e se comunicar com pessoas de qualquer parte do mundo.

Rogerio Reis/Pulsar

Pessoas usam computador na Biblioteca Parque Estadual, localizada na cidade do Rio de Janeiro, em 2014.

Usada principalmente através do computador ou de telefones celulares, a internet modificou a maneira como as pessoas se relacionam umas com as outras e utilizam as suas horas de lazer.

Assim também aprendo

A tirinha abaixo descreve uma situação muito comum hoje em dia.

A vida sem internet. Disponível em: <http://mulher30.com.br/2014/02/a-vida-sem-internet.html>. Acesso em: 11 out. 2017.

1 Na sua casa vocês costumam usar a internet para fazer pesquisas?

Resposta pessoal.

2 Que outras ferramentas de pesquisa você conhece?

Resposta pessoal.

3 Discuta com seus colegas: O que as pessoas faziam para se divertir, se comunicar e pesquisar antes da internet?

Elas iam a parques, cinemas; comunicavam-se por meio de cartas e telefonemas; e pesquisavam em livros e revistas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Torna-se cada vez mais comum o uso do computador e da internet em sala de aula. Vários são os recursos tecnológicos que podem ser utilizados por você e pelos alunos, principalmente vídeos, filmes, sons e jogos interativos. Leia o texto a seguir sobre o assunto.

Vídeo

A maioria dos celulares possibilita a gravação de pequenos vídeos. Máquinas fotográficas digitais também permitem filmagem e as filmadoras estão cada vez mais acessíveis. O projeto pode ser um trabalho individual ou em grupo, uma ficção desenvolvida a partir de um roteiro feito pelos alunos ou um documentário com tema e objetivos bem definidos. Por exemplo, os alunos, com seus celulares ou câmeras digitais, deverão colher material, entrevistas e produzir um documentário sobre a história do bairro onde vivem. Além de filmar, é muito importante a edição, a seleção de cenas, a trilha sonora ou narração, a colocação de letreiros ou legendas. O roteiro deve ser o ponto de partida.

[...]

São diversas as formas de se divertir com a internet: jogos para um, dois ou vários jogadores, músicas, livros, aulas, filmes, *shows*, entrevistas, competições esportivas e outros entretenimentos. Podemos entrar em contato com pessoas no mundo todo através de *chats*, mensagens instantâneas, fotografias tiradas e enviadas em tempo real, *e-mails* e chamadas de voz e vídeo.

Ed Viggiani/Pulsar Imagens

Crianças e adolescentes hoje fazem *blogs* (diários virtuais escritos) e *vlogs* (diários virtuais por vídeo) e neles narram suas ideias, sentimentos e acontecimentos.

É preciso, porém, ter cuidado ao usar a internet. O seu uso exagerado prejudica o estudo, reduz o convívio com a família e os amigos, o contato com a natureza e as atividades físicas.

1 Qual é o seu lazer preferido na internet? Resposta pessoal.

2 Para você, qual é a melhor forma de lazer de todos os tempos?
Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

A palavra a seguir é muito importante para o estudo de História.

PERMANÊNCIA

1 O que mudou e o que permaneceu na sua escola durante o ano letivo?
Resposta pessoal.

2 Complete o texto abaixo com as palavras do quadro.

TRANSFORMAÇÕES MUDANÇAS PERMANÊNCIAS TEMPO

Quando estudamos o passado, é comum percebermos _mudanças_ e também _permanências_ nos costumes e no modo de viver das pessoas. Isso nos mostra que muitas _transformações_ ocorrem com o passar do _tempo_, mas muitas coisas podem continuar mais ou menos iguais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Orientações didáticas

As redes sociais podem ser utilizadas não só para lazer, mas para conectar pessoas com interesses em comum. As redes comunitárias são estabelecidas em bairros ou cidades e têm a finalidade de reunir os moradores, a fim de procurar soluções para seus problemas, trazer benefícios e melhorar o local.

Minha coleção de palavras de História

Leia mais sobre a **Minha coleção de palavras de História** na página XXII das Orientações gerais.

O tema **permanências (e mudanças)** é bastante teórico. Apesar disso, lidar com noções de permanências e mudanças é essencial para os alunos dessa faixa etária e nessa etapa do desenvolvimento escolar. Afinal, de modo geral, a disciplina História nos primeiros anos do Ensino Fundamental pretende trabalhar essas noções com os alunos, aliadas a noções de tempo, transformações, ações dos sujeitos ao longo da História, entre outras. Desse modo, consideramos que entender mudanças e permanências, dentro dessa atividade simples em que os alunos são incentivados a "descobrir" uma palavra nova relacionada a esse aspecto teórico da História, é importante para seu desenvolvimento intelectual e para a apreensão de elementos ligados à disciplina.

Redes Sociais

Segundo estudos recentes, as redes sociais são mais utilizadas para comunicação entre os jovens brasileiros do que o próprio *e-mail*. A cada dia surgem novas redes e outras vão se consolidando à medida que cresce o número de seus usuários e o conceito se dissemina. Estas ferramentas já fazem parte do dia a dia dos alunos e de vários educadores, merecendo ser incluídas nas estratégias de uso educacional da escola. O uso das redes sociais no processo educativo deve ser feito de maneira bem pensada, pois corre-se o risco de ser apenas uma distração, gerando mais ruído do que ajudando no processo de ensino e aprendizagem.[...]

SEABRA, Carlos. *Tecnologias na escola*: como explorar o potencial das tecnologias de informação e comunicação na aprendizagem. Porto Alegre: Telos Empreendimentos Culturais, 2010. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015325.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

A BNCC nas páginas 142 e 143

Os programas de televisão ainda continuam sendo uma das principais formas de lazer do brasileiro. Se bem utilizada, esta forma de comunicação constitui-se em um excelente meio para levar o aluno a reconhecer aspectos dos modos de vida na cidade e no campo, identificar espaços públicos no lugar em que vive e comparar e identificar formas de trabalho e lazer na sociedade em que vive e em outras fora dela. Compreender como ocorrem as práticas de lazer no passado e no presente auxilia o desenvolvimento das habilidades **EF03HI08** e **EF03HI12** da BNCC.

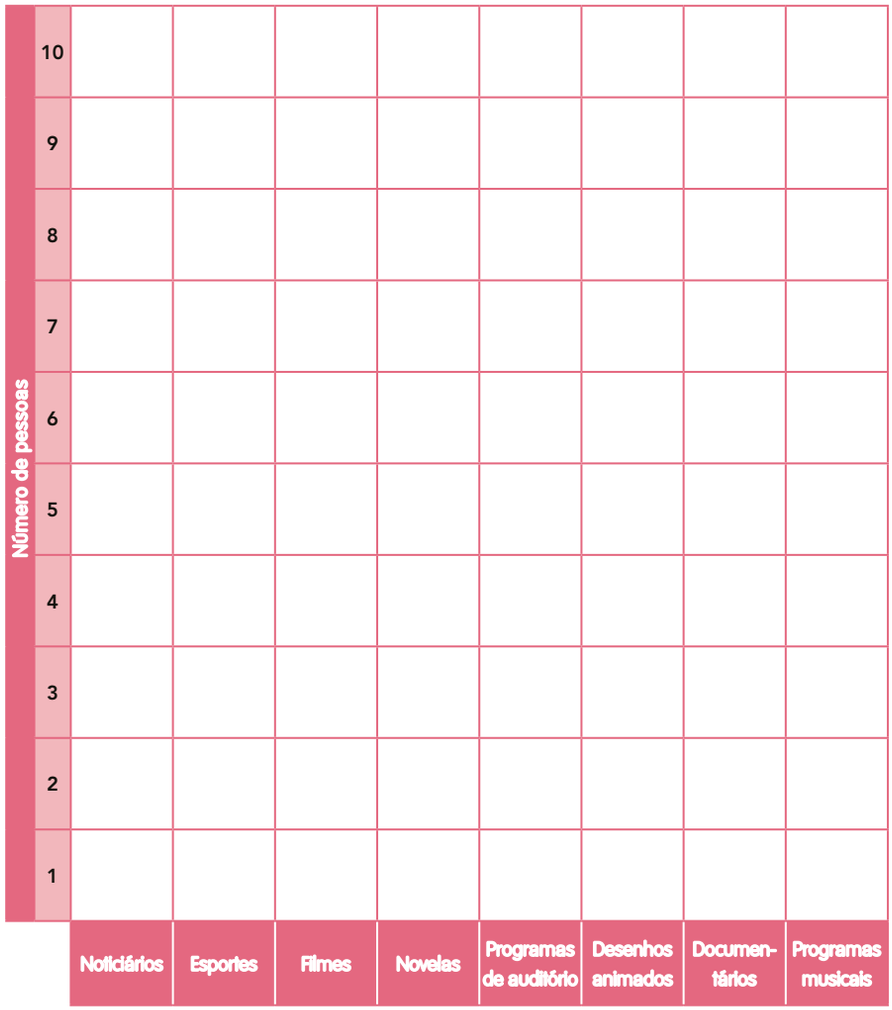
Desafio

Cada aluno poderá trazer informação sobre cinco pessoas e preencher o seu gráfico com um colega. Assim, terão respostas de 10 pessoas. Trabalho conjunto com Matemática.

Desafio

1. Pergunte a seus familiares ou amigos a que tipo de programa eles mais gostam de assistir na televisão: noticiários, esportes, filmes, novelas, programas de auditório, desenhos animados, documentários ou programas musicais.
Anote as informações que conseguir em uma folha à parte.

2. Sob a orientação de seu professor, conte quantas pessoas gostam de cada tipo de programa e preencha o gráfico a seguir com as informações coletadas. Assim, você vai descobrir quais são os programas mais vistos pelos seus entrevistados.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Pesquise

Neste capítulo você viu como eram alguns tipos de lazer há alguns anos.

Converse com um adulto e peça a ajuda dele para pesquisar imagens de uma forma de lazer de quando ele era criança. Depois, pesquise imagens de formas de lazer suas, atuais. Use a internet, revistas ou fotos. Cole as imagens que conseguir nos espaços abaixo.

Há mais de 30 anos

Hoje

Reprodução do *Livro do Estudante* em tamanho reduzido.

Pesquise

Atividade

Os alunos podem trazer cópias de fotografias antigas de seus familiares brincando quando eram crianças ou desenhar os momentos contados.

Objetivo das páginas 144 e 145

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, trabalham as atividades de escrita e coleção de palavras de História em **Eu escrevo e aprendo**; e atividades de desenho em **Eu desenho e aprendo**.

Eu escrevo e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas na unidade, usando a **linguagem escrita**.

Nesta atividade deve-se trabalhar o que foi importante para os alunos em cada capítulo ou o que eles mais gostaram de aprender. Eles terão oportunidade de retomar, registrar e organizar o que foi estudado. Como esta é uma das atividades que fecham a unidade, nada melhor do que os próprios alunos selecionarem agora palavras-chave entre os temas estudados. Assim eles vão identificar os temas centrais de um texto e trabalhar a linguagem escrita.

As frases selecionadas estão nas páginas 110 e 128.

Minha coleção de palavras de História

Veja, na página XXII das Orientações gerais, como trabalhar a seção **Minha coleção de palavras de História** em sala de aula, incluindo um modelo de quadro que poderá ser feito com os alunos. Eles devem preenchê-lo com as palavras trabalhadas após o estudo da unidade. Esta atividade deve ser feita em conjunto com Língua Portuguesa, pois trabalha o letramento e incentiva a ampliação do vocabulário do aluno.

As atividades com a palavra **comércio** fizeram com que os alunos percebessem a importância dessa atividade ao longo da História humana, seu papel nas relações sociais para a circulação de mercadorias e pessoas nos espaços da cidade. Ao lidar com a palavra **permanência**, os alunos tomaram contato com as noções de permanência e mudança, tão importantes no estudo da História.

O QUE ESTUDAMOS

Eu escrevo e aprendo

As frases abaixo aparecem nos capítulos da unidade 4. Copie, abaixo de cada uma delas, outra frase sobre o que você mais gostou de aprender em cada capítulo.

Capítulo 7 – O trabalho através do tempo

Desde os tempos mais antigos, os seres humanos precisaram construir abrigos, procurar e preparar alimentos, plantar, cuidar dos animais, além de muitas outras tarefas.

Resposta pessoal.

Capítulo 8 – A vida não é só trabalho...

As pessoas precisam de descanso e lazer depois de cumprir suas obrigações. O lazer é um direito de todas as pessoas.

Resposta pessoal.

Minha coleção de palavras de História

Em cada capítulo da unidade, há uma palavra destacada para a Minha coleção de palavras de História. Você também fez atividades com essas palavras para saber como utilizá-las quando precisar escrever um pequeno texto de História. Veja quais são essas palavras no quadro ao lado.

COMÉRCIO, página 119.

PERMANÊNCIA, página 141.

1. O que você aprendeu com essas duas palavras? Discuta com os colegas.
Resposta pessoal.

2. Em um quadro no seu caderno, escreva essas duas palavras e o significado de cada uma delas. O significado deve estar ligado ao que você aprendeu no capítulo.
Resposta pessoal.

144 UNIDADE 4 »

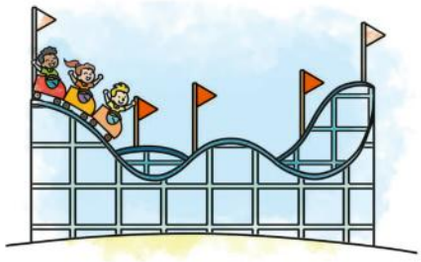
Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

1 Os desenhos abaixo representam assuntos importantes estudados em cada capítulo da unidade 4. Observe-os atentamente.

Capítulo 7
O trabalho através do tempo

Capítulo 8
A vida não é só trabalho...



Ilustrações: Ilustra Cartoon/Arquivo da editora

2 Agora é a sua vez! Para cada capítulo, faça um desenho do que você mais gostou ou achou importante estudar nesta unidade do livro. Se preferir, faça uma colagem.

Capítulo 7	Capítulo 8

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Eu desenho e aprendo

Objetivo: Sistematizar noções desenvolvidas nesta unidade, usando a **linguagem gráfica**.

Incentive os alunos a usar a criatividade e a construir uma vinheta conclusiva. Lembre-se de que as representações gráficas são muito importantes para as crianças, pois permitem manifestações e estruturações do pensamento de forma mais lúdica e natural.

Objetivo das páginas 146 e 147

As páginas a seguir permitem fazer uma retrospectiva dos temas desenvolvidos na unidade e, para isso, promove a leitura e síntese em **Hora de organizar o que estudamos** e **Sugestões de leitura**, e autoavaliação em **Para você refletir e conversar**.

Com estas páginas pretende-se avaliar o progresso pessoal do aluno e o processo coletivo de ensino-aprendizagem. Esta avaliação tem como objetivos:

- permitir a intervenção do professor para auxiliar o aluno em suas características individuais;
- determinar o grau de obtenção de resultados de acordo com os objetivos estabelecidos e habilidades a serem atingidas.

Trabalha-se aqui a avaliação somatória, através da medição dos resultados da aprendizagem, observando se as habilidades e objetivos estabelecidos foram atingidos ou não.

Leia mais sobre o tema avaliação na página XIII das Orientações gerais.

Hora de organizar o que estudamos

Delfim Martins/Pulsar Imagens

Dentista atendendo indígena Kayapó na Aldeia Moikarako, em São Felix do Xingu, no estado do Pará, em 2016.

- As profissões e os trabalhos se modificam com o tempo. Hoje em dia, existem vários tipos de trabalho, que podem ser exercidos tanto por mulheres como por homens.

- O comércio também se modificou com o tempo. Antigamente, as pessoas produziam em casa muito do que utilizavam. Hoje, compramos em estabelecimentos comerciais ou pela internet quase tudo o que usamos no dia a dia.

- O lazer é um direito de todos. Estudar ou trabalhar é importante, mas também é importante descansar e se divertir.

Vitor Marigo/Opção Brasil Imagens

Pessoas aproveitam o dia na praia do Farol da Barra em Salvador, no estado da Bahia, em 2016.

- Algumas formas de diversão do passado continuam a existir, como o futebol. Outras se modificaram, como o hábito de assistir a filmes no cinema e de ir à praia.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de...

Livros

Reprodução/Companhia das Letrinhas

1 drible, 2 dribles, 3 dribles: manual do pequeno craque cidadão. Marcelo Rubens Paiva, Companhia das Letrinhas.

O livro apresenta a história de Joca, um garoto que joga futebol, e traz textos sobre a história desse esporte no Brasil e no mundo.

Reprodução/Editora Rocco

A excêntrica família Silva. Karen Acioly, Rocco.

O livro conta a história do circo no Brasil. A obra mistura personagens reais, como Benjamim de Oliveira (que foi o primeiro palhaço negro brasileiro), e personagens da ficção.

Reprodução/Editora Mundo Mirim

Imitando as formigas. Rosicler Grudzien, Mundo Mirim.

Com esta obra, você vai refletir sobre as diferentes profissões nos dias de hoje e vai perceber que o trabalho de cada um é importante para a comunidade. Todo esse aprendizado é relacionado com o trabalho das formigas em um formigueiro!

Sites

Museu de Artes e Ofícios. Disponível em: <www.mao.org.br/>.

O Museu de Artes e Ofícios fica na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Essa instituição se dedica à preservação da história do trabalho no Brasil. Na seção "Visita virtual" é possível navegar pelas salas do museu. Acesso em: 1º dez. 2017.

Museu do Futebol. Disponível em: <www.museudofutebol.org.br/>.

O Museu do Futebol fica na cidade de São Paulo, no estádio do Pacaembu. Essa instituição se dedica à preservação da memória do futebol como parte da cultura e da história do Brasil. Na seção "Acervo" é possível navegar pelo acervo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro. Acesso em: 1º dez. 2017.

Para você refletir e conversar Respostas pessoais.

- De qual assunto você mais gostou nesta unidade?
- Você teve dificuldade para entender alguma atividade ou alguma explicação?
- Escolha a imagem de que você mais gostou nesta unidade. Conte aos colegas o motivo de sua escolha.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de... (PARA O ALUNO)

Livros

O grande livro dos jogos e brincadeiras infantis. Debra Wise. Madras.

Vamos conhecer profissões. Ingrid B. Bellinghausen. RHJ Livros.

Indicações de leitura para o professor

- AUGUSTIN, Gunther Herwig et al. *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015.

  Esta coletânea traz textos sobre a prática do futebol no Brasil, na Argentina e em Portugal, além do impacto do esporte nas artes e na sociedade.
- GIANNOTTI, Vito. *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

  As leis trabalhistas que existem em nossos dias são resultado de décadas de luta dos trabalhadores. Conheça os principais marcos dessa luta nos séculos XIX e XX.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos. *Jogos e brincadeiras*: tempo, espaços e diversidade. São Paulo: Cortez, 2016.

  Este livro traz uma série de artigos sobre jogos e brincadeiras em diversos períodos da história do Brasil, desde o início da colonização até as últimas décadas.

Objetivos do Projeto 1

1. Propor ao aluno a investigação, a pesquisa e a execução de um trabalho.
2. Desenvolver o espírito de participação no conhecimento e na solução dos problemas da comunidade.
3. Orientar os alunos a buscar soluções diferentes para determinado problema.

Orientações didáticas

Estimule a criatividade dos alunos para a elaboração dos demais itens. Exemplos: 1. Tirem fotos da horta e apresentem um pequeno painel informativo sobre o trabalho de vocês na prefeitura ou em outros lugares da comunidade. 2. Convidem outras pessoas para visitar a horta comunitária. 3. A colheita da horta pode ser dividida entre quem plantou e cuidou ou doada a uma instituição beneficente, etc. Vocês é que devem decidir.

PROJETO 1

Horta comunitária

Você sabe o que é preciso para fazer uma horta? Este passo a passo vai auxiliar você e seus colegas a montar uma.

1. Reúna-se com seus colegas e, com a ajuda do professor, escolham um espaço na escola ou próximo a ela: pode ser um canteiro, um quintal, um terreno vazio ou uma praça.
2. Separem os materiais. Vocês precisarão de terra preta para plantio e vasos de plantas, caso não tenham um canteiro disponível.
3. Escolham o que será plantado, de quais sementes e mudas vocês vão precisar. Seus familiares podem ajudar.
4. Sejam curiosos! Pesquisem sobre as plantas e o que elas precisam para crescer fortes.
5. Hora de chamar as pessoas: divulguem a horta na escola e na comunidade e chamem as pessoas para participar e conhecer esse trabalho.
6. Mão na massa: cavem pequenos buracos na terra, coloquem as sementes e cubram de novo. Se a planta for uma muda, cuidem para deixá-la bem firme na terra.
7. Pesquise em livros ou na internet quantas regas semanais cada planta precisa.
8. As tarefas devem ser divididas entre todos: a horta sempre precisará de alguém para cuidar dela e vocês podem dividir esse cuidado de acordo com os dias da semana. Ela necessitará de água e adubo. Vocês podem utilizar cascas de frutas e legumes para adubar a terra.
9. Sejam pacientes: a horta precisará de cuidados e de um tempo para crescer. Vocês podem anotar em fichas o tempo de crescimento de cada muda ou semente que foi plantada.
10. Divulguem a horta: façam um ***blog*** ou uma página em rede social sobre o trabalho que vocês fizeram na comunidade. Isso pode inspirar outras pessoas a deixar a vizinhança mais bonita.
11. Vocês podem planejar uma festa para a colheita das verduras ou legumes que plantaram. Continuem o trabalho e façam anotações de outros passos que foram dados na horta comunitária.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

A horta comunitária, feita normalmente em terrenos ociosos ou públicos da cidade, estimula a criação de hábitos alimentares saudáveis, o respeito pela natureza, o espírito de trabalho coletivo e o convívio entre os participantes. O mesmo deve acontecer com uma horta escolar. Leia o texto a seguir para referência.

O que nos permitimos por meio da horta escolar?

A partir da horta, o estudante tem garantida a possibilidade de aprender a plantar, selecionar o que plantar, planejar o que plantou, transplantar mudas, regar, cuidar, colher, decidir o que fazer do que colheu, [...] estimulando a construção dos princípios de responsabilidade e comprometimento com a natureza, com o ambiente escolar e da comunidade, com a sustentabilidade do planeta e com a valorização das relações com a sua e com outras espécies.

Por meio da horta é possível propiciar conhecimentos e habilidades que permitem às pessoas produzir, descobrir, selecionar e consumir os alimentos de forma adequada, saudável e segura e assim conscientizá-las quanto a práticas alimentares mais saudáveis, fortalecer culturas alimentares das diversas regiões do país e discutir a possibilidade do aproveitamento integral dos alimentos.

PROJETO 2

Vamos montar um museu?

Primeiro, você e seus colegas devem escolher o tipo de museu que vão montar. Pode ser um museu de plantas, de minerais, de objetos antigos, de fotos, de obras de arte, etc.

Ismar Ingber/Fotoarena

Restauradores trabalham na conservação de obras de arte, na cidade do Rio de Janeiro, em 2011.

1. Sob a orientação do professor, forme um grupo com três colegas e troquem ideias sobre o tema escolhido.
2. Juntos, façam um levantamento do que poderão trazer para o museu.
3. A respeito dos objetos que trouxerem, pesquisem:
   - Quando foram feitos?
   - De que material eram feitos?
   - Para que serviam?
   - Onde eram utilizados?
   - Quem os utilizava?
   - São úteis ainda hoje?
4. Marquem a quem pertence cada objeto, pois no fim do trabalho todos levarão de volta o que trouxeram.
5. Sob a orientação do professor, façam uma pequena ficha explicativa para cada objeto.
6. Montem a exposição na classe ou no lugar determinado pelo professor.
7. Convidem as outras turmas para ver a exposição que vocês montaram.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Objetivo do Projeto 2

1. Desenvolver nos alunos a capacidade de pesquisa, observação, escolha e organização.

Orientações didáticas

A maioria dos museus tem como objetivo abrigar coleções. Além dos temas sugeridos, outros podem ser levantados, como: fotos e brinquedos dos alunos de quando eram bebês, fotos antigas dos familiares dos alunos, da escola ou da cidade, pinturas ou outras obras de arte de pessoas da cidade.

Se houver museus em sua cidade, organize uma visita prévia a um deles. Antes, porém, sensibilize os alunos para o passeio e oriente-os sobre o que observar no museu escolhido.

Para desenvolver a capacidade de pesquisa, observação, escolha e organização, os alunos terão a oportunidade de organizar um museu. Eles vão escolher o tema, fazer um levantamento do material que vai compor a exposição e organizar as informações e a disposição desse material.

A montagem de um museu na escola adquire importância quando as pessoas que dela fazem parte se envolvem e se entusiasmam com o projeto, incluindo aí não só alunos e professores, mas também funcionários, pais de alunos e outros membros da comunidade.

Esses conhecimentos podem ser socializados na escola e transportados para a vida familiar dos educandos, por meio de estratégias de formação sistemática e continuada, como mecanismo capaz de gerar mudanças na cultura alimentar, ambiental e educacional. [...]

PROJETO Educando com a Horta Escolar. Disponível em: <www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/hortasubeb/educando_horta_escolar.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

Outras informações sobre o assunto podem ser encontradas nos *sites*:

- <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/39101-hortas-conscientizam-alunos-sobre-alimentacao-saudavel>;
- <www.seduc.go.gov.br/documentos/nucleomeioambiente/Caderno_horta.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2017.

GLOSSÁRIO

A

Awê página 46

Ritual antigo de música e dança do povo Pataxó. Hoje em dia o ritual tem muitas coreografias, com diferentes significados. No awê, os Pataxó tomam uma bebida fermentada de grãos de milho moídos ou de cascas de frutas, como o abacaxi.

B

Barroco página 94

Estilo de arte empregado na pintura, na arquitetura, na música, na literatura, no teatro e na decoração, a partir da segunda metade do século XVI até o século XVIII, no continente europeu, com influência no Brasil.

C

Colônia página 88

Território ocupado por outro país e mantido sob a autoridade e o governo dele.
Em geral, os produtos extraídos ou fabricados na colônia servem como fonte de renda para o país que a controla. O Brasil foi colônia de Portugal de 1500 a 1822.

Constituição página 27

Conjunto de leis (regras) que organizam um país. Uma Constituição deve definir os direitos dos cidadãos e limitar os poderes dos governantes.
A atual Constituição brasileira data de 1988. Sua promulgação (publicação) foi um marco para a democracia brasileira, pois ocorreu após um período de ditadura, no qual o povo não podia escolher seus governantes. Como essa Constituição devolveu aos brasileiros esse direito e concedeu muitos outros, ficou conhecida como "Constituição Cidadã".

D

Dialeto página 62

Variedade de uma língua, particular de uma região ou grupo.

G

Grupo social página 11

Conjunto de pessoas que interagem socialmente porque têm objetivos e interesses comuns. Possuem também sentimento de identidade e pertencimento de grupo porque possuem contato constante.

I

Independente página 63

Livre; que tem autonomia política.

Inuíte página 11

Pessoa que pertence ao grupo indígena Inuit e habita as regiões árticas do Canadá, do Alasca e da Groenlândia.

M

Mãe da rua página 135

Brincadeira na qual uma das crianças fica no meio de uma rua e as outras ficam em uma calçada e devem correr até a outra calçada sem que a que está no meio as pegue.

Metropolitano página 121

Próprio das grandes cidades.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Movimento Negro página 31

Movimento social que luta contra os preconceitos, o racismo e por melhores condições de vida e respeito para a população negra.

O

ONG página 15

Sigla para Organização Não Governamental. São organizações sem fins lucrativos que geralmente atuam de forma voluntária em defesa de uma causa, como os direitos humanos, a extinção do trabalho infantil ou a proteção do meio ambiente.

P

Paleontologia página 91

Estudo dos fósseis, isto é, dos restos ou vestígios petrificados de seres vivos, animais e vegetais que habitaram a Terra há muito tempo.
Os primeiros seres vivos do planeta surgiram há milhões de anos. Muito tempo depois, começaram a se desenvolver as plantas, os insetos e os peixes. Novos tipos de vida vieram com os dinossauros, os répteis voadores, as primeiras aves de caudas compridas e dentes e, após muito tempo, as preguiças-gigantes. Mas todos esses seres desapareceram, e a única maneira de descobrir que existiram e que características tinham é por meio da Paleontologia.

Parque Nacional do Serengeti página 67

O Parque Nacional do Serengeti (ou Serengueti) é um grande parque no norte da Tanzânia e sul do Quênia, no leste da África. É Patrimônio Mundial da Unesco desde 1981. Nele vivem grandes mamíferos, como leões, hipopótamos, elefantes, leopardos, rinocerontes, girafas, antílopes e búfalos, além de hienas, chitas, macacos e muitos pássaros.

Patrimônio página 86

A casa, o automóvel, os eletroeletrônicos e todos os outros bens que uma pessoa tem formam o seu patrimônio. Uma empresa, uma cidade, um estado e um país também têm patrimônios.
O patrimônio cultural de um país é composto de obras de arquitetura e de arte, e de manifestações culturais e técnicas acumuladas ao longo de sua história. Representa a identidade e a memória da nação.

Pecuária página 98

Atividade econômica ligada à criação e à reprodução de animais, como bois, porcos, carneiros, cabras e outros, para fornecer alimentos ao ser humano ou produtos à indústria.

Pular sela página 135

Brincadeira na qual os participantes saltam uns sobre os outros com as mãos apoiadas nas costas dos que estão agachados.

T

Trabalho manual página 116

Todo trabalho feito à mão, sem máquinas.

Ricardo Azoury/Pulsar Imagens

Potes de cerâmica feitos por um artesão em Belém, no estado do Pará. Foto de 2015.

U

Unesco página 88

Agência criada em 1946 para promover a colaboração internacional em educação, ciência e cultura. Faz parte da Organização das Nações Unidas (ONU), entidade que reúne quase todos os países do mundo.

Z

Zona rural página 123

Espaço do campo, não urbanizado, onde se planta, criam-se animais e se conserva o meio ambiente.

Zona urbana página 123

Espaço das cidades grandes com muitas construções e maior quantidade de pessoas.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

BIBLIOGRAFIA

Nesta bibliografia não constam as referências de alguns livros dos quais foram transcritos trechos ao longo dos capítulos. Citamos as referências nos próprios textos por se tratar de fontes de leitura complementares.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.

_____ (Org.). **Dicionário de datas da história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8069, de 13 de julho de 1990.

_____. Secretaria de Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 2006.

_____. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Geografia/História e Temas transversais. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto, 1997.

BUENO, Eduardo. **A viagem do descobrimento:** a verdadeira história da expedição de Cabral. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

CALDEIRA, Jorge. **Viagem pela História do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARRETERO, Mario et al. **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2001.

COLL, César et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DUMONT, Sávia. **O Brasil em festa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar:** crescer e aprender; o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação:** mito & desafio, uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

LENSKIJ, Tatiana; HELFER, Nadir Emma (Org.). **A memória e o ensino da História**. Santa Cruz do Sul: Anpuh/RS, 2000.

MAINARDES, Rita de Cássia Milléo. **A arte de contar histórias:** uma estratégia para formação de leitores. Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/338-4.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2017.

MARTINS, João Carlos; NEMI, Ana Lúcia Lana. **Didática de História:** o tempo vivido. São Paulo: FTD, 1996.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

MELLO E SOUZA, Marina. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, Margarida M. Dias; STAMATTO, Maria Inês S. (Org.). **O livro didático de História:** políticas educacionais, pesquisas e ensino. Natal: Ed. da UFRN, 2007.

PAULA, Eunice Dias de et al. **História dos povos indígenas:** 500 anos de luta no Brasil. Petrópolis: Vozes/Cimi, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **10 novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PINSKY, Jaime (Org.). **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2009. (Série Repensando o Ensino.)

POZO, Juan Ignacio (Org.). **A solução de problemas:** aprender a resolver, resolver para aprender. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RASSI, Sarah Taleb et al. **O Brasil também é negro**. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.

ROIZMAN, Laura Gorresio; FERREIRA, Elci. **Jornada de amor à Terra:** ética e educação em valores universais. São Paulo: Palas Athena, 2006.

ROSSINI, Ester Rosa et al. **Ensino e educação com igualdade de gênero na infância e na adolescência:** guia prático para educadores e educadoras. São Paulo: Nemge/CNPq, 2006.

SILVA, Aracy Lopes da; GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). **A temática indígena na escola:** novos subsídios para professores de 1ª e 2ª graus. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Mari/Unesco, 2004.

VIEIRA, Maria do P. de Araújo et al. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2008.

ZAMBONI, Ernesta. O ensino da História e a construção da identidade. **Revista de História**. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo, 1993. (Série Argumentos.)

_____; CAMARGO, Dulce. A criança, novos tempos, novos espaços: a História e a Geografia na escola. **Aberto**, v. 7, n. 37. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto/Inep, 1998.

Sites

(Acesso em: 9 nov. 2017.)

Biblioteca digital Domínio Público: <www.dominiopublico.gov.br>.

Estadinho: <www.estadao.com.br/blogs/estadinho>.

Folhinha: <www1.folha.uol.com.br/folhinha>.

Fundação Nacional do Índio: <www.funai.gov.br>.

Museu do Índio: <www.museudoindio.gov.br>.

Palavra Cantada: <www.palavracantada.com.br>.

Turma da Mônica: <http://turmadamonica.uol.com.br>.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

ISBN 978-85081880-4-8